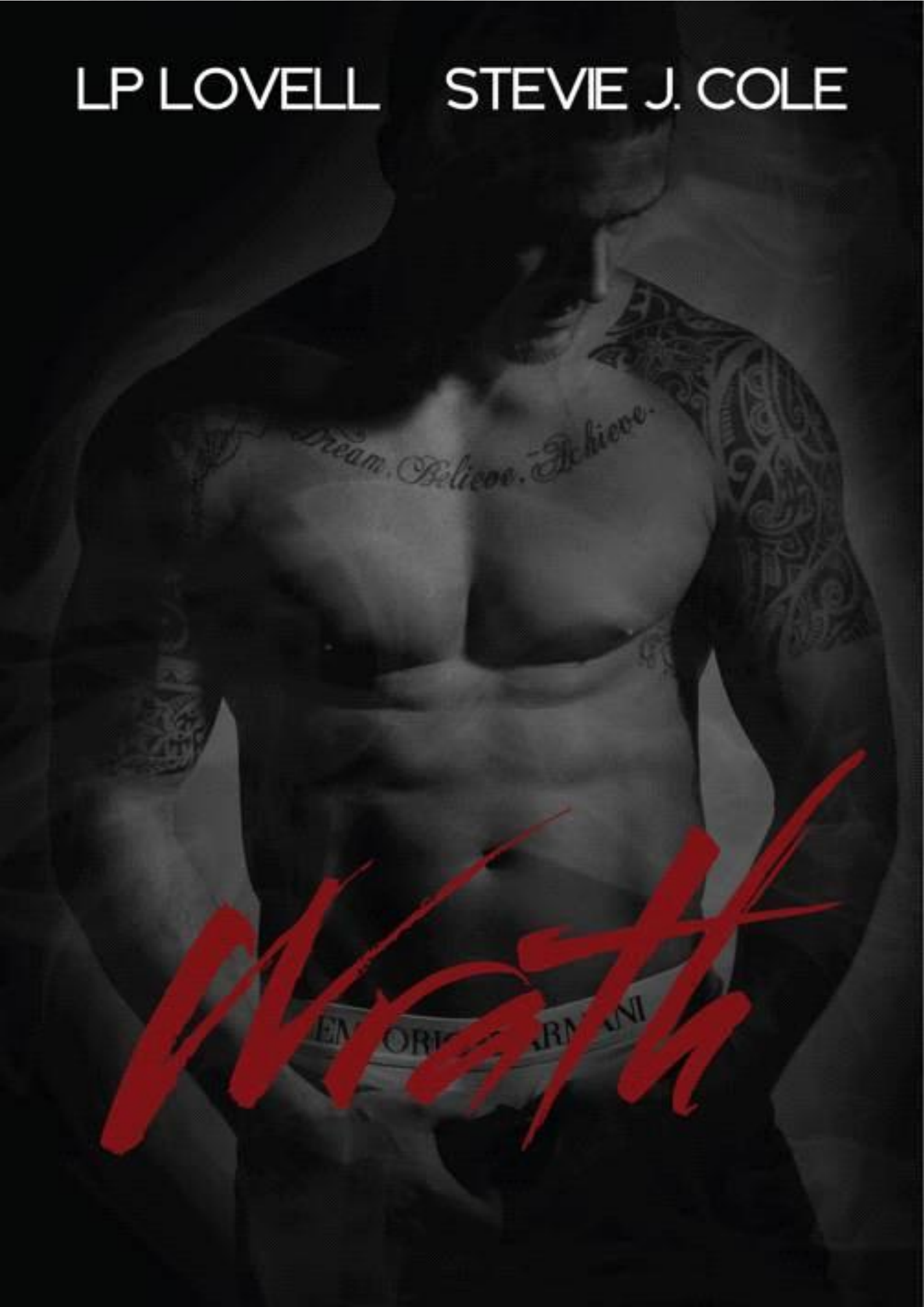
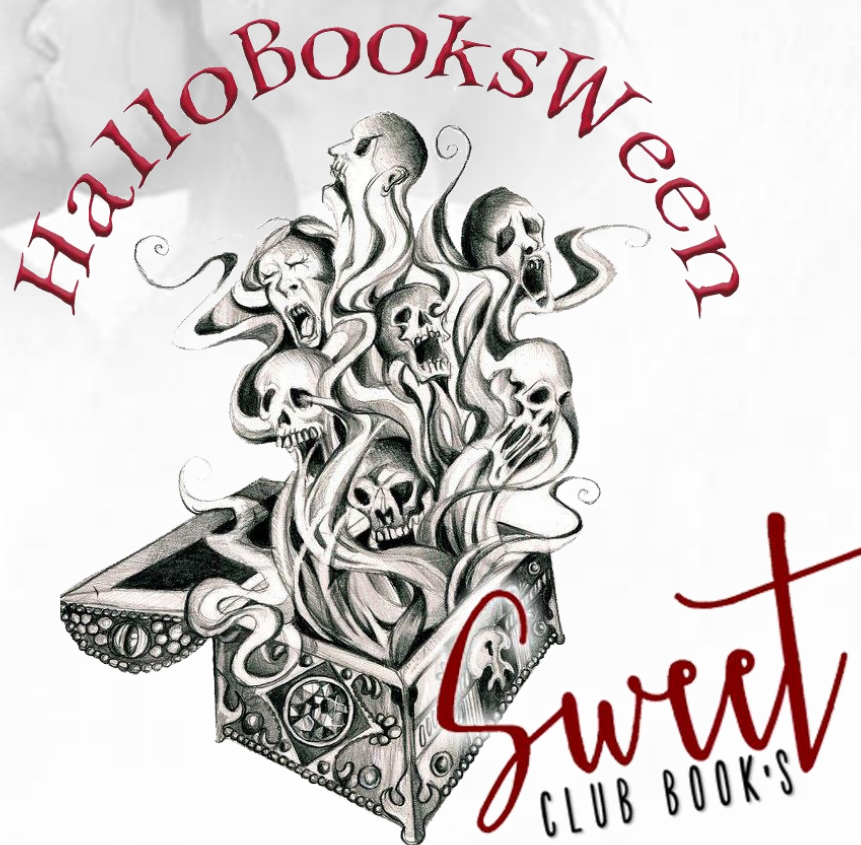


LP LOVELL STEVIE J. COLE





Disponibilização: Eva

Tradução: Equipe Sweet Club Book's

Revisão Inicial: Janaina Mafra

Revisão final: M. Brasil

Leitura final: Vivi e Veri

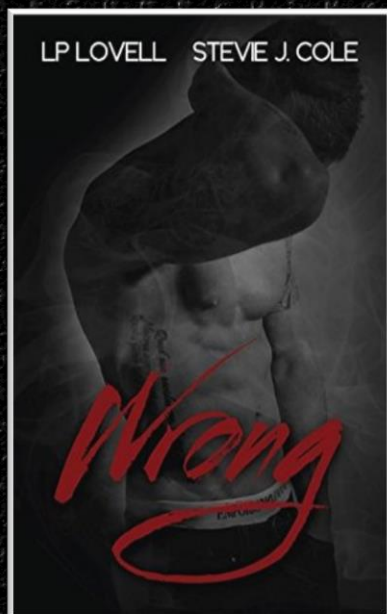
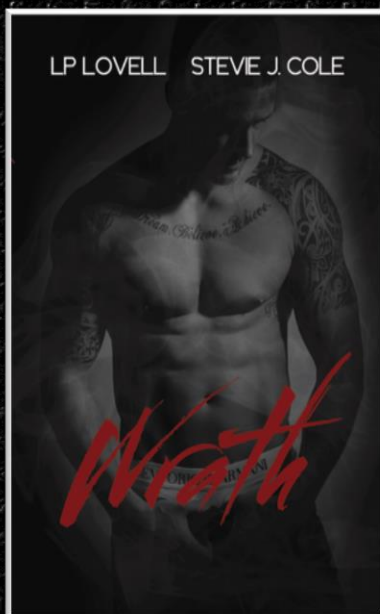
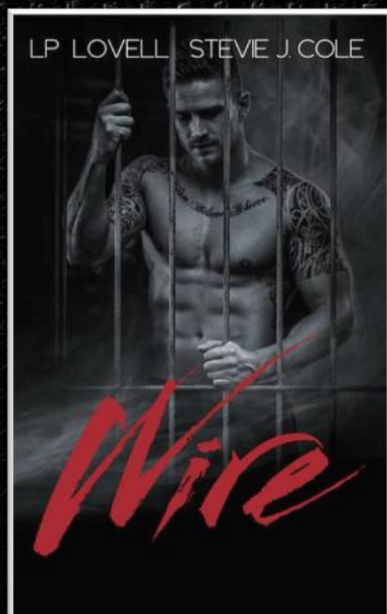
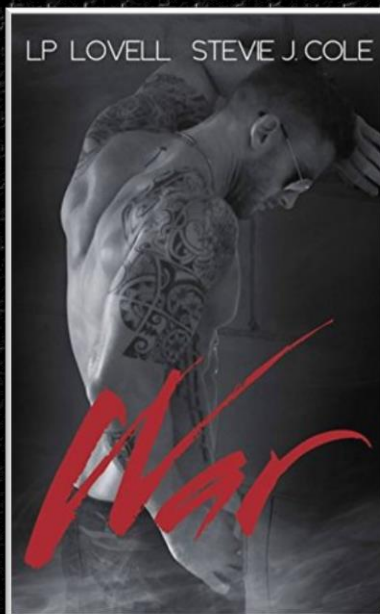
Arte: Niquevenen

Formatação: Eva

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Wrong Series



Tor

Jude Pearson na maioria dos dias pode me matar ou me beijar. Ele foi meu raptor, transformou minha vida num inferno, e se tornou meu salvador, meu amor. Ridículo. Ele é insensível, condicionado a não sentir nada, e então eu fugi... direto para as garras do seu inimigo.

Joe Campbell quer que Jude sofra e acabei me tornando um peão em um jogo muito perigoso.

Joe me quebrou em todos os sentidos. E agora só tenho um propósito. Vingança.

Jude

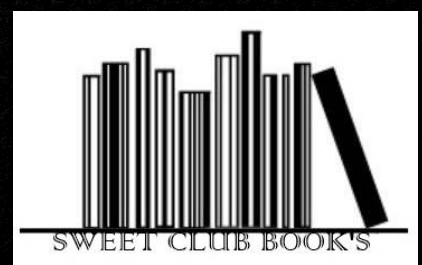
O amor enfraquece.

Ela era completamente inocente quando, involuntariamente, foi arrastada para o meu mundo corrupto. Com os danos que já tinha lhe causado, não podia deixar que ela me amasse, então a deixei ir e agora... ele está com ela.

Não importa onde esteja, ela sempre será minha. Este homem tomou tudo de mim e agora tem a última coisa que me importa. Vou matá-lo. Lentamente.

Joe Campbell é melhor correr porque o diabo está chegando.

Às vezes dois erros podem fazer um acerto.



Capítulo 1

Victoria

Encaro a grande tela na minha frente que indica: London Heathrow¹, em seguida, olho para fora na pista do aeroporto de South Carolina enquanto espero para embarcar no meu voo de conexão para Londres. Ansiosamente mexo com a alça da minha mochila... quer dizer, a mochila de Jude. O seu conteúdo é tudo que me resta no mundo. Tenho uma nova identidade, que eu não quero. Eu só queria ir para casa, ver minha irmã, viver a minha vida, mas não posso. Tudo se foi. Todo mundo que se preocupava comigo acredita que estou morta, exceto Jude. A única pessoa que me resta. *Restava...* a única pessoa que eu tinha deixado.

Não vou fingir que não estou ressentida. Eu estou. Fui sequestrada, torturada, chutada, ameaçada mais vezes do que gostaria de lembrar e, finalmente, rejeitada pelo único homem que eu vim a confiar, apesar de tudo isso. Os últimos meses da minha vida foram uma merda, não há outra maneira de defini-los.

—Passagem, por favor.

Eu nervosamente entrego meu passaporte para a mulher na alfândega e torço para que Jude seja tão bom quanto acho que ele é. Eu não perguntei como ele conseguiu obter um passaporte falso tão

¹ Aeroporto de Londres.

rapidamente. Aprendi com ele a não fazer perguntas. Meu coração apertado com a lembrança dele me entregando os documentos. Foi tudo tão fácil para ele e me odeio por estar ferida por isso. Odeio que eu o ame, e quando penso no passado, não posso entender como no inferno isso aconteceu.

Ela olha por cima rapidamente e o devolve para mim. Eu sorrio educadamente antes de me afastar. Mal dou dois passos quando alguém me para.

—Desculpe-me, senhora. — Um cara em um uniforme azul escuro para na minha frente. —Você pode, por favor, vir comigo?

—Claro. — *Porra!* Eles sabem que o passaporte é falso. Vou ser presa, ou pior, eles vão descobrir quem eu realmente sou. Eles vão descobrir que eu deveria estar morta, o que os levará a se perguntar por que, já que um corpo já foi encontrado, e eu estou aqui agora tentando deixar o país com um nome falso. Joe será a menor das minhas preocupações se eu for suspeita de ter algo a ver com o assassinato daquela pobre menina. Merda.

Sou levada pelo aeroporto até chegar a uma porta onde se lê '**somente funcionários**'. Os policiais me encaminham a um pequeno escritório, onde me dizem para sentar. Dois indivíduos que estão em ambos os lados da porta bloqueiam minha saída, enquanto o cara atrás do balcão digita no teclado. Ele não olha para mim e mal reconhece minha presença. O telefone toca na mesa e ele pega, mas não fala. No silêncio da sala, posso ouvir o som abafado de alguém falando na outra extremidade. Quando desliga, ele olha para mim. — Houve um problema e nós precisamos levá-la à estação para esclarecê-lo. — *Um problema?*

—Que problema?— Eu pergunto, tentando manter minha voz firme.

Seus lábios se levantam em um sorriso parecendo quase simpático. —Nós não podemos discutir isso aqui. — Ele sinaliza para os dois caras que estão atrás de mim. —Você precisa ir com esses oficiais.

Concordo com a cabeça enquanto respiro fundo. Os dois agentes de segurança levam-me para fora do aeroporto. Há dois homens de terno ao lado de um SUV preto, que me cumprimentam. *Isso deve ser uma merda federal.* Eles se parecem com agentes. Talvez eles saibam sobre Jude? Talvez eles queiram me usar para chegar até ele? Meu peito aperta e uma onda de pânico toma conta de mim. Claro que existem pessoas atrás de Jude. Foi ingênuo da minha parte pensar que não haveria alguém vigiando e esperando. O pensamento de Jude ser preso me faz sentir doente. Eu não deveria me importar. Ele causou isso a si mesmo. Ele é um criminoso, um apostador profissional, um assassino... mas eu o amo e traí-lo seria como trair a mim mesma.

—Coloque as mãos atrás das costas. — Um dos homens diz, segurando um par de algemas.

—O quê? Estou sendo presa? Eu não fiz nada! — Protesto, enquanto ele pega um dos meus pulsos e puxa nas minhas costas, me pressionando contra o carro. Ele fecha a algaema em torno do meu pulso e agarra meu outro braço, prendendo o metal apertado o suficiente para cortar a minha pele. Ele então me empurra para dentro da parte de trás do carro e a porta bate atrás de mim. Minha pulsação martela em meus ouvidos e o pânico em uma grande escala começa a surgir. Eu vou para a cadeia. Vou ser forçada a escolher, delatar Jude ou passar a vida atrás das grades. Merda, a opção racional é clara, mas meu coração maldito é traiçoeiramente leal a ele.

Os dois caras sobem na frente do carro e nos afastamos do aeroporto. Tento acalmar a minha respiração. Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem, repito para mim mesma, uma e outra vez. Estou tão perdida nos meus pensamentos que não percebo para onde estamos indo, até que o carro para em uma pista privada ao lado de um avião.

O cara no banco do motorista sai e abre minha porta. —Saia do carro—, ele ordena. Eu saio do carro, cautelosamente, com uma careta no meu rosto.

—Onde estamos?— Eu pergunto ao cara segurando a porta. — O que isso significa? — Meu coração está batendo como se estivesse participando de uma corrida mortal, minha respiração vem em arquejos e, de repente, percebo o perigo em que estou agora. Eles não são agentes.

Ele me empurra sem dizer uma palavra, uma carranca permanente em seu rosto. Ele dá de ombros, vira-se para o avião, e se inclina para trás contra o carro. Fico em pé aqui, meus pulsos e ombros doloridos das algemas. Meus olhos deslizam para cima e percebo o movimento da porta do avião, assisto a um homem mais velho bem vestido descer os degraus. Ele se move lentamente, sorrindo quando me vê. —Sinto muito por toda a confusão, Victoria. Acontece que você é uma mulher difícil de rastrear.

—Quem é você?— Eu sussurro. Claro que já sei quem é. Há apenas uma pessoa que teria tanto a disposição quanto os recursos para me perseguir e me deter deste modo, um homem com mais alcance do que até mesmo Jude.

—Ah, vamos lá, eu acho que você sabe quem sou. — Ele sorri sadicamente, seus olhos se arrastando sobre o meu corpo. —Você e eu vamos ter um tempo muito divertido, Tor.

Bile sobe na minha garganta. Eu quero gritar, quero correr, mas não posso, porque é isso. Este momento era inevitável. Este era o risco que eu corria quando saí de Jude, o risco que eu disse a mim mesma que valia a pena. Pensei que preferiria o risco de ser pega por Joe do que o de amar Jude. Eu estava errada. Um olhar para seus olhos vazios, sem vida, me diz que este é um novo tipo de monstro, um sem limitações, nenhuma linha que não vai atravessar, alguém que está com tanta fome de vingança que vai destruir qualquer um em sua busca para chegar a Jude. Eu sei que ele vai me matar. Minha respiração para em meus pulmões e olho em volta rapidamente, fazendo um balanço da situação. Existem dois caras perto do carro e Joe, que esta na parte superior das escadas. Se eu entrar no avião, estou ferrada. Eu viro rapidamente e corro na direção oposta. Não penso, só reajo, como uma presa correndo de um predador, é instinto de sobrevivência puro. Jatos de adrenalina pulsam através de minhas

veias e meu coração martela contra minhas costelas. Corro para as árvores, forçando meus pulmões até que eles queimem. Estou quase lá quando ouço o estrondo de uma arma disparar e uma dor alucinante rasga minha coxa, como um ferro quente. Minha perna cede debaixo de mim e caio no chão violentamente, minhas mãos caindo abertas. Olho para a minha perna e vejo a saia do meu vestido ficando vermelho brilhante. Eu cerro os dentes e aperto minha coxa para tentar diminuir o sangramento. Minha visão borra e lágrimas de dor e frustração enchem meus olhos.

Uma sombra paira sobre mim antes do toco de um cigarro ser lançado ao meu lado.

—Isso foi estúpido. — Joe se agacha na minha frente e estende a mão agarrando meu queixo entre o polegar e o dedo indicador. Seus lábios puxam para cima em um sorriso e meus olhos se concentram na arma na sua outra mão. Fecho meus olhos, tentando controlar minhas respirações, tentando não entrar em pânico. —Mas eu amo domar um lutador. — Eu sinto-o se inclinar para frente, sua respiração soprando no meu rosto e fazendo o meu estômago revirar. —Isso faz com que seja muito mais gratificante quando eles quebram. Eu vou quebrar você, pequeno pássaro, e vou ter certeza que ele veja.

Eu tremo.

Ele se afasta, e eu abro meus olhos a tempo de vê-lo levantar a arma, bem no momento em que ele dá uma coronhada na minha cabeça.

Tudo fica preto.

Eu acordo com meu rosto pressionado contra uma superfície fria e úmida. Gemendo, eu me apoio em minhas mãos. Minha cabeça está martelando e minha visão esta borrada. Minha perna está latejando e parece que está pegando fogo.

Eu me esforço para sentar e encosto contra a parede. O quarto é escuro como breu, frio e cheira a mofo.

Eu não tenho nenhuma ideia de onde estou, ou que dia ou hora sejam, ou há quanto tempo estou aqui.

A última coisa que me lembro é de Joe. Eu sei com certeza que é isso. Vou morrer. Jude me avisou e eu sabia que a ameaça era muito real, mas decidi que o risco valia a pena. Priorizei meu coração patético antes de minha vida, como uma idiota apaixonada.

Eu congelo quando ouço passos. Não posso ver nada, então não tenho ideia de onde eles estão vindo. Um clique pesado reverbera ao redor da sala e uma porta range aberta, batendo contra a parede. Eu levanto a minha mão, protegendo os olhos da luz brilhante repentina. Pontos de luz mancham a minha visão e um par de botas pesadas aparece diante de mim e para.

—Levante-se—, uma voz masculina rouca rosna para mim. Minha cabeça ainda está girando e me esforço para ficar em meus pés. Uma mão áspera envolve em torno de um dos meus pulsos, me puxando para frente. Eu solto um grito conforme a dor irradia da minha perna. Olho para baixo, em choque, ao constatar que está enfaixada. Pra que fazer isso? Por que simplesmente não me deixaram sangrar?

—Ande. — Ele me empurra através da porta aberta e eu cambaleio, caio contra a parede no corredor. Sou meio arrastada, meio empurrada, pelo corredor até um curto lance de escadas. Há uma porta à esquerda; ele me empurra através dela em um escritório. Quase não há móveis: uma mesa e cadeira, uma janela em uma parede e uma lareira no outro lado da sala.

Lá, sentado à mesa, está Joe. Ele parece ser um cara normal, elegantemente vestido em um terno, barbeado. Seu cabelo ligeiramente grisalho e um rosto esculpido dá-lhe um ar bastante distinto. Ele parece muito respeitável até que olha para mim com olhos tão escuros, que são quase pretos. Não há um pinga de piedade ou bondade a ser encontrada nas profundezas de suas íris, somente frieza e depravação total.

Ele me olha por um momento, como um lobo olhando um cordeiro recém-nascido. —Você deve saber que isso não é pessoal. — Ele me lança um sorriso desagradável.

—O que não é pessoal? — Eu sussurro, ele é como água gelada rastejando em minhas veias.

Joe se levanta, movendo-se em torno da mesa para ficar na minha frente. Seus olhos sobre o meu corpo, e eu quero me dissolver em água sanitária. Ele estende a mão, pegando uma mecha do meu cabelo em suas mãos e inclinando-se para sentir o cheiro.

—Tudo —ele rosna, antes de lançar seu punho no meu estômago. Eu caio, tossindo violentamente, enquanto meus joelhos batem no chão. Seguro meu estômago, tentando obter ar para meu corpo sem fôlego. Ele se agacha na minha frente e agarra um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para trás. Eu grito quando meu couro cabeludo queima.

Ele empurra seu rosto para o meu, sua respiração soprando sobre a minha pele. —Eu vou destruí-la e ele vai ouvir. — Diz friamente. —Ele é fraco e a sua fraqueza irá trazê-lo até você, e por sua vez até mim. Eu vou matá-lo lentamente. Até o momento em que eu estiver satisfeito, ele vai me implorar para matá-lo—, ele cospe na minha cara, antes de me atirar no chão violentamente.

Não. Ele não pode. Meu coração fica despedaçado com o pensamento de que algo aconteça a Jude. Eu fiz as minhas escolhas, mas ainda o amo.

—Nós estamos indo chamar o velho e querido Jude—. Ele sorri. Coloca o telefone no alto-falante e os toques ecoam pela sala.

O telefone toca até que a secretária eletrônica entra. Joe agarra um punhado do meu cabelo de novo, puxando-me de joelhos. —Deixe uma mensagem para ele. — ele rosna no meu ouvido.

Assim que ouço o bip, eu grito, — Jude...

Joe bate com a mão na minha boca, para me silenciar. Eu luto contra ele. Tenho que avisar Jude. Ele não pode vir atrás de mim, ele

vai caminhar para uma armadilha, e para quê? Alguma lealdade equivocada por uma garota que ele nem queria.

Alguém atende o telefone e então eu ouço sua voz. —Tor?— Ele soa controlado, mas eu o conheço. Posso ouvir a ponta de pânico em sua voz.

Joe ri, claramente emocionado com este pequeno momento. — Você está fodido Jude e agora eu vou fodê-la, assim como fodi a puta da sua mãe. — Então ele desliga e me libera. Eu caio para frente em minhas mãos, lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

—Você sabe... — Ele para na minha frente, seus sapatos brilhantes na minha linha de visão. —Não poderia ter planejado isso melhor se eu tentasse. Quando disse a Euan para fazer você entrar na casa de Jude, nunca pensei que iria realmente acontecer. Que seu cara seria estúpido o suficiente para levá-la... e então quando ele fez, eu assumi que JP iria enviar-lhe de volta, porque ele é Jude Pearson: cavalheiresco, amante de mulheres. — Ele se vira e caminha na minha frente. —Eu pensei que ele iria lhe mandar de volta para Euan e eu poderia arrancar informações diretamente de sua linda cabecinha. — Ele ri, ficando de joelhos na minha frente, agarrando meu queixo e forçando-me a olhar para ele. Seus olhos frios sobre o meu corpo. —Mas então, ele foi estúpido suficiente para se apaixonar por você. E confie em mim, ele realmente a ama. Você deve ter uma buceta de ouro — ele zomba.

—Jude não me ama. — Minha voz soa sufocada, quase inaudível.

Ele sorri. —Oh, mas ele ama. Você sabe, eu tenho observado, Tor.

Eu empalideço.

—Oh, sim querida, eu sabia onde estava esse tempo todo. Confie em mim, Jude Pearson está muito apaixonado por você, e você sabe o que eles dizem sobre o amor... é a maior das fraquezas. Você só se tornou a arma perfeita. Eu preciso destruí-lo.

Eu sinto que vou vomitar.

—Vou destruí-lo destruindo você e então, finalmente, quando eu permitir que ele me encontre, vou colocá-lo para baixo como o cão que ele é. — Ele se levanta. —Então, nós vamos fazer um pequeno vídeo para JP.

Oh meu Deus. Não! Eu começo a tremer imediatamente.

Joe estala os dedos. Um homem que eu não tinha notado antes se move para fora das sombras, me agarrando pelo pescoço e me puxando para os meus pés. Eu tento lutar com ele, mas é inútil. Ele é enorme e pega o meu corpo como uma boneca de pano, me batendo sobre a mesa, e Joe ri atrás de mim. Meus ombros atingem a madeira dura e o aperto no meu pescoço faz meus pulmões gritarem por oxigênio.

—Não a mate antes mesmo de começar. — Joe diz calmamente. Seu aperto afrouxa um pouco e respiro em golfadas de ar. —Agora, eu quero que você me diga tudo o que sabe sobre JP. — Ele caminha lentamente na frente da mesa. Outro cara aparece do nada. Ele está segurando um telefone na frente dele, gravando.

—Vai se foder— Eu engasgo, através da minha garganta rouca.

—Eu esperava que você dissesse isso. — Ele levanta sua mão e desta vez me dá um soco. Dor explode em toda a minha bochecha e meu olho direito. Levanto minha mão, segurando meu rosto. Joe agarra meu pulso e puxa minha mão. —Oh não, nós queremos que JP veja meu trabalho.

O cara pega o telefone e empurra na minha cara. Joe sorri e move-se para a mesa, pegando algo de uma gaveta. Eu não consigo ver o que é.

—Isto é o que acontece com aqueles que são leais a você, JP— ele rosna para a câmera, enquanto caminha para longe de mim. Eu não posso ver o que ele está fazendo, apenas que ele está na frente do fogo. Meu coração bate tão forte que parece que vai explodir através

da minha caixa torácica. O medo e a adrenalina passam através de mim fazendo com que meu corpo trema violentamente.

—Vire-a— Joe ordena por cima do ombro.

Eu sou puxada para cima pelo meu cabelo. O homem me vira na mesa, me jogando violentamente de cara contra a madeira. Eu tusso, porque estou sem fôlego novamente e tento acalmar a minha respiração, mas não adianta. Eu não posso vê-lo. Estou vulnerável e completamente exposta, não que eu pudesse lutar contra três deles de qualquer maneira, mas isso parece pior de alguma forma.

Eu sinto o calor do corpo de Joe quando ele se move ao meu lado novamente. Ele agarra minha cabeça e esmaga o lado do meu rosto na mesa. —Eu quero saber tudo e, de um jeito ou de outro, querida, você vai me dizer, caralho— ele murmura na minha cara.

Não digo nada. Não vou dar-lhe nada. Ele suspira, como se isso fosse um sofrimento para ele e traz o objeto em sua mão até minha linha de visão. É um tipo de haste de aço e seu final está brilhando com um tom de vermelho incandescente. Oh Deus, não! Eu aperto meus olhos fechados e as lágrimas escorrem pelas minhas bochechas.

—Última chance— ele fala. Minha mente tenta bloquear tudo ao meu redor, mas o medo e o instinto de sobrevivência me mantêm enraizada aqui. Ele arranca o material do meu vestido longe das minhas costas e sinto o ar fresco tocar minha pele.

—Você vê isso Jude... eu vou marcá-la, uma vez por dia, para cada dia que você não vier salvá-la. — Ele ri. —Não tenho certeza se você ainda vai querê-la depois de tudo que eu fizer com ela.

Seu joelho pressiona o centro das minhas costas, me fixando na mesa antes de pressionar o ferro em brasa na minha pele. Queimadura é o pior tipo de dor, a mais intensa. Posso sentir a minha carne fritar. Eu grito, meu Deus, eu grito. Não consigo respirar. Não posso ver através das lágrimas que borram a minha visão. Ele levanta o marcador, mas a dor não para e eu engasgo com meus soluços.

—Vou começar com uma pergunta fácil. Quero nomes. Digame quem são alguns de seus clientes, Victoria, e eu vou fazer isso parar.

No entanto, eu sei que ele não vai, na verdade, nunca irá. Prefiro morrer aqui a dar a este desgraçado o que ele quer, porque não importa quantas vezes eu disse a mim mesma que Jude é um monstro, ele não é. Estes homens são os monstros, os monstros que ele tentou me proteger e eu devo-lhe a mesma coisa. Assim que eu disser a Joe o que ele quer, nós dois sabemos que ele vai me matar. Eu não estou dizendo-lhe merda nenhuma e quando Jude encontrá-lo... porque ele vai encontrá-lo, eu só espero que mate o desgraçado lentamente. Mesmo que eu ache isso, meu instinto de sobrevivência está gritando para eu dizer a ele.

Meu silêncio irrita-o e ele rosna, jogando o ferro de marcar no chão da sala e me virando de novo. Ele me agarra pelo pescoço, os dedos cravados em minha pele e traz seu rosto perto do meu. —Isso não é nada, menina. Eu vou quebrar você. Vou te arruinar e, em seguida, vou enviar o seu corpo de volta para ele ver.

Eu ouço um tecido rasgando e sinto o ar frio tocar meu estômago, enquanto ele arranca o vestido do meu corpo. *Isso não!* Uma pequena voz grita dentro de mim. *Tudo menos isso.* Eles querem atormentar Jude, então, é claro, eles vão me estuprar. Eles pensam que ele está apaixonado por mim e com isso em mente, nada iria machucá-lo mais. Eu me esforço para não gritar porque me recuso a dar-lhes o que eles querem.

Joe ri para a câmera, traçando os dedos pela longa cicatriz que esta entre os meus seios e sobre o meu estômago. —Parece que JP já teve sua diversão com você. Deixe-me adivinhar, ele queria saber quem era Euan?

Eu não posso responder a ele. Eu só posso gemer pela dor que irradia pela minha espinha.

Ele olha para a câmera novamente. —Eu posso definitivamente ver porque você gosta dela, JP. Eu quero um pouco para mim. Ver se

todo esse alarido é justificado. — Ele agarra minha calcinha, arrancando-a para baixo de minhas pernas de forma agressiva. Um soluço ameaça romper da minha garganta quando ouço a fivela do cinto ser desfeita. Eu cerro os dentes, engolindo de volta a minha vontade de gritar.

Ele agarra minhas coxas, separando-as, e me puxa para a borda da mesa. Seus dedos pressionam contra a ferida de bala na minha perna, enquanto arrasta a queimadura em minhas costas por toda a superfície da mesa. A dor faz com que manchas pretas dançam em toda a minha visão. Minhas pálpebras fechadas vibram e eu apago, mas um tapa afiado no rosto me traz de volta à consciência.

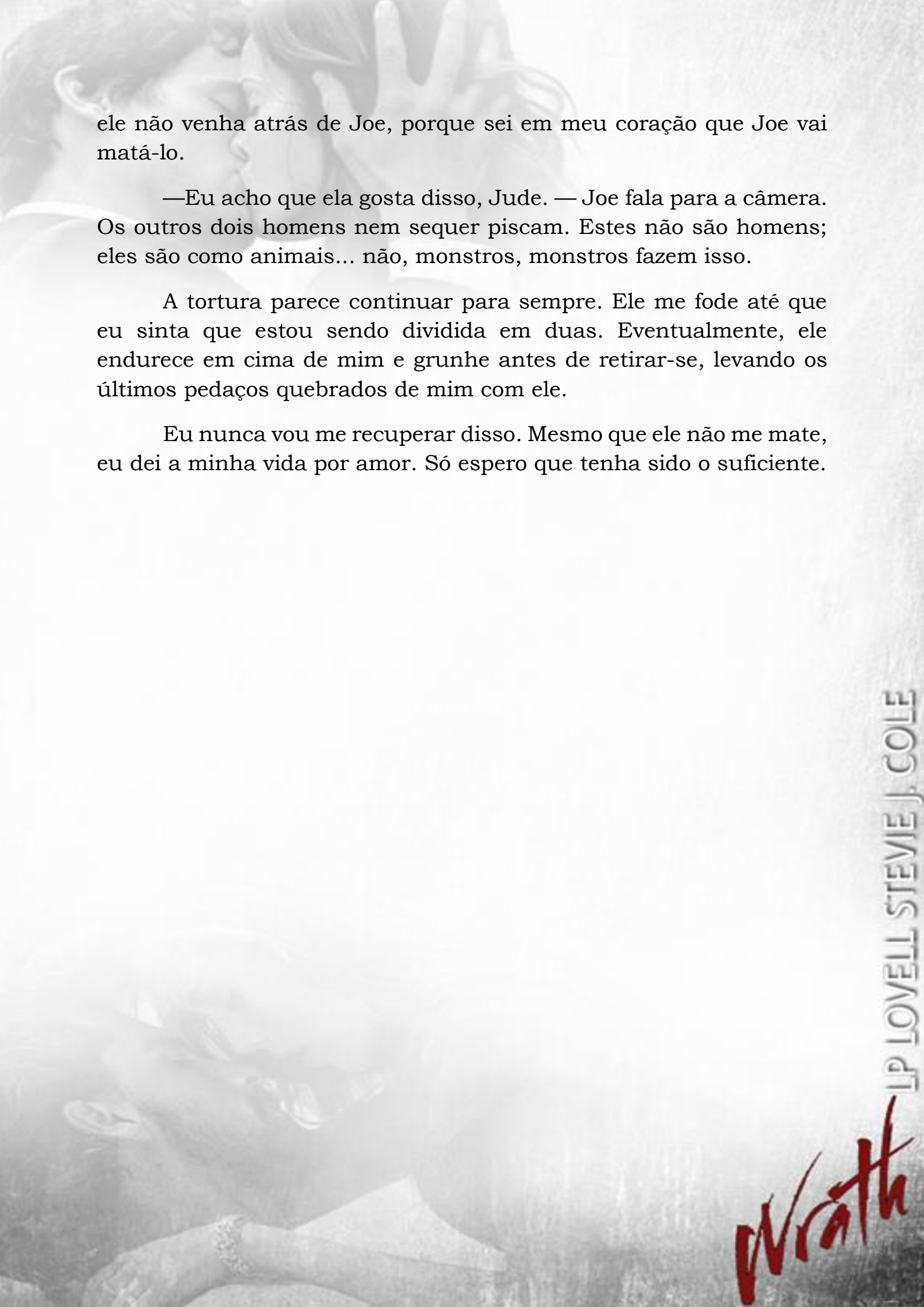
—Oh, não, eu quero você acordada para isso doce. Vamos mostrar ao querido Jude o que ele está perdendo.

Minha mente desperta de volta à realidade e grita para eu lutar. Eu não posso desistir. Eu o ataco com minhas pernas, chutando descontroladamente, tentando me sentar. O cara enorme aparece atrás de mim, vindo de algum lugar, e coloca a mão no meu peito, me batendo de volta na mesa. Agarro seu braço, tentando afastá-lo, mas eu poderia muito bem estar tentando mover uma parede de tijolos porque ele não se mexe. Solto um grito de desespero quando percebo que Joe vai me estuprar e eu estou completamente impotente.

—Eu amo uma lutadora— Joe zomba.

Com isso, ele abre minhas pernas e força-se dentro de mim em um impulso. Eu vacilo enquanto as lágrimas de dor vêm através de mim e ele sorri maniacamente. Seus dedos apertam meus quadris, suas unhas rompem minha pele. Lágrimas rolam pelas minhas bochechas e ele se empurra em mim violentamente, tirando tudo de mim enquanto faz isso.

Viro a cabeça para o lado, concentrando-me em um local com a pintura lascada na parede. Penso em outro tempo, outro lugar, um lugar onde eu estava feliz. Penso em minha mãe, minha irmã e, em seguida, penso em Jude. Lembro-me do jeito que ele me fez sentir segura, do jeito que ele sorria só pra mim. Eu penso nele e espero que



ele não venha atrás de Joe, porque sei em meu coração que Joe vai matá-lo.

—Eu acho que ela gosta disso, Jude. — Joe fala para a câmera. Os outros dois homens nem sequer piscam. Estes não são homens; eles são como animais... não, monstros, monstros fazem isso.

A tortura parece continuar para sempre. Ele me fode até que eu sinta que estou sendo dividida em duas. Eventualmente, ele endurece em cima de mim e grunhe antes de retirar-se, levando os últimos pedaços quebrados de mim com ele.

Eu nunca vou me recuperar disso. Mesmo que ele não me mate, eu dei a minha vida por amor. Só espero que tenha sido o suficiente.

Capítulo 2

Jude

A linha fica muda e eu caio para trás na cadeira ainda segurando o receptor na minha mão. Meu peito aperta, meu coração está tão acelerado que posso literalmente sentir meu pulso em todos os lugares. Eu não tenho nenhuma ideia de onde ele está. Nenhuma ideia a quantos quilômetros de distância de mim ela está. E eu não tenho ideia do caralho de como posso salvá-la. Isso é a porra da definição da palavra medo.

Jogo o telefone do outro lado da sala, o meu peito arfando. Eu aperto a borda da mesa para firmar-me e tento acalmar a minha respiração. Ele está com ela, porra! Meus braços estão tensos e viro a mesa de lado, espalhando papéis por toda parte. —Eu tenho que encontrá-la! — grito e olho por cima do meu ombro para Caleb.

Caleb está no sofá, com a cabeça abaixada e acena em concordância solenemente. Ele sabe tão bem quanto eu que só iremos encontrar Joe se ele quiser ser encontrado. — Eu lhe disse para não sair. Pedi-lhe para não ir. — sussurra Caleb. Seu olhar se levanta para mim e seu rosto está vermelho. —Você não deveria tê-la deixado ir, Jude!— ele grita.

Eu fico olhando para ele e engulo em seco. Ele está certo, porra... mas fiz o que pensei que era melhor para ela. Sou o único que

Joe quer. Eu pensei que ela estaria mais segura longe de mim, longe do meu estilo de vida de merda, de assassinatos e crimes. Fui ingênuo em pensar que Joe iria acreditar que ela estava morta, e eu fodidamente me odeio por isso. O vídeo que Joe enviou para meu pai anos atrás ressurgiu na minha mente e eu sei o que vai acontecer com ela. Sinto-me fisicamente doente e, por um instante, me sinto totalmente fraco. *Ele a tem, porra!*

Eu passo a minha mão sobre a testa e tento respirar calmante. Preciso obter a porra do controle de mim mesmo. Pego minha arma da mesa e aponto para o telefone. —Siga essa porra de número!— Eu rosno para Caleb e saio do escritório.

Eu vou lutar por ela.

Eu vou encontrá-la.

Vou matar aquele bastardo, só por se atrever a olhar para ela.

Joe Campbell é melhor correr, porque o diabo vai atrás de você.

—JP, não sei o que você quer que eu faça— argumenta David.

—Pela terceira vez, caralho, eu quero que você me ajude a encontrá-la, porra!— grito ao telefone, enquanto piso no acelerador.

—Olha, eu tenho que ir para a delegacia. Vou pensar sobre isso e chamá-lo quando sair.

Desligo o telefone, os dedos apertando em torno do volante de couro antes de virar para a direita. Os pneus cantando ao longo de várias pistas até a rampa de saída. Há uma fila de carros esperando no sinal vermelho. Meto a mão na buzina, desvio para o acostamento para ultrapassá-los. Volto para a pista a esmo fazendo malabarismos no tráfego. Ele não vai *pensar* merda nenhuma sobre isso. Ele vai me ajudar, porra, exatamente agora, caralho!

Meu peito está tão malditamente apertado. Mal sou capaz de respirar. Eu passo a mão sobre o meu rosto e não posso deixar de notar que ainda consigo sentir o cheiro dela em mim. Toda vez que fecho meus olhos, eu vejo ela. Tudo o que posso pensar é que isso é culpa minha e eu não posso lidar com isso. Bato meus punhos sobre o volante. —Caralho!— eu grito.

Momentos depois de desligar o telefone, eu paro na unidade de David. Ele está fechando a porta da frente quando eu estaciono meu carro e chuto a porta aberta. Calmamente faço o meu caminho até ele; meus punhos cerrados em meus lados. Ele está congelado na entrada olhando para mim. David me viu inúmeras vezes com raiva, mas ele nunca foi o objeto da mesma. Agarro-o pelos braços e empurro-o contra a parede. —Você acha que te pedi para me ajudar seu merda? Porra, eu mandei você fazer!

Ele olha para mim, lutando para libertar-se do meu aperto. —JP— ele ri nervosamente. — Eu só...

—Só nada. Preciso que você encontre para mim cada pedaço de merda que tenha alguma ligação com Joe. — Eu estreito meu olhar, aproximando meu rosto do dele. —Você já me viu irritado, David, sabe que não há limites para o que vou fazer. E eu estou muito além da raiva agora. — eu rosno.

Ele balança a cabeça. —Tudo bem, só... só se acalme, JP. Posso conseguir os nomes.

—Em três horas! Eu quero os nomes em três horas, ou vou achar que você está tentando ficar no meu caminho. Você não quer que eu pense isso!

—Vou levá-los para você.

Minha mandíbula se enrijece. —E certifique-se de cobrir minha bunda. Não posso ir para a cadeia até que eu a ache. Entendeu?

—Sim, sim. Entendi.

Eu o solto e me viro para a rua. —Se eu for para a cadeia, vou te matar quando sair. E eu vou sair. — Aponto para ele e levanto uma sobrancelha. —Não estou de brincadeira, David.

No momento em que eu volto para a casa, David já me deu o primeiro nome que preciso. Não tenho tempo para traçar um plano. Cada segundo que perco vai custar a Tor alguma coisa e estou plenamente ciente disso.

Entro rapidamente na casa. —Marney!— Grito. —Onde diabos você está?

A porta do banheiro se abre e Marney tropeça para fora com um jornal dobrado debaixo de um braço e um cigarro fumado até o filtro entre os lábios. Ele puxa a braguilha. —Não é possível que um homem possa cagar em paz?

—Temos que ir.

—Onde diabos estamos indo?— ele pergunta, me seguindo descendo as escadas para o porão.

—Resgatar Tor.

Passos vem correndo descendo as escadas atrás de nós. —Jude!— Caleb chama, mas eu continuo caminhando em direção à sala de armas. —Jude?

—Você não vai responder ao seu irmão?— Marney murmura.

Rangendo os dentes, me viro para enfrentar Caleb. —O quê?— Rosno.

Ele olha para mim, seus olhos com uma dureza que eu nunca tinha visto antes nele. —Eu vou com você.

—Não!

—Merda, Jude. — Ele agarra os lados de sua cabeça e geme. — Eu me preocupo com ela também, você sabe.

—Você não está vindo, Caleb. Isto não tem nada a ver com você. Eu preciso de você aqui para se certificar que a merda corra bem. — Olho firme para ele em advertência, enquanto entro na sala. Eu não quero que ele vá. Não o quero nesse tipo de perigo.

Caleb marcha através da porta e Marney se posiciona entre nós, colocando delicadamente a mão no ombro de Caleb. —Ouça o seu irmão, rapaz. — Marney puxa vários rifles da estante, então me olha balançando a cabeça. —Alguém tem que ficar aqui— diz ele.

Pego várias armas das prateleiras de metal e me dirijo para o carro. Caleb bufa e nos segue até a calçada, abrindo o porta-malas para nós. Eu jogo as armas dentro, dou um passo atrás e olho para ele. Eu preciso que ele entenda, porra, ele não pode ir. Joe Campbell não é um homem com quem ele possa lidar. Esta é a porra da minha guerra e meu irmão mais novo não vai lutar nela por mim.

Ele bate o porta-malas, os olhos fixos em mim. —Eu quero ajudá-la. Por favor, deixe-me ajudá-la. — Posso ver lágrimas em seus olhos e sinto pena dele, mas não vou arriscar sua vida.

—Não, Caleb! Você pode ajudá-la ficando aqui, porra. Não discuta comigo sobre isso. — Eu puxo a porta do motorista aberta, subo e ligo o motor. Olho para trás para Caleb. —Você. Fique. Aqui!— ordeno, antes de fechar a porta. Ele balança a cabeça e hesitante volta para a casa.

—Quero dizer isso, Caleb. — Eu grito, enquanto dirijo para fora da propriedade. —Mantenha sua bunda aqui!

Marney e eu estamos na estrada há horas. Nós mal dissemos três palavras um para o outro. Durante os últimos quarenta minutos

houve nada além de estradas de terra, fazendas e edifícios degradados. Desliguei os faróis porque estamos chegando perto, o que significa que está tudo escuro pra caralho lá fora. Não consigo ver nada. Se não fosse pela lua cheia, eu estaria dirigindo às cegas. O carro dá solavancos ao longo da estrada esburacada fazendo com que as armas e munições no banco de trás chacoalhem.

—Você chegou ao seu destino— o GPS anuncia e nós vemos uma caixa de correio de metal enferrujada.

Estaciono na calçada de cascalho e desligo o motor. Assim que abro a porta, o ar úmido da noite me envolve. Pego a arma da porta e sigo em direção a casa, com Marney logo atrás de mim.

O brilho fraco da luz da televisão ilumina a janela da frente da casa. Fora isso, o lugar está totalmente escuro. Nós rastejamos através da grama alta, os grilos zumbindo enquanto fazemos o nosso caminho até a varanda lateral. Paro na frente da porta, completamente calmo e focado. Eu não vou perder tempo com isso. Eu não tenho tempo.

Levanto a minha arma, a engatilho e chuto a porta frágil para baixo. O homem está esparramado no sofá assistindo televisão; a mão dentro de sua cueca. O barulho o assusta e ele salta para cima, chegando à mesa ao lado, onde está sua arma, mas a minha já está apontando para sua cabeça.

—Não se mexa, porra! — rosno. —Você toca nessa arma e você morre.

Ele se afasta na medida em que me aproximo dele, o que é estúpido, porque agora ele está contra uma parede. Enfio a ponta da minha pistola em sua boca e ele recua, com os olhos abertos pulsando de medo.

—Diga-me onde o fodido Joe Campbell está— digo, com calma.

Ele não diz nada. Apenas balança a cabeça com cuidado e aperta os olhos fechados.

—Você tem três malditos segundos para me dizer onde ele está.

Eu silenciosamente conto até três, encolhendo os ombros, em seguida, BAM. O sangue quente respinga sobre o meu peito e rosto, enquanto o corpo do homem cai no chão. Eu não estou com humor para brincadeiras. Vou para a porta de trás, pegando uma lata de cerveja de cima do balcão no meu caminho. Bebo a cerveja morna antes de passar por cima da porta quebrada.

—Garoto!— Marney desce lentamente os degraus atrás de mim, acendendo um cigarro. —Você está perdendo o controle.

Dou de ombros e atiro a lata no chão. —Eu tenho uma lista de pessoas a matar. Um dos filhos da puta vai dizer algo na primeira vez que eu pedir.

Marney se agacha para pegar a lata de cerveja. —O que diabos é isso?— ele balança a lata para mim. —Seu pai não te ensinou a ser estúpido. Você quer ir para a cadeia? Merda. Deixando a porra de DNA em todos os lugares. Use sua cabeça, menino!

Meu pavio curto estoura, desencadeando uma onda de raiva em meu sistema. Paro e fecho meus olhos, enquanto aperto meus punhos. —Eu vou te dizer isso uma vez, meu velho. Estou chateado pra caralho e tudo com o que me preocupa agora é em encontrá-la. — Eu estapeio a lata de sua mão e aponto o dedo em seu rosto. —Não brinque comigo.

Ele olha para mim, seu olhar estreitando enquanto tira um cigarro do bolso. Puxo a porta aberta. —Vamos embora, Marney!— Eu grito entrando no carro.

Ele se apressa e sobe, retorno pela rua, os pneus levantando uma nuvem de poeira enquanto voltamos para a estrada.

Uma hora mais tarde, dou uma parada ao lado da estrada para mijar. O meu telefone vibra no meu bolso de trás quando estou fechando minha braguilha. Há um texto de um número desconhecido e um anexo. Fico olhando para a tela, sabendo muito bem que não deveria abri-lo, mas eu faço.

Um vídeo borrado entra em foco. Um filho da puta segura Tor para baixo, por sua garganta, sobre uma mesa, porra. Calor inunda cada centímetro de minha pele.

—Não a mate antes mesmo de começar — Joe dá risadinhas.

Meu coração bate violentamente. Meu queixo aperta. O homem libera seu poder sobre ela e Tor ofega por ar.

—Agora, eu quero que você me diga tudo o que sabe sobre JP.

Engulo em seco. Ácido corrói o seu caminho até a minha garganta, mas não consigo desviar o olhar. Eles batem nela e meu coração parece que vai sair para fora da porra do meu corpo. Minha visão turva-se com lágrimas ao ver o filho da puta queimar algo em suas costas, o som de seus gritos ressoam através do meu corpo, me fazendo estremecer. Eles são tão guturais, tão doloridos. Esses gritos vão me assombrar até o dia em que eu morrer. Eu não posso ver isso. Tento fechar a tela e o telefone cai da minha mão, ela ainda chora pelo que posso ouvir a partir do alto-falante. Me abaixo na grama úmida procurando o telefone, desesperado para cortar o som. Então, de repente, há silêncio. Eu ouço coisas batendo ao redor, Joe falando, e me apavoro que ela tenha sido morta.

Quando finalmente encontro o telefone, ouço Joe dizer: — Eu posso definitivamente ver porque você gosta dela, JP. Quero um pouco para mim. Saber se todo esse alarido vale a pena. — Minhas mãos tremem, viro o telefone e vejo Joe em cima dela, suas pernas abertas. Fecho meus olhos e desligo o telefone. Tudo o que continuo ouvindo são os grunhidos doentios de Joe. Tor não fez nenhum som de merda e isso só torna tudo pior.

Eu me inclino para frente me apoiando contra o carro, tentando controlar minha respiração. —Porra!— Acerto o meu punho no capô. —Caralho!— grito novamente, minha voz quebrando e caio no chão me encostando contra o para-choque. Passo os dedos pelo meu cabelo e coloco os cotovelos sobre os joelhos. Eu fico olhando para a tela preta do meu telefone, o choro dela ainda ecoando em meus ouvidos, e sinto lágrimas derramando dos meus olhos.



Isto é dor, fraqueza, vulnerabilidade. Eu sei muito bem que ela é minha fraqueza e ele também sabe. Se, por um maldito segundo, achasse que ele a daria para mim, eu me entregaria, lhe daria qualquer merda que quisesse, mas o que ele quer é me quebrar. Ele me quer rastejando em meus malditos joelhos antes que coloque uma bala na minha cabeça.

Passo a minha mão sobre meu rosto, a raiva afastando as lágrimas que ameaçam cair. Eu não vou deixá-lo me quebrar. Não posso ajudá-la se ele fizer isso. Olho para a estrada vazia e penso sobre tudo o que ele já tirou de mim. Penso em como ele usou uma porra de garota inocente como um peão neste jogo fodido e doentio que ele está jogando comigo. E não importa o quanto eu tente, não consigo tirar a imagem dele em cima dela para fora da porra da minha mente. Cada razão de eu ter caçado Joe ao longo dos últimos anos torna-se insignificante. Embora a vingança seja um inferno de uma força motriz, sendo a única pessoa que pode salvá-la, significa que *tenho* que encontrá-lo. Meu pulso acelera. Minha visão fica vermelha. E a adrenalina queima em minhas veias como a porra da heroína. Raiva filha da puta! Esta é a raiva absoluta e Joe não tem a porra da ideia do que ele apenas desencadeou. A porra do próprio diabo iria correr e se esconder de mim, porque sei que não tenho limites, e eu estou chateado pra caralho!

Capítulo 3

Victoria

Horas e dias parecem se misturar. A única forma de medir o passar dos dias é quando eu sou arrastada para fora daqui, então Joe pode me marcar, me estuprar e me bater. Ele quer que eu grite. Ele quer fazer doer em Jude, para que ele aja movido pela raiva e cometa um erro. Isso vai doer em Jude, é claro que vai, mesmo que seja nada mais do que um caso de orgulho ferido, mas a menos que eu grite, menos Joe consegue o que quer. Eu não vou dar-lhe a satisfação de me ouvir gritar ou pedir, porque isso não vai me trazer nenhum benefício.

Ouçó os passos arrastados familiares descendo o corredor novamente. É sempre o mesmo cara. Uma vez tentei falar com ele, esperando que talvez, apenas talvez, houvesse um grão de decência nele em algum lugar e que eu poderia convencê-lo a me ajudar. Ganhei um tapa na cara e um lábio cortado como recompensa pela minha tentativa.

A porta se abre, batendo na parede. Ele agarra meu cabelo e me arrasta para fora do canto. Eu estremeço, tudo dói. A ferida de bala na minha perna está gravemente infectada, e sei que não vai

demorar muito antes da septicemia² se manifestar, mas estou apostando em estar morta muito antes disso.

Ele me puxa ao longo do corredor antes de me empurrar de volta para o escritório. O medo me consome e todo o meu corpo começa a tremer. Eu acho que vou vomitar.

Joe está de costas para mim e parece estar falando sozinho. — Isso é como um conto de fadas, hein? E você quer ser o herói. Não se preocupe Jude, vou deixar você encontrá-la quando eu estiver pronto, basta lembrar que não sou um cara que gosta de finais felizes. — Ele ri e se vira para mim. — Ah, Victoria, você chegou bem na hora. Tenho o seu querido Jude no telefone. Diga olá.

Todo o sangue drena do meu rosto e a bile sobe na minha garganta. — Tor? — A voz de Jude soa pelo alto-falante e um pequeno gemido deixa os meus lábios ao ouvi-lo.

— Tor? — sua voz é calma e controlada e quase posso imaginar a raiva fria em seu rosto. É quando ele está calmo que ele é mortal. Neste ponto, ele já deve ter visto o vídeo. Vergonha e autodesprezo me consomem. Não posso falar. Não consigo nem falar seu nome e lágrimas encharcam meu rosto.

— Oh, agora, não seja tímida, pequeno pássaro. Fale com ele. — Joe se move em minha direção e um grito estrangulado escapa da minha garganta. Ele me agarra pela parte de trás do pescoço, batendo meu peito e rosto contra a mesa de madeira. Ele aperta sua pélvis contra mim e eu o amaldiçoo.

— Jude — eu consigo sussurrar através do pânico. — Não venha atrás de mim. — Solução.

Joe ri. — Você ouviu isso JP? Eu disse que ela gostou. Ela quer ficar aqui. Talvez ela só queira ser fodida por um homem de verdade. Eu disse a você que ia foder com ela e mal começamos a nos divertir.

² A septicemia é uma infecção grave do sangue que acontece quando uma infecção em outra parte do corpo, como pulmões ou pele, consegue se espalhar pela circulação sanguínea.

—Faça o que quiser com ela, — a voz fria de Jude diz. —Ela não é nada para mim. — A linha fica muda.

Ele desligou. Ele desligou! Sinto-me como se alguém apenas tivesse inserido a mão dentro do meu peito e rasgado meu coração. *Eu não sou nada para ele.* Eu sabia que ele não me amava, mas pensei... pensei que significava algo para ele. Ele não se importa. E é nesse momento que percebo que eu tenho lutado por nada. Ele nunca esteve pensando em vir me resgatar. Joe me torturar foi simplesmente inútil, porque ele estava contando com Jude vir atrás mim. É uma ironia tão brutal que eu rio, realmente rio.

Joe e os caras me olham como se eu tivesse perdido totalmente a razão.

—O que é tão engraçado, querida?— Joe diz, com raiva mal disfarçada.

—Eu disse que ele não me ama! Ele nem mesmo se importa comigo.— Minha voz vacila. —Então, é só me matar agora.

Joe pressiona seu corpo contra mim, seus lábios no meu ouvido. —Eu não teria tanta certeza. Ele gosta de pensar que é inteligente. — Sua respiração toca meu ouvido e engulo o vômito que ameaça subir. —Por que um homem que não se importa com você dirigiria trezentos quilômetros apenas para colocar uma bala na cabeça de um dos meus companheiros?— ele brinca. —Ele está ficando desesperado e isso significa que vai ficar desleixado. Ele já baixou a guarda e eu estou indo para a sua jugular. — Ele pega o receptor de volta e disca um número, em seguida, coloca a chamada no alto-falante. Seus dedos tamborilam na mesa enquanto espera.

—Olá?— Meu corpo inteiro fica tenso quando a voz de Caleb ressoa na linha. Abro minha boca para gritar com ele para desligar, mas um dos homens de Joe está atento e força o cano da arma contra minha nuca. Meu pulso martela em meus ouvidos. Por favor, não o deixe ser arrastado para isso, ele é muito inocente, muito jovem.

—Bem, Caleb, meu rapaz, permita-me me apresentar. Sou o homem que matou sua mãe e se você não fizer exatamente o que eu digo, vou matar Victoria, juntamente com seu irmão patético.

Ele não diz nada. Tudo o que posso ouvir é sua respiração no telefone.

—Você vem e eu vou deixá-la ir. Diga ao seu irmão, diga a alguém para onde está indo, e vou ter certeza de que todos os três morram, e como você sabe, eu não faço ameaças.

Há um momento de silêncio e rezo para que ele desligue o telefone, que nem pense nisso, que conte para Jude, porra!

—Onde?— Caleb responde.

Eu não me importo se esse cara vai atirar em mim. Eles vão me matar de qualquer jeito. Não há nenhuma maneira de eu sair dessa e não vou deixar Caleb morrer. —Não, Caleb!— Eu grito. —Não... — Algo colide com o lado da minha cabeça e tudo fica preto.

Eu não sei há quanto tempo estou aqui. Parecem semanas. Esta sala é escura como breu, a única fresta de luz vem de debaixo da porta.

Meu corpo está esgotado. Não aguento mais. Toda vez que Joe me toca eu quero morrer. Sei que ele vai me matar e só está protelando isso por uma chance doentia de confrontar Jude. Essa é a pior parte. Eu estou sofrendo com isso, e é inútil. Ele acha que Jude se preocupa comigo, mas ele não faz. Ouvi a fria indiferença em sua voz quando ele disse a Joe que eu não significava nada para ele. *Nada*. Sinto-me tão estúpida.

Só quero que tudo isso termine. Ele me mantém algemada a este tubo. O único lugar em que posso chegar é ao balde, que

funciona como um vaso sanitário. Eles, às vezes, me oferecem comida, mas não como. Estou constantemente com náuseas. Eu posso não morrer de fome, mas a fome e a dor me ajudam a permanecer quase inconsciente quando ele se força em mim. É uma pequena misericórdia.

A fresta de luz sob a porta é bloqueada e ouço o tilintar de chaves antes da porta se abrir. Eu nem sequer abro os olhos. Ele dá um passo para dentro do quarto e libera a amarra em torno do meu pulso.

—Levanta.

Não me movo. Estou fraca demais para ficar de pé. A septicemia já se instalou e estou queimando em febre. Meu corpo está sendo consumido e eu sou grata por isso.

O homem agarra meu braço e me arrasta para os meus pés. Eu caio contra a parede, lutando para manter meus olhos abertos. Ele rosna e me puxa para fora da sala, meus pés mal tocam o chão enquanto ele me mantém de pé. Eventualmente, ele fica entediado de tentar me segurar e me joga por cima do ombro. Minha cabeça balança enquanto ele se move pelo corredor. A porta range aberta e eu ouço vozes antes dele me despejar no chão. Meu corpo mole se esparrama pelo chão e não tenho forças para tentar me mover ou lutar. Honestamente, eu estou quase feliz com isso. Posso sentir o fim se aproximando como uma misericórdia neste momento.

—Oh, Deus. Ria!

É Caleb. Eu quero chorar e gritar de frustração. *Por que ele faria isso? Por que diabos Jude o deixou vir aqui? Tem que ser um plano, certo? Jude sempre tem um plano.* Franzo a testa e tento abrir os olhos. Meus dedos escavam o tapete gasto. Mãos quentes roçam meu rosto, dedos mal deslizando sobre a minha pele.

—Ria.— Meu nome é falado em uma respiração entrecortada, tão baixo que mal posso ouvi-lo.

Há um estrondo alto, seguido pelo riso de Joe. —Bem, isso não é comovente?

O medo força meus olhos abertos. Vejo Joe em pé sobre mim, aquele sorriso torcido em seu rosto enquanto olha para mim. Meus olhos mergulham dentro e fora de foco e tento encontrar o rosto de Caleb. Aperto meus olhos fechados enquanto um tremor dilacera meu corpo. Rezo para que Caleb não esteja agindo por conta própria, porque se estiver, então ele vai morrer. Meus olhos se abrem de novo e ele está de joelhos ao meu lado. Lágrimas rolam pelo seu rosto jovem, enquanto seus olhos travam com os meus.

—Você não deveria estar aqui. — sussurro, balançando a cabeça.

—Por favor— ele implora. —Por favor, deixe-a ir. Você me tem. Eu sou a única família que meu irmão tem. Leve-me, me mate, faça o que quiser comigo, irá machucá-lo mais.

Não, não, não! Eu quero gritar para ele, mas é tarde demais.

—Eu lhe disse que iria deixá-la ir, se você viesse aqui, não foi?— Joe sorri lentamente. —Eu menti, certamente você sabia que eu estava mentindo, não é?

Joe sinaliza para seus caras e eles puxam Caleb de pé.

—Por favor, deixe-a ir! Ela vai morrer. — A voz de Caleb suplica e lágrimas escorregam em minhas bochechas. Eu estava tão perto da morte e agora Caleb está aqui. Como posso desejar a morte quando eu sei que vou deixá-lo nisso?

Joe olha para mim como se eu não fosse nada mais do que um cão que ele está entediado de insultar. —Essa é a ideia. — Ele sorri antes de virar as costas para mim. —Coloque-o com ela. Eles têm algum tempo para recuperar.

A porta se fecha, mas em vez da escuridão habitual, uma pequena luz balança para frente e para trás acima de nossas cabeças. Deito de costas e vejo como ela se aproxima da minha visão e depois se afasta. Meu corpo treme e convulsiona com a febre que tomou conta de mim.

—Ria. — Caleb recolhe minha cabeça do chão e embala em seu colo. Ele coloca a mão na minha testa e as sobrancelhas se franzem. Seus olhos fixos na minha perna coberta de ataduras sujas que não tinham sido trocadas desde que cheguei aqui. Eu não sei como se parece, mas cheira mal, como carne em decomposição. Eu parei de me importar há muito tempo. Eu não tenho nenhum remédio, nenhum antisséptico, nada. Por que adiar o inevitável?

—Você não deveria ter vindo, Caleb. — Minha voz soa rouca, mesmo para os meus próprios ouvidos.

—Eu não podia simplesmente deixá-la aqui. — Seu rosto paira sobre o meu, seus olhos suaves estudando minha face. —Eu esperava que pudesse convencê-lo a deixá-la ir.

—Por favor, diga-me que Jude sabe que está aqui, que ele tem um plano?— Eu imploro.

Seus olhos lentamente passam pelos meus. —Ele nunca teria me deixado vir, Ria.

—Oh, Deus. — Um estrangulado soluço escapa dos meus lábios. —Você vai morrer— eu falo. Minha respiração está irregular e até o menor movimento parece uma luta difícil.

Caleb balança a cabeça, determinação em seu semblante. — Não, Jude está procurando por você.

Gostaria de poder acreditar nele, mas a esperança não é algo que eu consiga manter mais. Rezo para que Caleb sobreviva a isso. Sei que estou desiludida, vi a extensão do ódio de Joe, mas em minhas preces peço apenas isso, essa pequena coisa.

Caleb pega uma das garrafas de água, a única coisa que os caras de Joe fornecem-me, e a derrama sobre a minha perna, tentando lavar o ferimento.

—Deixe.

—Ria, seu ferimento precisa ser limpo.

Eu balanço minha cabeça. —Deixe.

—O que, você vai desistir?— Ele tenta soar severo, mas sua voz soa rachada.

Eu não digo nada. Não tenho que dizer.

—Você não pode desistir. Lute contra isso. — Seu rosto estampa preocupação e lágrimas escorrem. De repente, ele parece tão jovem, como o menino que devia ser, não o homem com o estilo de vida que seu irmão o forçou a se tornar.

Seguro seu pulso suavemente. —Há algumas coisas as quais nós simplesmente não conseguimos sobreviver— eu sussurro. Minha cabeça gira violentamente e tento me concentrar em seu rosto.

—Ria!— Ele me sacode. —Ria.

Tento ficar acordada, mas a escuridão me puxa para baixo. Congratulo-me com ela como uma velha amiga, envolvendo-me em seu abraço quente.

Acordo quando alguém me agarra pelo ombro e me arrasta para os meus pés. —Não a machuque!— Posso ouvir Caleb gritando, e isso me confunde. Eu pensei que ele era um sonho.

Quero chorar quando sinto a superfície de madeira familiar da mesa de Joe atingir minhas costas. Toda vez eu acho que estou imune, que ele não pode me machucar mais, que seu abuso não me afetará, e cada vez que vejo que estou errada, me deixa ansiando pela morte como se fosse minha própria salvação.

Um gemido áspero desliza dos meus lábios enquanto tento me afastar. Um riso profundo ecoa ao redor da sala e uma mão agarra meu cabelo e me vira em direção a Caleb. —Coisinha gostosa, não é?— Joe zomba, enquanto seu rosto pressiona contra a minha bochecha. —Ou pelo menos era. Ainda assim, seu corpo é bom e sua buceta é ainda melhor.

Aperto meus olhos fechados. Eu não posso olhar para Caleb. Não quero ver a repulsa em seus olhos.

Joe me gira e me coloca com o rosto sobre a mesa. Eu não luto. Não posso lutar. Ele levanta a camiseta enorme que me vestiram, expondo meu corpo para a sala. Eu não me importo mais. Ouço a fivela do cinto e então sinto-o entrando no meu corpo de braços. Ele só está me empurrando um pouco mais perto da morte. Caleb esta gritando histericamente, abafando o riso maníaco de Joe. Eu bloqueio tudo, minha mente à deriva. Sinto o cheiro do ferro fumegante antes de eu ver ou sentir. Isso é algo que ele gosta de fazer, me foder enquanto me marca, pelo menos, na maior parte dos dias, então depois ele permite que seus homens me fodam. A única coisa que me faz sentir melhor é saber que haverá um fim. Eventualmente.

Seus dedos se arrastam contra a minha pele, movendo os pedaços rasgados da minha camiseta para o lado. O ferro quente queima em minhas costas, mas eu não vacilo ou reajo. Mal sinto a dor.

Joe endurece atrás de mim e então ele sai. Fecho meus olhos. Estou tão cansada.

—Eu não posso esperar até que Jude o mate!— Caleb grita.

Há um grunhido seguido por um baque. Abro meus olhos para ver Caleb de joelhos, debruçado, tentando recuperar o fôlego.

Joe ri e, mais uma vez, arrasta-me pelo cabelo, me forçando a enfrentar Caleb. Não posso olhar para ele. Em vez disso, eu olho vagamente para a parede. —Aqui está o que vai acontecer. Agora, você vai transar com ela— ele zomba, apontando para Caleb, cujo rosto fica completamente branco.

—Você é doente— ele cospe em Joe.

Joe ri e me liberta, me jogando para trás em cima da mesa. Deito-me de lado, enrolada em mim mesma. —Você não tem ideia, garoto. — Ele lentamente caminha em direção a Caleb. —Meu ódio por sua família vem de décadas atrás, a partir do momento em que minha primeira esposa decidiu foder um dos meus clientes, a porra do seu pai. Meu ódio pelo seu irmão bastardo é algo que me consumiu desde o dia em que ele nasceu. — Joe se agacha na frente dele, seu rosto apenas a centímetros de Caleb. —Ele te contou o que eu fiz para a sua mãe e sua irmã?— Ele sorri, e Caleb permanece imóvel. —Bem, eu vou te dizer. Primeiro, eu transei com elas. Eu comi a puta da sua mãe e então eu transei com sua linda irmã virginal. — Ele sorri e Caleb engole em seco, seu rosto se contorcendo de dor.

—Oh, como ela gritou— ele sussurra. —E quando eu terminei, deixei os meus homens foderem elas. De novo. E de novo. Até que imploraram por misericórdia. Eu quebrei todos os ossos do corpo de sua irmã e fiz aquela prostituta olhar. Quebrei osso por osso até que sua mãe me pediu para matar sua própria filha.

Caleb está tremendo, seus dentes cerrados. Eu posso ver os músculos de seus braços tensos e duros. Joe se levanta e vira de costas para Caleb, movendo-se em minha direção lentamente.

—Eu filmei a coisa toda. — Ele sorri, claramente satisfeito consigo mesmo. —E mandei para aquele pedaço de merda do pai de vocês!— Joe grita, seu rosto ficando vermelho. Ele rapidamente se controla, alisando a frente de seu paletó.

Meu estômago se agita violentamente. Jude me disse que viu esse vídeo e eu nunca perguntei os detalhes, mas ouvi-los agora... meu coração se parte por ele, por Caleb e pelas duas mulheres que sofreram em suas mãos. Eu vi e senti a extensão do ódio de Joe. Não desejo isso a ninguém.

Joe dá um longo suspiro antes de continuar. —E, em seguida, seu irmão também levou minha segunda esposa de mim. — Ele respira pesadamente, seus ombros tensos. —Minha esposa grávida, porra!— ele grita, sua voz mostrando uma ponta de histeria.

Deveria me sentir mal por ele. Houve um tempo em que eu teria, mas agora... agora eu quero sorrir, porque o fodido doente merece tudo o que recebeu. Há um momento de silêncio e a tensão na sala poderia ser cortada com uma faca.

Ele aponta para Caleb. —Você vai transar com ela e eu vou filmar. Vou enviar para Jude.— Ele se vira para mim, estendendo a mão e acariciando meu rosto. Bile sobe na minha garganta com seu toque. —Oh, como isso vai quebrar o seu pequeno coração frio. — Ele ri para si mesmo. —Câmera!— ele rosna.

Eu já sei que um de seus rapazes está filmando isso. Este é uma rotina que estou familiarizada. Engulo em seco e o quarto começa a girar. Aperto a borda da mesa, tentando desesperadamente manter-me acordada. Sinto as pernas de Caleb contra as minhas. Eu forço meus olhos abertos para encontrá-lo em pé em cima de mim, sua expressão cheia angústia.

Joe engatilha a arma, pressionando-a contra a têmpora de Caleb. —Você fode com ela, ou você morre. — ele zomba.

Minhas mãos estão suadas, mesmo que calafrios gelados sacudam o meu corpo. Pressiono a cabeça contra a madeira e fixo os olhos no teto, aceitando o meu destino, por mais horrível que possa ser. Não há nenhum ponto em lutar. Joe sempre vence.

—Não— Caleb rosna.

—Caleb, — Eu balbucio. —Basta fazê-lo. Está tudo bem. — O que não digo é que ele não pode fazer nada para mim que já não tenha sido feito dez vezes pior. Posso ver o horror em seus olhos. Este era o meu pior pesadelo, eu já o aceitei, e vou suportar isso para salvar sua vida. É um jogo fodido de Joe, de amor e de guerra, e as regras são simples. Jogue e sobreviva, ou morra.

Há uma longa pausa antes de eu ouvir a voz sussurrada de Caleb novamente. —Eu não sou uma porra de um monstro. Prefiro que você me mate.

Joe ri novamente. —Louvável. Ótimo. Foda-a ou eu a mato.

Eu lentamente olho para Joe e encontro-me olhando para o cano de sua arma. Sorrio e encontro a energia para me arrastar lentamente em uma posição sentada. Envolver meus dedos ao redor do cano da arma e pressiono-a contra a minha testa. —Faça isso— eu digo.

—Ria, não!— Caleb grita comigo.

Eu não lhe dou qualquer atenção. Fico olhando diretamente nos olhos do diabo, desafiando-o a acabar com isso bem aqui, agora. Não me lembro de jamais querer nada tão intensamente... e eu sei que Joe sabe disso.

Ele se inclina para frente, segurando a arma no lugar enquanto traz os lábios na minha orelha. —Eu não terminei com você ainda, princesa. Você vale mais para mim viva. — Meu coração despenca no meu peito e toda a esperança evapora. Ele agarra meu queixo, inclinando meu rosto e o lambendo. —Você já deveria saber por agora que é melhor não me testar, doce Victoria.

Ele se afasta para longe de mim tão rápido que mal consigo ficar sentada. Levanta a arma na frente dele e puxa o gatilho. O estrondo ecoa pela sala e o corpo de Caleb cai no chão. Eu grito quando uma dor como nenhuma outra rasga meu peito. Os olhos sem vida de Caleb olham para o teto, um rastro de sangue escorrendo do pequeno buraco de bala entre os olhos. Tudo o que posso ouvir é o som dos meus próprios gritos. *Ele matou Caleb. Ele matou Caleb.*

Capítulo 4

Jude

Já se passaram cinco dias e já matei nove dos rapazes de Joe. Nenhum deles me deu o que quero. Cada vez que coloco uma bala em suas cabeças, sinto meu controle escorregando. Não durmo há dias e conforme olho para a estrada, a minha visão começa a se confundir. Eu divago por um segundo voltando à realidade quando os pneus colidem com as ondulações do acostamento da estrada.

—Merda, deixe-me conduzir— Marney resmunga. —Não quero morrer em um acidente de carro.

Encosto ao lado da estrada e trocamos de lugar. Momentos depois ele volta para a estrada e eu adormeço.

—*Você não pode salvá-la— ele ri. —Você está muito atrasado.*

Eu não consigo ver nada. Sou empurrado em uma sala onde Tor está deitada em uma poça de sangue. Ela está completamente nua com contusões e cortes por todo o seu corpo. Meu coração despenca e caio de joelhos na frente dela.

—*Não se preocupe, ela foi amplamente utilizada antes de eu a matar, — Joe diz pouco antes de colocar o metal frio da arma contra o meu crânio. Fecho meus olhos, esperando a arma disparar. Eu quero que ele faça. Mereço isso porque eu falhei com ela. Sinto a pressão da*

arma se afastar da minha cabeça e Joe dá a volta ficando de cócoras na minha frente.

Seus lábios se enrolam em um sorriso sádico. —Eu não iria matá-lo nem se minha vida dependesse disso, porque ficar olhando para você, sabendo que eu fiz isso aqui por sua culpa — ele aponta para o seu corpo — é muito mais gratificante.

Eu acordo assustado, minha pele úmida de suor. O sol está começando a se pôr e Marney ainda está dirigindo. Ele olha para mim e aponta para o piso. —Você perdeu uma chamada.

Eu pego o telefone e há uma mensagem de voz. Minha mão treme quando pressiono o telefone no meu ouvido e ouço.

A primeira coisa que ouço são os risos de Joe. —Seu irmão mais novo queria tanto ser um herói, mas ele era mais estúpido do que eu pensava. — Meu estômago revira, a adrenalina dispara no meu corpo. Jogo o telefone no chão. *Como diabos ele conseguiu Caleb?* Eu bato meus punhos sobre o porta-luvas, meu coração disparado. —Joe tem Caleb, porra!— Eu rosno entre os dentes.

Há um momento de silêncio tenso. Marney passa a mão sobre sua boca e acena com a cabeça, pisando no acelerador. —Temos que fazer o próximo falar, Jude. Você vai ter que segurar sua merda por tempo suficiente para fazê-lo falar.

Uma hora mais tarde, nós estamos andando para a frente de uma casa de tijolos de dois andares com rifles aos nossos lados. O sistema de irrigação liga inesperadamente e Marney salta. —Merda— ele resmunga e respira funda.

A luz do sensor se acende conforme subimos as escadas. Quando chegamos ao topo, Marney pressiona as costas na parede lateral e engatilha a arma. Eu posso ouvir o barulho abafado de uma

televisão. Toco a campainha e espero. Uma sombra aparece por trás da porta de vidro fosco, tentando espiar, e bem, ele está demorando muito. Rapidamente levanto a arma, visando seu ombro e atiro através do vidro. Os fragmentos de vidro caem no chão enquanto a pessoa tenta correr pela lateral.

—Que inferno, Jude— Marney diz, balançando a cabeça e se esticando através do vidro quebrado para destrancar a porta. —Está cheio de formigas em suas calças, não é garoto?

Chuto a porta o resto do caminho e grito: — Porra, eu estou com pressa, Marney. Não tenho tempo para desperdiçar nessa merda. — Vidro se esfacela sob as minhas botas enquanto entro na casa.

O cara está encostado contra o corrimão da escada; sua mão agarrando o ombro. Há uma mancha vermelha brilhante encharcando sua camisa. Uma pistola está em seu colo e ele está tentando carregá-la com uma mão. Eu me inclino e tiro-a dele. Seu olhar trilha ao longo do meu corpo e quando olha em meus olhos, seu rosto rapidamente fica branco.

Sorrio para ele. —Sim, eu teria medo também se fosse você — digo, enfiando a pistola na cintura da calça. —Você vai fazer isso fácil ou eu vou ter que te torturar?— Ele engole em seco e abre a boca, mas as palavras não saem. —Porra, então vamos à tortura... — Eu digo e o puxo para seus pés. Minha mente inunda com imagens do que Joe está fazendo com Tor e Caleb. Esses pensamentos fazem minha mandíbula apertar e aproximo seu rosto do meu, olhando friamente para ele. —Onde diabos está Joe Campbell?

—Eu não sei.

—Eu não gosto que mintam para mim— digo e o empurro para longe de mim. Ele cai para trás contra as escadas. Aceno com a cabeça e suspiro, o meu olhar seguindo sua mão que está segurando o ferimento da bala. Tiro-a de cima do machucado e aperto minha mão em seu ombro. Sem hesitar, enfio o dedo na carne rasgada, cavo em volta na ferida quente. O homem grita de dor. Sei que esta merda dói pra caralho. Olho para ele e enfio meu dedo mais fundo no buraco,

observando-o se contorcer. Eu o empurro para o chão. —Onde?— Eu grito.

Ele não diz uma palavra maldita; ele fica apenas sentado no chão ofegando através da dor.

Eu olho para Marney. —Amarre-o.

Marney resmunga para si mesmo enquanto desenrola a corda que está em volta do seu ombro. Ele cruza os braços do homem por trás das costas, rapidamente amarrando seus pulsos juntos. Eu olho ao redor da casa e vejo o fogo morrendo na lareira, vou em direção a ela. —Basta levá-lo até lá.

Eu ando até lá e pego o atizador de ferro da estante de ferramentas. Marney já o sentou em uma cadeira e eu balanço o ferro por trás da minha cabeça como se fosse um bastão de beisebol. O metal encontra seus joelhos com um estalo alto. O homem grita de dor e se contorce ainda mais. Ele soa como um animal selvagem preso numa armadilha.

—Agora!— enxugo o suor da minha testa, levantando a sobancelha, enquanto aponto a ponta do bastão para ele: — Você me diz onde ele está, porra.

Eu nem sei se ele me ouviu falar por cima do seu uivo continuado. Coloco a mão no gatilho da minha arma, meu dedo se contorcendo. Não aguento mais isso, quero colocar logo uma bala em seu crânio, mas não posso. Fecho meus olhos, me lembrando do porquê preciso mantê-lo vivo. *Caleb, ele tem Caleb e Tor...* Meu sangue ferve, meu pulso acelera e o último pedaço de sanidade que tenho é consumido pelo ódio apodrecido dentro de mim.

—Eu vou matar cada pedaço de merda que tente ficar entre mim e ele e depois vou atrás da sua maldita família, se tiver que fazer.

Seus olhos injetados de sangue se levantam para encontrar os meus.

—Conte-me!— Eu grito e cada músculo do meu corpo tensiona, mas ele permanece em silêncio. Ele foi treinado para não dar

informações, mas porra, *vou* conseguir o que quero dele. Cada homem fodido tem um ponto de ruptura e vou encontrar o dele.

Eu coloco o fim do ferro escurecido nas chamas, observando como a ponta afiada adquire um vermelho brilhante. Eu puxo-o do fogo e o viro, sadicamente olhando para a ponta ardente enquanto lentamente aproximo do seu rosto. Seu olhar vai para o final do ferro, sua testa fica coberta de suor e ele tenta fugir para longe de mim.

—Segure-o!— Ordeno a Marney, e ele agarra-o pelos ombros.

Marney se inclina perto de sua orelha. —Ele é um merda doente. Eu juro que o diabo é mais gentil do que ele. Não é melhor você dizer logo?

Cada momento que ele recua é um momento que ele toma de mim, de Tor e Caleb. Eu coloco o ferro quente em seu olho. O som de carne queimando chia através do ar. O aroma se arrasta pelas minhas narinas; Eu posso praticamente saborear a carne queimada na parte de trás da minha garganta. Nunca na minha vida ouvi gritos e uivos como os que este homem está deixando sair. Arranco o ferro e atiro-o ao chão. Seu olho mutilado oscila do nervo óptico, balançando em seu rosto, e não vou mentir, essa merda faz meu estômago revirar.

—Diga-me... — Eu paro, porque o filho da puta está gritando tão alto que mal posso ouvir minha própria voz do caralho. Eu agarro-o pelo pescoço e aperto. —Cale a boca!— Seus gritos se tornam incompreensíveis enquanto o sufoco. Ele está se debatendo e estou cansado disso. —Eu sou o seu próprio apocalipse pessoal agora mesmo, merda. — Meu punho vai contra seu rosto, a força do golpe fazendo com que a cadeira caia. Bato nele novamente. Seu rosto está coberto de sangue e, conseqüentemente, também o meu punho.

—Você vai me matar— ele geme. Posso vê-lo se esforçando, tentando resistir à vontade de chorar de dor. —Mesmo se eu lhe disser onde ele está, você não vai encontrar Joe a menos que ele queira— diz ele, com os dentes cerrados.

—Oh, eu vou encontrá-lo. Posso lhe assegurar que vou. — Eu agarro seus pulsos amarrados e arrasto-o para a lareira. Eu derrubo-

o de braços perto da lareira e chuto a tela para longe da abertura. Segurando-o pelos pulsos, pressiono o meu peso em suas costas. Eu trago o meu rosto ao lado do seu e arqueio uma sobrancelha, sorrindo, e digo: — Você não tem ideia do que eu sou capaz.

Eu pego a faca do meu bolso de trás e viro a lâmina, cortando a corda. Uso o meu joelho para fixar para baixo um de seus braços, enquanto pego o outro e enfio na lareira. Lá vai ele gritando alto, lamentando novamente. Ele se remexe embaixo de mim tentando se libertar.

—Onde?— Eu pergunto.

Ele respira profundamente. —Foda-se... — Ele fala. —Isso dói!

Eu olho para a parte de trás de sua cabeça. Ele está quase me dizendo onde encontrá-los. Arranco sua mão enegrecida para fora do fogo, observando a fumaça subindo dela. Meu punho aperta em torno da faca ainda na minha mão. Pressiono a lâmina e corto o lado de seu rosto, até o ombro. Com um movimento rápido, eu viro-o e corto sobre seu estômago. Ele arqueia de dor.

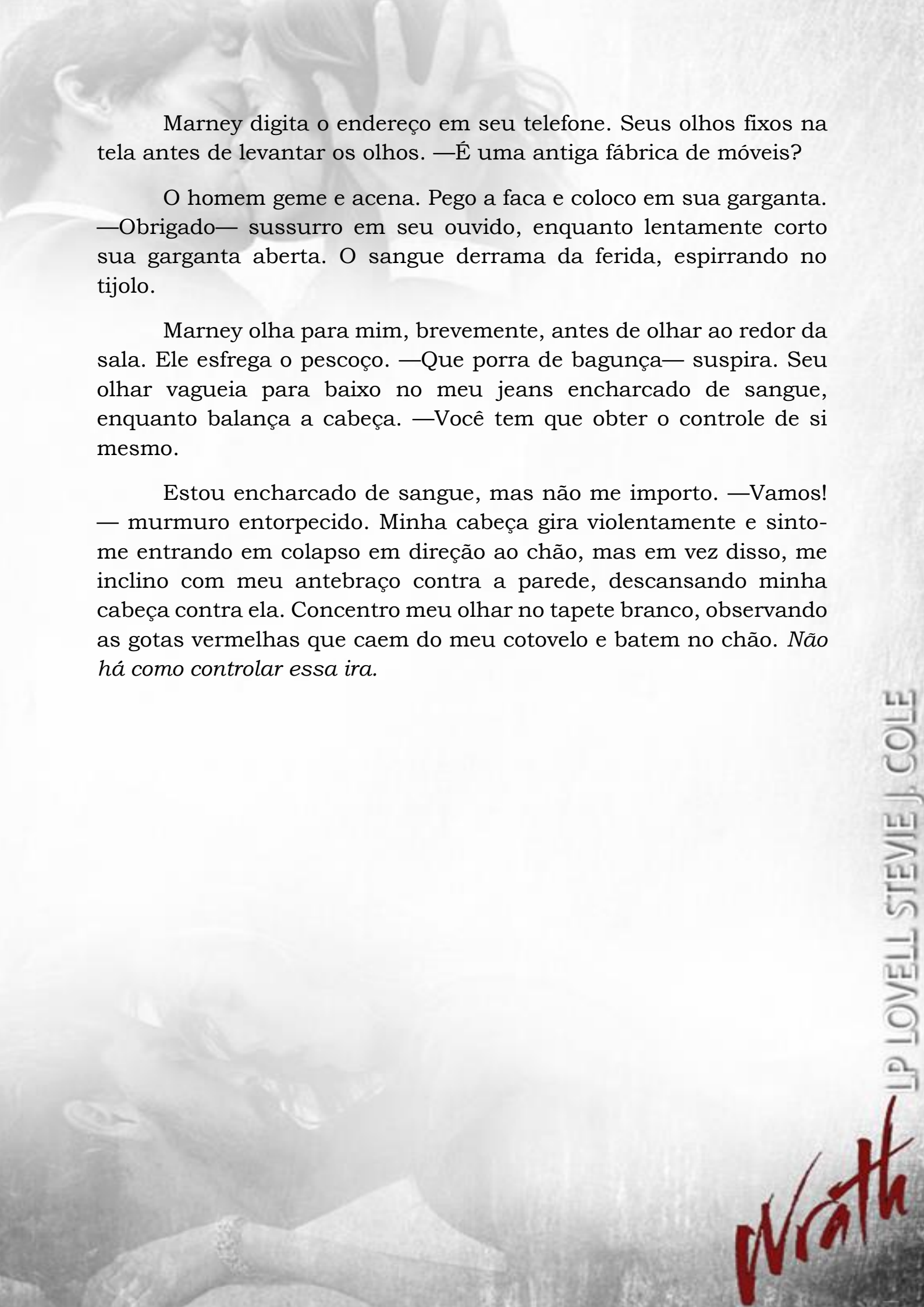
—Foda-se!— Eu grito tão alto que minha voz fica rouca. Eu estou golpeando-o como um maníaco, a lâmina rasgando sua pele com cada movimento. —Você vai me dizer onde ele está, porra!

—Jude— Marney tenta chamar minha atenção.

—Onde ele está?— Eu bato nele. —Conte-me!— Bato sua cabeça contra a lareira de tijolos. —Diga-me onde ele está!

Sangue está por toda parte e o homem já não luta contra mim. Eu esmago sua traqueia com as mãos, em seguida, a solto. —Diga-me e eu não vou fazer você sofrer por mais tempo. Se não me disser, vou bater em você toda a noite se precisar, porra.— Eu levanto meu punho e soco seu queixo. Um de seus dentes voa para fora de sua boca, saltando pelo chão.

—Rodo... — ele faz uma pausa e choraminga de dor, e eu paro. —Rodovia setenta e cinco, número cento e cinquenta e cinco. — ele engasga no seu próprio sangue.



Marney digita o endereço em seu telefone. Seus olhos fixos na tela antes de levantar os olhos. —É uma antiga fábrica de móveis?

O homem geme e acena. Pego a faca e coloco em sua garganta. —Obrigado— sussurro em seu ouvido, enquanto lentamente corto sua garganta aberta. O sangue derrama da ferida, espirrando no tijolo.

Marney olha para mim, brevemente, antes de olhar ao redor da sala. Ele esfrega o pescoço. —Que porra de bagunça— suspira. Seu olhar vagueia para baixo no meu jeans encharcado de sangue, enquanto balança a cabeça. —Você tem que obter o controle de si mesmo.

Estou encharcado de sangue, mas não me importo. —Vamos! — murmuro entorpecido. Minha cabeça gira violentamente e sinto-me entrando em colapso em direção ao chão, mas em vez disso, me inclino com meu antebraço contra a parede, descansando minha cabeça contra ela. Concentro meu olhar no tapete branco, observando as gotas vermelhas que caem do meu cotovelo e batem no chão. *Não há como controlar essa ira.*

Capítulo 5

Victoria

Sou acordada violentamente. Sinto o piso de pedra fria contra minhas costas nuas e perdi a sensibilidade da minha mão que está presa ao cano em cima de mim. Ouço o barulho de metal e sei que a algema foi liberada. Meu braço cai no chão.

Eu mal tenho forças para manter as minhas pálpebras abertas. Um golpe colide com a minha bochecha e minha cabeça vai para o lado. Eu não reajo. Não consigo.

—Ah, foda-se— um homem resmunga, e com passos pesados se afasta de mim. Não ouço a porta ser fechada e consigo abrir minhas pálpebras o suficiente para ver a luz brilhante que derrama através dela. Está ali, aberta, e estou tão fraca que não consigo escapar, não importa o quanto eu deseje. Uma pequena lágrima de frustração desliza do canto do meu olho.

O quarto cheira a morte e sinto que o destino está zombando de mim, porque sei que estarei morta em breve.

Poucos minutos depois ouço mais passos, dois pares neste momento. Eles se aproximam e param ao meu lado. Uma mão agarra meu cabelo e puxa minha cabeça do chão. Eu choramingo com o forte cheiro de charuto que sopra fumaça no meu rosto.

—Bem, passarinho, eu disse que iria quebrar você. Tenho que dizer, estou desapontado. Pensei que você iria durar mais tempo. — Ele acaricia meu rosto suavemente e meu estômago aperta violentamente. Meu corpo treme, o medo substituindo tudo o que posso sentir.

Viro-me para erguer meus olhos o suficiente para olhar para ele. Eu o odeio. Meu único pesar é que vou morrer sem chegar a ver Jude matá-lo. Porque Jude vai matá-lo pelo que ele fez com Caleb; inocente e bonito Caleb.

Joe fez coisas comigo que me fizeram ansiar pela morte e ainda assim eu poderia aguentar mais cem vezes se isso trouxesse Caleb de volta. Joe acha que me quebrou e ele fez, mas não fez isso me estuprando ou batendo. Ele me quebrou quando atirou em meu único amigo na minha frente. Ele me quebrou quando destruiu uma das melhores pessoas que eu já conheci e nunca vou me recuperar disso. Eu quero que ele me mate e vou morrer com a certeza de que Jude vai fazê-lo sofrer por isso.

—Mate-me — eu sussurro.

Ele ri. —Oh, eu sei que você quer morrer, princesa. E é por isso que não vou deixar você morrer— ele me diz. —Você vê, quando eu trouxe você aqui, pretendia usá-la como isca, para atrair Jude para mim. Eu só queria matá-lo, vê-lo sofrer, mas então vi o rosto do jovem Caleb quando viu você. Vi o quanto o machucou e isso me fez pensar... eu não vou te matar.— Um riso sádico borbulha de seu peito e tudo o que posso pensar é o quanto ele soa diabólico. —Oh, não, não, não. Vou te mandar de volta para JP, do jeito que está. Quebrada, irreconhecível, *irrecuperável*. Isto irá machucá-lo mais do que qualquer coisa que eu poderia fazer com ele fisicamente. Eu vou deixá-lo te encontrar. Vou deixar sua puta suja e seu irmão morto aqui mesmo, como um presente para ele. — Ele me puxa mais para cima e torce meu rosto para o lado.

Lá, a poucos passos de mim está Caleb, seus olhos mortos leitosos olhando para mim. Um grito desesperado rasga da minha garganta e fecho meus olhos.

—Ele está vindo, você sabe. Eu poderia matá-la e depois matá-lo, mas isso é uma oportunidade muito boa para deixar escapar. Eu vou matá-lo, eventualmente, mas é muito melhor desta maneira, muito mais torturante. — ele sussurra.

Eu tusso uma risada rouca. —Estou morrendo de qualquer maneira, idiota.

Ele agarra meu queixo, empurrando-o para seu rosto. —Não, coisa doce, você não está.

Ele me solta e minha cabeça bate no chão com um baque. Sinto dedos envolverem em torno de meu braço e, em seguida, uma picada afiada. Abro os olhos o suficiente para vê-lo injetando algo em meu braço. —Antibióticos— diz ele com um sorriso de satisfação. —Você vai sobreviver tempo suficiente para ele encontrá-la e se você morrer depois, bem, o pobre JP deveria ter chegado aqui mais cedo, não acha?— ele ri.

Eu quero gritar. Isso é tudo o que sempre quis há muito tempo e agora que está para acontecer, parece com a forma mais cruel de tortura. Um soluço engasga a minha garganta e ele ri em resposta. Ele aperta seus lábios nos meus, fazendo-me sentir doente. —Eu sabia que um dia iria fazer você chorar, querida. — Ele acaricia minha bochecha. —Diga a JP que eu vou matá-lo. Verei você em breve, princesa. — Ele pisca, se afasta de mim e então se vai.

A porta bate fechada, deixando-me na escuridão. Mesmo com antibióticos, provavelmente ainda vou morrer, ele só prorrogou por uns dias.

Fico ali no chão frio, meu corpo quebrado, minha mente abalada. Estendo a mão até meus dedos encontrarem os dedos frios de Caleb. Fico segurando sua mão, pedindo, rezando, como se isso fosse fazê-lo voltar para mim. Eu choro até perder a consciência novamente.

Capítulo 6

Jude

O carro sacoleja sobre o pavimento esburacado antes de parar. Marney desliga o motor e empurra a porta aberta.

Saio e em seguida me inclino para dentro para pegar duas armas, que coloco na cintura da calça. Marney também está carregado de armas. Nós parecemos que estamos indo para um maldito apocalipse zumbi.

Não tenho nenhuma ideia do que esperar, mas tento me preparar para o quão fodida Tor provavelmente está. As imagens do vídeo que Joe me enviou estão na minha memória, aperto meus olhos fechados. Inclinando a cabeça para trás, passo a mão pelo meu rosto suado.

Cada passo parece ser em câmera lenta, cada respiração parece forçada, como se eu não me esforçasse iria esquecer foddidamente como é respirar. Estou em alerta total. Este é Joe. Ele deve ter guardas em todos os lados dessa porra. Ele sabe que estou vindo, e ainda assim... nada. Apenas o som de grilos cantando e folhas sendo esmagadas sob nossas botas.

A única razão que ninguém atirou em nós ainda é porque Joe quer que a gente entre. Pela primeira vez na minha vida tenho medo

de estar realmente prestes a morrer. Não é o pensamento da morte que me incomoda. É a ideia de ser morto antes de chegar até eles.

Um edifício de metal aparece a vista. Meus nervos tensionam. Minha garganta aperta. Isto é o medo. Meu irmão e a porra do meu coração estão dentro deste edifício, e sei muito bem que se eles não estão mortos, estão em um estado pior do que a morte, caralho.

Nós paramos na frente de uma porta enferrujada rachada. Marney olha de volta para mim, os olhos incertos. Usando o cano da arma eu empurro a porta. As dobradiças desgastadas rangem quando ela lentamente se abre para uma sala grande e vazia. À direita, pendurada acima de uma porta está uma única lâmpada fraca piscando. Ela emite uma névoa amarela sobre uma porta estreita. Eu sei que Joe fez isso para construir o suspense. Eu chuto a porta aberta e ela bate contra a parede, o estrondo reverberando no teto baixo. Espero. Nada. Lâmpadas pontilham o quarto e o único som que ouço é de água pingando de alguns canos velhos.

—Eu vou por este lado, você segue pelo outro lado. — sussurra Marney, apontando o rifle para o lado esquerdo da sala.

Eu aceno para ele e nós nos separamos. Eu trilho pelos corredores, à espera de alguém vindo atrás de mim, mas o lugar está deserto, estranhamente quieto. Meu coração bate violentamente contra o meu peito, cada batida alta ecoando nos meus ouvidos. Cada porta que eu passo está aberta, cada sala vazia. Eu estou tão esgotado. Mal posso respirar. Na esquina eu paro, olhando para um corredor longo e escuro. O odor de mofo e poeira atingindo minhas narinas. Eu cautelosamente coloco um pé à frente do outro, meus olhos arregalados enquanto minha visão tenta se ajustar à escuridão. Quanto mais para baixo do corredor eu vou, o cheiro começa a mudar. Meu pulso está irregular, meu estômago revirando. Este é um aroma distinto. Este é o cheiro de um corpo em decomposição. Balanço a cabeça para afastar a imagem de pessoas mortas da minha memória. Noto que minha mão está trêmula quando enxugo o suor da minha testa. Coloco uma mão ao longo de um lado da parede para me guiar e uso a outra mão para segurar a arma na minha frente. Eventualmente, meus dedos escovam o metal frio da maçaneta de

uma porta. Ao contrário de todas as outras portas, esta está fechada, e meu coração para.

O rangido das dobradiças sem óleo penetra nos meus ouvidos enquanto empurro a porta aberta. O fedor exala de dentro para fora. Instintivamente sinto o odor inconfundível de morte e tenho que engolir a minha vontade de vomitar. *É por isso que ninguém está aqui. Eles já estão mortos.* Meu peito afunda, cerro os punhos. Tento abrir a porta completamente e ela bate em algo. A porta se recusa a ceder mais. Abaixo o meu olhar para o chão, mal capaz de ver um par de botas gastas na penumbra. Meus olhos freneticamente percorrem seu corpo e meu estômago revira. Eu me inclino, descansando minhas mãos em meus joelhos e cuspo a bile da minha boca. Seguro ambos os lados da minha cabeça e minhas pernas cedem. Caio no chão em frente ao corpo do meu irmãozinho. Meu pulso ecoa em meus ouvidos e tento olhar para longe dele, mas eu não consigo. Bato meu punho contra o chão. —Não! Fodidamente não! — grito, com a voz trêmula.

Não sei por que, mas encosto nele, sacudindo minha mão com o choque de sua pele fria, úmida. —Não, Caleb. Deus, por favor, porra, não... — murmuro. Arrasto seu corpo sem vida para o meu colo e a última parte de mim com alguma porra de alma morre. Ele era a única família que eu tinha. Proteger ele era o meu trabalho e eu falhei. Meu irmão se foi, porra, abatido por nenhuma razão maldita. Isto era o meu erro, a minha luta. Não a dele.

Sento-me com sua cabeça no meu colo, a dor rasgando seu caminho através do meu peito. Agarro seu corpo rígido ao meu, porque preciso sentir como se ele pudesse me perdoar, preciso acreditar que ele sabia que eu o amava, mesmo que nunca tenha lhe dito, porra, porque sou muito duro. Eu desisto e tudo dentro de mim se desintegra.

Eu não tenho nenhuma ideia de quanto tempo fiquei sentado, chorando. Sei que deveria deixá-lo ir, mas eu simplesmente não posso, porra. Não posso sequer me mover.

Eu salto quando sinto uma mão em meu ombro.

—Jude— a voz de Marney é baixa, vazia. —Não há nada que você possa fazer que vá corrigir isso.

Respiro profundamente, lutando contra o desejo de me entregar completamente e balanço minha cabeça.

—Vamos, filho. Você tentou. — Ele dá um tapinha no meu ombro e anda pela sala. —Puta merda — ele xinga, em seguida, fica em silêncio. —Jude, você vai ter que se afastar agora ou então nós vamos carregar dois corpos para fora daqui.

Eu deslizo o corpo de Caleb do meu colo, empurrando-me para cima. Estou tremendo quando tropeço em direção ao canto escuro. Marney levanta sua pistola e dispara, a bala cria uma faísca quando ricocheteia no tubo de metal. Ele se inclina para baixo. —Vamos querida, vamos te tirar daqui.

Ele se vira e mesmo na escuridão consigo ver o corpo mole de Tor em seus braços. Eu puxo uma respiração e corro para ele, levando-a de seus braços. —Tor?— Deslizo um dedo sobre sua bochecha e ela gira lentamente a cabeça no meu peito. Seu cabelo escuro está grudado em suas bochechas. O lado do rosto visível está coberto de sangue e hematomas. Ela está nua além de uma camisa rasgada e esfarrapada. Sangue seco está manchando suas pernas. Ela nunca mereceu isso, ninguém merece. Minha Tor nunca mereceu nada disso!

Eu não posso parar de olhar para ela enquanto a carrego através da sala. Por mais que eu espere ter uma raiva violenta correndo através de mim, eu não sinto. Estou muito inconsolável para sentir qualquer coisa. Engulo em seco quando passo pelo corpo de Caleb. Eu não consigo olhar para ele novamente. Parando ao lado de Marney, sussurro — Pegue-o.

Ele olha para mim com o rosto afogado em piedade.

—Ele é meu irmão, Marney. — digo com firmeza. —Não vou deixá-lo aqui assim.

Marney respira profundamente e se ajoelha para pegar o corpo de Caleb. Todo o caminho de volta até a saída nós caminhamos em silêncio. Seguro Tor mais apertado a cada passo que dou. Uma vez lá fora, subo no banco de trás e seguro-a no meu colo. Ouço o portamalas se fechar. Sei o que Marney acabou de fazer, mas eu bloqueio isso e me concentro apenas nela.

O corpo mole de Tor está esparramado no banco de trás, com a cabeça no meu colo. Eu acaricio o cabelo dela e tento não pensar em Caleb. Eu não posso, porque se o fizer, sinto que poderia quebrar e essa não é uma porra de opção no momento.

—Quanto ainda falta?— Pergunto com a voz rouca, olhando para Tor. Ela não conseguirá chegar. A cada poucos segundos sua respiração para e tudo dentro de mim fica tenso. Eu preciso que ela viva. Eu preciso dela.

Ouço o telefone de Marney tocar e suas palavras sussurradas, mas eu não escuto. Fico olhando para o rosto dela machucado e surrado, a camiseta esfarrapada e rasgada que mal cobre seu corpo quebrado. Eu falhei com os dois.

Cinco minutos depois paramos em frente a algum hospital de emergência. Eu saio, embalando Tor em meus braços e fecho a porta. Marney anda rápido na frente e eu passo pelas portas de vidro automáticas da sala de emergência.

Assim que entro parece que todo mundo na sala de espera fica em silêncio e olha para nós. —Ajude-me, por favor. — imploro.

A enfermeira na estação de triagem se levanta lentamente, enquanto alguém corre em minha direção. Tudo me bate de uma vez. Eu sou forte, mas não o suficiente para esta merda. Minha respiração e meus músculos enfraquecem.

—Preciso de uma maca!— a enfermeira grita.

Balanço minha cabeça. —Eu vou levá-la. Só me ajude. Por favor!

Meu pulso bate através de minhas têmporas. Os olhos da enfermeira sobem para encontrar os meus e ela assente, apontando para as portas de metal. Sigo-a para uma sala onde deito Tor. Assistto a equipe como um enxame ao seu redor, me empurrando para o fundo da sala. Eles não perdem um segundo, não fazem qualquer pergunta. Eles imediatamente a ligam em um equipamento e verificam seu pulso. Eu caio contra a parede e deslizo para o chão, porque não aguento mais. Tudo me bate de uma vez, porra.

—O que aconteceu com ela?— alguém me pergunta.

Eu não olho para cima. Mantenho meus olhos fixos no chão e digo, — Ela foi sequestrada e atacada...

Uma enfermeira corre pelo corredor gritando por outro médico. Pergunto-me se deveria ter apenas a matado quando ela entrou no meu escritório, em vez de forçá-la a suportar este terrível pesadelo, que eu chamo de vida. Não há nenhuma maneira que ela vá esquecer o que passou. E parte de mim sente que seria melhor para ela não ter que lutar com a memória de tudo isso pelo resto de sua vida. Às vezes, a morte parece ser uma opção graciosa, mas de forma egoísta, tudo que me importa é que eu a tenho.

Na manhã seguinte, acordo assustado na cadeira do hospital. Tor está dormindo. Ela ainda não está consciente o suficiente para saber que estou aqui. Durante toda a noite só conseguia pensar no meu irmão. Se eu deixar, isso pode me consumir e parte de mim deseja que o faça. Olho para Tor, verificando o monitor. *Ela sobreviveu.* Quanto mais eu olho para ela, mais a tristeza se transforma em raiva. Minha respiração torna-se mais e mais profunda. Eu posso deixar a morte de Caleb me matar ou posso matar o filho da puta que tirou sua vida. Eu falhei com Caleb. Não posso falhar com ela.

Capítulo 7

Victoria

Tudo o que posso ouvir é o sinal sonoro e repetitivo de algum lugar ao meu lado. Tudo dói quando me esforço para abrir os olhos. Eu pisco contra as luzes fluorescentes ofuscantes e tento avaliar à minha volta. Estou em uma cama. Virando a cabeça em direção ao sinal sonoro vejo um monitor cardíaco, uma linha verde ondulando pela tela. Um hospital. Estou em um hospital. Minha cabeça está nebulosa e me esforço para lembrar como cheguei aqui. A última coisa que me lembro... eu engulo quando a bile aumenta em minha garganta. A última coisa que me lembro é de Joe. Vergonha e nojo correm sobre a minha pele como um enxame de insetos. Fecho meus olhos e pressiono a cabeça para trás contra o travesseiro quando imagens passam pela minha mente. Tudo o que posso ver é o pequeno sorriso de Caleb antes de Joe colocar uma bala em sua cabeça. Uma dor, que eu não sabia que existia, me consome de dentro para fora, uma dor tão intensa que a morte, até mesmo de minha mãe, parece ser um passeio no parque. Várias lágrimas deslizam pelo meu rosto enquanto penso nele. Eu esfrego a palma da mão sobre o meu coração quando perco o fôlego. Sinto que nunca vou ser inteira novamente. Caleb foi uma luz brilhante neste mundo escuro e feio, e agora ele se foi, e eu estou em queda livre neste poço do desespero. Eu desejo que Joe tivesse apenas me deixado morrer.

A porta se abre e eu olho para cima quando Jude entra na sala. Meu coração pula em uma corrida e minha pele irrompe em um suor frio enquanto ele fecha a porta atrás dele. Nossos olhos travam e uma enxurrada de emoções me bate. Eu nunca pensei que iria vê-lo novamente e isso arranca um soluço da minha garganta. Eu pressiono minha mão sobre a boca e os tubos em volta do meu braço repuxam.

Ele está ao meu lado em um instante, deslizando gentilmente um dedo sobre a minha bochecha. —Eu sinto muito, Tor.

Eu nunca ouvi sua voz tão suave antes. Aperto meus olhos fechados, incapaz de olhar para ele com a guerra emocional que está sendo travada dentro de mim. Seus olhos percorrem o meu rosto. Seu cabelo está uma bagunça e olheiras se formaram debaixo dos seus olhos. Eu nunca o vi parecer outra coisa senão completamente controlado, o mestre de seu próprio império. Agora, porém, ele parece destruído. Seu irmão morreu. Caleb morreu. Eu quero sentir pena dele, mas estou consumida pelo meu próprio sofrimento. Eu gostaria de poder dizer alguma coisa, mas não há nada a dizer. Seu irmão morreu tentando me salvar.

—Tor. — ele sussurra.

Eu viro meu rosto para longe dele. Não posso olhar para ele. Eu sinto tudo de uma vez e é muito, então me desligo. Eu não quero sentir.

—Tor. — Ele passa o dedo sobre a minha bochecha e eu instintivamente recuo. Jude se afasta da beira da cama e suspira. — Eu preciso que você saiba que quando eu disse o que disse. Eu... — Ele balança a cabeça antes de continuar. —Ele precisava acreditar que você não era nada. Qualquer um que significa algo para mim acaba morto... — sua voz se quebra.

Lembro-me do momento exato em que ouvi essas palavras, pois foi o momento em que eu desisti. Foi o momento em que percebi que não era nada e que nenhuma ajuda ia chegar. Foi o momento que me despedaçou e nenhuma palavra pode colocar esses pedaços estilhaçados de volta juntos.

—Você é tudo! — ele murmura.

Eu não quero ser tudo. Aceitei o meu destino. Aceitei que não signifique nada para ele. Eu estava disposta a morrer. Eu queria morrer. No segundo que ouvi a voz de Caleb na outra extremidade do telefone, meu único desejo era que Jude fosse mantê-lo seguro.

Ele falhou.

Eu queria ter sido quem morreu, porque lidar com a perda de Caleb é uma agonia que não posso suportar. Fecho meus olhos e ainda posso ver seu rosto sorridente, com um traço de inocência. Eu sabia que ele nunca iria realmente perder isso, porque ele era bom em todos os sentidos que importava. Ele morreu tentando me salvar e sua perda traz uma dor que não posso nem começar a descrever. Então me desligo. Chamo de autopreservação. Há um limite que uma mente pode suportar antes que ela se quebre.

—Por favor, saia. — sussurro, sem olhar para ele.

Suas sobrancelhas se franzem em uma carranca profunda e ele anda em minha direção como o predador que é. Seus dedos envolvem em torno do meu queixo, forçando os meus olhos a encontrar com os dele. —Você passou por um inferno. Eu entendo isso, mas me escute, você jamais será nada, você é tudo. — Meu peito aperta e as lágrimas ameaçam derramar. —Ele tomou Caleb de mim, não deixe que ele a leve também. — Sua voz é quase um sussurro enquanto ele olha para mim, me implorando com os olhos. Sei que deveria sentir alguma coisa com suas palavras, mas eu não sinto. Não consigo.

Há uma batida na porta e um médico entra na sala carregando uma prancheta. Ele me abre um grande sorriso que não retorno.

—Senhorita Pearson, eu sou o doutor Perry. Como está se sentindo? — Eu permaneço em silêncio e ele limpa a garganta. — Precisamos discutir o que aconteceu com você.

—Eu quero que ele saia. — rapidamente digo, apontando para Jude.

—Por que eu preciso sair? — Jude cerra o maxilar e eu posso dizer que ele está lutando contra o desejo de acrescentar alguns xingamentos.

Dirijo meu olhar em direção ao médico, implorando.

—Atenda seu pedido, eu preciso falar com ela sozinha. Por favor, desculpe-nos, Sr. Pearson.

Jude levanta, olhando para o médico durante todo o caminho até a porta. Ele abre e olha de volta para mim. —Vou fumar. Eu já volto.

A porta fecha com um estalido e o médico olha para mim. — Como você está se sentindo? — repete.

—Bem.

Fisicamente estou tão bem quanto se pode esperar, mentalmente eu nunca vou ficar bem.

Ele balança a cabeça. —Você passou por muita coisa. A infecção que você teve foi controlada. Todos os exames voltaram negativos para micro-organismos. Acho que você vai ser capaz de ter alta em poucos dias. — Ele está olhando para mim, e eu conheço esse olhar. Não é algo que ele já tenha dito, então não tem exatamente certeza de como abordar isso.

—Você sabe quanto tempo ficou sequestrada?

Eu franzo a testa e tento pensar, lembrar, mas tudo é um borrão. —Eu não sei, dias, semanas. — Eu dou de ombros. —Por que isso importa?

—É rotina para dar a cada paciente uma provável data de gravidez, senhorita Pearson... — Oh, Deus!

—Não. — Eu balanço minha cabeça. Eu vou ficar doente. — Não, não, não. — repito para mim mesma. Eu arrasto a mão pelo meu cabelo. Isso não está acontecendo.

O médico vai até a cabeceira. —Senhorita Pearson...

—Eu quero-o fora! — grito com ele.

—Por favor, eu entendo que isso é difícil, mas, por favor, acalme-se apenas por um momento.

Eu salto para fora da cama, puxando os tubos fora dos meus braços. Sangue escorre de ambos os pulsos.

—Senhorita Pearson! — ele grita, enquanto recua para abrir a porta. —Preciso de ajuda aqui— grita para o posto de enfermagem.

Eu viro de costas para ele e rasgo o vestido do hospital para baixo dos meus ombros, expondo minhas costas. —Quantas marcas estão nas minhas costas?— Grito histericamente. Há um silêncio. —Quantas?

—Seis— sussurra com uma voz embargada. Apenas seis? Eu senti como se estivesse lá por meses, e ainda assim, eu me lembro de cada marca que está queimada em minha pele. Uma por dia.

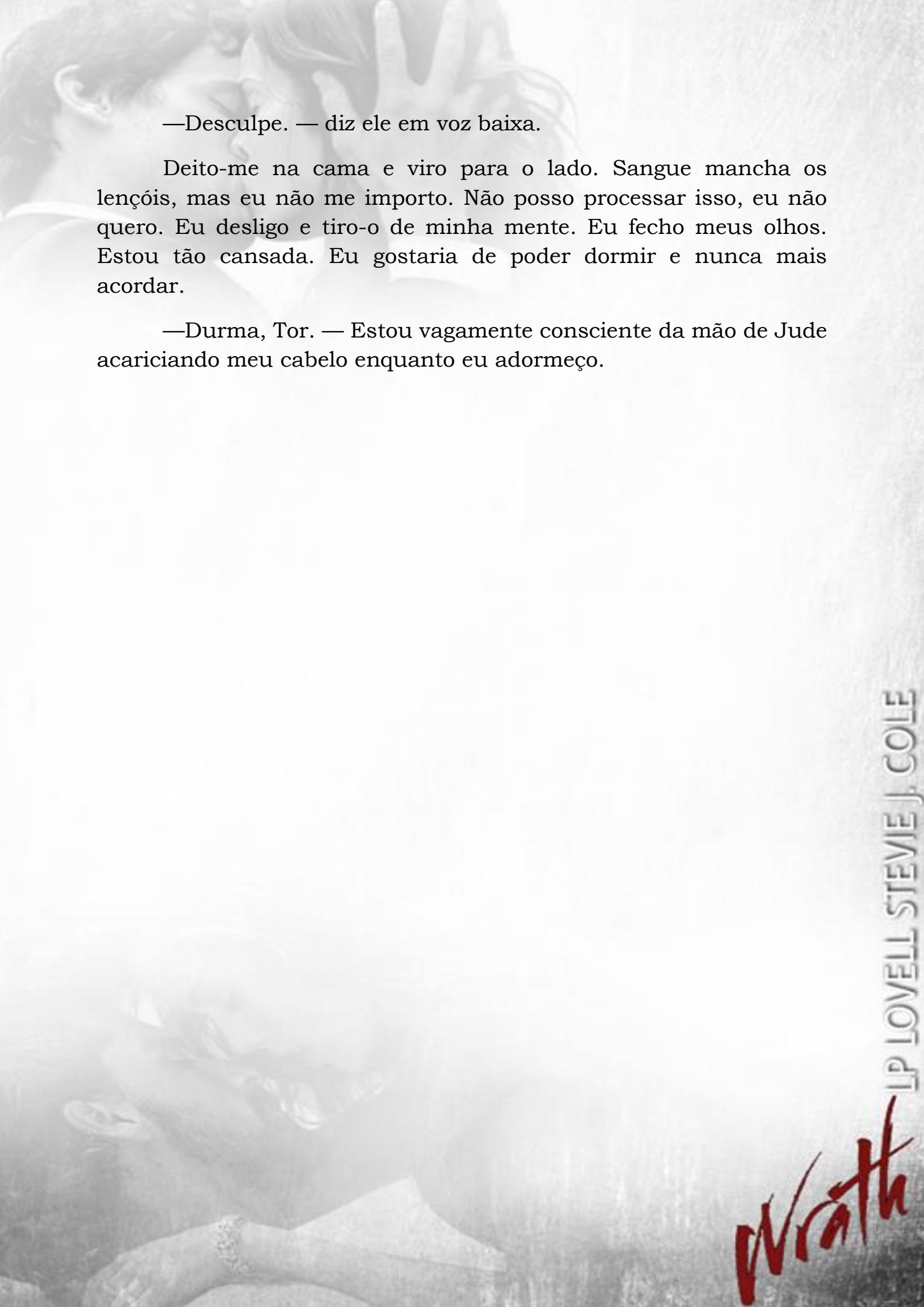
Eu coloco minhas mãos na mesa de cabeceira, minha respiração irregular. Não é de Joe, o que significa... eu me viro para encarar o médico e Jude está de pé na porta, sua expressão uma mistura de dor e raiva.

Seis marcas, uma para cada dia que Jude não chegou até mim, não é isso que Joe disse? Duas enfermeiras entram no quarto e os quatro olham para mim como se eu fosse um animal selvagem a ponto de atacar.

O médico tenta acalmar-me. —Senhorita Pearson, você precisa...

—Saia! — Minha voz é rouca e quebrada, mas ele para e acena com a cabeça antes de sair do quarto. Uma das enfermeiras se move ao meu lado e tenta tratar meus pulsos sangrando. —Saia! — Eu grito com ela.

Ela pisca um olhar nervoso para Jude e depois de volta para mim. Eventualmente, ela balança a cabeça. Silêncio enche a sala e posso sentir a tensão de Jude a partir daqui.



—Desculpe. — diz ele em voz baixa.

Deito-me na cama e viro para o lado. Sangue mancha os lençóis, mas eu não me importo. Não posso processar isso, eu não quero. Eu desligo e tiro-o de minha mente. Eu fecho meus olhos. Estou tão cansada. Eu gostaria de poder dormir e nunca mais acordar.

—Durma, Tor. — Estou vagamente consciente da mão de Jude acariciando meu cabelo enquanto eu adormeço.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 8

Jude

Ela adormeceu. E quanto mais olho para ela, mais me sinto impotente. Estou prestes a perder o controle aqui. Eu ainda não posso, porra. Ando de um lado para outro na sala. Alguns enfermeiros entram silenciosamente, olhando-me enquanto checam a sua medicação e me desculpo, puxando meus cigarros do bolso faço o meu caminho pelo corredor branco.

As portas de vidro se abrem. A súbita brisa faz com que minha pele formigue. Eu aciono o isqueiro, puxo a primeira tragada profunda em meus pulmões e espero que um pequeno pedaço dessa tensão se desfaça. Inclino-me contra a parede exterior de tijolos e puxo baforada após baforada. Fecho meus olhos para isolar o mundo do lado de fora e assim que eu faço, tudo que posso ver é ela. Tudo o que posso ver é como ela ficou fodida por minha causa. Eu nunca quis isso para ela. Nunca quis que ela fosse jogada na minha vida, mas... um dia ela apenas estava lá e, uma vez que estava lá, eu não tinha controle sobre o que aconteceu. Porra, nunca em um milhão de anos eu estaria destinado a amá-la, mas o destino é uma cadela sádica filha da puta. Observei-a se quebrar contra a minha vontade... a vi se transformar em algo que não merecia. Ela rasgou esses vazios e fendas escuras em mim que ninguém nunca se aventurou. Tor me fez sentir, porra. Ela lembrou-me que havia mais na vida do que assassinato, dinheiro e vingança.

Meu telefone toca e abro meus olhos dando uma longa tragada no cigarro. Olho para a tela e encontro um texto de um número desconhecido. É, obviamente, Joe. Eu sei que não deveria lê-lo, mas toco na tela, soprando para fora um fluxo constante de fumaça enquanto leio as palavras: *eu deixei você encontrá-la. Deixei-a apenas para você. Eu vou até você em breve, mas até então...* Eu noto que tem um anexo e o abro.

O vídeo embaçado lentamente entra em foco. Vejo Tor ser colocada sobre uma mesa, coberta de sangue com suas roupas rasgadas. Alguém empurra Caleb na frente dela e todo o meu corpo tensiona.

—Você vai transar com ela e eu vou filmá-lo. Vou enviar para Jude. — a voz de Joe surge no alto-falante e o meu sangue congela.

Eu não deveria olhar, mas não consigo. Por alguma razão, porra, eu não consigo. Assisto horrorizado quando Caleb se recusa a estuprá-la. Vejo Tor pressionar a arma em sua testa desafiando Joe a atirar nela.

—Faça-o— diz ela, com a voz fraca. Parece que ela mal tem forças para sentar-se, mas há determinação em suas palavras, o que me arrasa.

Joe sorri para ela e, em seguida, sem aviso, ele se vira e coloca uma bala entre os olhos de Caleb. Fecho os olhos, respirando rapidamente para anestesiar a dor que ameaça me derrubar. O som do tiro ecoa em meus ouvidos e Tor grita. Não consigo respirar. Sento-me na calçada. Meus olhos travam na tela olhando para a imagem congelada com o sorriso torcido de Joe.

Ondas de raiva e tristeza me atravessam. Todo o meu corpo treme enquanto digito o número de David e coloco o telefone no meu ouvido. Depois de três toques, David atende. —Olá?

—Encontre-o! — Rosno. —Você vai achar aquele filho da puta doente!

—Jude, você tem que se acalmar um pouco ou você vai ser preso antes de encontrá-lo!

—Ele matou Caleb.

—Eu sei. Sinto muito, JP.

—Encontre-o, David. Fodidamente o encontre!— Desligo o telefone cerrando o punho em torno dele.

Eu vou encontrar Joe e vou matá-lo de uma forma que o diabo iria achar cruel e injusto.

Termino o meu cigarro e retorno para o quarto de Tor. Está escuro, exceto pela lâmpada fraca na parte lateral da cama. Ao me aproximar dela, as sombras brincam sobre seu rosto machucado. Seu cabelo escuro se espalha sobre o travesseiro. Afasto uma mecha de cabelo do seu rosto e os fios macios escapam por entre meus dedos. Eu arrasto minhas mãos pelo meu cabelo, andando ao lado da cama antes de me sentar na cadeira em sua cabeceira. Sento-me e apenas olho para ela. Eu não sei exatamente o que vamos fazer a partir de agora. Isso tudo é um jogo para Joe e, nesse momento, eu estou perdendo. Ele não vai parar. Ele vai continuar vindo atrás de mim e, mais uma vez, ela estará na linha de fogo, porque eu a amo. E ele sabe muito bem disso. Eu tomo a pequena mão de Tor na minha e pressiono meus lábios nos seus dedos.

Eu nunca mais quero sair do seu lado. Tudo que quero é que ela seja feliz e segura, mas ela agora está tão longe dessas duas coisas quanto possível. E nada pode mudar isso.

Hoje cedo Tor disse que queria sair do hospital. Disse que era demais para ela lidar. Quando eu disse que não, ela armou um barraco e arrancou os tubos antes de correr para fora do quarto gritando por um médico. Eles estavam hesitantes em deixá-la sair,

mas bem, ela é fodidamente persistente. Ela recebeu uma prescrição de antibióticos e nós saímos.

Olho para o banco do passageiro e Tor já apagou. Ela adormece e desperta por toda a viagem de três horas. Há tanta coisa que quero dizer a ela, mas não digo, porque, honestamente, tão frágil como ela está agora, eu estou com medo. Inferno, tenho medo que eu esteja à beira de um colapso mental, então só posso imaginar a merda que ela está sentindo. Ela acorda assustada quando os pneus sobem o meio fio da calçada.

—Está tudo bem, boneca. — digo, estendendo a mão para tocar suavemente sua perna enquanto estaciono o carro.

Eu rapidamente faço o meu caminho para a porta do passageiro, abrindo para ajudá-la. Ela faz uma pausa e olha para a casa. Esta é a casa onde tudo em sua vida foi para o inferno e, agora, é a única casa que ela tem. Só queria saber se é isso que ela está pensando agora.

Dou um passo à frente, mas ela permanece congelada no lugar. —Tor?

Ela envolve seus braços em volta dos ombros e balança a cabeça. —Ele sabe. — diz baixinho, os olhos vagos. —Ele está vindo atrás de mim. Ele sabe.

—Do que você está falando, Tor?

Ela está descontrolada. Parece uma louca e me preocupo que talvez ela tenha perdido a última porção de sanidade que ainda tinha.

—Ele sabe onde me encontrar— ela sussurra.

Eu gentilmente viro seu rosto para mim e me inclino no nível dos seus olhos. Ela está olhando diretamente através de mim.

—Joe sabe onde é minha casa?— pergunto. Tudo o que ela faz é acenar a cabeça. Suspirando, olho em volta dos bosques que rodeiam a casa e puxo-a contra mim, passando os braços em torno de seu corpo, tranquilizando-a. — Eu juro por Deus, não vou deixar

nada acontecer com você. Eu tenho guardas. Joe não é estúpido o suficiente para pôr os pés na minha propriedade.

—Ele vai matar você. — Ela fala com a expressão em branco.

Eu esfrego minha mão para baixo em sua coluna e descanso meu queixo no topo da cabeça dela. —Não, ele não vai. É por pouco tempo. Apenas alguns dias e prometo que vamos embora. Eu só tenho que pegar algumas coisas aqui, boneca.

Ela hesita antes de lentamente se mover. Nós fazemos o caminho até as escadas em silêncio. Eu abro a porta e Marney está na poltrona assistindo televisão. Ele olha para nós, franzindo a testa quando olha para Tor. Ele se levanta e vem para ficar ao nosso lado, colocando um braço ao redor dela. Ela joga os braços ao redor de sua cintura larga, chocando a merda fora de mim.

Ele a abraça, seus olhos marejados. —Nós vamos cuidar de você, querida. — Seus olhos se fixam nos meus. —Nós vamos cuidar dela.

Eu guio Tor através da casa e quando passamos pelo quarto de Caleb sinto seu corpo tenso. Eu propositadamente não olho para lá, mantenho meu olhar fixo a frente. Recuso-me a deixar minha mente ir até lá. Não posso me afogar nesse sentimento de merda tentando me engolir, porque não poderei cuidar dela se o fizer. Eu inspiro, dizendo a mim mesmo para viver em negação de que Caleb está realmente morto. Negar é a única maneira que eu posso administrar isso.

A porta do meu quarto range aberta e ela caminha lentamente, parando ao lado da cama. Sei que deveria dizer algo a ela, mas o que diabos eu diria? Cada-fodida-coisa foi tirada dela. E o que me assusta mais é que sei o que acontece quando tudo é arrancado de você. Sei o que a maldita violência neste mundo faz até para as pessoas mais fortes. Isso faz você dormente; gera ódio, e faz de você a porra de um monstro.

Ela caminha até a imagem da minha mãe e irmã e olha para elas.

Pela primeira vez desde que as perdi, quinze anos atrás, sou grato que Joe as matou. Na verdade, foi um ato de misericórdia, porque se ele não tivesse feito, elas estariam no mesmo lugar que Tor está agora. Um olhar para seus olhos me diz que ela está em um lugar pior do que o inferno. Ela está sofrendo e quero tirar essa dor dela. Quero apagar cada coisa horrível que aconteceu com ela. Se pudesse eu seria a porra de um mártir por esta mulher.

—Sinto muito. — digo, enfiando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

Ela se encolhe, a respiração trava enquanto seus olhos voam até mim. Minha garganta aperta. Desculpas não chegam nem perto de como me sinto e essa palavra não significa nada. É apenas uma palavra, mas é a única palavra que posso pensar para dizer a ela. Minha mente está tão confusa, porra.

—Sinto muito que demorei para encontrá-la. — sussurro. —Eu tentei. No segundo que Joe me ligou eu comecei a procurar. — Suspiro. —Eu falhei com você.

Quero gritar. Eu quero dar um soco em alguma coisa, mas não posso.

Ela permanece em silêncio. Seu dedo traça lentamente sobre a imagem e, em seguida, ela se vira para mim. —Agora eu entendo — sussurra.

—Entende o quê?

Seus olhos vazios encontram os meus. —Você — diz.

Porra. Seu comentário me apunhala. Eu não quero que ela seja capaz de entender nada disso. Seu coração está batendo, mas por dentro, está morto e enterrado. Não me lembro de quantas vezes tive sangue em minhas mãos sem a menor pontada de culpa, sem o menor pensamento de que fiz algo errado. O que aconteceu com Tor traz uma onda de culpa em cima de mim que quase me derruba no chão. Eu gostaria que ela chorasse, ou me culpasse, qualquer coisa, porque não posso lidar com este seu estado apático, sem emoção nenhuma.

—Eu não sei como ajudá-la... — murmuro, enquanto cautelosamente ando em sua direção.

—Você não pode me ajudar. Ninguém pode... — ela diz baixinho.

Delicadamente pego sua mão, puxando-a contra mim. Ela imediatamente endurece e eu congelo. —Tor— digo baixinho. — Eu *nunca* iria machucá-la. — Engulo em seco, porque não tenho certeza se ela pode acreditar em mim.

Minhas emoções estão uma confusão, sempre balançando entre raiva, culpa e tristeza, então apenas concentro-me nela. Concentro-me na sensação dela em meus braços, no fato de que tenho que manter tudo sob controle para protegê-la, porque ela é tudo que me resta agora que Caleb está morto.

Passo minha mão na sua lateral. Ela está tão magra que posso sentir cada porra de costela. Ela se afasta de mim e sem dizer uma palavra sobe na cama. Deita no seu lado e dobra os joelhos contra o peito.

Ela parece pequena e fraca e quebra a porra do meu coração. Isso é tudo o que resta, uma casca da pessoa que ela foi uma vez. Joe matou minha família. Ele matou meu irmão e deixou-o na sala para apodrecer com Tor. Ele manteve Tor viva pelo simples fato de que ele me conhece e vê-la como está agora seria a forma mais cruel de punição que poderia infligir em mim. Ver alguém que você ama sofrer é pior do que enterrá-lo, especialmente quando você sabe que não há correção possível.

Tudo o que posso ouvir são as minhas respirações pesadas. Está muito escuro. Sem luz em qualquer lugar. Como é que ele a levou da minha própria maldita cama? —Tor? — Eu grito alto. Corro pelo

corredor vazio, as solas dos meus pés descalços batendo no concreto frio. —Tor?

Meu coração está batendo na minha garganta e então uma luz se acende. Joe está com ela e Caleb. Ele está a apenas cerca de trinta centímetros na minha frente. Eu corro, mas mal posso me mover. Estou me movendo tão lento que é como se houvesse um peso pressionando contra mim. A risada sinistra de Joe ecoa através dos meus ouvidos e minha pele arrepia. —Não é bom o suficiente para salvá-los, hein, rapaz?

Eu vejo quando Joe puxa uma arma e aponta para a cabeça de Caleb.

—Não!— Grito, tentando alcançá-lo. Um estalo alto ressoa e Caleb desaba no chão. Tor grita. Joe ri. Sinto-me tão fraco, todo o meu corpo está tão pesado como chumbo. Joe se aproxima de mim e eu ergo meu punho para bater nele, mas o golpe mal encosta na sua bochecha.

—Fraco. Você. É. Fraco!— ele zomba.

Meus olhos se abrem e sento-me na cama antes de me levantar. A adrenalina está inundando o meu corpo, colocando a minha pele em chamas e fazendo meu coração disparar. Calço meus sapatos, tentando recuperar o fôlego enquanto traço meu rumo. Uma pequena faixa de luz está vindo através da porta e vejo Tor dormindo no centro da cama. Eu caminho até o banheiro e apoio meus braços contra a borda da pia. Ligo a torneira e espiro um pouco de água fria no meu rosto e em seguida olho para o meu reflexo. Posso ver o meu pulso batendo na minha jugular e têmporas. Já não é o suficiente que ele atormente todos os meus pensamentos quando estou acordado, ele também invadiu o meu subconsciente. Joe Campbell é o único homem que eu já temi e para terminar com isso, tenho que matá-lo.

Estou acordado desde as duas horas da manhã. Toda vez que fechei os olhos para dormir vi o rosto de Caleb. Eu não posso continuar assim. Eu não posso ir lá.

Ando em torno de um nevoeiro, nem tenho certeza do que fiz hoje, além de sentar e assistir Tor dormindo, tentando forçá-la a comer quando acordava. Marney deixou as coisas prontas para o enterro de Caleb, porque, bem, eu simplesmente não consegui. Deitei-me ao lado de Tor, deslizando minhas mãos sobre seu braço.

—Ele matou Caleb porque ele não quis me estuprar. — ela sussurra.

Eu engulo e aceno com a cabeça. —Está tudo bem Tor.

Sento-me lá por mais de uma hora segurando-a e pensando silenciosamente sobre o que eu poderia ter feito para que as coisas tivessem terminado diferentes. Há uma batida suave na porta e Marney a empurra aberta. —Estamos prontos, Jude.

O sol está lentamente se pondo, os tons de laranja apenas visíveis através das árvores grossas. Eu pego a alça do caixão e olho para frente. A mão de Marney vem para descansar no meu ombro antes dele segurar a alça atrás da minha. —Ele era um bom garoto— Marney diz solenemente. —Realmente um bom garoto. — Eu posso ouvi-lo lutando contra as lágrimas.

Rich e Paul tomam o outro lado do caixão e o levantamos do chão. É tão sem sentido, porra. *Ele era apenas um garoto.* O fato de que o corpo do meu irmãozinho está dentro desta caixa, agora descansando no meu ombro, faz com que o meu peito aperte e queime. Essa porra dói. Isso aqui torna tudo muito real. Caleb se foi e não posso negar por mais tempo. Por um momento os meus joelhos ameaçam ceder diante da realidade que está muito rapidamente se instalando.

Eu olho para frente de mim e encontro Tor perto do monte de terra vermelha, olhando distraidamente para o buraco. Uma leve brisa sopra, trazendo seu cabelo para a frente do seu rosto. Ela não se preocupa em afastá-lo.

Descemos o caixão na cova. Marney passa para o lado, balançando a cabeça. Nós todos estamos ao redor do túmulo em silêncio. Eu deveria dizer algo, mas o quê? Caleb está morto e qualquer porra de coisa que eu diga não vai mudar isso. O silêncio é tudo que posso suportar. Continuo dizendo a mim mesmo que isso não é real, que esta não é a minha vida. Eu não quero mais esta vida. Estou muito cansado de cada dia ser uma luta, de estar sempre em guarda, eu nunca me senti assim antes dela. Se eu pudesse levar tudo isso para longe e apenas tê-la...

—Ele está com seus pais agora. — Marney soluça um pouco e pega seus cigarros. —Nós vamos fazer isso direito, Caleb. Eu prometo a você e a seus pais que nós o faremos. — Ele acende o cigarro, seus olhos lacrimejando, então se vira de costas para nós e olha para dentro da floresta.

Eu fecho meus olhos e o vídeo volta a minha cabeça, a expressão no rosto de Caleb quando Joe atirou nele, a maneira como seu corpo estremeceu quando a bala atravessou seu crânio. Cerro os punhos e mordo meu lábio inferior. Abro os olhos, pego a mão de Tor e a puxo para o meu lado. Eu estou entorpecido enquanto assisto a primeira pá cheia de terra ir para baixo em cima do caixão de metal, seguida pelas próximas. Parece tão errado colocá-lo no chão assim, mas não temos outra escolha.

Um sofrido soluço escapa de Tor e seus dedos se cravam em meus braços, o corpo tremendo. Quero bloquear o som da terra batendo no caixão, mas não consigo. Abaixo a minha cabeça e choro, porra. Nenhum homem pode gerenciar esse sentimento, mesmo o mais duro dos homens tem seu ponto de ruptura e este é o meu. Descanso meu queixo no topo da cabeça de Tor, lágrimas silenciosas escorrendo pelo meu rosto.

Terminei. Não há nenhum ponto na luta. Meu pai perseguiu Joe até morrer. Meu objetivo na vida tem sido matar aquele filho da puta e tudo isso me custou cada última coisa que era para eu cuidar. Joe Campbell é a própria morte e destruição, e não estou mais disposto a correr esse risco. Desisto. Vou deixá-lo vencer. Isso é



demais, porra. Assombrar meus sonhos é tudo que ele quer e não vou deixá-lo tomar mais nada de mim.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 9

Victoria

Eu estou oca, como se tudo dentro de mim tivesse sido arrancado. Caleb está morto. Seu corpo enterrado debaixo de sete palmos de terra. Eles dizem que um funeral lhe dá encerramento, mas eu não me sinto assim. Tudo que sinto é essa dor devastadora que parece que nunca vai embora. Minha alma chora pela perda de Caleb. Esfrego sobre o meu peito onde fica meu coração.

Jude está longe de ser encontrado e agradeço por isso. Ele me olha como se eu fosse desmoronar a qualquer momento. Ele tenta falar comigo, mas não posso falar com ele. Caleb era a pessoa que eu conversava. Ele gostava de me ouvir, sentia empatia comigo. Caleb era bom e correto. Ele manteve a moral em um mundo onde ela já não existia mais.

Levanto-me do sofá e percorro a sala cheia de homens. A casa geralmente cheia de fumaça está perturbadoramente calma e uma nuvem de tristeza se instala sobre ela. Todo mundo adorava Caleb. Não aguento mais. Preciso ficar sozinha. Ninguém presta atenção em mim quando eu saio da sala. Abro a porta da frente e, silenciosamente, fecho atrás de mim, descendo os degraus da varanda para a grama. A grama escova contra meus pés descalços enquanto ando até a parte de trás da casa em direção à floresta. As lápides parecem tão sombrias, sombreadas pela árvore de carvalho.

Passo meus dedos sobre o mármore liso da lápide de Caleb e minha garganta aperta.

—Hey Caleb — sussurro. É estúpido, mas me sinto perto dele aqui, como se de alguma forma a sua presença ainda permanecesse. Eu não acredito realmente em Deus. Não acredito em céu e inferno. Nunca pensei muito sobre isso. Pelo amor a Caleb, porém, eu espero que o céu seja real. Espero que ele seja eternamente feliz e amado. Eu quero isso para ele mais do que qualquer coisa neste mundo.

Deito na grama ao lado de sua sepultura e olho para as estrelas espalhadas por todo o céu claro. —Eu sinto sua falta. — Libero um suspiro trêmulo. —Muito.

Eu limpo uma lágrima que desce pelo meu rosto, mas é inútil porque mais aparecem. —Eu não posso fazer isso sem você— sussurro. Uma brisa suave agita as folhas acima de mim. Eu viro e pressiono a palma da mão na grama recém-colocada. —Eu não quero. — Aperto meus olhos fechados, meu peito arfando. Deveria ter sido eu a morrer. Eu queria que tivesse sido. Eu ainda desejo isso. Joe me desnudou e me deixou sem nada, me quebrou de uma forma que nenhum ser humano deveria ser quebrado, e então ele tomou Caleb de mim. Eu iria suportar tudo de novo, toda a depravação se isso trouxesse Caleb de volta.

—Eu não sou forte o suficiente para isso, Caleb! — Choro. Encosto meu rosto na grama e minhas lágrimas mancham o chão. — Só quero que isso acabe. — Eu não posso ver além disso, não consigo me imaginar ficando bem novamente. Não visualizo o futuro. Houve um tempo que eu queria ser uma médica, me casar e ter filhos. Agora, porém... minha mão subconscientemente se move para o meu estômago. —Não posso ser uma mãe. Não posso ser qualquer coisa— eu sussurro. Eu não posso ter esse bebê. —Jude vai entender — digo a mim mesma, ou a Caleb. Nem sei mais o que estou dizendo.

Mas como Jude pode compreender? Como ele pode saber o que é viver assim? Ninguém pode, a menos que já tenha experimentado. Ninguém pode saber a profundidade do meu desespero, o poço de ódio de mim mesma que reside em mim. Caleb era a única pessoa que podia ter sido capaz de me ajudar.

Jude não vai entender, mas honestamente, eu não me importo. Eu sou egoísta.

Fico ali por um longo tempo. Podem ter sido minutos ou horas. Eu não sei. Meus olhos pegam um movimento à minha esquerda e dirijo o olhar em direção a uma figura sombreada saindo de trás da árvore. Sento e movo a minha mão para minhas costas, e meus dedos curvam em torno da arma que tenho na cintura dos meus shorts.

—Inferno, estou apenas verificando você. Você não tem que atirar em mim, querida.

Solto o fôlego que tinha prendido e a figura corpulenta de Marney aparece. O cigarro brilha na escuridão, uma nuvem de fumaça flutuando em torno dele. Eu libero o meu domínio sobre a arma e levanto, sem palavras.

Antes que eu possa me afastar, ele fala. —Então, aposto que Jude não sabe que você está grávida, hein?

Eu olho para o chão, permanecendo em silêncio. Merda.

Ele dá uma tragada no cigarro e exala lentamente. — Humm. — Dá mais uma longa baforada. —É de Jude?

Eu ouço o que ele não diz. É de Joe? Se fosse, iria tirá-lo eu mesma. Concordo com a cabeça e engulo o nó na garganta. Eu sei que ele tinha que perguntar, mas apenas o pensamento me faz querer vomitar.

—Eu não quero que ele saiba— digo entre os dentes.

Marney chuta a grama, olhando para frente. —Ele vai descobrir quando você começar a parecer como se tivesse engolido uma melancia, maldição, você sabe disso, certo?

Ele achará Joe antes disso. Vai acabar antes disso. De um jeito ou de outro. —Eu sei— falo.

Ele caminha até mim e coloca o braço em volta dos meus ombros. —Você já passou por muita coisa. Por que nós apenas não voltamos para dentro? Você precisa descansar... — ele se inclina para

baixo, trazendo seu rosto para o nível dos meus olhos e seu olhar suaviza. —...e comer.

—Por favor, não diga a ele — Eu imploro. *Só iria piorar a situação.*

Ele aperta os olhos e inala profundamente. —Eu não vou dizer a ele. Você deve ser a única a fazer isso.

Concordo com a cabeça, olhando uma vez mais para a sepultura de Caleb. A dor constante no meu peito se intensifica e me pergunto se ela um dia vai embora. Viro-me e volto para casa. O som dos passos pesados de Marney atrás de mim.

Abro a porta da frente e vou direto lá para cima, ansiosa para escapar de seu escrutínio. Posso praticamente sentir seus olhos queimando um buraco em minhas costas.

Quando abro a porta do quarto de Jude, encontro-o sentado na beirada da cama com a cabeça entre as mãos. Ele olha para cima, seus olhos percorrendo meu corpo. Eu olho para baixo e detecto as manchas de grama na minha bermuda. Seus olhos pousam sobre elas e ele suspira.

—Ele nem sequer me disse que estava indo, porra. Deixei-o aqui e tudo o que eu estava preocupado era em encontrar você... — Seus olhos encontram os meus e seu rosto enruga.

Caleb veio atrás de mim porque eu saí, apesar de ter me implorado para não ir. Ele veio atrás de mim e então eu assisti Joe colocar uma arma na sua cabeça e puxar o gatilho, porque ele não iria me estuprar. Ele morreu porque Joe estava me punindo, porque eu queria que ele *me* matasse. Ele morreu porque ele sempre fazia o que era certo. Eu mordo meu lábio, quando a onda de dor e culpa me acerta novamente.

Jude abaixa a cabeça e inala profundamente. —Eu o trouxe para esta merda.

Não há nada que eu possa dizer, porque, em última análise, nada pode trazer de volta Caleb. Ele se foi, e não há palavras que façam isso melhor.

Fiquei acordada, incapaz de dormir com muito medo do que me espera se eu fechar meus olhos. A luz do amanhecer vagueia em torno das bordas das cortinas pesadas e ouço o canto de um pássaro, permitindo que a minha mente derive em sua felicidade. Os sons suaves se misturam com a respiração pesada de Jude atrás de mim. Seus braços estão em volta de mim com tanta força que mal posso respirar. Mas eu não luto com ele. Permito que me abrace porque ele precisa e, honestamente, há momentos em que me sinto como se seus braços fossem tudo o que está me segurando.

Desde que me salvou, Jude e eu mal nos falamos. Não acho que ele saiba o que dizer para mim. A morte de Caleb o atingiu com força e me assusta vê-lo tão para baixo e desligado. Normalmente Jude é inquebrável, 'destruidor de qualquer um em seu caminho'.

Vejo o jeito que ele me observa e cada vez que me toca é como se eu fosse imediatamente explodir em lágrimas. Nosso relacionamento é... eu não sei o que é, parece tão trivial agora. Deixei-o por uma razão, mas agora tudo mudou. Eu nem sei se ainda o amo. Acho que não sou mais capaz de sentir. Quanto a Jude... se ele já não me amava antes, então definitivamente não ama agora. Quem amaria? Estou bem danificada, marcada, fodida pelo próprio homem que ele odeia. Eu já não sou a garota inocente que ele gostava tanto. Sou mais escura do que ele é. Estragada além da medida. Tudo o que aconteceu comigo me mudou. Posso sentir isso como uma cobra enrolada em volta do meu pescoço, me chamando para sua dormência e profundezas escuras, e eu a abraço. Agradeço por isso, porque significa que não tenho que sentir, o que me permite sobreviver.

Jude se mexe. Seus lábios passeiam pelo meu ombro em um arremedo de um beijo antes de rolar para o lado, me liberando. Eu o ouço levantar e ir ao banheiro e então tenho a chance de sair do quarto. Faço o meu caminho através da casa, passando pela porta do quarto de Caleb. Eu não olho para ela. Caleb é a única coisa que pode romper a névoa que me cerca, a dor de sua perda poderia quebrar até paredes de aço.

A casa inteira parece estar sob esta nuvem sombria. Está calma, tranquila. Os usuais jogos de esportes da TV seguidos por gritos estridentes sumiram.

Vou para a cozinha e vejo Marney sentado no balcão de café da manhã. Eu gosto de estar em torno de Marney; ele tem essa maneira só dele. Ele é o único que não olha para mim como se eu fosse uma vítima. Ele me olha como se eu fosse uma sobrevivente, uma lutadora. Ele me trata como sempre tratou, talvez esteja um pouco mais agradável, Antes ele era um idiota.

—Bom dia. — Ele abaixa o jornal da frente de seu rosto e sopra uma espiral lenta de fumaça do cigarro.

—Oi. — Eu pego uma caneca de um dos armários e despejo uma xícara de café.

Eu me viro e sento em cima do balcão. A camiseta de grandes dimensões de Jude vai até os joelhos, como um vestido.

Eu pego a caneca de café e aperto com as duas mãos.

—Você disse a ele?— Marney pergunta sem tirar os olhos do jornal.

Ele me perguntou a mesma coisa ontem e no dia anterior. Eu realmente gostaria que ele não soubesse. —Ainda não. — suspiro.

Normalmente, ele apenas balança a cabeça, mas hoje ele levanta os olhos para mim. —Você vai ter que dizer a ele em pouco tempo, querida.

—Eu sei — sussurro. —Mas ele não está pronto para ouvir ainda.

Ele olha de volta para baixo em seu jornal, apoiando os cotovelos no balcão. —Ele não está pronto para ouvir ou você não está pronta para dizer?— murmura.

Eu não respondo porque são as duas coisas e honestamente nem sei o que vou fazer nesta fase. É algo que não consigo lidar agora; minha mente mal consegue reunir a capacidade para cuidar do resto.

—Como você está se sentindo?— Ele pergunta, puxando-me dos meus pensamentos.

—Bem.

—Eu sei que você não quer falar sobre isso, mas se você precisar... — ele para.

—Eu preciso esquecer Marney— sussurro.

Ele me espreita sobre o jornal; os lábios apertados. —Não existe esquecimento, querida, apenas sobrevivência.

Ele está certo, e isso é o que eu gosto nele. Marney não me diz que vai ficar tudo bem. Não finge que haverá um dia em que tudo isso vai ser uma memória distante, porque não haverá. A sobrevivência é tudo o que cada um de nós tem nesse mundo fodido.

—Evoluir para sobreviver— eu sussurro para mim mesma.

Ele estreita os olhos para mim e me dá um aceno duro de cabeça. —Faça o que você tem que fazer. — Um pequeno sorriso puxa em meus lábios e nós nos sentamos em silêncio por um momento.

—Você vai comer hoje?— Marney pergunta, enquanto olha para mim. Desde que voltei não tenho apetite. Toda vez que como, sinto vontade de vomitar. Jude me olha como se eu fosse uma criança, mas Marney, sabendo o que ele sabe, faz tudo parecer pior.

Reviro meus olhos. —Estou tomando café. — digo, tentando evitar seus olhos questionadores.

—Vou fazer alguma coisa. — Ele diz ao se levantar. — Não teime comigo, querida.

Eu sorrio e levanto as minhas mãos em sinal de rendição.

—Oh, — ele para enquanto puxa algo de seu bolso. —Aqui.

Eu fico olhando para o pequeno beija-flor de prata na delicada corrente na minha mão. —Onde você achou isso?— Pergunto com a voz tremendo.

—Estava pendurado no espelho retrovisor. Porque as mulheres reagem a merdas com essas coisas, eu nunca vou entender. — Ele vai até a cozinha e abre a geladeira.

Eu não posso respirar. Minhas mãos tremem, aperto meus dedos em torno do pequeno pássaro de metal. A última vez que vi este colar foi quando um dos homens de Joe arrancou-o do meu pescoço. Ele está me enviando uma mensagem. Ele está enviando uma mensagem a Jude.

Eu olho para fora da janela, para a floresta verde que se estende para além da casa. Eu costumava achá-la bastante pacífica, mas agora me parece sinistra, como se alguém pudesse estar escondido lá. Eu envolvo a corrente de prata e o colar fino ao redor dos meus dedos. Precisamos ir embora. Ficar nesta casa está me deixando nervosa. Faz apenas alguns dias desde que nós enterramos Caleb e eu tenho tentado ser paciente, tentado manter a calma, mas preciso de Jude para sair dessa casa. Sei que ele precisa se lamentar, mas aqui não é o lugar. Não é seguro. Joe sabe onde estamos e sabe que Jude está vulnerável. Como sempre, nós somos apenas peões no jogo de Joe, parte de um plano maior, onde estamos sempre dois passos atrás. Ele me disse que estava vindo até mim e minha mente me quer correndo tão longe e tão rápido daqui quanto eu puder.

Dirijo-me a janela. Jude está deitado na cama, jogando e capturando a bola de Futebol de Caleb. Ele vem fazendo isso por meia hora sem dizer uma palavra. Apenas olhando para o teto e jogando a bola. Eu preciso fazê-lo entender o perigo que estamos correndo.

—Jude, precisamos ir— sussurro.

Seus olhos travam nos meus, seus dedos segurando a bola. Ele olha para o teto e joga novamente.

Olho para ele, à espera de uma resposta que não vem. Ele apenas continua jogando a bola. Jude sempre me fez sentir segura, mas agora ele está me assustando. Este não é o formidável Jude Pearson que eu preciso.

—Jude!— Eu grito. Minha voz tremendo.

—O que, Tor?!

Não posso aguentar isso. Preciso que ele seja, bem... ele, agora. Preciso que ele assuma o controle, para que possa me sentir segura. Sem isso, posso muito bem me arriscar sem ele. A perda de Caleb me dói, assim como dói nele. Mas sei o que preciso fazer para lidar com isso.

—Por favor. — Minha voz soa desesperada.

Ele suspira, atirando a bola para o canto do quarto. —Eu disse a você que tenho algumas coisas para resolver. Quando estiverem prontas, vamos embora.

—Você não fez nada!— Eu grito. Foda-se isso. Movo-me por todo o quarto e vou para o closet, puxando uma mala da prateleira de cima. Retiro as roupas penduradas e começo a embalar dentro da mala.

—Que porra você está fazendo?— ele entra no closet e arranca a mala de mim.

Eu estico a minha mão, deixando o colar cair, ficando pendurado em um dedo. Ele olha com uma carranca no rosto. —Tor, por que...

Eu rapidamente o corto. —A última vez que vi este colar, antes de ter sido arrancado do meu pescoço, eu estava com Joe. Eu não o vi mais nenhuma vez, até ontem. — digo em voz baixa.

—Onde você achou isso?

—Marney o encontrou pendurado no espelho retrovisor do carro— digo, sem emoção.

Eu assisto sua mandíbula cerrar e ele arrasta a mão pelo rosto. —Merda.

—É uma mensagem. Ele está vindo atrás de mim. Ele me disse que viria. — digo. —Eu não posso voltar, eu não vou voltar. — Minhas mãos estão tremendo com apenas o pensamento e meu estômago se agita violentamente.

Ele me estuda, com a mandíbula enrijecida. Ele passa o dedo sobre a minha bochecha e se vira, saindo do closet sem uma única palavra. Ouço a porta do quarto se fechando, em seguida seus passos na escada.

Ah, Jude! Sei que antes ele estaria ameaçando fazer chover fogo e agora ele simplesmente foi embora sem dizer uma palavra. Deslizo pela parede e puxo meus joelhos até meu peito, descansando minha testa sobre eles. Joe quebrou-nos e o ódio por isso. Nunca quis matar ninguém antes, mas quero Joe Campbell morto mais do que quis qualquer coisa antes. Quero vê-lo sangrar e implorar. Quero ver seus olhos vidrados, assim como tive que ver os de Caleb. Pela primeira vez em dias, sinto algo além de dormência e dor. Agarro esta nova raiva com ambas as mãos. Isso se torna inebriante para mim. Isso me dá um propósito em uma vida que já não tinha mais nenhum. Eu vou matar Joe Campbell, com ou sem a ajuda de Jude.

É como se todos os pequenos pedaços da minha fodida existência se encaixassem no lugar. Evoluir para sobreviver. E isso é o que eu preciso para sobreviver. *Sangue. Vingança. Raiva.*

Capítulo 10

Jude

Eu abano a espessa nuvem de fumaça na frente do meu rosto enquanto ando pela casa. Joe, ou um de seus homens, veio até a minha propriedade sem que ninguém percebesse. Ele está zombando de mim. Fico possesso de raiva. Ele poderia ter matado todos nós, mas não quis, porque ele quer me ver desmoronar, quer me ver nos meus malditos joelhos. Ele quer que eu tenha medo dele e me recuso a temer qualquer um.

—Marney, precisamos ir embora. — Meu tom é excessivamente calmo, o que faz com que Marney erga sua sobrancelha para mim.

—Sim. — Ele toma um gole de uísque e limpa ao redor de sua boca.

Olho para Paul e Rich que estão sentados no sofá. —Vocês dois, saiam. Não quero saber para onde diabos vocês vão, apenas estejam prontos para vir quando eu chamar vocês. — Ambos olham para mim. —Levantem-se e deem o fora daqui, estão me ouvindo.

Eu os olho enquanto saem da sala.

—Comprei uma casa há um mês, — Digo a Marney. —No Caribe. Está no nome de Tor... bem, no seu novo nome.

Um sorriso se forma em seu rosto enquanto ele leva o copo aos lábios. —Humm, por que você fez isso?

—Porque eu queria que ela tivesse um lugar para ir, porra. — Pego o copo de sua mão e bato sobre a mesa lateral. —No momento em que eu achar aquele filho da puta, você vai levá-la para lá e ter certeza de que ela está em segurança. — Eu tiro a almofada do sofá e olho para dentro de sua estrutura. Pego uma grande caixa de metal e entrego para Marney. —Recolha o resto do dinheiro que temos escondido nesta casa e embale-o. Eu quero que você leve tudo isso e o dinheiro dos negócios. Se alguma coisa me acontecer, se certifique de que ela seja cuidada. Você entendeu?

—Sim— Marney ri e lentamente levanta da cadeira. —Nada vai acontecer a você, garoto. Pare de ser tão malditamente dramático. — Ele enfia a caixa debaixo do braço e anda em direção ao corredor.

Eu passo os dedos pelo meu cabelo e olho ao redor da casa. Há muitas evidências nesta casa para simplesmente sair. Tenho tantas garantias que me apossei... vou ter que queimar este lugar, porra. E talvez, apenas talvez, Joe vai ser estúpido o suficiente para pensar que estou morto. Duvido, mas não tenho nada a perder no momento.

Corro de volta pelo corredor e subo as escadas para meu quarto. As dobradiças rangem quando empurro a porta aberta. Tor está colocado as roupas em uma bolsa e olha para mim. —Estou saindo, com ou sem você— grita. —Eu vou encontrá-lo e matá-lo!

Ela se perdeu. Parece louca agora, porra. Eu arqueio uma sobrancelha para ela e balanço a minha cabeça. —Você precisa se acalmar, porra. Pare de gritar!

—Eu não posso viver assim, Jude!— Sua voz oscila um pouco e eu respiro profundamente, apertando a ponta do meu nariz.

Eu seguro-a com firmeza pelos ombros. — Matá-lo não vai acabar com essa merda. Não vai trazer de volta Caleb. Não vai mudar nada.

Lágrimas caem pelo seu rosto enquanto ela balança a cabeça. —Isto é o que ele quer. Quer que eu tenha medo. — Ela se abraça. — Ele matou Caleb e eu vou matá-lo. Não vou viver olhando por cima do meu ombro. Prefiro morrer tentando chegar até ele. — Seus olhos estreitam e vejo faíscas de vida dentro deles. —Eu quero que ele sofra, Jude.

Esta é a primeira vez que vejo alguma luta nela e quase quero suspirar de alívio, mas não é onde eu queria que ela fosse. Não há como ajudar. Não há uma coisa de merda que eu possa fazer ou dizer que leve essa sede de sangue longe dela.

—Você não pode matá-lo, Tor. — Eu ando até o closet e pego várias malas, atirando-as pelo quarto.

—Não— ela sussurra. —Mas eu posso, se você me ajudar.

Eu saio do closet e olho para ela. Ela está completamente louca se pensa que vou deixá-la se aproximar dele. —Você está fodidamente insana? Acha que vou deixá-la perto o suficiente dele para matá-lo? Porra nenhuma!— Estou respirando pesadamente só de pensar nisso. —Eu vou matá-lo, mas você não vai estar sequer no mesmo maldito estado!

Ela me estuda por alguns minutos. —Não sou um animal de estimação que você pode manter em uma gaiola, Jude. Essa não é a maneira como isso funciona. Você não estava lá. Não pode entender. Eu preciso disso.

O comentário dela me irrita. Eu entendo. Um único filho da puta matou toda a minha família e destruiu a única pessoa que eu me importo, me deixando com nada.

—Não diga isso para mim. — Meus olhos pousam na foto da minha mãe e irmã antes de voltar para Tor. —Eu entendo muito bem. — rosno.

Ela passa suas mãos através de seu cabelo e pega a mala de novo. —Tudo bem. Mas estou lhe avisando, você não pode me parar—

ela fala, me empurrando e andando pelo quarto. —Você não me possui.

Um flash de raiva passa através de mim e antes que perceba o que estou fazendo, eu a agarro e empurro contra a parede, prendendo-a com uma das mãos. Coloco meu rosto a centímetros do dela, minha mandíbula apertada. —Você vai fazer o que diabos eu disser para fazer. Não possuo você, mas dane-se, eu sei o que é melhor para você. Você não vai fazer isso comigo. Você me ouviu? — Removo minha mão da parede e ela se afasta de mim, apertando os olhos fechados e levantando os braços para proteger o rosto.

Merda. Ela pensou que eu ia bater nela. Ela está condicionada a isso agora. Eu vou matar Joe, caralho. —Porra, eu... me desculpe, Tor. Eu sinto muito. — Me aproximo dela cautelosamente, passando suavemente meus dedos pelo seu rosto e ela lentamente abaixa os braços. Seu rosto está pálido, os olhos desfocados. Seguro seu rosto com as duas mãos e olho em seus olhos. —Eu nunca iria machucá-la, boneca. Eu-eu... não posso deixar nada acontecer com você. — Os olhos dela caem no chão.

Pressiono um beijo na sua testa, inalando seu perfume delicado. Isso é terrível, quando alguém se torna vital para você... é o medo mais real do mundo.

—Eu nunca iria machucá-la. — sussurro. —Eu prometo. — A seguro firmemente por alguns segundos antes que ela finalmente relaxe contra mim.

—Você está bem?— Pergunto.

Ela balança a cabeça.

—Nós vamos embora, ok?— Eu digo, me empurrando para longe dela e caminhando até o banheiro.

Eu olho para o meu reflexo por um momento antes de pegar o espelho com as duas mãos e jogá-lo no chão. O vidro se estilhaça e voa por todo lado.

Ela aparece na porta do banheiro; sua pequena figura perdida em minha camiseta. —O que você está fazendo?— ela pergunta, brincando com uma mecha de cabelo.

Fico olhando para o buraco agora exposto no gesso. Pilhas de dinheiro estão amontoadas do mesmo modo que você encontraria em um cofre de banco. —Juntando minha merda para sair. — murmuro. —Traga-me uma dessas malas, boneca.

Ela arrasta a mala com os olhos fixos na parede. Ela observa enquanto eu encho a mala com o dinheiro, sem pedir nada. Por agora ela já sabe como essa merda funciona. Eu sou a porra de um apostador profissional. Apostadores não podem ir ao banco. Minha casa é a porra de um banco.

Marney me ajuda a continuar saqueando a casa. Nós abrimos paredes, arrancamos tábuas até colocarmos o último centavo nessas malas. Eu não tenho nenhuma ideia de quanto dinheiro tem. Chega à casa dos milhões, afinal, são dez anos de trabalho. E é definitivamente o suficiente para cuidar de nós pelo resto de nossas vidas e isso é tudo que me importa: cuidar de nós. Cuidar dela.

Eu lanço as malas pelas escadas. — Vamos lá— eu digo abrindo a porta, mas ela não está aqui. Viro-me e olho para o corredor, notando que a porta do quarto de Caleb está aberta.

Eu inspiro e empurro lentamente a porta aberta. Ela está sentada na cama, segurando uma fotografia de Caleb contra seu peito. —Vamos lá, vamos embora. —eu digo em voz baixa. Ela afasta a imagem a distância e a olha antes de se levantar e silenciosamente passar por mim. Dando uma última olhada ao redor do quarto do meu irmão eu fecho a porta suavemente, pegando as malas e seguindo Tor para fora.

Marney está esperando por nós ao lado do carro. Eu entrego a mala para ele e digo — Coloque-a no carro.

Coloco minha mão na parte inferior das costas de Tor e a guio até a porta traseira, mantendo-a aberta. —Entre.

Ela sobe, o olhar perdido, e meu telefone vibra no meu bolso. Eu retiro e olho para a tela. Há um texto de um número desconhecido: *Adoro ver você quebrar*. Um vídeo está anexado. Fico olhando para o telefone, minha garganta apertada. Eu puxo um longo suspiro e fecho o telefone. Eu não vou deixá-lo fazer isso comigo, caralho.

—Eu estarei de volta em breve, ok?— Digo. Seus olhos encontram os meus e ela concorda.

Eu vou em direção ao galpão coberto forçando a porta enferrujada para abrir. O cheiro de mofo e gasolina me cerca. Eu agarro dois galões de gasolina. No meu caminho para a casa, faço uma pausa para olhar para as lápides atrás da linha das árvores. Não deixo essa tristeza me dominar. *Raiva, porra. Raiva. Isso é o que eu preciso.*

Eu continuo andando na direção da casa e abro as tampas dos galões no momento em que passo pela porta. Despejo o líquido ao longo dos pisos, nas escadas, no porão e através dos corredores estreitos. Eu não posso evitar as memórias forçando seu caminho em minha mente. Porra! Eu respiro fundo e continuo indo, concentrando minha atenção no som do líquido quando respinga no chão. Eu vou para a sala de armas. Tudo o que Marney deixou aqui foi a caixa de explosivos no canto. Paro e despejo o resto da lata dentro da caixa de madeira.

Vou pingando o combustível restante até a garagem, antes de jogar a lata no quintal. Ouço Marney ligar o motor.

—Vá em frente e coloque em ré. —grito, acendendo o isqueiro. Coloco a chama na frente do meu rosto e olho para a casa. Hesito, porque estou a ponto de queimar tudo o que tenho, estou prestes a destruir todas as minhas memórias e a pessoa que sou. Engulo em seco e me curvo encostando a chama no fluido. Eu fico a distância observando a chama subir as escadas como uma cobra e engolir a porta da frente antes de correr para o carro e subir.

Os pneus cantam enquanto Marney acelera. Ele parte antes que eu consiga fechar a porta. Aceleramos pela estrada de terra.

Momentos depois um grande estrondo sacode as janelas do carro e reflete um brilho alaranjado no para-brisa. Tor desliza sua pequena mão na minha e treme. Inclinando a cabeça para trás contra o assento fecho meus olhos, ritmicamente acariciando seu pulso com meu polegar. Esse toque sutil, de alguma forma, me acalma, lembrando-me do porque estou fazendo isso. Por ela, por nós.

—Para onde vamos agora?— ela calmamente pergunta.

—Para a casa de Marney nas montanhas, até encontrar Joe, aí então vamos embora de vez. — Me viro para olhá-la, mas ela se mantém virada para a janela. Tudo o que ela faz é acenar a cabeça.

No momento em que chegamos ao chalé, Tor está dormindo no meu colo.

Eu cuidadosamente a ergo e saio do carro, levando-a direto para o quarto. Puxo as cobertas para trás e gentilmente a deito. Quando me viro para sair, seus dedos se agarram a minha camisa e seus olhos se abrem. —Fique— ela sussurra.

Tiro uma mecha de cabelo do rosto dela. —Vou ficar, boneca. Só vou lavar essa gasolina de mim rapidinho. — Pressiono meus lábios em sua testa antes de me afastar para sair do quarto.

Corro para o chuveiro, não querendo deixá-la sozinha por muito tempo. Me seco, visto uma boxer e subo na cama. Eu envolvo meus braços em torno dela e arrasto seu corpo para perto do meu. Agarro-me a ela como se minha vida dependesse disso e respiro seu aroma familiar. Tê-la assim contra mim faz com que meus músculos relaxem automaticamente. Ela é a única coisa em minha vida que já pareceu certo. Isso é fodido, é errado, mas eu a amo. Ela está fodendo com tudo.

Capítulo 11

Victoria

Mãos fixam-me no chão, restringindo-me e ele se inclina sobre mim. —Victoria, você sabe que lutar é inútil. — Ele pressiona o pau nojento contra mim. —Eu só vou te machucar mais. — Seu rosto se contorce em uma careta enquanto ele se enfia em mim. Eu cerro os dentes contra a dor, a invasão, a degradação.

Eu sinto seus dedos envolver em torno do meu queixo.

—Acorde, Tor.

Eu salto acordada, uma mão ainda está no meu rosto, respirações profundas soprando contra minha bochecha. Enfio minha mão debaixo do meu travesseiro e sou grata quando meus dedos batem no metal frio da arma. A agarro, puxando a arma na minha frente. Eu só posso ver uma figura sombria na escuridão.

—Fique longe de mim, porra!— Grito, soltando a trava de segurança. Minhas mãos tremem, as palmas das minhas mãos estão escorregadias com suor e adrenalina e medo correm em minhas veias. Tudo o que posso ouvir é o bater frenético do meu pulso em meus ouvidos.

—Calma, Tor! Eu não vou te machucar, porra. Abaixei a arma.

Eu me concentro nas minhas respirações, inspirar e expirar, inspirar e expirar. FRANZO a testa, confusa com o que é realidade e o que é sonho e depois consigo me situar. *Jude. É Jude. Oh, meu Deus, eu quase atirei nele!* Inclino-me até que as minhas pernas trêmulas tocam o chão e então eu corro. Por quê? Eu não sei. Apenas não consigo encará-lo. Encontro um banheiro no corredor e me tranco.

Eu só quero Joe fora. Quero ele fora da minha cabeça. Deslizo pela parede até que o azulejo frio do chão toca minhas coxas e lágrimas rolam pelo meu rosto. Eu disse que iria me vingar. Disse que iria caçá-lo por Caleb, mas quanto tempo eu posso sobreviver a isso? Jude pode ter me salvado, mas eu nunca vou ser livre. Joe estará sempre lá, esperando para me atormentar. Ele ganhou, porque mesmo depois que ele esteja morto e enterrado, ainda estará na minha mente.

—Tor?— Ouço Jude me chamando. —O que você está fazendo?— A maçaneta chacoalha e há um baque do outro lado. — Por favor, abaixe a arma. — Ele suspira profundamente. —Por favor!

Eu olho para os meus dedos ainda firmemente envolvidos em torno da pistola, o meu dedo indicador pressionado contra o gatilho. Ergo-a e olho para ela. Seria tão fácil, tão rápido. Indolor. Caleb não sentiu nenhuma dor; ele apenas... desapareceu. Eu quero ir embora. Quero que isso acabe. Seguro o punho com ambas as mãos e encosto suavemente o tambor contra a minha testa. O metal frio contra a minha pele é sedutor.

—Não faça isso, Tor. Sei o que você está pensando e não é... — Ele para e ouço sua respiração vacilar. —Eu preciso de você. Por favor, não faça isso. Não posso perder você também. — Ele faz uma pausa. — Pense em Caleb, Tor. Pelo menos se eu tiver você, parece que houve uma razão para ele morrer.

Caleb. Não havia nenhuma razão para ele morrer. Prometi a mim mesma que vou matar Joe. Por Caleb, e eu vou. Fico olhando para a arma na minha mão, a salvação tão perto, tão tentadora, e a deixo cair no chão, o metal retinindo fortemente contra o azulejo.

Jude bate uma vez mais. —Por favor, deixe-me entrar. — Sua voz é calma, mal contida. Antigamente eu sabia que ele iria derrubar a porta, mas agora está de pé do outro lado me implorando para não me matar. Se isso não é trágico, eu não sei o que é. Ele perdeu tudo, mas não posso ser seu tudo. Eu não posso ser qualquer coisa para qualquer um.

As duas pessoas que fomos uma vez estão quebradas.

Deixo a arma no chão do banheiro e levanto, limpando as lágrimas no meu rosto. Abro a porta e fico cara a cara com a estrutura maciça de Jude. Seus antebraços apoiados nos lados da porta; sua cabeça inclinada para frente em derrota. Ele levanta lentamente o rosto e seus olhos verdes encontram os meus. Dói-me ver um homem tão poderoso com uma aparência tão destruída. Sei que sou egoísta. Caleb está morto e eu sou tudo que Jude tem. Ele me disse isso muitas vezes, e ainda assim, não consigo reunir a vontade para me importar.

Ele silenciosamente me puxa para seus braços apertando-me contra seu peito quente. Ele me faz sentir segura e, nos breves momentos em que me abraça, me sinto intocável. Eu gostaria que isso fosse suficiente. Gostaria que ele fosse o bastante, mas mesmo Jude não pode manter meus demônios presos.

Encosto-me a seu peito nu e fecho os olhos. Sua mão na parte de trás da minha cabeça, sinto seu forte batimento cardíaco sob minha bochecha. Se Jude pode me fazer sentir segura, mesmo que por breves momentos, então talvez possa também me fazer esquecer. Talvez ele possa apagar o toque de Joe. Ainda posso sentir as mãos de Joe no meu corpo e odeio que ele tenha sido a última pessoa a me ter dessa maneira.

Afasto meu rosto longe do calor de sua pele e olho para ele. Ele pega meu rosto com as duas mãos e acaricia com os polegares o meu queixo. Respiro profundamente. Meus olhos deslizam para seus lábios e de volta até seus olhos e tomo a coragem para beijá-lo. Ele não precisa de mais do que isso. Inclina-se e pressiona suavemente seus lábios nos meus em um leve beijo. Levanto-me na ponta dos pés,

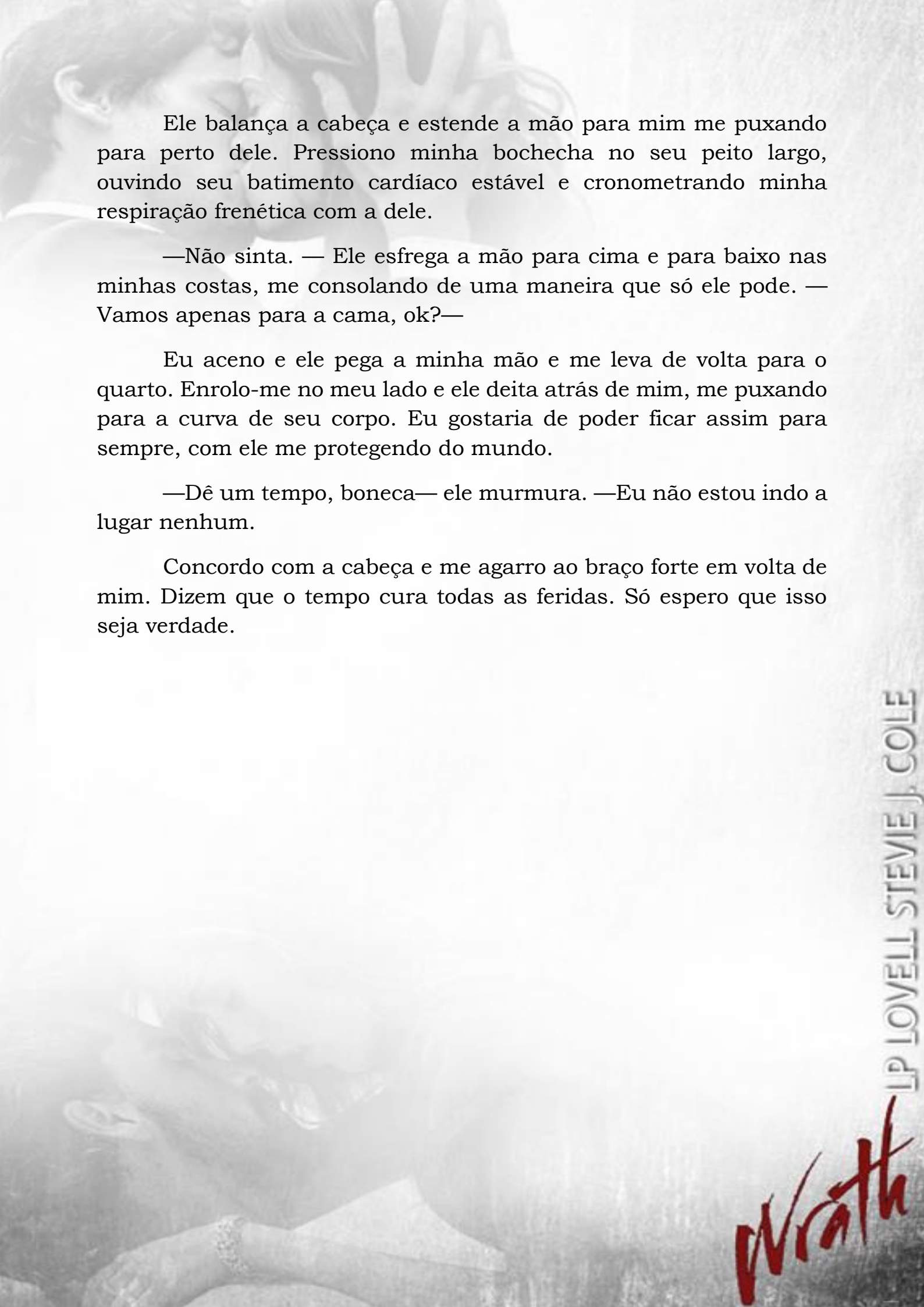
colocando meus braços em volta de seu pescoço e agarro-me a ele com os dedos trêmulos.

O ar escapa de seus pulmões, ele solta um gemido profundo, enquanto suas mãos vão para a parte de trás da minha cabeça, agarrando meu cabelo. Seus músculos tremem sob meus dedos, seu pênis pressiona contra o meu estômago. Eu o quero. Preciso dele. Ele pode me livrar disso. Pode torná-lo melhor. Eu timidamente empurro minha língua contra a dele e ele geme, enfiando a língua na minha boca. Seus dedos tensos puxando meu cabelo, e então, de repente, eu estou contra a parede, minhas pernas ao redor de seus quadris, meu corpo preso pelo seu, muito maior. E é então que minha mente se sobrecarrega. Eu não posso fazer isso. Flashes de imagens vêm através de minha mente rapidamente, memórias de estar presa, pressionada, forçada. Joe está me arrastando pelo cabelo, prendendo-me por minha garganta. Meus pulmões param e meu corpo entra em choque. Não posso me mover. Eu só preciso que ele pare. Eu pressiono minhas mãos em seu peito e o empurro, gritando: — Pare! — Minha respiração é irregular, meu pulso martelando em minhas veias devido ao medo.

Jude caminha para trás, os lábios apertados, o cenho franzido. Eu fecho meus olhos e tento fazer com que meus membros parem de tremer.

—Tor... — seus dedos acariciam meu rosto, e eu pulo, meus olhos se abrindo. Ele se aproxima de mim com cautela, preocupado que o menor movimento possa enviar-me ao limite. Seus olhos estão cheios de piedade e odeio isso. —Eu sinto sua falta — ele sussurra, seus olhos fixando-se nos meus. —Sinto muito. — Ele está olhando para mim, incerto sobre o que fazer.

Lágrimas enchem meus olhos. Odeio que Joe tenha feito isso comigo, conosco. Estou com raiva de mim mesma por ser tão fraca. Este é Jude. Sei que ele nunca iria me machucar, mas minha mente está tão danificada, tão confusa, que não parece se importar. —Sinto muito. — Eu sussurro.



Ele balança a cabeça e estende a mão para mim me puxando para perto dele. Pressiono minha bochecha no seu peito largo, ouvindo seu batimento cardíaco estável e cronometrando minha respiração frenética com a dele.

—Não sinta. — Ele esfrega a mão para cima e para baixo nas minhas costas, me consolando de uma maneira que só ele pode. — Vamos apenas para a cama, ok?—

Eu aceno e ele pega a minha mão e me leva de volta para o quarto. Enrolo-me no meu lado e ele deita atrás de mim, me puxando para a curva de seu corpo. Eu gostaria de poder ficar assim para sempre, com ele me protegendo do mundo.

—Dê um tempo, boneca— ele murmura. —Eu não estou indo a lugar nenhum.

Concordo com a cabeça e me agarro ao braço forte em volta de mim. Dizem que o tempo cura todas as feridas. Só espero que isso seja verdade.

Capítulo 12

Jude

Eu estou sozinho no escritório improvisado. Olho para fora enquanto examino os papéis sobre a mesa. A janela está rachada e posso ouvir os galhos de pinheiro farfalhando na brisa leve. Por alguma razão esse som me acalma. Nós estamos aqui há quase três semanas, e uma vez por semana Joe me envia um vídeo que eu apago. Tenho Rich, Paul e David tentando rastrear Joe. Nada. David acha que ele está fora do país. Eu não dou a mínima para onde ele está. Vou encontrá-lo, nem que demore o resto da porra da minha vida.

Tor está lentamente começando a se parecer com seu antigo eu. Ela já não se encolhe se eu toco nela, ou quebra quando a beijo, mas ainda têm aqueles malditos pesadelos todas as noites. Ela acorda gritando ou chorando. Odeio isso. Joe se infiltrou tão profundo nela que está até agora sob sua pele, como uma doença, corroendo-a de dentro para fora. Ela me disse outro dia que quando estava com Joe rezou para morrer. Disse que nunca tinha orado antes porque não acredita em um Deus, mas naquele momento, ela pensou que se Ele existisse teria pena o suficiente para acabar com ela. O que você diz sobre isso? Não posso afastar esse medo dela, não importa o quanto eu queira. Ele marcou-a física e mentalmente e sei que essas feridas nunca vão cicatrizar completamente.

Fico olhando para os nomes que David me enviou. Todos estes homens estão ligados a Joe e encontro dois que eram clientes meus ao mesmo tempo. Inclinando-me para trás na cadeira vejo Tor na porta, descansando contra o batente. Ela tingiu o cabelo de loiro de novo e apesar de tudo pelo que passou de alguma forma ela irradia um brilho. Seus olhos azul-aço desviam para mim e um pequeno sorriso aparece em seus lábios carnudos. Deus, essa mulher é fodidamente bonita. Mesmo com o ódio e a frieza que às vezes parece dominá-la, nada pode fazê-la parecer menos do que perfeita. Ela é minha. Meu olhar desliza lentamente pelo seu corpo, parando quando atinge a linha dos seus seios. Sinto meu pau inchar. Não posso evitar. Meus olhos deslizam ainda mais, até a bainha do vestido azul pálido que ela está vestindo. Ele vai até o meio da coxa. Ela move as pernas e a bainha sobe um pouco. Ajusto-me no lugar para fazer meu jeans menos restritivo. Quero tanto transar com ela, mas não vou sequer tentar isso.

—Você ainda não sabe onde ele está?— ela pergunta, tamborilando os dedos sobre o batente da porta de madeira.

Pego meus cigarros e coloco um entre os lábios. Levo a chama até a ponta e puxo uma golfada de fumaça. —Não— eu digo, expirando.

—Precisamos encontrá-lo, Jude— ela suspira, olhando para a parede. —Cada dia que ele está respirando... só preciso vê-lo morto.

Puxo outro trago do cigarro, soprando um fluxo constante de fumaça de meus lábios e penso sobre o quanto quero matar Joe, porra. Sobre como quero torturá-lo por um maldito mês inteiro, mas eu não vou dizer isso a Tor, então ao invés disso apenas digo: — Eu sei.

—Não. — Seus olhos sem vida se viram para encontrar os meus. —Você não sabe.

Puxo outro trago e a encaro, soltando a fumaça através de meus lábios entreabertos, minha mandíbula instintivamente apertando pela culpa habitual que me atormenta. Eu odeio ser

lembrado de quão danificada ela está. —Porra, eu sei, Tor— digo entre os dentes.

Seus olhos refletem violência, suas narinas estão dilatadas. Posso dizer que ela está pensando sobre ele. Ao longo dos últimos dias, ela atingiu um nível volátil de raiva e eu estou sinceramente aliviado com isso. Culpa, negação... não levam a nada, mas a raiva, bem, isso é uma história totalmente diferente. Essa é uma emoção que às vezes pode ser mais libertadora do que um maldito batismo. Quando você finalmente deixa toda essa tensão reprimida ir, se você perde tudo, a raiva pode ser tudo o que sobra. Pode ser uma merda, mas às vezes na vida, a vingança é tudo o que resta. E é nessa fase que estamos agora, *na vingança*.

Ela se afasta da porta. Com passos pequenos caminha na minha direção e inclina-se sobre a mesa. Ela tira o cigarro da minha mão e coloca entre seus lábios carnudos, puxando uma longa tragada e soprando uma baforada de fumaça em cima de mim. —Você realmente, realmente, não consegue entender isso. — diz ela, enquanto caminha ao redor da mesa e se senta na borda dela, na minha frente.

Ela cruza as pernas. Esse movimento inocente faz com que seu vestido de verão suba por suas coxas o suficiente para que eu possa ver o laço branco de sua roupa de baixo que espreita para fora. Engolindo em seco forço meus olhos longe de suas pernas longas e magras. O telefone toca, o que é uma distração bem-vinda, e eu rapidamente o pego para responder.

—Olá?— Mal falo antes de perceber que a linha ficou muda. Franzo a testa, olhando para cima para ver o cabo desconectado. Tor o torce em torno de seus dedos enquanto sorri. Ela coloca seu pé descalço na cadeira ao lado da minha coxa e abre as pernas, me dando uma visão muito mais clara dela.

Inclino a cabeça para trás contra a cadeira e fecho os olhos. Não quero lidar com isso agora, porra. Honestamente, eu não tenho o controle disso.

—Tor...

—Jude! — ela responde sem rodeios, aquele sorriso sexy em seu rosto.

Eu empurro seu pé do assento. —O que você está fazendo?

Seu olhar está no meu e ela lentamente se afasta da mesa. Ela desliza para o meu colo e me monta. Arqueando as sobrancelhas, ela envolve seus braços em volta dos meus ombros e entrelaça os dedos por trás do meu pescoço. Sua vagina quente pressiona contra meu pau através do meu jeans. Já faz muito tempo desde que eu a tive. Agarro seus quadris, puxando ela mais para baixo no meu colo para que não possa sentir meu pau duro. —Tor, o que você está fazendo?

Ela pisca. —Você precisa que solete para você?— Seus dedos deslizam dos meus ombros para o primeiro botão da minha camisa e o desabotoa. Ela provocativamente raspa as unhas sobre a minha pele exposta, me fazendo prender a respiração. Ela move os dedos para o próximo botão, o abre e em seguida vai para o próximo.

Seguro seu pulso. —Você não quer isso— digo, levantando as sobrancelhas.

Franzindo a testa ela inclina a cabeça para o lado. Eu posso ver a dor em seus olhos, a vulnerabilidade latente.

—Eu não quero isso, ou *você* não quer? — ela pergunta em voz baixa.

Não tenho certeza de como lidar com isso, porque não acho que ela pode lidar. Ela pode pensar que pode. Suspirando eu toco em seu rosto e deslizo meu polegar sobre sua pele macia. —Acredite em mim, eu quero você.

Seu peito se move com respirações irregulares, os olhos colados aos meus.

—Só não acho que você está pronta— eu digo.

Seu rosto se entristece. Quando temo que ela vá romper em lágrimas, ela sussurra: — Por favor. — Dito em voz tão baixa que mal posso ouvir. — Eu não posso, não quero que ele...

Ela desvia o olhar para a parede atrás de mim. Está tão envergonhada que isso me mata. Não é culpa dela, mas acho que de alguma forma ela se senti assim. Eu gentilmente pego seu queixo, forçando-a a olhar para mim. Há um longo silêncio enquanto tento encontrar as palavras certas.

Sua testa enrugada e ela olha para mim. — Eu preciso de você para fazer isso ir embora.

Eu ternamente aperto sua coxa e seus olhos caem para o meu peito. Não há palavras que possam expressar isso direito. É melhor não dizer porra nenhuma. Ela está tão frágil e eu nunca sei o que dizer ou fazer que não vá quebrá-la. Ela precisa saber que vale alguma coisa, precisa se sentir amada, mas é aí onde tenho que me esforçar. Não sou esse homem que pode colocar sentimentos em palavras. Não sou nem um pouco romântico. Falta-me habilidade em todos os níveis.

Pressiono meus lábios nos dela em uma tentativa de fazê-la sentir o que eu não posso dizer. O calor de seus lábios macios inunda minha pele. Meus dedos se firmam em sua perna e luto contra minha vontade de jogá-la para baixo e penetrá-la.

Sua língua desliza pelo meu lábio inferior e seus dedos apertam meus ombros, ela pressiona seu corpo mais forte sobre o meu. Eu permito que as minhas mãos viajem até seu pescoço, passando os dedos no seu cabelo enquanto a beijo mais profundamente. Suas mãos vão para a fivela do meu cinto. Eu sinto-a tremer enquanto o abre. Ela está desesperada, com movimentos errantes e percebo que não posso fazer isso com ela. Libero seu cabelo e interrompo o beijo.

—Tor— digo em voz baixa, acalmando suas mãos. Ela inclina a cabeça, cabisbaixa. — Eu só preciso que você...

— Está tudo bem. Você não me quer. Eu entendo. — Ela se afasta e cambaleia em seus pés.

Esfrego minha mão sobre a testa. Estou chateado porque não sei o que diabos devo fazer. Se for longe demais, ela entra em pânico, se não vou longe o suficiente, ela acha que não a quero.

Ela tenta ir embora, mas a agarro pelo pulso. Empurro-a contra a mesa. Eu não vou fazer isso com ela. Ela faz uma tentativa de me empurrar para longe, mas eu não cedo. Ela está quebrando e eu posso notar. Estou cansado de deixá-la sair e se quebrar sozinha, porra. Puxo-a de volta para mim e ela me empurra novamente. Desta vez eu deixo ela se afastar um pouco, mas me recuso a largar sua cintura. Ela luta, batendo os punhos sobre o meu peito, seu corpo frágil tremendo debaixo do meu domínio.

—Foda-se, Jude!

A próxima coisa que percebo é que um tapa alto ressoa e eu sinto a ardência na minha bochecha.

Respiro calmante, rangendo os dentes. Meus dedos instintivamente liberam sua cintura. —Tor... — Eu rosno. —Não sou a pessoa que você está com raiva. — Seus dedos agarram a minha camisa e em seguida ela quebra. Seus olhos se fecham e seu corpo treme soluçando enquanto as lágrimas escorrem. Eu faria qualquer coisa por ela, seria o que ela precisasse, mas admito, não sei como ajudá-la nisso. Eu a agarro, segurando a parte de trás da sua cabeça trazendo-a para meu peito e a abraço.

—Tudo o que você precisar, boneca. — murmuro em seu cabelo. —Eu vou lhe dar tudo que você quiser, o que você precisar, desde que seja o que você precisa. — Ela esconde o rosto no meu peito; seus dedos enrolados em minha camisa. —Olhe para mim— eu sussurro.

Ela inclina o rosto para cima. Suas bochechas estão molhadas das lágrimas e passo meus polegares debaixo de seus olhos para enxugar as lágrimas restantes. Como ela pode pensar que eu não a quero? Nunca quis qualquer maldita mulher do jeito que a quero. Ela é dona de mim, porra, e está completamente inconsciente disso. Eu balanço minha cabeça suavemente e a pego em meus braços. —Vou levá-la para a cama.

Levo-a através do escritório, lentamente subindo as escadas para os quartos. Cheiro o seu cabelo antes de colocá-la na cama. Esse cheiro é tão familiar, tão foddidamente único. —O que você quer que eu faça, Tor?— Pergunto e sento-me na cama ao lado dela.

Ela morde o lábio inferior, recusando-se a olhar para mim. — Eu só não quero que ele seja a última pessoa a... — sua voz para. Ela levanta os joelhos até o peito, descansando os cotovelos sobre eles e escondendo o rosto nas mãos.

Porra. Passo minhas mãos pelo meu queixo tentando decidir se isso é realmente o que ela precisa. Deslizo minha mão ao longo de sua coluna. —Você está absolutamente certa que quer que eu faça isso?

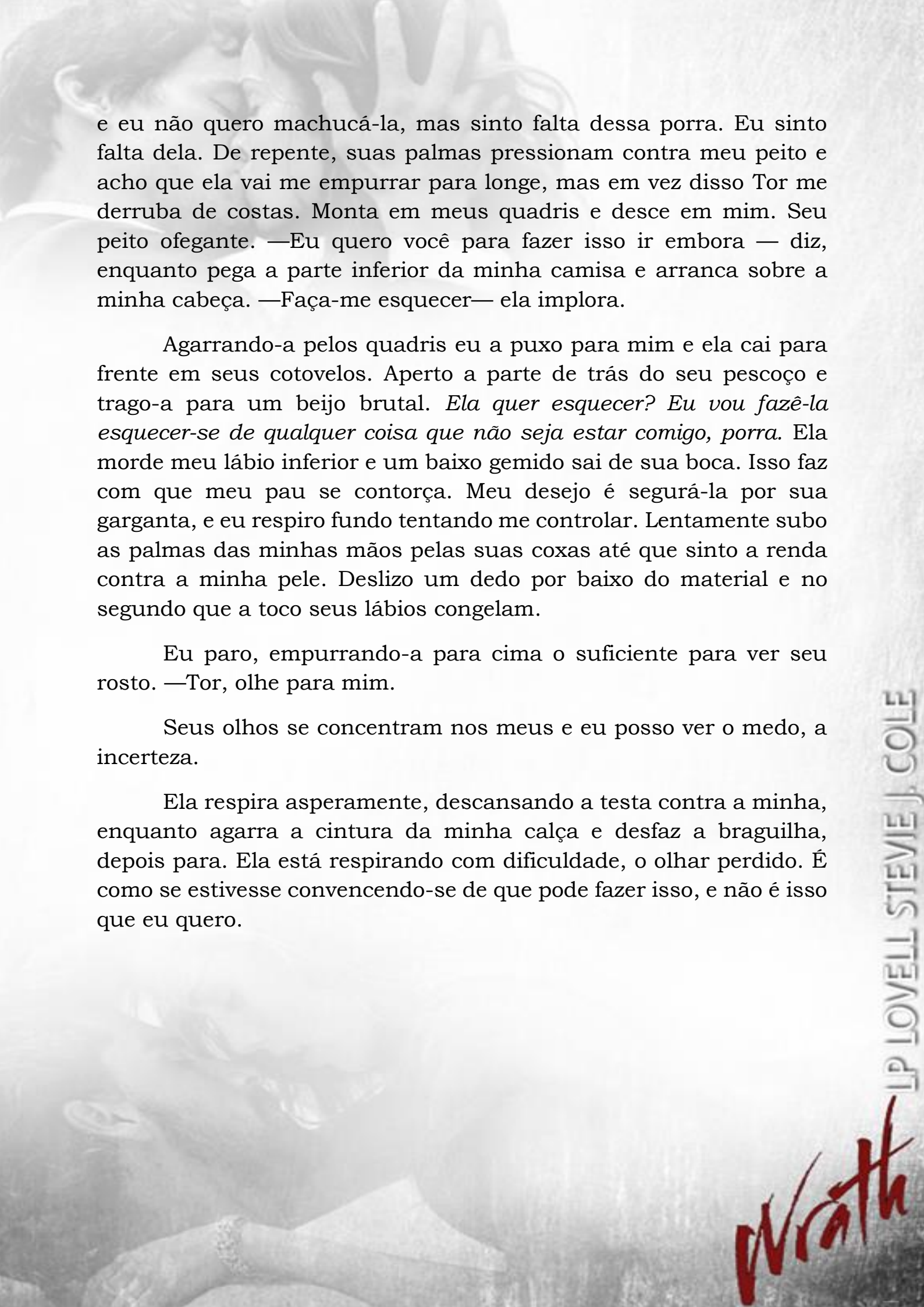
Tor balança a cabeça em silêncio. —Isso é algo que só você pode consertar Jude. — Ela sussurra.

Engulo em seco e puxo-a para o meu colo, envolvendo suas pernas em volta de mim. Nossos olhos travam e estou apavorado que eu vá machucá-la, porra. Pressiono minha testa contra a dela e fecho meus olhos deslizando os dedos para cima e para baixo em seu pescoço. —Você me diz se quiser que eu pare.

Ela balança a cabeça e eu me levanto da cama, segurando-a e gentilmente deito-a de volta na cama e paio sobre ela. Inspiro e roço meus lábios até o lado de sua garganta sobre a cicatriz grossa debaixo do seu queixo. Seu pulso acelerado bate contra os meus lábios. Seus dedos enroscam em meu cabelo enquanto sua respiração torna-se irregular. Eu nervosamente levo minha mão até o interior de sua coxa e empurro a bainha de sua saia para cima. Meu dedo encosta entre suas pernas e ela congela, a respiração presa. Seu aperto no meu cabelo aumenta quase ao ponto da dor. Afasto-me para olhar para ela. Sua cabeça está jogada para trás contra o travesseiro com os olhos bem fechados, cada músculo de seu corpo tenso como o inferno.

—Tor...

Seus olhos lentamente se abrem, endurecidos e frios mais uma vez. Não posso fazer isso com ela. Ela está mentalmente muito fodida



e eu não quero machucá-la, mas sinto falta dessa porra. Eu sinto falta dela. De repente, suas palmas pressionam contra meu peito e acho que ela vai me empurrar para longe, mas em vez disso Tor me derruba de costas. Monta em meus quadris e desce em mim. Seu peito ofegante. —Eu quero você para fazer isso ir embora — diz, enquanto pega a parte inferior da minha camisa e arranca sobre a minha cabeça. —Faça-me esquecer— ela implora.

Agarrando-a pelos quadris eu a puxo para mim e ela cai para frente em seus cotovelos. Aperto a parte de trás do seu pescoço e trago-a para um beijo brutal. *Ela quer esquecer? Eu vou fazê-la esquecer-se de qualquer coisa que não seja estar comigo, porra.* Ela morde meu lábio inferior e um baixo gemido sai de sua boca. Isso faz com que meu pau se contorça. Meu desejo é segurá-la por sua garganta, e eu respiro fundo tentando me controlar. Lentamente subo as palmas das minhas mãos pelas suas coxas até que sinto a renda contra a minha pele. Deslizo um dedo por baixo do material e no segundo que a toco seus lábios congelam.

Eu paro, empurrando-a para cima o suficiente para ver seu rosto. —Tor, olhe para mim.

Seus olhos se concentram nos meus e eu posso ver o medo, a incerteza.

Ela respira asperamente, descansando a testa contra a minha, enquanto agarra a cintura da minha calça e desfaz a braguilha, depois para. Ela está respirando com dificuldade, o olhar perdido. É como se estivesse convencendo-se de que pode fazer isso, e não é isso que eu quero.

Capítulo 13

Victoria

—Você não tem que fazer isso— Jude sussurra com os olhos cheios de preocupação.

Mas eu faço. Preciso fazer isso. Preciso *dele* para fazer isso. — Eu preciso disso— sussurro contra sua boca. —Eu ainda posso senti-lo.

Jude balança a cabeça. Com os dentes cerrados, diz: — Ninguém nunca vai tocar em você de novo, porra. — ele promete, sua voz mal contida.

Eu acredito nele. Sinto como se estivesse caindo, mas ele vai me pegar, não importa como, porque é isso que Jude faz. Às vezes eu quero odiá-lo, quero culpá-lo por tudo, mas não posso.

Seus dedos se movem para a bainha do meu vestido erguendo-a sobre meus quadris. Eu endureço e agarro seus pulsos, parando ele. Seus olhos encontram os meus. Não quero que ele veja as marcas; a vergonha estampada em toda a minha pele na forma de cicatrizes feias. —Deixe-o.

Ele balança a cabeça e senta-se abruptamente, deixando-nos face a face. —Não se esconda de mim. — Sua voz baixa acalma meu pulso frenético.

Eu envolvo meus braços ao redor de seus ombros e seu peito quente e sólido pressiona contra o meu corpo. Ele me segura apertado e é como se estivesse fisicamente me mantendo unida. Seus dedos se deslocam para a parte de trás do meu pescoço e ele os desce pela minha coluna. Eu fico tensa quando os sinto correr sobre o relevo das cicatrizes, as marcas que estragam minha pele. Quero fugir dele. Ele não pode sentir nada além de nojo quando seus dedos roçam as cicatrizes grossas. Ele para quando atinge o material do meu vestido, logo acima do meu sutiã. Fecho meus olhos e minha garganta ameaça fechar. Eu me sinto vulneravelmente exposta e odeio isso. Sua mão livre vai para a parte de trás do meu pescoço, trazendo-me para perto.

—Não tenha vergonha na minha frente — ele diz roucamente.
—Nunca se envergonhe comigo.

Como posso não sentir vergonha? Ele me puxa para mais perto e aperta seus lábios nos meus. Esse beijo é mais lento, mais cuidadoso. Ele me trata como se eu fosse algo quebrável, e sou, mas não quero ser. Ele afasta os lábios dos meus e beija a minha garganta e meu peito. Seus dedos escavam em meus quadris, me puxando para mais perto. Sua ereção pressiona contra mim através de seu jeans. Bile sobe na minha garganta e cada fibra do meu ser recua em horror. Eu posso fazer isso. Eu posso fazer isso. Não é Joe. Eu sei que não é Joe.

Ele se move contra mim novamente e imagens vem como flashes através de minha mente, como um vídeo avançando rápido. Tudo o que eu posso ver é Joe movendo-se sobre mim, forçando-se dentro do meu corpo. De repente, parece como se insetos estivessem rastejando sobre a minha pele. Mordo meu lábio, enquanto as lágrimas ardem nos meus olhos. Inclino minha cabeça para trás e olho para o teto, tentando me manter enraizada no momento. Aqui, com Jude. Eu preciso de Joe fora do meu corpo, da minha mente! Preciso de Jude para substituir o que ele tirou de mim.

Sinto sua mão no interior da minha coxa e recuo. Respiro e sinto o cheiro familiar de cigarros e de uísque em cima de mim, mas não é o suficiente para afastar o medo me agarrando. Sua mão

congela na minha coxa. Suspirando, ele afasta abruptamente a mão para longe de mim.

Ele balança a cabeça, uma expressão derrotada cobrindo suas feições. —Tor... eu não posso.

Claro que ele não pode. Quem iria querer isso? Ninguém, especialmente Jude. Não posso me mover rápido o suficiente. Salto para fora da cama e vou para a porta, mas ele pega a minha mão, me parando. Lágrimas caem livremente pelo meu rosto e desejo que pudesse apenas me tornar invisível.

—Sinto muito— ele sussurra, sua voz tensa.

—Está tudo bem, Jude. Você não tem que se desculpar — Murmuro. Não é culpa dele. Eu não deveria tê-lo empurrado. A rejeição que estou experimentando agora é por minha própria culpa. Deveria saber que ele não iria querer isso. Envolver meus braços em volta da minha cintura desejando que pudesse me proteger da sua visão.

Ele só fica lá, olhando para a parede e então passa a mão pelo cabelo. Ele olha para mim. —Isso não vai te ajudar. E eu não sei o que fazer, Tor.

—Você não pode me ajudar. Ninguém pode— sussurro.

É isso? Joe realmente me quebrou além do reparo? Estou destinada a me sentir assim pelo resto da minha vida? Isso não é uma vida. Isso é verdadeiramente o inferno. É por isso que Joe não me deixou morrer. Ele queria que eu sofresse assim. Cerro os punhos até que minhas unhas ferem minha pele. Eu quero sentir a dor. Eu gosto disso. Jude segura minhas mãos, meus dedos se soltam. Eu olho nos olhos dele. —Eu não posso fazer isso— digo-lhe com sinceridade.

—Tudo bem.

Eu balanço minha cabeça. —Não. Eu não posso fazer nada disso. Ele está na minha cabeça, Jude. Eu penso nisso o tempo todo. — Minha voz engasga. —Toda vez que fecho meus olhos, ele está lá, e a pior parte disso... é que isso é exatamente o que ele queria. —

Lágrimas correm pelo meu rosto. —Pedi-lhe para me matar! Implorei-lhe! E ele não fez.

—Eu não vou deixá-lo fazer isso com você. Ele não vai te arruinar!

Meu pobre e esperançoso Jude.

—Ele já fez— sussurro, infeliz. —Mesmo que você não vá admitir isso. Isso... — gesticulo para o meu corpo — está danificado, e isso... — bato na minha cabeça. — está além do reparo.

Jude segura cada lado do meu rosto em suas mãos grandes e olha nos meus olhos com uma intensidade que ameaça me trazer de joelhos. Ele balança a cabeça lentamente. —Eu não vou deixar você permanecer danificada. Para mim, você é tudo nessa porra de mundo maldito. — Ele beija-me com força. —Porra, eu te amo, Tor. — ele murmura contra os meus lábios, seus dedos emaranhados em meu cabelo. —Porra, eu te amo. — Ele me beija mais forte, mais profundo. —Você me ouve, porra? Eu preciso de você. Eu quero você. Eu te amo.

Eu choro, soluçando desesperadamente. Choro até que meus joelhos se dobram e Jude me pega, me levando de volta para a cama. Ele apenas senta, embalando-me em seu colo enquanto choro em cima dele. Choro por tudo o que perdemos e por tudo o que agora não posso dar-lhe. Sinto como se devesse tentar por ele, porque se eu não fizer isso, Joe ganha, e terá sido tudo em vão.

—Diga-me de novo. — murmuro, traçando meus dedos sobre seu queixo mal barbeado.

Seus lábios estão ao lado da minha orelha e ele afasta meu cabelo do meu pescoço. Ele ternamente beija abaixo do lóbulo da minha orelha, em seguida sussurra. —Eu te amo. — Seus lábios se movem mais baixo para minha clavícula. —Porra, eu te amo.

Eu levanto o meu olhar para encontrar o dele e seus olhos verdes parecem penetrar minha alma.

—Só você. Eu só amo você. — Suas mãos esfregam minhas costas.

Meu coração se aperta. Há um momento de silêncio enquanto nós olhamos fixamente um para o outro, um pulsar familiarizado fervendo entre nós. Permito-me apenas senti-lo, sentir o que pensei que Joe tinha tirado de mim, mas agora percebo que ele não pode tomar o meu amor por Jude. Ele é tudo que tenho e eu sou tudo que ele tem. O que temos não mudou, ele ainda é minha bela tragédia, meu cavaleiro de armadura ensanguentada.

Eu acaricio com meus dedos a barba áspera de seu queixo antes de levar meus lábios aos dele. Ele enrola seus dedos no meu cabelo me puxando para mais perto, até que tudo o que posso sentir, tudo que eu posso ver, é ele. Ele agarra minha cintura e me levanta, me colocando de volta na cama. Ele desliza facilmente entre as minhas coxas, pairando sobre mim.

Seu pênis esfrega contra mim através de seu jeans. —Porra, eu quero você, Tor— ele rosna.

Eu cerro os dentes enquanto minha mente tenta arrastar-se nas memórias. Aperto meus olhos fechados e cravo minhas unhas em seus ombros. —Mais uma vez— sussurro.

Sinto seus lábios traçarem o lado do meu pescoço e seus dentes roçarem delicadamente na minha orelha. —Eu te amo— ele sussurra. Meus olhos se abrem e então o puxo para mim. Eu o quero em mim, me possuindo, me consumindo em todos os sentidos. Eu o quero para apagar cada lembrança ruim que tenho e construir novas.

—Eu te amo— eu murmuro contra seus lábios, antes dele pressionar sobre os meus. Seu torso nu pressiona contra mim, sua pele quente como a seda sob o meu toque. Ele levanta seu corpo de mim, mas seus lábios nunca deixam os meus. Eu ouço o tilintar da fivela do seu cinto antes de ouvir um baque pesado quando atinge o chão. Suas mãos trabalham em cima de mim, tocando, acariciando, brincando. Minha pele eclode em arrepios e treme sob seu toque macio.

Pela primeira vez desde que aquilo me aconteceu não almejo a dormência. Não quero excluí-lo. Eu o quero conectado a mim em todos os sentidos possíveis. Quero sentir de novo.

Suas mãos deslizam sobre mim e ele coloca pequenos beijos no meu rosto. —Você é tão bonita, Tor— rosna. —Todo pequeno pedaço de você. — Seu peso se instala de volta entre as minhas coxas antes de se afastar e me observar. Seus olhos nunca deixam os meus enquanto suas mãos confiantemente abrem as minhas coxas.

Minha respiração engata quando seus dedos esfregam a minha roupa interior. Ele desliza um dedo debaixo da minha calcinha, me acariciando. Um pequeno sorriso puxa em seus lábios. É parte orgulho e parte satisfação masculina.

Aperto meus olhos fechados com mil sentimentos me bombardeando ao mesmo tempo, travando uma guerra dentro da minha cabeça. Os lábios de Jude estão na minha orelha, sua mão segurando meu rosto. —Respire— ele sussurra para mim.

—Eu quero você.

É verdade. Eu o quero. Quero isso. Não vai ser fácil, nunca vai ser, mas preciso disso, eu quero isso. Só ele pode fazer isso por mim. Ele pode curar uma parte de mim que não posso curar sozinha. Ele balança a cabeça e se afasta de mim, deslizando lentamente minha calcinha pelas minhas pernas.

Ele se estabelece entre as minhas coxas novamente, mas eu sento e o detenho com uma mão no peito. — Você precisa de... você precisa usar alguma coisa — murmuro, puxando meus joelhos no meu peito enquanto mantenho os olhos fixos na cama. —Eu não sei... eles não... — Suspiro e aperto os olhos fechados, incapaz de dizer as palavras: eu posso ter AIDS. —Eu não estou limpa. — Lágrimas ardem nos meus olhos, mas mordo o interior da minha bochecha para mantê-las afastadas.

Sinto um dedo embaixo do meu queixo. —Abra os olhos— ele ordena. Lentamente os abro, encontrando seu olhar duro. —Você está

fodidamente limpa. — Ele aperta seus lábios nos meus e lentamente pega minhas coxas novamente, me empurrando de volta na cama.

—Jude! — Oponho-me, murmurando contra seus lábios.

Ele me beija mais duro, silenciando-me. Beija-me até que eu esteja sem fôlego, minha pele fervendo. Seus quadris pressionam contra o interior das minhas coxas e sinto seu pênis empurrar contra mim. Fico tensa, mas ele está bem ali, sua voz suave me acalmando. E então, ele está dentro de mim.

Espero pelo medo chegar, mas ele nunca vem, porque isso não é nada parecido com o que me aconteceu com Joe. Isso não é violento ou degradante. Este é Jude. Ele encosta sua testa na minha, sua mão cobrindo meu rosto. Ele me faz sentir seu amor e ao fazê-lo, ele tira a dor. Ele tira tudo de mim me dando tudo dele.

Me seguro em seus bíceps, enquanto ele empurra seus quadris contra mim lentamente. Seus lábios estão em toda parte, mas sua mão nunca deixa meu rosto e seus olhos nunca deixam os meus. Ele me faz sentir protegida, segura, querida, de uma maneira que nunca pensei ser possível.

Seus músculos estão tensos enquanto ele se contém e um gemido deixa seus lábios. —Porra, eu senti sua falta. — Ele sussurra contra a minha boca.

Senti falta dele também. Eu tinha nos perdido.

Seus lábios trilham na minha garganta e ele se move sobre mim. Meu corpo relaxa lentamente contra ele, a tensão dando lugar ao prazer.

Minhas mãos movem-se em suas costas, minhas unhas cravam em sua pele e um pequeno gemido escapa dos meus lábios. Sua respiração é quente no meu pescoço, seu toque suave, mas exigente o suficiente para me deixar saber o quanto ele quer isso.

—Você é minha, Tor. Ninguém pode tirar você de mim — ele rosna.

—Foda-me! — Imploro. —Goze em mim. — Preciso que ele me marque, tome posse de mim, remova todos os vestígios de Joe do meu corpo. Seus músculos ficam mais tensos, enquanto ele tenta se segurar. — Por favor— sussurro contra seus lábios.

—Porra!— Jude geme, suas estocadas cada vez mais rápidas, menos controladas. Seu corpo mais tenso, seu rosto contorcido e então ele goza dentro de mim. Seu corpo treme e ele descansa sua testa contra o meu peito. Tudo o que posso ouvir é sua respiração acelerada misturada com minha pulsação. Eu fiz isso. Nós fizemos isso.

Sei que nunca vou me livrar da memória de Joe, mas com Jude ao meu lado vou lutar com ele a cada passo do caminho.

Sento-me na varanda olhando para as montanhas. Minha vida parece um tornado, mudando de uma direção para a outra num piscar de olhos, mas independente do lado, há sempre destruição. Há sempre um problema à espreita nas sombras, esperando que eu ache que estou bem para atacar.

Estou melhor, as coisas estão melhores. Depois de Joe, não tinha certeza se seria capaz de dizer isso novamente, mas, em sua própria maneira, Jude está lentamente me consertando. Ele me faz sentir inteira, como se eu não fosse a bagunça despedaçada que Joe deixou. E isso traz um novo conjunto de questões.

Olho para o meu estômago que agora está começando a formar um pequeno volume. Nas últimas semanas isso tinha sido um ponto nulo, sem valor, algo que eu mal podia pensar ou compreender por mim mesma. Ainda não cheguei a um acordo com isso, mas me sinto culpada porque Jude não tem sido nada além de compreensivo. Ele me ajudou, me protegeu. Devo-lhe a verdade. Devo dizer-lhe, mas não consigo. Eu só... o meu instinto me diz que agora não é o momento

certo. Estou preocupada que se contar agora, ele vai se afastar de Joe e eu não posso viver com isso. Preciso de Joe morto, para o nosso próprio bem. Ele é como uma sombra ameaçadora sobre nós, ameaçando arruinar tudo em um dado momento. Preciso puxar o gatilho eu mesma. Não posso explicar o porquê, mas quando alguém toma muito de você, a única coisa que acredito que possa realmente purificar, é tirar algo dele. A vida dele.

Se eu disser a Jude que estou grávida, ele não vai me deixar ir atrás de Joe.

Não. Eu preciso esperar até que encontremos Joe e então vou lhe dizer.

Estou cansada de esperar. Eu preciso de ação. Preciso fazer alguma coisa. Levanto-me da minha cadeira na varanda e volto para dentro da casa. Uma vez no quarto abro a mesa de cabeceira e puxo a nove milímetros que encontrei na mesa de cabeceira de Caleb.

Posso apontar uma arma e dispará-la, mas quero saber como atirar para matar. Quero ser tão boa quanto Jude. Eu quero ser capaz de me defender sem ser uma responsabilidade. Recuso-me a ser fraca quando ficar cara a cara com Joe.

Saio do quarto e vou para o escritório de Jude. Abro a porta sem bater. Ele olha para mim brevemente.

—Ensine-me a atirar— digo, colocando a arma sobre a mesa. Os olhos de Jude passam para a arma antes de subir para o meu rosto e estreitam. Ele sorri, segurando uma risada, mas mantenho o olhar, recusando-me a recuar.

Ele levanta uma sobrancelha. —Onde você achou isso?— Ele a pega e coloca em seu colo.

—Esta casa está cheia de armas— respondo com firmeza. Não quero que ele saiba de onde tirei isso, embora eu tenha certeza que ele já sabe. Afinal, ele é Jude. —Agora, me ensine a atirar.

Ele puxa a trava de segurança da arma e uma bala desliza na câmara. Ele me olha com cuidado, os cotovelos apoiados casualmente

sobre a mesa. Finalmente ele se recosta na cadeira, pegando um maço de cigarros de uma gaveta. Ele coloca um nos lábios e acende-o com um isqueiro, dando uma tragada. Ele exala uma espessa nuvem de fumaça, seus olhos encontrando os meus mais uma vez.

—Ok. — Ele se levanta, sua enorme estrutura desdobrando da cadeira de couro. Enfia a arma na parte de trás de sua calça jeans e se move em torno da mesa. Há um armário na parede oposta e ele caminha até lá, abrindo e retirando várias caixas. Coloca-as em cima da mesa, na minha frente. A de cima está aberta, as balas dentro brilham na luz da tarde. Deve haver centenas de balas lá.

—Você entende que eu quero aprender a atirar, não começar uma guerra, não é?— Murmuro.

Ele ergue uma sobrancelha, um pequeno sorriso puxando de um lado de seus lábios. —Sim, eu sei. Só acho que vai levar muito tempo para você aprender a acertar a porra do alvo.

Estreito meus olhos para ele. —Você é um idiota — resmungo. Ele caminha para fora do escritório, o seu profundo riso ressoando no final do corredor.

—Sabe qual o lado apontar para longe de você, certo?

Olho feio para ele. —Eu poderia me esquecer de apontar para longe de você em um minuto— digo, tentando não sorrir.

Ele ri enquanto abre a porta de tela para a varanda. Nós caminhamos até a linha de árvores, ele para atrás de mim, apontando para um alvo em uma árvore, a pintura desbotada e envelhecida. — Levante a arma.

Seguro a arma na minha frente, um pé espaçado atrás do outro.

—Boa. — A mão de Jude desliza pelo meu braço, os dedos delicadamente segurando meus cotovelos para manter meus braços para cima. Ele imita a minha posição, seu corpo se alinhando com o meu. O calor de seu peito contra minhas costas, suas respirações soprando contra mim. Ele abaixa os lábios na minha orelha. —Agora,

não tensione muito seus braços. A arma vai empurrar de volta. Não lute contra isso. — Ele espera por mim para relaxar o meu domínio sobre a arma. — Ok, feche um olho e olhe para o cano. Você precisa alinhar a visão aqui com o alvo. — Faça como ele diz, com foco no pequeno entalhe em relevo no topo da arma.

—Agora. — Ele chega para frente e destrava a trava de segurança. —Inspire e expire, e no intervalo entre as respirações aperte o gatilho e deixe os cotovelos absorverem o impacto.

Ele se move para longe de mim e eu respiro. Foco no alvo na minha frente. Aperto o gatilho e a arma explode na minha mão, força bruta contida ao meu alcance. Meu coração dispara com o estrondo ensurdecedor na minha orelha. A última e única vez que atirei com uma arma, fiz isso porque eu tive que fazer. Fiz para proteger Caleb e fiquei apavorada. Agora, porém, me sinto poderosa, sinto uma onda de energia através de mim e adrenalina em minhas veias. Este é o poder entre a vida e a morte.

Jude segura meu braço e olho por cima do ombro para ele. — Bom. Você é natural. — Sempre fui boa em praticamente qualquer coisa que eu defina a minha mente para ser, e isso agora parece ser crucialmente importante.

Trabalhamos pelo que parecem horas, atirando rodada após rodada. Até que finalmente sinto que não posso mais segurar meus braços e minha mão treme de toda a adrenalina. Jude pega meu rosto, olhando nos meus olhos com um pequeno sorriso em seus lábios. —Bem, inferno, ainda temos outra caixa. Quem diria que a minha menina poderia atirar essa merda? — Seus olhos se movem para a minha boca e eu posso ver o flash de desejo passar por ele. Ele não me assusta agora. Jude é e sempre foi a minha exceção. Seu toque deveria deixar-me nervosa, mas em vez disso faz-me sentir segura. Sua luxúria deveria me fazer querer correr, mas me faz sentir amada, querida.

Levanto na ponta dos pés e coloco meus lábios nos dele. Ele se abaixa e agarra minhas coxas me levantando, e coloco minhas pernas ao redor da sua cintura. Ele coloca a mão atrás da minha cabeça

enquanto seus lábios se movem contra os meus, suaves, mas implacáveis. Me seguro em seus ombros largos e seus braços embrulham em torno da minha cintura, me esmagando contra seu corpo.

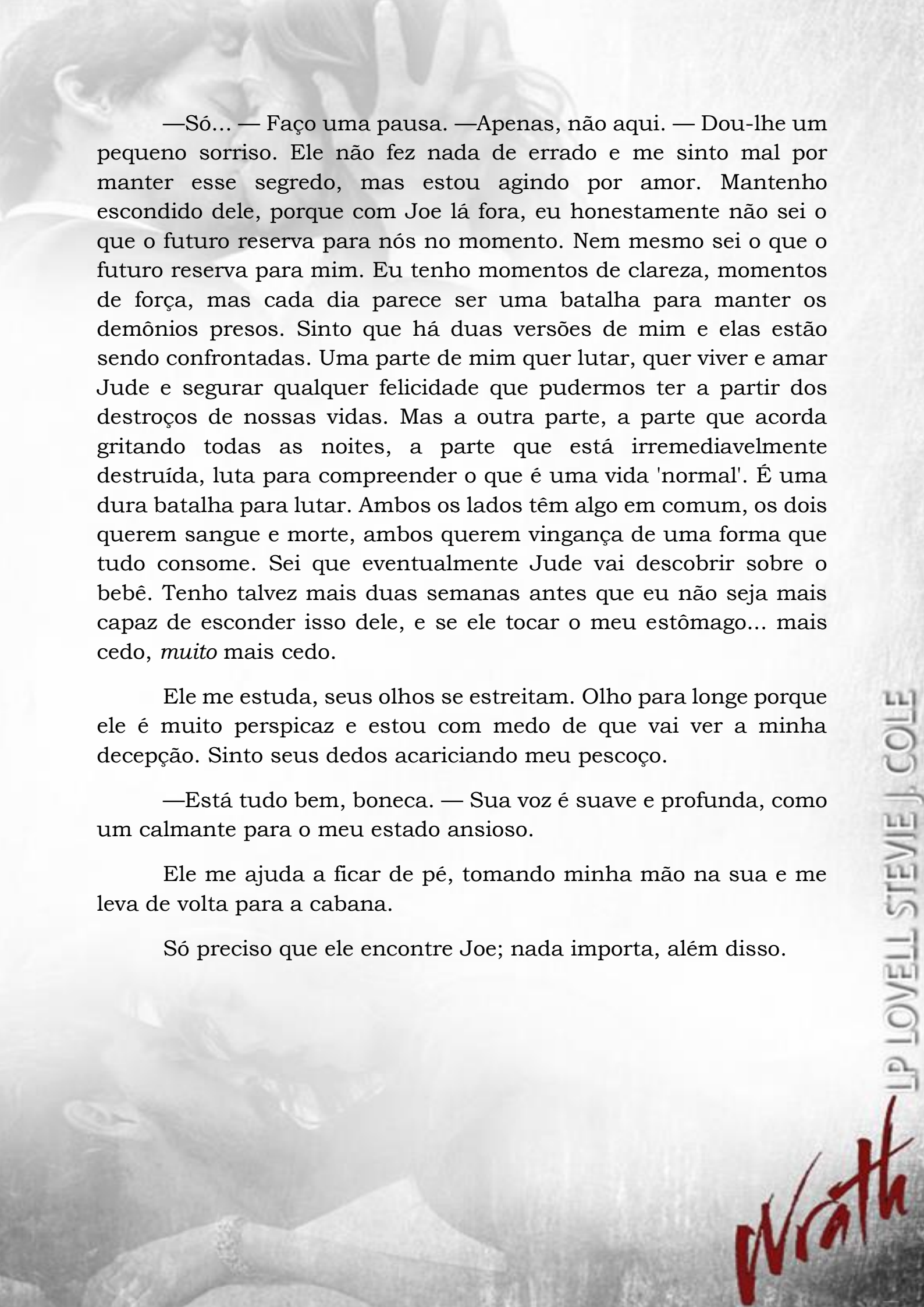
—Estou orgulhoso de você — ele sussurra contra os meus lábios. —E não apenas por ter um bom tiro. — Ele me libera, e eu deslizo para baixo até que meus pés tocam o chão. Seus dedos permanecem emaranhados no meu cabelo, me mantendo perto. — Você é forte pra caralho, Tor. Você é uma sobrevivente.

Não sei o que dizer a ele, então digo a primeira coisa que me vem à mente. —Eu te amo— sussurro.

Seus lábios batem nos meus, descontrolados, sem impedimentos. Num segundo estou de pé, no outro minhas costas batem no chão, com sua mão protegendo a parte de trás da minha cabeça. Sua mão acaricia meu queixo e minha garganta, seus lábios suavizando levemente. Seus dedos movem-se para a barra da minha camisa e percorrem os meus lados, levando o tecido com eles. Seus lábios roçam da minha garganta ao meu peito. Posso sentir sua contenção em seus toques suaves, que são quase reverentes. Sua boca se move mais para baixo, seus dedos empurrando meu top para cima. Eu congelo e ele sente. Não quero que ele saiba sobre o bebê e agora ele poderia notar. Preciso da vingança mais do que qualquer outra coisa. A vingança é tudo o que importa agora. Todo o resto pode vir mais tarde. Ele precisa manter o foco e eu ainda preciso de tempo para pensar sobre o que vou fazer. Nesta fase, não posso pensar em outra coisa a não ser encontrar Joe.

Jude olha firme até encontrar os meus olhos. —Você quer que eu pare?— pergunta.

Meu peito aperta e me sinto horrível. Balanço a cabeça e sento-me. Ele recua, dando-me espaço. Pressiono a mão no seu peito e sinto seu coração batendo rapidamente abaixo do músculo sólido. Fico olhando-o nos olhos. Eles estão com uma sombra tão profunda de verde; que parecem pretos.



—Só... — Faço uma pausa. —Apenas, não aqui. — Dou-lhe um pequeno sorriso. Ele não fez nada de errado e me sinto mal por manter esse segredo, mas estou agindo por amor. Mantenho escondido dele, porque com Joe lá fora, eu honestamente não sei o que o futuro reserva para nós no momento. Nem mesmo sei o que o futuro reserva para mim. Eu tenho momentos de clareza, momentos de força, mas cada dia parece ser uma batalha para manter os demônios presos. Sinto que há duas versões de mim e elas estão sendo confrontadas. Uma parte de mim quer lutar, quer viver e amar Jude e segurar qualquer felicidade que pudermos ter a partir dos destroços de nossas vidas. Mas a outra parte, a parte que acorda gritando todas as noites, a parte que está irremediavelmente destruída, luta para compreender o que é uma vida 'normal'. É uma dura batalha para lutar. Ambos os lados têm algo em comum, os dois querem sangue e morte, ambos querem vingança de uma forma que tudo consome. Sei que eventualmente Jude vai descobrir sobre o bebê. Tenho talvez mais duas semanas antes que eu não seja mais capaz de esconder isso dele, e se ele tocar o meu estômago... mais cedo, *muito* mais cedo.

Ele me estuda, seus olhos se estreitam. Olho para longe porque ele é muito perspicaz e estou com medo de que vai ver a minha decepção. Sinto seus dedos acariciando meu pescoço.

—Está tudo bem, boneca. — Sua voz é suave e profunda, como um calmante para o meu estado ansioso.

Ele me ajuda a ficar de pé, tomando minha mão na sua e me leva de volta para a cabana.

Só preciso que ele encontre Joe; nada importa, além disso.

Capítulo 14

Jude

—Eu não consigo encontrá-lo... — David suspira no telefone. Sei que ele está esperando que eu perca a cabeça com isso. O fato de que ninguém pode descobrir onde é que o bastardo está me irrita, mas Tor está dormindo e não quero acordá-la. Cerro os dentes, me controlando. Eu inclino meu antebraço contra a vidraça da janela apertando minha mão e olho para fora nas nuvens de tempestade grossas que rolam. Têm sido semanas malditas. Estou pronto para acabar com isso e seguir em frente com minha vida. Eu quero sentir que ela está segura.

—Mas...— continua ele. — encontrei um cara. Joe o chama uma vez por dia para checar as coisas.

Eu respiro fundo. —Estou cansado de lidar com o pessoal dele. Quero o fodido Joe! — Rosno.

À menção de seu nome, Tor choraminga em seu sono. Ando até a cama e lhe acaricio o braço, em uma tentativa de acalmá-la.

—Eu sei, mas acho que esse cara, se você jogar direito, pode localizar Joe. — David me assegura.

Minha mente salta de volta para toda a merda que fiz tentando chegar a Tor e, por um momento, eu fico paranoico. —E os policiais? Eles não estão atrás de mim, não é?

—Não. No que diz respeito a você, Jude Pearson está fodidamente morto. Explodiu na casa.

—Ótimo. — Aceno para mim mesmo. —Mantenha dessa maneira do caralho.

—Joe está fazendo bagunça, ele vai ser preso em breve. — David fica em silêncio e posso dizer que ele está hesitando. —Olha, se você quer chegar a ele, vai ter que se apressar. Pegue esse cara e interrogue-o, não mate-o simplesmente, e seja inteligente JP, você não pode ir apenas lá, o lugar está cheio de caras de Joe.

—Bem, merda. Eu não sou um idiota...

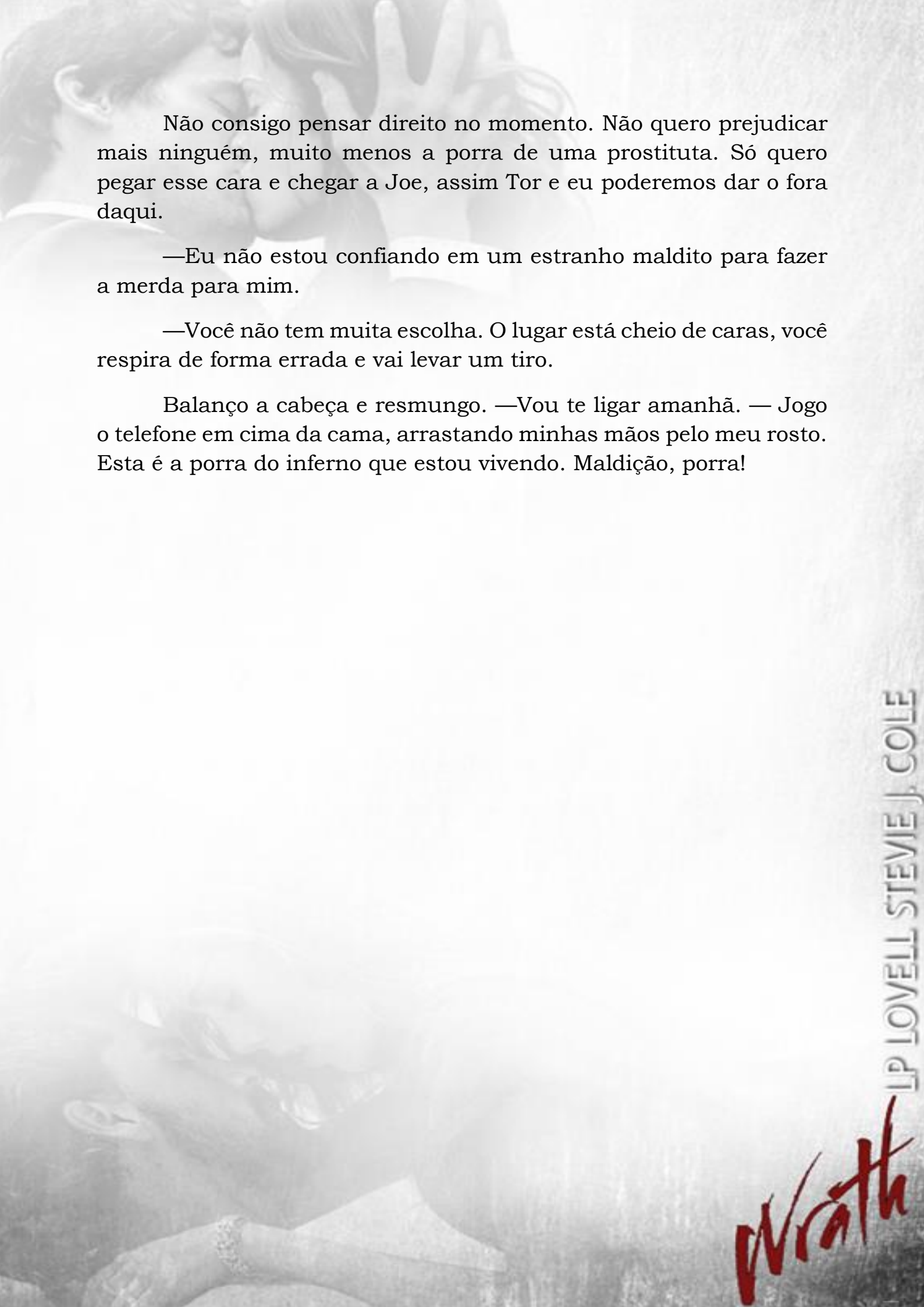
—Você não tem sido exatamente a pessoa mais lógica recentemente. Quero dizer, inferno, você perdeu seu controle comigo, eu só estou dizendo. Você vai ter que lidar com ele sozinho. Realmente sozinho, porra. Entendeu?

—Sim, sim. Entendi.

Eu ouço o farfalhar de papéis. — Mussa, o nome do grandalhão italiano. Descobri que Joe possui este pequeno negócio atrás da parede do bar, é basicamente apenas uma fachada para as prostitutas que ele tem. — Eu posso ouvi-lo batendo com dedos sobre algo e inalando profundamente. —Você vai necessitar usar uma mulher.

—Foda-se. — Eu balanço minha cabeça. —Não vou usar nenhuma mulher maldita!

—Você quer Joe? Olha, estive observando esse cara e confie em mim, a única maneira de você chegar até ele é com uma prostituta. Eu posso pedir a uma das prostitutas que eu prendi e dizer que a pena será descartada se ela nos fizer um favor.



Não consigo pensar direito no momento. Não quero prejudicar mais ninguém, muito menos a porra de uma prostituta. Só quero pegar esse cara e chegar a Joe, assim Tor e eu poderemos dar o fora daqui.

—Eu não estou confiando em um estranho maldito para fazer a merda para mim.

—Você não tem muita escolha. O lugar está cheio de caras, você respira de forma errada e vai levar um tiro.

Balanço a cabeça e resmungo. —Vou te ligar amanhã. — Jogo o telefone em cima da cama, arrastando minhas mãos pelo meu rosto. Esta é a porra do inferno que estou vivendo. Maldição, porra!

Capítulo 15

Victoria

Me viro quando ouço Jude terminar a sua conversa. Ouvi David na outra extremidade. Eles estão se aproximando.

—Quem era?— Pergunto, embora eu já saiba.

Jude olha para mim e aperta os lábios. —David— responde com a voz rouca.

—Ele sabe onde Joe está?— Seus olhos encontram os meus, um aviso dessas profundezas verdes intermináveis. Eu ignoro-o. —Sabe?

Ele respira profundamente. —Não, ele não sabe onde Joe está, mas sabe onde está um de seus caras. Eu só tenho que ir buscá-lo.

Eu franzo a testa. —Você deveria estar morto— sussurro.

Se ele vai atrás dos caras de Joe, então vão saber que ele não está morto e toda essa coisa de correr e se esconder terá sido por nada. Sei que este é um jogo de estratégia e é assim que Jude normalmente faria, mas desde que Caleb... desde sua morte ele está desligado. Eu não posso mais confiar nele para ser totalmente racional.

—Ninguém vai saber que sou eu naquele lugar.

—Joe sabe quem você é!— Eu cerro os dentes.

Jude pressiona os lábios e levanta uma sobrancelha para mim. —E vai estar fodidamente morto antes que ele possa contar a alguém.

Balanço minha cabeça e saio da cama, movendo-me em direção à porta. A abro e caminho ao longo do corredor. —Marney!

Jude me segue. —Que porra você está fazendo?

—Marney!— Eu chamo novamente enquanto desço as escadas.

Marney aparece na porta da cozinha, cigarro na mão. —Por que você está gritando, querida?

—Ele tem a localização de um dos caras de Joe e está determinado a ir lá com todas as armas do caralho em punho, como o Neandertal que ele aparentemente se tornou. — Apontando para Jude — Diga-lhe que isso é burrice!

Jude golpeia sua mão no ar. —Foda-se. Eu nunca disse isso. Ela ouve metade da porra da história e vai tirando conclusões. — Ele redireciona sua atenção para mim, os olhos faiscando perigosamente.

—Você vai se matar!— Eu grito.

Marney traga o cigarro estreitando os olhos em nós dois. — Vocês pássaros apaixonados com certeza brigam como uma matilha de cães sarnentos. — ele ri, segurando o cigarro entre os lábios enquanto suspende as calças ao redor de sua cintura. —Jude é um bastardo doente, lutar com ele assim é provavelmente a cereja do bolo para um filme pornô. Mulheres irritadas são o melhor tipo de preliminares conhecidas pelo homem. — Ele está rindo tanto que seus olhos estão brilhando.

—Você, — eu olho feio para Marney. — é um grosso. E você... — Eu olho para Jude. — precisa pensar em outro plano.

—Quem diabos é você para me dizer que eu preciso de um caralho de um novo plano? A porra da médica virou mafiosa? Foda-se, Tor. Eu sei o que diabos estou fazendo!

Seus músculos tensionam e se soltam. Tudo sobre Jude grita perigo e eu não estou tão apaixonada por ele que não possa ver isso. Ele não me assusta, nunca iria me machucar, mas certamente tenho uma boa dose de respeito por esse lado de sua natureza. No entanto, ele não está pensando direito agora. Não está sendo inteligente.

—Agora, parem com isso. — Marney dá passos em nossa direção. Ele enfia a mão no bolso, pega um cigarro e entrega para Jude. —Aqui, porra, fume um cigarro e acalme o seu rabo, garoto.

Jude derruba o cigarro no chão e vira-se para voltar para o quarto. — Não preciso de qualquer um me dizendo como fazer essa merda — grita, antes de fechar a porta.

—Você está sendo infantil!— Eu grito atrás dele, e sim, estou ciente da ironia.

Marney apenas se mantém fumando seu cigarro, um pequeno sorriso em seus lábios. —Bom, foi tudo bem... levando em conta que é Jude.

Suspirando, vou atrás de Jude. O que me guia agora é o medo. Jude é tudo que me resta e minha necessidade de matar Joe está guerreando contra a minha necessidade por Jude.

Empurro a porta da sala da frente e encontro Jude sentado no sofá, debruçado sobre um laptop na mesa de café. —O quê?— ele rosna sem sequer olhar para mim.

Hesito perto da porta, sem saber o que dizer a ele. Mexo com a manga do seu agasalho que estou usando. Após um momento de silêncio Jude lentamente olha para mim. Seus olhos se fixam em mim, me observando de perto. —Tor... venha aqui— ele suspira, sua voz baixa.

Movo-me até que estou em pé na frente dele. Seus dedos envolvem em torno de minhas coxas, me puxando para o seu colo, então eu estou em cima dele. Suas grandes mãos em concha no meu rosto, seu toque suave e completamente em desacordo com tudo o que Jude é.

—Você *não* me diga o que fazer, porra. — Ele arqueia uma sobrancelha. —Sei o que estou fazendo. — Seu toque é suave, mas sua voz é gutural, suas palavras gritam dominação.

Levanto minhas mãos e enrolo os dedos em torno de seus pulsos. —Eu sei, mas somos apenas nós agora. Se você for morto... eu não vou conseguir... — Minha voz falha.

Mas não somos só nós. Sinto que devo dizer a ele. *Quero dizer, agora seria um bom momento, certo? Porra.* Eu quero. Minha mente está gritando para fazer isso, mas eu só... não consigo. Não estou preparada.

Seus olhos me perfuram. —Eu não vou ser morto.

—Jude!— Eu quero dar um tapa nele. — Você não é indestrutível, e Joe, ele te odeia. — Eu balanço minha cabeça. —Não há lei que ele não vá quebrar.

Ele sorri para mim com simpatia. —Eu não vou deixar você. Sei o que estou fazendo. Confie em mim. — Ele olha para mim brevemente antes de soltar as mãos do meu rosto. —Joe não vai estar lá. É uma versão de Marney que vou atrás, e não estou sequer realmente indo atrás dele, é mais como esperar em um quarto até que ele venha até a mim.

—Que tipo de Marney? Você acha que eles não sabem o que...

—Não. David está pagando uma menina para atraí-lo até um quarto. — Jude sorri, aparentemente satisfeito com este enredo. — Viu, eu não vou ser morto.

O telefone emite um bipe no seu bolso e ele o puxa para fora, olhando para a tela. Uma carranca marca suas feições, seus lábios pressionando juntos enquanto aperta a mandíbula. Ele fecha a tela antes de lançar o telefone na mesa de café com força suficiente para deixar uma pequena marca na madeira. Franzo a testa para ele que balança a cabeça, arrastando a mão pelo rosto.

—Deixe-me ajudar— digo, trazendo sua atenção de volta para a conversa. —Você não pode ir lá, mas eu posso.

Seus olhos lançam dardos. —De jeito nenhum! —Sua mandíbula aperta. — Você está preocupada comigo e espera que eu deixe você ir lá. Porra, não!

—Você precisa de uma menina e não de alguém aleatório cuja lealdade não pode confiar. Meu cabelo está loiro agora. Ele não vai saber como eu pareço. — Isso de repente parece vital, algo que preciso fazer. Esperei nesta casa, protegida e envolta em cuidados por semanas. Estou ansiosa para fazer algo, sinto que estou ficando mais perto de Joe.

—Não. — Ele balança a cabeça.

Eu olho para ele. —E então? Você vai usar uma prostituta?

—Sim, vou usar a porra de uma prostituta porque se ela for morta eu não dou a mínima.

—Então, deixe-me ver se entendi direito, você vai usar uma prostituta para seduzir um homem que dirige todo um bordel?

Eu sorrio.

Sua mandíbula aperta e seus olhos endurecem. — Sim.

Suspiro. —Você é um homem, Jude. — Ele ergue uma sobrancelha e quero revirar meus olhos. —Diga-me, por que se sente atraído por mim?— Coloco apenas um toque de sexo em minha voz, passando um dedo por seu queixo.

Ele afasta a minha mão do seu rosto. — Porra, Tor. Sério?

Aceno minha cabeça, mordendo o lábio. —Sim. Estou querendo provar um ponto, então me diga, o que em mim que te fez querer transar comigo? Por que sou atrativa? — Pressiono o meu corpo contra o dele e sinto sua virilha endurecer contra mim. Ele é muito foda de fácil.

Ele morde o lábio inferior, geme e acaricia meu cabelo. —Isso não é justo. Você sabe disso, certo?— Um pequeno sorriso surge em seus lábios.

—Diga. — Deslizo meus lábios nos dele, provocando-o.

—Porque porra nenhuma sobre você está errada, é por isso.

Franzo uma sobrancelha para ele. —Mentira. Você me queria porque eu era inocente. Algo puro que você queria corromper.

Ele sorri enquanto seus dedos agarram meu cabelo. —E não foi que... porra, eu desfrutei corrompendo você. — Seus lábios pressionam contra os meus, suas mãos apertam meu quadril e me puxam mais apertado contra ele.

—Humm-humm, — cantarolo contra sua boca. —E prostitutas já são corrompidas. Onde está a diversão nisso?

Ele puxa meu cabelo, empurrando-o para o lado para olhar para mim, enquanto levanta ambas as sobrancelhas. —Não!

Eu resmungo e seu aperto torna-se quase doloroso. —Pare de pensar com o coração, Jude. Você sabe que estou certa.

Ele imediatamente se levanta do sofá, me deixando cair sobre ele. Arrasta as mãos pelos cabelos. —Não vou deixar você fazer isso. — Ele balança a cabeça. — Foda-se, não!

Eu suspiro, exasperada. — Posso com certeza seduzir facilmente um homem como esse e então você pode fazer suas torturas loucas: mutilar, matar, essas coisas.

Seus olhos me encaram. —Não vale o risco para mim, Tor.

—Vale para mim— digo em voz baixa —Ele não vai saber quem sou. Não vou ser nada mais do que uma foda para ele. Ele não vai me matar.

Ele suspira, sentando ao meu lado no sofá. Posso dizer que ele está pelo menos considerando.

Inclino-me para frente e agarro seu rosto, pressionando meus lábios contra os dele. Seus dedos agarram meu cabelo, me segurando perto dele.

—Eu posso fazer isso. — Sussurro contra seus lábios. —Por favor, deixe-me fazer isso.

—Tor...

—Ele não sabe quem eu sou, serei apenas uma garota que parece boa demais para estar em um bordel. Ele pode ter putas sempre que quiser. Esta é a nossa melhor chance e você sabe disso. — Imploro. Honestamente, se ele me deixar fazer isso, será um milagre.

Ele descansa os cotovelos sobre os joelhos, cruzando as mãos e colocando o rosto entre as palmas enquanto olha fixamente para o chão. —Se eu deixar você fazer isso, você vai seguir a porra das minhas instruções. Entendeu?

Eu aceno, um sorriso surgindo em meus lábios.

O carro para próximo ao meio-fio e olho para a frente do bar que se parece exatamente com isso, um bar, não o bordel decadente que realmente é.

—Marney estará estacionado na esquina. Ele vai te vigiar quando você sair e eu estarei esperando no quarto do hotel. Se você demorar muito vou fazer isso do meu jeito. — Jude arrasta as mãos pelo seu rosto. Seus movimentos são ansiosos e agitados e ele abre o console central e pega uma arma, entregando-me. —Coloque isso em sua fodida bolsa. Se ele olhar para você de uma maldita forma errada que seja, só mate-o, merda. — Ele ergue uma sobrancelha para mim. —Eu não estou brincando, Tor.

Reviro meus olhos. —Jude, temos ido para frente e para trás sobre isso. Se achar que estou em perigo, eu vou sair.

Ele suspira pesadamente, os músculos em seus ombros tensos e rígidos. Agarra meu rosto e traz seus lábios sobre os meus. —Minha mente diz para não deixá-la fazer isso. Caralho, eu juro por Deus, se alguma coisa acontecer com você...

—Você se preocupa demais— sorrio e pressiono um beijo rápido em seus lábios antes de empurrar a porta do carro aberta e pular para fora. Eu posso praticamente sentir os olhos de Jude perfurando um buraco em minhas costas enquanto faço o meu caminho para a frente do bar.

Aproximo-me da porta com cautela. O segurança estica a mão para a minha identidade, enquanto seus olhos se arrastam lentamente ao longo do meu corpo; é um movimento destinado a fazer-me sentir desconfortável. Isso não acontece. Levanto uma sobrancelha para ele e coloco a carteira de motorista falsa na palma da sua mão, tomando cuidado para não tocá-lo. Ele olha para a carteira brevemente e entrega de volta com um sorriso no rosto. Assim que fica de lado, eu passo por ele.

Torno-me quem preciso ser para começar o trabalho. Meus quadris balançam um pouco mais e eu me movo. Jude disse que o cara que eu estou procurando terá os olhos no bar, que vai me ver, mesmo que eu não o veja. Tudo o que preciso fazer é ser notada. Para ser notada preciso atraí-lo, mesmo sem colocar os olhos sobre ele. Mais fácil falar do que fazer.

Movo-me em direção ao bar e coloco minha bolsa sobre ele. Peço um copo de vinho e me sento em um dos bancos, observando. O lugar é um bar meio sofisticado. As paredes são cinza metálico, com lustres pendurados no teto e grandes espelhos de prata nas paredes. Atrás do bar tem uma parede de garrafas, cheia de cima a baixo. É moderno, mas se encaixa nos interesses de Joe. Música dançante pulsa através dos alto-falantes, tornando o som muito alto para uma conversa civilizada.

Isso pode parecer um clube normal. Mas sei que é apenas uma fachada para o bordel na parte de trás. O monte de homens que vêm aqui o fazem por uma razão, um propósito claro em mente. Em minha

visão periférica noto um cara me olhando, olhando para o comprimento das minhas pernas expostas. Eu espero, ignorando-o. Eventualmente, ele se aproxima de mim, um sorriso arrogante no rosto.

—Ei, linda.

Ergo o meu olhar para ele e levanto uma sobrancelha, sem palavras. Seu sorriso diminui um pouco, mas ele não desiste. Ele se inclina para mim, para que possa ser ouvido sobre a música. — Quanto?— Ele pergunta.

Bingo. Assim como Jude disse.

Sorriso. — Desculpe, querido. Estou esperando por alguém. — Adiciono um ligeiro sotaque na minha voz, provavelmente soando mais como uma australiana do que qualquer coisa, desde que não soe descaradamente britânica... Não há também muitas meninas britânicas vagando por aqui e eu não quero atenção indesejada.

—Oh, humm... eu... desculpe. — ele gagueja. Ele se afasta e vai para longe de mim, misturando-se de volta na multidão.

Espero. Outra meia hora se passa. Bebo meu vinho lentamente e peço outro, simplesmente para evitar parecer estranha. Mal o toco.

Estou começando a pensar que ele não está aqui quando o avisto na sala, conversando com uma mulher em uma saia tão curta que mal cobre seu traseiro. Julio Mussa é um homem atraente, provavelmente na casa dos quarenta. Ele é enorme, possivelmente, tão alto quanto Jude, mas onde Jude é magro com músculos destacados, esse cara é apenas grande. Ele parece charmoso e civilizado, mas sei que não. Olho para ele por alguns minutos, em seguida desvio a minha atenção para outro lugar. Quando olho para cima novamente seus olhos estão fixos em mim, a curiosidade evidente em seu rosto. Seguro seu olhar durante uns três segundos, um pequeno sorriso em meus lábios e então olho para longe, bebo distraidamente do meu copo de vinho. Poucos segundos depois, uma grande figura inclina-se contra o bar perto de mim.

—Você não é uma prostituta — sua soa com um ligeiro sotaque.

Dou uma olhada de soslaio para ele. —Ainda não.

De perto, ele é bonito, seus traços distintos, mas está lá em seus olhos, a depravação que está dentro dele. Seus olhos são como um aviso para quem se preocupa em olhar bem de perto.

Seu olhar se estreita e ele chega mais perto de mim, tão perto que posso sentir seu forte perfume. —Ainda?— Ele ronrona, os lábios torcendo em um sorriso. Seus olhos passeiam sobre meu corpo, fazendo-me sentir suja.

Dou de ombros, sorrindo para ele. —Gostaria de uma menina para trabalhar, certo?

—Você sabe quem eu sou?— levanta a sobrancelha.

—Você sabe o que dizem? Faça sua pesquisa antes de ir para um trabalho. Fiz minha pesquisa, Sr. Mussa. — Minha voz projeta confiança, mas a expressão de seu rosto é suspeita, como se ele não devesse ser pesquisável, como se ele fosse intocável. —Um amigo meu ouviu uma de suas meninas falando.

Ele franze os lábios. —Entendo.

Tomo uma respiração profunda. —Preciso de um trabalho, você vai me dar um ou vamos bater papo durante toda a noite? Tenho outros lugares que eu poderia ir.

Seus lábios se contorcem em um sorriso e seus olhos patinam sobre o meu corpo. —Você não é o tipo de costume. — Ele toca o dedo indicador no seu lábio inferior.

Dou de ombros. —Não, eu não sou.

—Fechado—, ele ri. —Eu gostei. Bem, eu acho que nós dois podemos ganhar dinheiro com isso. Cinquenta por cento para cada um e você só trabalha para mim. Se eu descobrir que você foi trabalhar para outra pessoa, nós vamos ter um problema. — Sua voz diminui com a ameaça velada.

Um largo sorriso se espalha por seus lábios e ele se inclina para mim, arrastando os dedos na parte de cima do meu peito. Cerro os dentes e tento parar o tremor que ameaça tomar o meu corpo. — Agora, eu preciso entrevistá-la.

Meu estômago revira com suas palavras, mas forço um sorriso no meu rosto. — Bem, lidere o caminho. — Espero em Deus que Jude esteja certo sobre isso e que Mussa realmente vá para aquele quarto de hotel em vez de me levar para algum covil, ou tente me foder em um dos quartos do bordel. O pensamento me deixa doente por mais de uma razão.

Ele coloca a mão na parte baixa das minhas costas e leva tudo em mim para não me afastar do seu toque. Meu instinto natural é enfiar meu joelho entre suas pernas e correr como o inferno. Meu corpo luta contra mim, pois corre o risco de fugir. Seguro minha bolsa mais apertada, tentando parar minhas mãos trêmulas. Joe me condicionou a temer qualquer tipo de contato do sexo masculino. O único toque que eu posso lidar é o de Jude.

Mussa anda atrás de mim, me guiando no caminho por entre a multidão de pessoas reunidas na calçada, bêbados indo entre clubes e bares.

— Humm, eu tenho que admitir que você é uma surpresa muito agradável esta noite —, ele ronrona. Não olho para ele.

— Bem, estou feliz que poderei alegrar a sua noite. — Vejo o hotel quando nós viramos a esquina, mas finjo que não sei para onde estou indo, esperando por ele para me guiar.

Ele tira sua mão das minhas costas e caminha na minha frente do outro lado da calçada. Libero o fôlego que tinha prendido desde que ele colocou a mão em mim.

Meus olhos patinam entre os carros estacionados do lado de fora da entrada do hotel até que pouso em um SUV preto com fumaça saindo a partir de uma fresta na janela. Marney acena com a cabeça uma vez para mim, sua expressão mais grave do que já vi. Sorrio para ele e continuo a seguir Mussa.



A menina na recepção nota-o, mas não diz nada; ela nem sequer me dirige um olhar. O passeio no elevador é tenso. Sinto que estou em um temporizador, prestes a explodir a qualquer minuto. Esse cara me assusta. A forma como seus olhos praticamente me fodem é nada além de nojento. Estou ansiosa para chegar ao quarto porque sei que Jude estará esperando. Estou ansiosa pela sua presença, e é algo que não estou totalmente confortável.

Mussa para em frente a uma das portas, os olhos passando rapidamente pelos meus lábios. Por um segundo acho que ele vai me beijar e congelo. Ele sorri lentamente. —Você é uma coisa bonita— diz. —Aposto que você tem uma boceta apertada, não é?—

Eu acho que vou vomitar.

Capítulo 16

Jude

Minhas costas estão pressionadas firmemente contra a parede e sinto o suor correndo entre as minhas omoplatas. Aqui está quente pra caralho e meu coração está batendo como a porra de um animal dentro do meu peito. Isso está levando muito tempo. Não posso acreditar que a deixei me convencer disso. Não gosto que os meus olhos não estejam nela. O cabo da arma na minha mão desliza úmido. Foda-se essa merda! Afasto-me da parede e ouço passos no corredor, seguidos do riso de Tor.

—Você é uma coisa bonita— diz o homem, uma pitada de sotaque italiano em seu tom. —Aposto que você tem uma boceta apertada, não é?—

Engulo o rosnado na minha garganta, meus dedos se apertando ao redor da arma. Sombras bloqueiam a luz que flui debaixo da porta e os bloqueios são liberados. Prendo a respiração quando a porta lentamente se abre, e para a centímetros do meu rosto.

—Deixe as luzes apagadas, — Tor diz. Seus saltos ecoam pelo chão e ela se inclina contra a porta quando se fecha. A atenção de Mussa está tão focada nela que nem sequer reparou em mim nas sombras.

O brilho da cidade do lado de fora lança bastante luz através da janela para que eu possa ver quando ela se aproxima dele, cada passo deliberado, seus quadris balançando de um lado para o outro. O vestido branco de verão que ela está usando quase não cobre sua bunda, deixando as longas pernas expostas. Mal posso ver seu rosto, mas posso ver um pequeno sorriso em seus lábios. Conheço esse olhar. É aquele que pode trazer qualquer homem a seus malditos joelhos. Quando ela para em frente a ele, seus olhos caem para seu decote.

—Eu não posso esperar para foder com você, querida. —

Calor irradia de mim. Vou matá-lo agora. Porra. Eu me controlo. Este homem é meu último acesso para Joe. Não posso o matar ainda. Meu peito está apertado como o inferno e meu pulso martela. Não vou negar que estou tendo um momento difícil de pé aqui, deixando este filho da puta achar que pode tê-la.

Tor se inclina e desliza lentamente a mão ao longo do tecido do vestido. Ele geme de aprovação e eu engulo em seco. Ela desliza os dedos debaixo da bainha, sedutoramente subindo o vestido até a coxa. Tenho que cerrar os dentes. Estou a cerca de três malditos segundos de perder meu controle. Se ele vir mais de sua pele, vou arrancar seus malditos olhos fora.

Ela morde o lábio inferior brincando, enquanto arrasta a ponta dos dedos até o interior de sua coxa. O olhar de Mussa segue cada movimento seu. Um gemido repugnante escapa no segundo que ela levanta o vestido o suficiente para revelar o top de renda de sua liga. Aperto meu punho, meu dedo indicador treme no gatilho da arma. Quero matá-lo apenas por olhá-la assim, filho da puta estúpido. Ela se inclina em direção a ele e coloca seus lábios muito perto dos dele. Ele está completamente obcecado, basicamente salivando sobre ela. Não aguento mais isso. Tor precisa começar logo antes que meu temperamento exploda. Sua mão desliza mais para cima na coxa, e ela puxa uma faca pequena de sua liga tão rapidamente que ele nem percebe qualquer coisa, maldição. Antes que ele possa reagir, a ponta afiada da lâmina está pressionada na sua garganta. Foda-se, Tor. Que

diabos você está fazendo? Os olhos de Mussa se arregalam e um sorriso escapa dos seus lábios.

Sua mão se arrasta em direção a arma enfiada na cintura da calça jeans e eu saio do canto escuro, visando a arma enquanto rapidamente me aproximo dele. —Eu não faria isso se fosse você—, digo em um tom calmo.

A atenção de Mussa se desloca para mim e a faca arranha sua garganta. Arrebato a arma de suas calças, levantando e apontando as duas armas em seu rosto. Ele levanta as mãos na sua frente e congela. —Deve haver algum mal-entendido aqui— diz.

—Não, nenhum mal-entendido. — Pressiono a arma na sua cabeça. — Onde diabos Joe está?

Ele arqueia a sobrancelha, um lado de seus lábios curvando. —JP?— ele ri. —Bem, o que é a porra de uma surpresa.

—Onde ele está? Diga-me ou eu vou te matar.

—Foda-se—. Ele range os dentes. —E a porra de sua puta.

Entrego uma das armas para Tor, e quando o faço, o filho da puta tenta me acertar, mas erra. Envolver meu braço em torno de sua garganta. Ele joga o seu peso corporal em uma tentativa de afrouxar meu aperto e me esforço para arrastá-lo para o lado do quarto. Este bastardo de merda é enorme e estou achando um pouco mais difícil subjugá-lo do que estou acostumado.

—Você vai me dizer onde esse filho da puta está, porra. — Minha voz tensa enquanto o contendo. —Você vai morrer hoje à noite! Se vou ser rápido ou arrastar por horas, bem, isso é com você.

Eu forço-o para baixo em uma cadeira, e como combinado, Tor pega as cordas do saco escondido atrás da porta. O homem é grande, eu admito, e está lutando duro, mas com a quantidade de raiva que me envolve, nem a porra do King-Kong teria a menor chance contra mim neste momento. Pressiono o polegar na traqueia e ele tosse.

—Quieto! — Digo enquanto luto para contê-lo.

Tor amarra suas mãos e seus pés. O tempo todo Mussa está se debatendo.

—Porra... — Levanto a arma, mirando a sua rótula. Um pequeno estalo soa através do silenciador quando puxo o gatilho. — Pare de se mover.

Jogando a cabeça para trás, ele grita.

—Eca, Jude— lamenta Tor. Olho para ela e há manchas de sangue em seu peito. As extremidades de seu cabelo loiro estão manchadas de vermelho. — Você não podia ter esperado até eu sair?— Ela pergunta.

Não tenho certeza se deveria ficar preocupado que ela não tenha dado a mínima quando atirei nesse cara ou não, mas isso me faz sorrir um pouco. — Não comece, mulher. — Limpo o suor da minha testa e olho para ela.

Ela me ignora e pega uma roupa descartada no chão. Segura a parte de trás da cabeça de Mussa, empurrando o tecido em sua boca para abafar seus gritos. —Cala a boca, porra!— ela diz, revirando os olhos.

Estou sem ar de lutar com ele, meu peito arfando. Meus olhos percorrem seu corpo. Este bastardo pensou que ia transar com ela, o que me deixa puto. Soco meu punho em seu rosto. Faz tanto tempo desde que bati em alguém e toda a raiva que tenho reservada para Joe vem à superfície. Porra, me sinto muito bem em bater nele. Bato em Mussa até que sinto meus dedos se abrirem e então paro para recuperar o fôlego.

Pego seu queixo, trazendo seu rosto para perto do meu e arranco a mordaça da sua boca. —Onde diabos está Joe?

Ele ri, borbulhando sangue em seus lábios. —Foda-se—. Seu sotaque faz esse comentário parecer ainda mais humilhante. Agarro seu queixo, torcendo sua mandíbula e empurrando a mordaça de volta. Balanço meu punho para trás e o soco no estômago. Ele tenta se dobrar, mas as cordas o detêm.

—Isso vai levar a noite toda neste ritmo,— Tor resmunga, suspirando, impaciente.

Olho para ela. —Eu posso levar toda a noite do caralho. — Levanto meu punho ensanguentado e bato-lhe mais uma vez, sentindo os ossos de sua mandíbula se partirem com a força.

—Bem, quanto mais tempo isto levar, maior a probabilidade de alguém sentir falta dele. Ele não me parece ser do tipo de cara de mais de dez minutos. — Ela sorri.

—Você não pode falar sério? Porra, mulher. Apenas... fique por lá, ok?— Aponto para o canto da sala. Estou prestes a voltar para ele e ela começa novamente.

—Bem, se apresse a foder com ele!

Vou até ela, tirando a faca da sua mão. —Você fode com ele, então—, zombo dela sob a minha respiração. Merda, esta mulher sabe como abalar meus nervos, malditas vezes.

Deixo cair a minha mão e viro para limpar o sangue na minha camisa. —Você quer encontrar Joe ou não? Você não pode apressar a porra da tortura. — Arranco o tecido para fora da boca de Mussa novamente e agarro seu queixo, pressionando a ponta da lâmina em sua garganta. Olho para ele com um olhar frio. —Diga-me onde ele está.

Ele ri, seus dentes pressionados de dor. Enfio a camiseta velha de volta na sua boca e dou-lhe mais três socos até que seu rosto está uma bagunça sangrenta.

—Ele vai sangrar, — Tor diz em uma voz entediada. Olho para cima, suor escorrendo pelas minhas têmporas e encontro-a sentada na cama, inspecionando as unhas vermelhas brilhantes.

Suspirando, inclino minha cabeça para trás para olhar para o teto. Essa porra de mulher... —Realmente, muita ajuda da sua parte.

—Deixe-me tentar.

Não posso deixar de rir em descrença. —Deixá-la tentar... — Arrasto minha mão pelo meu rosto e olho para trás para o cara entrando e saindo da consciência. —Você tentar? Jesus Cristo, quem diabos você acha que é?

Ela me lança um olhar antes de se colocar na minha frente, em pé entre mim e Mussa.

—Você vai se sujar de sangue— Eu falo.

Ela aperta o seu olhar em mim antes de passar a perna sobre seu colo e ficar em cima dele.

—Desde quando uma dança de colo é uma maldita tortura?— Rosno, agarrando seu ombro e tentando puxá-la para longe dele.

Sua cabeça chicoteia para o lado me atirando um olhar para eu não me atrever a tocá-la novamente. —Vá se aninhar no canto ou algo assim—, diz levantando a sobrancelha para mim. Puta que pariu, ela está andando na porra de uma linha fina.

Tudo o que posso fazer é olhar para ela, querendo saber qual demônio a possuiu. Estou quase disposto a amarrá-la e tapar sua boca para que eu possa continuar com essa merda, mas culpado como sou, sinto que ela precisa disso. Ela está tão irritada como eu, e precisa se livrar disso.

—Mussa, você sabe que nós não queremos te ferir, certo?— ela ronrona, sua voz sedutora enquanto remove a mordaça. —Nós só queremos Joe. Dê-nos Joe e vamos deixá-lo ir. — Ela se inclina para ele, acariciando os dedos sobre seu rosto, provocando-o.

Ele ri, puxando contra suas restrições até que esteja a centímetros de seu rosto. —Eu sei quem você é, sua puta! Estou quase com ciúmes de Joe por ter fodido sua buceta.

—Agora chega!— Grito e vou na direção deles. Bato meu punho contra o lado de seu rosto. —Eu vou te matar!— Agarro sua garganta e aperto tão apertado, não consigo me controlar. Tor coloca a mão no meu braço e balança a cabeça sinalizando para eu ir embora. O

liberto e ele ofega por ar. Hesitante, caminho para o lado da sala, furioso com toda essa porra de provação.

—Eu tentei ser boa para você, realmente tentei. — diz ela — Lembre-se disso.

Cruzo meus braços sobre o peito e vejo como ela desliza fora de seu colo e agacha na frente dele. A próxima coisa que sei é que ele está gritando e se lamentando como se estivesse morrendo, porra. Tor recua apenas o suficiente para que eu possa ver a faca, ainda na sua mão que esta plantada em sua virilha. Gosto de vômito atinge a minha garganta, e instintivamente cubro minhas bolas. Quando ela solta a mão, a faca permanece.

—Putá merda, mulher! Você acabou de pregar suas bolas na cadeira?— Uma grande mancha vermelha sangra da virilha da calça jeans e se espalha para baixo de suas coxas. —Eu posso cortar a língua fora dos desgraçados, mas até eu tenho uma porra de limite.

Ela olha por cima do ombro para mim, e está sorrindo! —Nós precisamos que ele fale. — Ela se volta para ele. —Agora, onde está Joe?— pergunta com aquele sotaque dela.

—Eu... — ele gagueja, o rosto branco como se fosse desmaiar a qualquer momento.

—Mussa, seus testículos estão empalados nesta faca e tão desagradável quanto isto possa ser, você ainda os tem. No entanto, eu não sou uma pessoa paciente. Então, se você quiser mantê-los... —Ela pega seu cabelo, puxando sua cabeça para trás enquanto fica com o rosto a centímetros do dele. —Sugiro que você me diga onde ele está, porra.

Ele não diz uma palavra. Seus lábios tremem, gotas de suor surgem na testa.

—Diga-me—, ela exige e exerce alguma pressão sobre o cabo da faca.

Ele uiva e sopra respirações profundas de seus lábios tentando controlar a dor. Tor puxa a lâmina para cima e então bate para baixo

entre as pernas novamente. Ele solta um grito de gelar o sangue. Porra, alguém vai ouvir esta merda.

—Certeza que você perdeu um dessa vez — diz, com o rosto completamente inexpressivo. —Diga-me, Mussa. — ela se inclina para frente até que seus lábios estão em seu ouvido. —Joe tirou algo de mim, e eu só quero retribuir o favor... — Ela puxa a faca para fora da cadeira, seu corpo enrijece quando usa a maior parte de seu peso para libertá-la da madeira. Seu olhar está bloqueado no material esfarrapado e sangrento de sua calça jeans. —Você já ouviu o ditado, 'Não há fúria no inferno que se iguale a uma mulher ferida'?— ela sussurra enquanto vira a lâmina coberta de sangue entre os dedos. —Estou ferida, Mussa, porra, e vou te matar sem pensar duas vezes se você ficar no meu caminho. — Ela se levanta, pairando sobre ele. —Sua escolha. Posso castrá-lo antes ou depois de eu deixar Jude ter você. Será uma vergonha pensar que você será enterrado como um bastardo castrado.

Merda, porra, Santo Deus, quando foi que Tor se tornou tão violenta, porra? A parte fodida disso e que está me deixando com meu maldito pau duro.

Ela caminha, seus movimentos calculados como um gato que está prestes a parar de brincar com sua presa e acabar com ela. E eu vejo o momento exato em que ela se decide. Dá um passo em direção a ele e traz a lâmina de volta, pronta para atacar e cortar sua garganta.

—Tor!— Pego o pulso dela, e ela vira sua cabeça. A expressão no rosto dela é vazia. Ela está prestes a matá-lo e não há nada lá. Em qualquer outra pessoa eu não pensaria duas vezes sobre isso, mas nela... é errado, porra. Ela está coberta de sangue, está com raiva, ela é viciante, e merda, quanto mais meu pau pode aguentar? Eu mordo meu lábio.

—Pare. — digo — Você tem que parar, boneca.

—Por favor... — Mussa murmura. —Por favor...

Um sorriso se arrasta sobre a minha boca e aperto os ombros de Tor. Isso me faz pensar que ela pode ser um pouco louca, mas caramba, ela acabou com ele. Ando em direção a Mussa, apontando para Tor. —Eu vou deixá-la continuar a menos que você me diga onde encontrar Joe.

—Ele está fora do país— diz através de respirações pesadas.

—Onde?

—Eu não... — ele engasga com um gemido doloroso. —Eu não sei. Ele não me diz coisas desse tipo. — O queixo de Mussa cai para seu peito.

Eu molho meus lábios com a língua. —Para quem ele diz então? Quem sabe tudo sobre Joe?

Ele hesita.

—Pode levar um tempo muito longo para ser espancado até a morte se a pessoa que fizer o espancamento souber o que está fazendo, Mussa. Não faça isso pior para si mesmo. Morra com uma porra de dignidade.

—Stan Solomon.

Eu mexo no bolso do seu casaco e pego o seu celular. Percorro seus contatos. —Ele está aqui?

Ele balança a cabeça e encontro o seu nome no diretório. —Veja, isso não foi tão difícil, foi? — Digo, coloco a arma na sua têmpora e puxo o gatilho.

Seu corpo despenca para o lado. Sangue cobre suas pernas, um pouco derrama sobre a cadeira e o tapete. O barulho constante de gotejamento e a minha própria respiração pesada são os únicos sons no quarto.

Viro-me para olhar para Tor e a encontro sentada na beira da cama, limpando a faca ensanguentada no edredom. Seu cabelo desgrenhado tem manchas vermelhas de sangue por entre ele. Pego o saco atrás da porta e o abro. Puxando um serrote para fora, olho

por cima do meu ombro para ela. —Você provavelmente não vai querer ver isso.

O olhar dela deriva para a serra e desgosto rasteja sobre seu rosto. —Eu quero saber o que você vai fazer com isso?

Encolho os ombros e ando em direção ao corpo sem vida de Mussa. —Iniciar uma porra de guerra.

Tor anda lentamente em direção à janela, abrindo-a para subir nela.

—Basta sentar no parapeito. Não vá para fora.

Ela assente com a cabeça, balançando as pernas sobre a borda e se senta de costas para mim.

Eu pego o cabelo grosso de Mussa e começo a arrancar sua cabeça com a lâmina em sua garganta, arrastando-a para trás e para frente. Há pouca resistência de sua carne, apenas exigindo um pouco mais de força quando atinjo sua traqueia, mas quando eu bato em sua coluna a serra trava. O suor escorre pelo meu rosto enquanto corto e tenho que colocar meu pé em sua coxa para obter o efeito de alavanca que preciso a fim de cortar através do osso e da cartilagem. Seguro a cabeça decapitada gotejando sangue da carne mutilada. Mesmo para mim isso é um pouco nojento, mas vou ser amaldiçoado se Joe Campbell pensa que pode me quebrar. Não posso deixar de sorrir imaginando a expressão em seu rosto quando ouvir que a cabeça de seu braço direito foi entregue em um de seus negócios. Jogo a serra no chão e ponho a cabeça dentro do saco, fechando-o. Uso as toalhas para limpar o sangue das minhas mãos antes de pegar meu telefone para chamar Marney.

Ele mal toca. —Sim?

—Traga esses malditos produtos de limpeza aqui para nos livrarmos dessa merda.

—Estão a caminho. Deixe a janela aberta para que eles possam entrar.

Eu termino a chamada, amarro o saco em meu peito e fico atrás da janela —Vamos, boneca— digo, tocando minha mão em seu ombro.

Ela sobe na borda da janela suavemente, com o vestido branco manchado de sangue. Descemos a escada de incêndio de metal e rapidamente fazemos nosso caminho através do beco. O sedan preto está estacionado um pouco para baixo do hotel e nos apressamos através da escuridão antes de alguém nos avistar. Eu abro a porta e conduzo-a antes de jogar o saco no porta-malas. Mal fecho a porta antes de arrancar com o carro.

A névoa amarela dos postes de luz pisca através do para-brisa enquanto andamos. Quando paro em um sinal vermelho, olho para ela. Ela se estica e liga o rádio, olhando pela janela enquanto cantarola junto com a melodia. Há sangue em sua bochecha. Eu não consigo esquecer do seu olhar feroz quando tinha Mussa sangrando e impotente debaixo dela. Não deveria, mas só de pensar sobre como ela agiu com ele deixa meu pau duro como o inferno. Dirijo até estarmos a uma distância segura antes parar em um estacionamento vazio e desligar o motor.

Ela olha para mim, as sobrancelhas juntas em confusão. Eu abro minhas calças e as empurro para baixo antes de agarrá-la e a arrastar pelo console central, prendendo-a entre o meu corpo e o volante.

—Você me deixou tão excitado—, rosno contra seus lábios, deslizando os dedos sobre a parte de trás do seu pescoço e segurando seu cabelo. Puxo sua cabeça para trás, e ela engasga. Paro meus lábios sobre sua garganta, inalando seu cheiro, que agora está contaminado com o cheiro metálico de sangue. É fodido que isso me excite, mas porra, meu pau nunca esteve tão duro na minha vida, porra.

—Você ia cortar a porra da sua garganta, — respiro contra sua pele, puxando as alças de seu vestido para baixo, expondo seus seios.

—Humm, — ela sussurra, sua respiração engata quando meus dentes roçam o mamilo.

—Não ia? Diga, porra. Você ia cortar sua garganta, porra. — Eu aperto seu queixo, puxando seu rosto para o meu. Ela ergue uma sobrancelha, seu olhar cheio de sexo bloqueia com o meu.

—Teria cortado sua garganta com um sorriso no rosto—, ela sussurra, rolando seus quadris contra mim.

Eu rosno e envolvo meus dedos ao redor de sua garganta, enquanto bato meus lábios sobre os dela. Eu não tomo cuidado com ela porque a mulher que fodeu com Mussa não é a mulher quebrada de algumas semanas atrás. Tor pode estar quebrada, mas evoluiu, ela é escura e mortal, e sexy pra caralho.

—Eu vou te foder muito duro — digo por entre os dentes, mal conseguindo respirar e moo meu pau contra ela.

—Bem se apresse, então — ela sorri como a porra do diabo.

Eu empurro-a, pego os lados de sua calcinha, e rasgo fora dela. Aperto seus quadris com ambas as mãos e bato meu pau em sua buceta.

—Porra, Tor — gemo e ela se aperta em torno de mim. Um gemido ofegante desliza de seus lábios e as unhas cravam em meus ombros.

Eu não dou a ela uma chance de se ajustar. Seguro seus quadris, forçando-a contra mim. —Foda-me. Eu quero que você me foda, — rosno, enquanto forço-a para cima e para baixo em mim.

Um pequeno sorriso surge em seus lábios, enquanto seu peito se ergue de forma irregular. Ela provocativamente rola seus quadris contra mim e embrulho minha mão em torno do lado do pescoço, cobrindo seu rosto com a palma da mão. Esmago seu lábio inferior com o polegar e seus olhos se concentram nos meus, enquanto aperta-o com os dentes, me desafiando. Ajusto minha pegada, segurando o queixo e trazendo seu rosto para o meu. Eu beijo-a, em seguida, mordo seu lábio inferior.



—Eu disse: — movo minhas mãos até seus quadris e aperto, — foda-me! — forço-a a se mover, igualando cada porra de impulso dela com o meu próprio, cada vez mais duro que o anterior.

Ela joga a cabeça para trás e geme meu nome. Inclino-me para frente, belisco o mamilo e mordo seu pescoço. Suas mãos voam para a parte de trás do meu pescoço, suas unhas cravadas em minha pele. Ela grita e me monta mais difícil, a sua buceta ritmicamente me segurando como um maldito vácuo, suas unhas arranhando meus ombros.

Aperto meus dedos em sua bunda e empurro forçando-me dentro dela o mais profundamente possível, fodendo ela por baixo. Meus músculos tensos, meus dentes cerrados e gozo dentro de seu corpo apertado. Jogo minha cabeça contra o assento, meu peito arfante tentando recuperar o fôlego. —Deus, amo sua buceta, — eu respiro.

Um sorriso escapa de seus lábios enquanto ela se senta e tira seu cabelo emaranhado do rosto. Ela vai para o banco do passageiro, empurrando seu vestido de volta para baixo. —Bom.

Eu nunca na minha vida conheci uma mulher como esta. E eu adoro, porra.

Capítulo 17

Victoria

Acordei e Jude não estava na cama. Ele provavelmente está tentando descobrir onde no inferno está Joe. Dirijo-me para o banheiro e lavo o meu rosto. Passo pelo espelho e levanto minha camisa, olhando para o pequeno, mas visível aumento no meu estômago. Eu não sei quanto tempo mais posso esconder isso. Foda-se, não deveria estar escondendo isso, mas eu só... eu não sei como lhe dizer. Suspiro e volto para o quarto, coloco um vestido solto antes de ir lá embaixo.

Marney está sentado no bar bebendo seu café e lendo o jornal.

—Você falou...

—Não. — Eu o interrompo e faço meu caminho para a geladeira. Abro e pego o suco de laranja, coloco-o em um copo. —Você me pergunta a mesma coisa todos os dias, Marney. Vou deixar você saber... — Abro o freezer e grito. Deixo cair a caixa de suco, que espirra nas minhas pernas. — Isso é sério?— No freezer está a cabeça de Mussa ensanguentada, posta ali como uma porra de um busto. Vômito sobe na minha garganta e bato a porta do congelador fechada, inclinando a cabeça contra ela.

Marney olha para cima enquanto dobra o jornal. —Bem, para que você precisa de gelo? O suco de laranja esta malditamente gelado.

Eu te avisei para não ir ao congelador. Tenho que mantê-la congelada, ou ela começa a feder— ele ri.

Malditos bastardos, burros, loucos! Eu não posso lidar com esta merda. São sete e meia da manhã!

—Jude!— Eu grito do topo dos meus pulmões.

Marney ainda está rindo quando os passos pesados de Jude soam no corredor. —Porque você está gritando?

Eu me viro, recostando-me contra a geladeira. Pressiono minha mão contra o meu estômago que está ameaçando se rebelar. —Bem, você sabe, fui pegar um pouco de gelo e há uma porra de cabeça no congelador!

—Oh sim. — Ele sorri. —É um presente para Joe.

Curvo-me, apoiando as mãos sobre os joelhos enquanto respiro fundo. É uma cabeça. —E tem que ser armazenada ao lado do gelo?—

—Porque, assim como sorvete, porra, precisa ficar fria para manter. — Jude me empurra do congelador e abre a porta. —O que você queria, boneca? Um pouco de gelo?— pergunta como se fosse normal em todos os dias ter a cabeça de um homem lá dentro. Ele pega um punhado de cubos de gelo e deixa-os em meu copo. —Não. Não é o gelo dele. — Ele coloca um beijo carinhoso na minha testa e sai.

Fecho meus olhos e respiro fundo. Talvez seja só eu. Talvez esteja sendo irracional e hormonal. Talvez seja totalmente irracional da minha parte não querer uma porra de cabeça no congelador. — Jude!— grito por trás dele. — Livre-se da cabeça antes que você esteja dormindo no sofá! — Digo entre os dentes.

—Sim, sim. Marney vai ao correio enviá-la esta tarde para que a rainha pare com sua merda, não é?

Eu jogo o suco de laranja na pia e saio da cozinha. Quando no inferno isso se tornou normal?

Capítulo 18

Jude

Aponto o cigarro para a floresta e seguro a nicotina dentro de meus pulmões. — Fiz minha pesquisa, mas preciso de você para se certificar de que tenho a garota certa. Sofia Solomon — falo ao telefone, fumaça escapando de meus lábios, — certifique-se de que ela é a filha de Stan, está bem?

Ele não diz nada. David está muito quieto, porra, e isso está me deixando paranoico.

—Você vai me ajudar com isso, David?

Ele respira hesitante. —Sim. Vou ver o que posso fazer, mas...

—Mas o quê? Que porra é essa, David?

—JP, isso tem que acabar. Não há tanta coisa que eu possa fazer, quero dizer, porra, sou um policial, não o FBI.

Aperto minha mandíbula e inclino-me sobre o corrimão de madeira da varanda. David sempre me ajudou a sair das merdas, eu não deveria ficar tão irritado com ele, mas porra, não consigo evitar.

—Porra David, estou meio preso aqui. Inferno, não sei se você se lembra, mas queimei minha maldita casa. Estou limitado de informações aqui. Depois que eu chegar em Joe, vou embora. E você

pode viver sua vida em paz do caralho, mas até que eu o pegue, preciso da sua ajuda.

Ele geme. —Deus, o que você vai fazer com ela? Porque eu te digo uma coisa, passarei dos meus limites se você for machucá-la. Quantos anos ela tem JP, você ao menos sabe disso?

—Encontrei seu perfil no Facebook. Ela tem vinte e um. E não, não vou machucá-la. Só preciso que ele ache que eu vou.

—Tudo bem. Eu vou chamá-lo de volta. — Ele desliga. Sei que está com raiva de mim. Eu não dou a mínima, desde que ele consiga a informação.

Enfio o telefone no meu bolso de trás, olho para a floresta e Caleb se arrasta em meus pensamentos. Tento o meu melhor para não pensar nele, porque isso me incomoda pra caralho. Dói e eu não estou acostumado a esse sentimento inquietante. Minha mente vai através de memórias nebulosas chegando até a cabana de Marney com o meu pai quando era criança. Ele ensinou a mim e a Caleb a atirar nestes bosques, assim como eu ensinei a Tor...

—Agora, quando você atirar em alguém, você pode atirar para matá-los ou pode atirar para torná-los vulneráveis—, diz meu pai, enquanto estabiliza as minhas mãos. —E o que eu ensinei a vocês, rapazes, sobre por que você atira em alguém?

—Para matá-los—, eu respondo.

—Isso é certo, porque um homem morto não pode matá-lo.

—O que acontece se alguém mata você, papai?— Caleb pergunta e eu giro para encará-lo. Seus olhos castanhos cheios de lágrimas. Ele tem apenas sete e está com medo de armas, mas eu também tinha sete quando meu pai me ensinou a atirar. Ele tem que aprender. Papai tem que saber que podemos nos proteger, no caso de algo acontecer com ele. Ele me disse isso inúmeras vezes.

O pai olha para ele e o pega em seus braços, colocando-o em seu quadril. —Oh, não se preocupe filho, ninguém vai matar seu pai. Vou

estar aqui por um longo tempo e se eu não estiver aqui para mantê-lo seguro o seu irmão vai cuidar de você, não vai, Jude?

Puxo o gatilho, observando a bala através do anel central do alvo. —Sim, eu sempre vou cuidar de você, Caleb. Prometo.

Apago da memória porque eu não fiz. Eu não cuidei dele. Meus músculos tencionam, flexionam e aperto a borda da calha tentando liberar um pouco da raiva que rapidamente inunda o meu corpo. Eu deveria ter tirado Caleb deste estilo de vida no dia que meu pai morreu, porque Caleb era bom demais para ser misturado nesta merda. Ele tinha um coração do caralho. Eu não. Ele sempre teve.

Estreito meus olhos sobre as árvores, ouvindo minha respiração à medida que cresce mais profunda e mais irritada. Sinto falta dele e toda vez que penso, a única coisa que posso lembrar é a maneira como ele estava quando o encontrei. Tudo o que posso ver é o buraco de bala, seus vagos olhos leitosos e a pele cinza. Não posso nem ter minhas memórias porque elas estão em ruínas, porra. Meu pulso está martelando em meus ouvidos, minha pele quente. Meu pescoço tenso sobre meus ombros. Sacudindo minha mão para trás, bato na calha deixando as marcas de meus dedos na madeira macia.

Eu exalo e viro entrando na sala de estar. Algo escaldante esta sobre o fogão e o aroma rançoso de atum queimado assalta meus sentidos. Eu olho e vejo Marney assoviando e mexendo algo na panela.

—Deus, Marney, o que diabos você está fazendo?

—Atum com queijo derretido—, diz ele, ao lado do fogão. —Quer um?—

—De jeito nenhum.

—Eles vieram pegar a cabeça. Não a quero tendo outro chilique— ele ri.

Não posso deixar de rir um pouco. —Onde está Tor?

—Provavelmente no andar de cima ainda de mau humor.— Ele salta para trás do fogão, queimando a si mesmo. —Merda. Porra de óleo— diz ele apertando a mão.

Balanço minha cabeça e subo as escadas. No meu caminho para o quarto, ouço o chuveiro ligado e abro a porta do banheiro. Está cheio de vapor e posso apenas ver a silhueta de Tor atrás da porta de vidro do boxe.

Encaro a sombra. Não a vi inteiramente despida desde antes dela me deixar. Ela não tira sua roupa na minha frente. Tor me disse que não quer ficar nua por causa das marcas. Tem medo que eu fique com nojo, mas nada sobre ela poderia me dar nojo. Para mim, ela é perfeita, nenhuma quantidade de cicatrizes vai mudar isso.

Sua cabeça esta inclinada para trás, suas mãos correndo por seu cabelo enquanto ela lava-o. Ela se inclina mais para trás na corrente de água que faz com que volte a se curvar. Apenas o pensamento dela completamente nua, molhada e apertada contra o meu corpo está me dando uma filha da puta de uma ereção. Com ela, eu preciso tomar o controle da situação, às vezes. Chuto as minhas botas e jeans e pego a trinco da porta.

Ondas de vapor saem e eu entro. E, logo que o barulho da porta se fechando soa, Tor congela mantendo o rosto para a parede. Meus olhos pousam imediatamente em suas costas. As cicatrizes altas onde Joe a marcou estão avermelhadas com o calor da água. Quanto mais olho para elas, mais o meu peito aperta. Esse filho da puta vai pagar. Eu engulo em seco, reúno os cabelos molhados e ponho-os por cima do ombro.

Ela puxa uma respiração. —Jude...

—Você é tão bonita, — digo antes de colocar meus lábios no topo da sua coluna vertebral.

Eu beijo ternamente sobre as cicatrizes grossas que marcam suas costas. Quero que ela saiba que não me importo. Cada marca que beijo faz com que meu estômago de um nó, porque sei que representa um dia que não cheguei até ela, porra. Ele fez isso para

me punir, e não a ela, e isso me enfurece ao ponto que tenho que acalmar minha respiração. Dou mais alguns beijos prolongados sobre sua pele e deslizo meus dedos para baixo sobre seus braços antes de abraçá-la pela cintura. Ela fica tensa, com a mão apoiando a parede e ouço-a prender a respiração.

—Deixe-me tocar você Tor, por favor, — sussurro contra sua pele enquanto passo meus dedos em suas laterais. Ela está tão magra que meus dedos colidem com cada uma de suas costelas enquanto faço o meu caminho sobre seu corpo. Ela quase não come, e quando isso acontece, ela fica enrolando. O estresse de tudo tem realmente tomado o seu quinhão sobre ela. Deslizo mais para baixo, fazendo lentamente o meu caminho entre suas pernas, e eu paro, minha mão descansando em seu estômago. Que porra é essa? Há um ligeiro estufado sob minhas palmas. Deslizo as mãos para cima em direção a seu peito e sinto as costelas, em seguida volto para baixo e seu estômago esta arredondado. Seguro seus ombros, girando-a para me encarar. Seus olhos estão fechados, os lábios apertados, como se não pudesse olhar para mim, como se ela pudesse se esconder. Meus olhos vão direto para seu estômago onde um pequeno volume sobressai entre seus quadris. Olho a água caindo sobre ele e então forço os olhos para o rosto dela. Ela está olhando para o chão e mordendo o lábio.

—Tor?— Ela não levanta os olhos. Sinto o sangue pulsando em minhas têmporas, meus dedos se contraindo e apertando ligeiramente seus braços. Certamente ela não está. Ela teria me dito.

Envolvo meus dedos em torno de seu queixo, levantando seu olhar para o meu. Suas sobrancelhas franzem, culpa e medo em seu rosto. —Você está... — inalo — você está grávida, porra?— Minha voz contida ecoa pelas paredes do boxe.

Seus olhos ficam presos nos meus, mas ela permanece em silêncio e levo isso como uma confirmação.

—Tor?— Faço um esforço para não levantar a minha voz. — Você está grávida? Há quanto tempo você sabe, porra?

Ela me olha, nenhuma emoção em seu rosto. —Um tempo.

—Quanto é... — porra, não consigo nem respirar agora. Flashes de calor passam sobre mim e eu empurro meu corpo contra sua pele molhada, pressionando-a contra a parede do chuveiro —... um tempo? —rosno. — Quanto tempo, Tor?

Seus olhos se fecham e sinto seu peito empurrando contra o meu a cada respiração profunda que ela puxa.

—Semanas...— sussurra.

Ela está falando sério? Solto-a e arrasto as palmas das mãos sobre o meu rosto molhado. Semanas! Eu respiro fundo várias vezes. A água escorre por cima do meu nariz enquanto olho para ela. Apoiando meu antebraço na parede ao lado de sua cabeça, fico a centímetros do seu rosto — E quando você ia me dizer, hein?

—Eventualmente.

Foda-se, eu estou tão chateado agora. Quero socar alguma coisa e gritar com ela. Fecho meus olhos novamente, apertando a ponte do meu nariz deixando a água cair em cima de mim.

—Eventualmente? Tor? Foda-se. — gemo.

Olho para ela e tudo o que ela faz é olhar para mim nervosamente. Ela está correndo por aí com armas, batendo a merda fora de pessoas. Merda, ela sabia disso e foi atrás de Mussa. Não me disse por que sabia que eu ia pirar e não iria deixá-la fazer uma coisa dessas, maldição. Porra de manipuladora... —Você não pode simplesmente fazer isso. Você não pode simplesmente manter esses segredos de mim!— grito — Maldita seja mulher. Por que diabos você não me disse que...? — Olhando para a protuberância, paro no meio da frase, meu estômago se revira com a possibilidade e não quero nem, porra, reconhecer os arrepios na minha cabeça. Pode não ser meu! Porra! Se for de Joe... eu respiro e fecho os olhos. Quero perguntar-lhe de quem é, porra... mas não posso fazer. Deixo cair o queixo para o meu peito, as palmas das mãos tremendo deslizam para baixo nas paredes nos meus lados.

—Porra, foda-se. — Engulo em seco, em seguida, bato meus punhos contra a parede, quebrando o azulejo. Ela recua para longe de mim. Nervosamente envolve seus braços em volta do corpo e o cabelo molhado cai sobre seu rosto. É como se ela achasse que pode ficar invisível.

—Sinto muito. Eu... porra! — Estendo a mão para tocá-la, mas paro. Não tenho ideia do caralho do que fazer.

As sobrancelhas dela se franzem e ela olha para longe de mim, pressionando seu corpo firmemente à parede, tentando colocar o máximo de espaço possível entre nós.

Meus olhos se fixam em seu estômago. —Ê...— Eu engulo o nó na garganta: —Ê dele?

Seus ombros tensionam e há um momento estranho de silêncio. Tudo o que ouço é o meu próprio pulso martelando em meus ouvidos. Suas próximas palavras têm o potencial de completamente me destruir, porra.

— Não. — ela sussurra.

Eu libero o fôlego e com ele um pouco da tensão se dissipa. Agora o que diabos digo a ela? Será que ela sabia sobre isso antes de me deixar, porra? Inferno, porra! Eu nunca quis uma criança do caralho, nem sequer fui capaz de suportar a ideia, mas o pensamento de que ela me deixou porque estava grávida, porra, dói.

Aproximo-me dela, segurando seu rosto suavemente, virando-o para olhar para mim. —Tor, foi por isso que você me deixou?— Assim que as palavras deixam os meus lábios, me sinto foddidamente doente. Se ela estava grávida quando saiu, isso significa que ela estava grávida do meu filho quando Joe a espancou e estuprou mais e mais.

Seus olhos fecham e ela balança a cabeça — Não, eu não sabia.

Que porra que eu faço? Ela está encolhida no canto como um cão que foi batido. Estou com raiva, estou tremendamente preocupado. E isso não ajuda em nada, maldição.

Capítulo 19

Victoria

Merda! Eu não sei o que dizer a ele. Não estava pronta para ele saber por que nem sei como me sinto sobre isso. Honestamente, eu realmente nunca pensei sobre isso até agora. Tenho vivido em uma feliz negação. Pensei que teria mais tempo. Mais tempo para... resolver isso. Agora Jude sabe, e ele está com raiva. Seu corpo enorme paira sobre mim e embora eu saiba que ele nunca iria me machucar, ele me assusta. Não posso evitar. Aconteça o que acontecer agora, não tenho mais opções. Não há mais tempo para descobrir o que fazer.

Eu só preciso de espaço. Não posso lidar com isso e Jude vai precisar também. É demais. Vou para a porta do chuveiro.

Ele me agarra e balança a cabeça. —Onde você está indo?

—Não posso falar sobre isso com você agora— sussurro, minha voz suplicando.

Ele me dá um olhar severo. —Você não pode ignorar essa porra, sabia?— Ele está com raiva, mas debaixo da raiva posso ver a dor. A última coisa que eu queria era machucar Jude.

Meu peito aperta. Por que eu não lhe disse? Estou tão obcecada com a minha busca por vingança que não tenha sequer pensado no

depois. Tenho vivido para uma finalidade: matar Joe Campbell. Isso... isso nunca foi parte do plano, mas eu deveria ter confiado nele.

—Foda-se— ele suspira —Você precisa ir à porra de um médico.

Eu balanço minha cabeça. —Não, eu estou bem.

Ele me puxa para mais perto dele, seu aperto forte o suficiente para não tolerar nenhum argumento. —Eu não estava pedindo—, ele esbraveja, os músculos de sua mandíbula tensos.

Olho para ele e arranco meu braço de seu aperto. —Eu não preciso de um médico, e não vou ser obrigada a ir ver um— grito.

—Se ele é meu filho. É a metade da minha porra de responsabilidade. Você vai ao médico, Tor.

—Se?— Repito a palavra, uma palavra pequena que vale mais de mil. Ele acha que é de Joe.

Sua mandíbula contrai. —Sim, Tor. Se. Tão mau como isso soa, você não pode, merda, me culpar por pensar nisso.

Sinto-me doente. Balanço minha cabeça, encontrando seu olhar angustiado. —Não— sussurro — eu não posso, porque isso é exatamente a mesma coisa que pensei quando me disseram. — Engulo em seco e desvio o olhar. —E o meu único pensamento foi que eu iria me cortar e tirá-lo antes de tê-lo.

Seus ombros se inclinam hesitantes. Largando meu braço, ele arrasta as mãos pelo cabelo molhado. —Foda-se. Eu sinto muito. — Sua mão acaricia minha bochecha. —Merda, você está grávida. — Ele balança a cabeça antes de as sobrancelhas se franzirem em uma carranca. —Você está grávida — ele repete. —Merda. Você não pode sair correndo por aí com uma arma e matando pessoas, mulher. Você não pode fazer uma merda assim com uma criança do caralho em seu corpo. Não está certo.

Eu rolo meus olhos. —Desde quando você sabe tudo sobre gravidez?

—Eu sei o que é certo para você. De agora em diante vai fazer tudo o que eu disser para você. Você vai comer, você vai dormir e você não vai matar mais ninguém, porra.

Sinto minha raiva subindo para níveis irracionais. —Foda-se, Jude. — Ele está mesmo tentando mandar em mim? Ele está mesmo falando a sério? Tento passar em volta dele e ele estica seu braço musculoso para, bloqueando a minha saída. Cascatas de água sobre seus bíceps, fazendo com que a tinta escura em sua pele ganhe vida.

—Estou falando sério. Isso muda tudo.— Ele olha pra mim.

—Isso não muda nada. E não é você, de todas as pessoas, que vai se atrever a fazer um sermão para mim sobre matar pessoas, porra.—

Ele estreita seu olhar e arqueia a sobrancelha. —Foda-se, eu deveria ter sabido que algo estava acontecendo pelo jeito que você se comportou com a cabeça no congelador esta manhã! Você não consegue controlar esses hormônios malditos!

Eu quero gritar. —Não, é foddidamente razoável não querer uma porra de cabeça no congelador!— Grito. —E se você me quer quietinha, superprotegida? Você vai ter que aguentar, meus hormônios e tudo. É só esperar. — Olho para ele presunçosamente.

Ele revira os olhos. —Jesus Cristo! Não posso lidar com esta merda. Tome o seu maldito banho e vá comer alguma coisa.

—Isso é apenas o começo— digo sorrindo e saio do chuveiro. Olho por cima do meu ombro para sua poderosa estrutura, completamente nua por trás do vidro.

—Oh, porra, ameaças agora, hein? Realmente muito maduro, Tor...

—Só lhe avisando — corrijo-o. Se ele pensa que vai me controlar nos próximos seis meses, está redondamente enganado.

Pego uma toalha na parte de trás da porta antes de sair do banheiro.

Seco o cabelo rapidamente e coloco um top e shorts. Abro a gaveta e pego a nove milímetros, o peso do metal frio parece bom em minhas mãos.

Deixo o quarto e vou pelo corredor. Eu estou no topo da escada quando o ouço chamar atrás de mim.

—É melhor chamar um desses médicos que enriquecem vendo bucetas durante todo o dia, e você o chama, ou eu vou fazer isso por você. Você ouviu, Tor?— Ele bate a porta e então continua a bater todas as gavetas e armário do quarto. Neandertal da porra.

Isso é clássico de Jude. Não sabe como lidar com a merda então fica irritado e tenta me controlar. Eu não vou ao médico. Este bebê sobreviveu todo esse tempo, e sobreviveu a muito. As últimas semanas têm sido moleza se comparadas com as primeiras. Um médico é um risco desnecessário neste momento porque tudo o que não preciso é que Joe descubra que estou grávida.

—Eu não estou indo para a porra de médico nenhum, Jude! — grito por cima do meu ombro enquanto desço as escadas. Ele provavelmente não pode me ouvir por causa da barulheira que está fazendo. De todos os homens que eu poderia ter engravidado, tinha que ser dele.

Marney olha para mim quando passo. Ele está sentado no bar, fumando um cigarro e lendo o jornal. Uma xícara de café está na frente dele e tenho certeza de que noventa por cento do seu conteúdo é uísque. Ele espreita sobre a borda de seu jornal. Seus olhos passam rapidamente pelo meu estômago. Estou vestindo um top apertado, pois bem, o que diabos isso importa agora? A maneira como estão todos agindo, parece que eu estou do tamanho de uma baleia.

—Acho que você disse a ele?— ele me pergunta.

Eu suspiro. —Não, mas ele descobriu. O que é fan-tás-ti-co, porra.

Ele ri. —Inferno. Será que ele tirou as calças pela cabeça?

Reviro meus olhos. — O que você acha? Vá ao médico, Tor. — tento imitar sua voz. — Idiota. — Eu posso falar com Marney, realmente posso falar com ele. Se Caleb era o irmão que nunca tive, então Marney é o pai que eu sempre quis, menos a coisa do criminoso homicida.

—Humm. — Ele joga o jornal de lado e pega seu café. —Ele se preocupa com você, é isso. Jude só sabe lidar com uma emoção: a raiva. Ele é como um homem das cavernas...

Eu reclamo. —Sim, esse é Jude. Ele vai mijar em mim e bater no peito em breve.

Marney ri. —Deixe o homem ter o seu momento. — Seus olhos se desviam para a arma na minha mão. —Você vai atirar? Acho que Jude não gostaria que a mulher que carrega seu descendente ande por aí com uma arma. — Ele arqueia a sobrancelha.

—Juro por Deus, Marney. Se você começar com essa merda... — Eu bufo.

Ele ri e dá uma longa tragada no cigarro, segurando as mãos para cima inocentemente. —Vá em frente, então.

Saio pela porta de tela, sua risada rouca me seguindo. O sol quente bate na minha pele e o cheiro dos pinheiros enche meus sentidos. Amo aqui fora. Amo o vasto espaço aberto ao redor da casa, os bosques que a rodeiam. Você poderia viver aqui por meses e nem sequer saber que outra alma existe. É pacífico.

Movo-me apenas dentro da linha das árvores e destravo a arma. Levanto a arma e aponto para o alvo que está marcado em uma árvore próxima. Vários buracos de bala perfuram as bordas da pintura estilhaçando a casca. Disparo um tiro após o outro permitindo que isso me acalme. Acho que é terapêutico, uma liberação.

Libero o pente vazio e pego um novo do meu bolso de trás. Acabo de colocar no lugar quando a tela da porta abre e Jude vem

correndo saltando as escadas. — O que você está fazendo, porra? — ele grita.

Suspiro e me viro para o alvo, puxando o gatilho novamente.

Ouço os galhinhos de pinheiros se esmagarem sob suas botas, e ele para atrás de mim. —Não me ignore, porra.

Viro-me para encará-lo. —Então não seja um idiota!

Posso ver flashes de raiva em suas feições, mas ele se segura, o que só me enfurece ainda mais. —Me dá a arma, Tor. E isso não é um pedido!

—Puta que pariu... — cerro os dentes e aponto a arma para ele. —Foda-se, Jude! — eu estou tão brava — Estou grávida, porra, não deficiente ou mentalmente incapaz. Não vou atirar em mim!

Arqueando as sobrancelhas, ele segura a arma. — Me dê isso!

Enfio a arma em seu peito. —Cuidado. Você nunca pode saber quando eu posso ter uma explosão hormonal— Rosno. Ele ergue uma sobrancelha para mim.

— Me. Dê. A. Arma

Eu a jogo no chão e passo por ele como um raio. — Babaca!

—Por favor, me diga que você apenas não jogou uma arma carregada na maldita terra?— ele geme enquanto se inclina para pegá-la. —Porra, Tor. Ela está destravada!

—É uma pena que ela não disparou!— Grito, sem olhar para ele.

Entro na cozinha e Marney ainda está sentado lá, jornal na mão, um pequeno sorriso em seu rosto. Ele coloca o cigarro entre os lábios e inala. — Como foi atirar lá fora?

Eu quero gritar. Eu quero gritar muito, porra. —Ele é um fodido pé no saco!

Jude vem tempestuosamente pela da porta atrás de mim. — Pare de agir como uma criança sobre isso, porra, Tor! — Ele olha para Marney e balança a cabeça. Ele arrebatou o cigarro dos lábios de Marney, esmagando-o sobre o balcão. — Nada de cigarro em torno dela! Você me ouviu? — ele grita.

O olhar de Marney desvia de Jude para mim. — Será que ele já mijou em você?

—É evidente que não. Acho que ele pode estar na fronteira dos clinicamente loucos. Diga a ele, Marney! Antes de eu ter que matá-lo. Ele soube a meia hora, meia hora do caralho, e já quero cortar sua garganta durante o sono!

Jude estreita os olhos e aponta para Marney. — Será que ele, porra... — Jude se vira para ele — você sabia, velho? — Jude passa a mão sobre o topo de sua cabeça. — Você, porra, disse a Marney e não me disse? Porra, Tor!

— Eu não disse a ele, ele ouviu! — Eu o defendo antes dele chutar a merda fora de Marney. Ridículo? Sim, mas este é Jude.

— Ouviu você? Diabos, quem mais, diabos?

Eu olho para Marney e seus olhos estão cheios de pena. Abaixo meu olhar para o chão da cozinha, e nenhum de nós diz nada.

—Quem mais sabe?— Jude não parece mais irritado, ele parece arrasado.

—Ninguém,— minha voz quebra. Sinto uma mão esfregar meu ombro e olho para encontrar Marney em pé ao meu lado, se posicionando entre mim e Jude.

Marney respira profundamente, apertando meu ombro enquanto diz, — Encontrei-a derramando seu pequeno coração para fora na sepultura do Caleb.

O rosto de Jude se abate e ele abaixa a cabeça. Há um silêncio tenso e então assisto seus ombros caírem antes dele sair pelo

corredor. —Não fume em torno dela, porra—, ele ordena, antes de desaparecer.

Vejo-o ir, minhas emoções oscilando entra a raiva e a piedade e de volta novamente. Marney coloca um braço no meu ombro e me orienta para um dos bancos no balcão de café da manhã. —Sente-se, querida. Eu vou fazer um atum para você, para aliviar.

Tenho certeza de que Marney não sabe cozinhar, mas não discuto. Cruzo os braços sobre o balcão e descanso minha bochecha sobre eles. Só não entendo por que Jude tem que ser tão irascível. Eu acho que sempre soube que teria que dizer a ele e que quando ele soubesse ficaria superprotetor, que não me deixaria me vingar da maneira que preciso tão desesperadamente. Talvez eu estivesse errada, mas ele só me provou que estava certa. Não existe nenhuma maneira que ele vai me deixar ir atrás de Joe agora, e sem isso... sem isso, eu não sei o que fazer.

Marney coloca um copo de água na minha frente e pega uma panela debaixo do fogão. Ouço o som dele trabalhando ao redor do pequeno espaço. Depois de um tempo ele coloca um prato no balcão. Um pedaço ligeiramente queimado de pão coberto com algumas conservas de atum.

—Obrigada.— Pego um garfo e levo a comida à boca. Não tenho apetite. Eu nunca tenho.

Marney volta a ler o seu jornal, mas posso senti-lo me observando. Pelo menos ele é sutil. Ao contrário do babaca do Jude.

—Atum com queijo derretido não é bom frio. — diz enquanto vira uma página.

Eu tento sorrir e dou mais uma mordida.

Se vou ter que aguentar mais seis meses do Neandertal, pelo menos tenho Marney.

Jude está com raiva de mim e acho que não posso culpá-lo. O resto do dia se arrasta e Jude não volta. Vou para a cama sozinha. Não gosto de dormir sozinha. É como se minha própria mente



pudesse perceber isso e os pesadelos estivessem apenas esperando
no momento em que eu fecho meus olhos.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 20

Jude

A porta bate fechando atrás de mim, subo no carro, ligo o motor e saio. Provavelmente não deveria sair assim, mas estou chateado e só preciso de alguma porra de tempo para pensar sobre isso.

Encontro um bar na base das montanhas. O estacionamento está quase vazio. Não acho que muitas pessoas aqui gostam de se embriagar no meio do dia, o que me serve muito bem. Os pequenos sinos tocam quando abro a porta e caminho diretamente para o bar me sentando.

Há uma menina em idade universitária secando copos atrás do balcão. Quando ela olha para mim, seu olhar sedutor arrasta pelo meu rosto, meus ombros e pelos meus braços. Ela morde o lábio e sorri. Porra. Eu não estou com disposição para isso.

Ela caminha lentamente e joga a toalha do bar por cima do ombro. —O que é que um homem como você bebe? — ela ri.

— Basta colocar um pouco de gelo em um copo e um pouco de uísque. Eu não me importo qual tipo. Fique atenta e quando ele ficar vazio, me dê outro.

Ela franze o nariz. — Uau, você está tão transtornado. O que te fez tão zangado? — Ela pega um copo em cima do balcão um copo, então se vira para pegar a garrafa de uísque.

Eu resmungo. — Só me dê a minha bebida. Não estou aqui para uma terapia do caralho. — Puxo a minha carteira do meu bolso e coloco sobre o balcão.

Ela encolhe os ombros e desliza o copo cheio na bancada do bar para mim. — Quer começar uma conta?

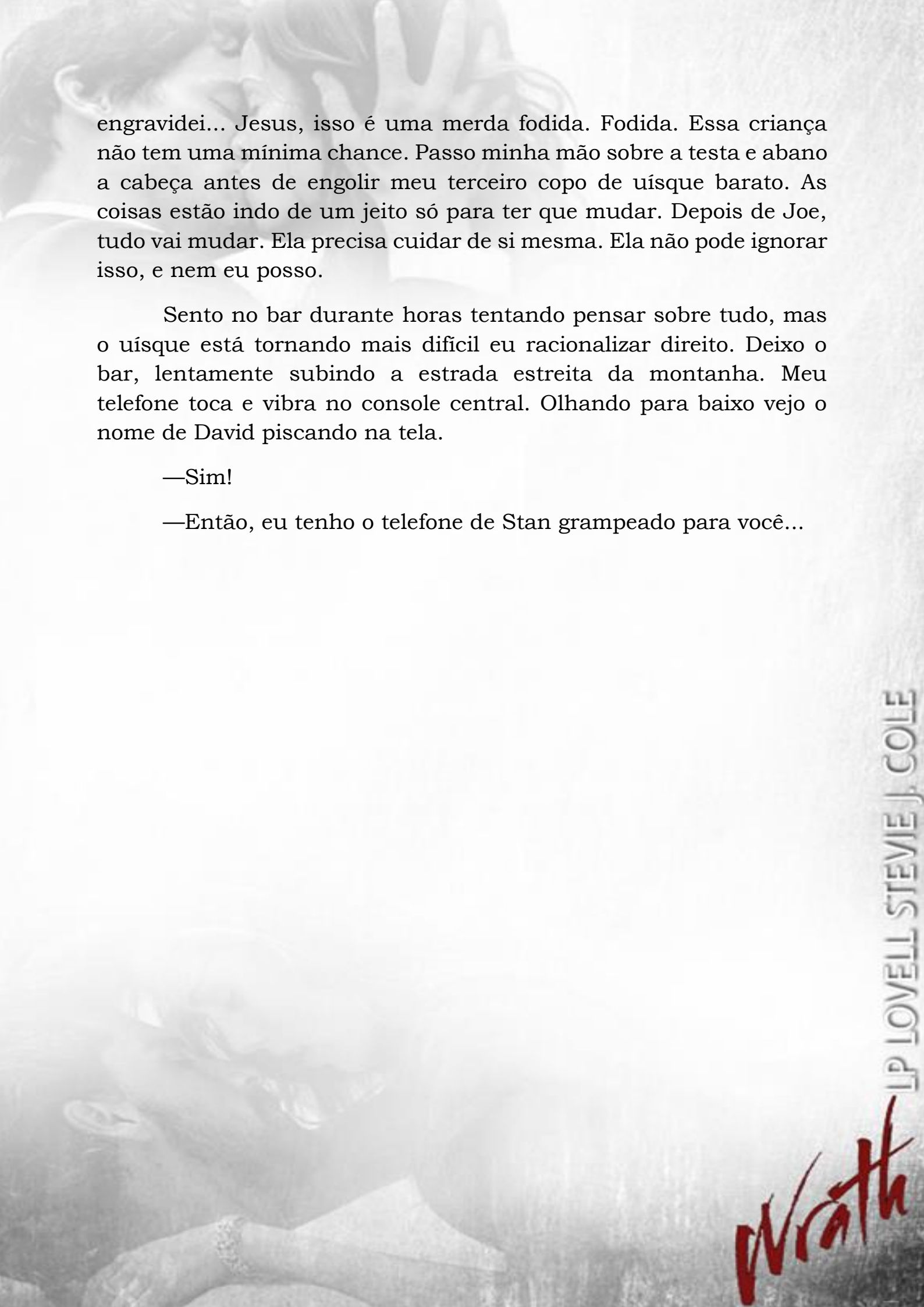
—Não, estou pagando com dinheiro.

Ela registra a minha bebida e, em seguida, felizmente, me deixa fodidamente sozinho e volta para a secagem dos copos.

Tomo um longo gole, engolindo a bebida e arrasto a mão pelo meu rosto. Mexo-me no banco e passo meu polegar ritmicamente ao longo da borda curva do vidro. Grávida. Porra.

Que diabos realmente vou fazer com uma criança? Não sou exatamente o tipo paternal. Não fui criado por um homem que era do tipo paternal. Eu amava meu pai, mas ele não me ensinou como jogar uma bola, como pedir meninas para sair, inferno, ele nem sequer foi a minha formatura do ensino médio. Meu pai me ensinou a ser um criminoso. Como matar alguém e fugir. Ensinou-me a lutar quando você não consegue o que quer; ensinou-me a querer sangue. Eu não tenho nenhuma ideia do que é uma vida normal, então como diabos poderei ensinar alguém a ter uma? Eu planejei algumas coisas, fiz ajustes para que possa dar a Tor algo próximo ao que considero como normal, mas uma criança não estava nesses planos. Nunca.

Termino o meu primeiro copo, e a atendente derrama o segundo. Eu o bebo em três goles batendo o copo vazio de volta no balcão desgastado. — Outro! — Exijo, limpando a palma da mão sobre a minha boca. Ela coloca uma nova bebida na minha frente e eu continuo a beber. Minha cabeça viaja, a tensão em meus ombros se dissipando com cada gole. Uma criança! Estou fodidamente chateado que ela manteve isso de mim, ou talvez esteja ferido. Eu só sei que não gosto disso. Mantive ela cativa, ela se apaixonou por mim, eu a



engravidei... Jesus, isso é uma merda fodida. Fodida. Essa criança não tem uma mínima chance. Passo minha mão sobre a testa e abano a cabeça antes de engolir meu terceiro copo de uísque barato. As coisas estão indo de um jeito só para ter que mudar. Depois de Joe, tudo vai mudar. Ela precisa cuidar de si mesma. Ela não pode ignorar isso, e nem eu posso.

Sento no bar durante horas tentando pensar sobre tudo, mas o uísque está tornando mais difícil eu racionalizar direito. Deixo o bar, lentamente subindo a estrada estreita da montanha. Meu telefone toca e vibra no console central. Olhando para baixo vejo o nome de David piscando na tela.

—Sim!

—Então, eu tenho o telefone de Stan grampeado para você...

Capítulo 21

Victoria

—Ria.

É escuro e eu não posso ver nada, mas reconheço o cheiro. Mofo misturado com o cheiro fraco de sangue. Estou ajoelhada tentando desesperadamente encontrar minha direção. Meus dedos se estendem sobre o chão de pedra lisa, tão familiar para mim como minha própria pele. Minha prisão, meu próprio inferno pessoal.

—Ria. Onde você está?— Caleb, esta é a voz de Caleb.

—Estou aqui.— Um pequeno grito sai dos meus lábios.

Ouçó seus passos silenciosos, e em seguida, uma mão suave no meu braço. Ele me puxa para os meus pés. Posso sentir o calor do seu corpo, como se ele fosse uma fomalha na calada do inverno. Ele pega a minha mão e me puxa. — Me siga.

Sigo-o cegamente. Eu o seguiria para qualquer lugar. Continuo caminhando até que uma luz suave começa a nos rodear. É como o sol subindo lentamente, pintando tudo em tons de cinza. Estudo o rosto de Caleb e uma lágrima rola em minha bochecha.

—Eu sinto sua falta— digo a ele.

Aquele sorriso brilhante faz seu caminho através de seu rosto, mas não diz nada. Ele se inclina para frente e pressiona seus lábios em minha testa. Ele dá um passo para trás e eu encontro seus olhos. Um grande estrondo reverbera fora das paredes, interrompendo o silêncio. Um minúsculo ponto aparece entre seus olhos. O sorriso desaparece do seu rosto enquanto o círculo se espalha para fora, se tornando uma pequena mancha vermelha. Sangue derrama pelo seu rosto, correndo pelo queixo e encharcando sua camisa. Eu grito e me aproximo dele. Meus dedos apertam sua camisa e ele cai de joelhos, com os olhos arregalados.

—Caleb!— Eu grito, minhas cordas vocais doendo com o esforço.

Eu sinto mãos firmes nos meus ombros me puxando para trás, longe de Caleb. Tudo o que posso fazer é gritar seu nome.

Estou dividida entre o sonho e a realidade, gritando e tentando recuperar o fôlego com suor se espalhando pelo meu corpo inteiro. Sento-me segurando meu peito contra a dor devastadora que parece rasgar meu peito. Tudo o que eu posso ver é o rosto de Caleb, um soluço escapa da minha garganta e lágrimas caem em resposta. Deus, eu sinto falta dele.

—Tor— a voz baixa de Jude soa no meu ouvido. Ele se inclina sobre mim, passando os dedos pelo meu cabelo. —Está tudo bem. Eu sinto muito. — Ele toca os lábios levemente na minha testa e o cheiro dele, fortemente adicionado a uísque, envolve em torno de mim.

Eu não posso falar. Dói muito. Nunca tive esse sonho. Meus pesadelos geralmente são com Joe, mas este é agri-doce, porque eu vi Caleb, mas então tive que vê-lo morrer de novo. Lágrimas de pura angústia escorrem pelo meu rosto.

Jude me segura contra seu peito, passando os braços grossos em torno de mim. Sua mão acaricia em círculos as minhas costas, sua outra palma pressionada contra minha bochecha, como se ele estivesse tentando me proteger do mundo. Seu coração bate forte e estável sob a minha orelha e fecho meus olhos, usando a batida rítmica para acalmar minha respiração irregular.

—Eu sinto muito, boneca — ele sussurra.

—Pelo que?

Ele arrasta a mão livre sobre o rosto e respira fundo, seu peito se expande sob minha bochecha. —Porra, Tor. Por cada-fodida-coisa

Há um momento de silêncio onde tudo o que posso ouvir são as nossas respirações se misturando. Ele cheira como se tivesse bebido metade de uma destilaria e seus movimentos são lentos. Ele está bêbado. Sinto-o pressionar seus lábios no meu cabelo e sua mão passeia pela minha barriga. Fico tensa por um segundo porque ainda não sei como ele se sente sobre isso. Não sei o que me assusta mais, estar grávida ou Jude saber que estou grávida.

—Basta ir dormir, boneca. Você precisa dormir.— Ele me desloca e me deita, antes de me puxar para o seu peito. Eu não luto com ele. Me sinto como se Jude fosse a única coisa me mantendo aqui, em uma única peça, e no segundo em que me deslocar de seus braços eu vou desintegrar.

Ele desliga a lâmpada e arrasta os dedos pelo meu cabelo lentamente.

—Eu sinto falta dele —, sussurro na escuridão do quarto.

Ele engole em seco. — Eu sei. — Momentos passam e então sinto seu peito subir com a respiração profunda que ele dá. —Quando você ia me contar sobre o bebê, Tor?— Ele soa tão abatido.

—Sinto muito, — respiro. E eu sinto. Deveria ter dito a ele. — Eu estava com medo, — admito em um sussurro quebrado — eu ainda estou.

—Mesmo assim você deveria ter me dito. Inferno, é o meu filho também. — Sinto seu queixo contra o topo da minha cabeça.

—Pensei que você iria quer correr para as montanhas ou fazer essa merda machista.

—Correr para as montanhas, hein?— Ele ri. —Sem chance. Eu nunca iria deixá-la e com certeza nunca iria deixar o meu próprio

filho. — suspira — Eu nunca deixaria você, Tor. — ele beija suavemente minha testa. — Eu te amo.

Meu coração palpita. Sei que ele está bêbado, mas também sei que está dizendo a verdade. Conheço Jude, eu o amo, confio nele, mas ele sempre parece fora da normalidade. Eu sei que o tenho, mas nunca acreditei que pudesse segurá-lo. Ele sempre parece areia, deslizando através de meus dedos não importa o quanto eu tente segurar. Suas palavras me trazem um alívio que eu não sabia que precisava. Elas me dão a força para ousar querer isso com ele. Viro meu rosto para olhar para ele. Seus olhos brilham na escuridão. Ele olha para mim como se eu fosse seu mundo, e tenho que engolir o nó na minha garganta. Sempre pensei que Jude tinha me custado tudo, mas em algum lugar ao longo do caminho, ele tornou-se tudo.

—Eu te amo—, sussurro na escuridão. Ele me puxa para mais perto dele e joga uma perna sobre a coxa musculosa. Sua mão se move do meu estômago para a minha coxa, segurando-a.

—Bom. — Ele sorri. — Então você vai aguentar a minha merda machista.

Eu suspiro. Ele não pode ser assim, e honestamente, essa é a razão pela qual não lhe disse. E isso agora me aterroriza.

Ele segura meu queixo, inclinando minha cabeça para trás para olhar para ele. —O que está errado?

Eu estreito meus olhos para ele e respiro fundo. Esta vai ser uma luta. —Jude, eu preciso que você me deixe matar Joe. Preciso que me prometa que não vai tentar me afastar disso.

—Você perdeu a porra da sua mente, mulher.

Suspiro e fixo meu olhar em seu peito, preparando-me. —Isto não está em discussão, Jude. Eu disse que ia atrás dele e você concordou em me ajudar. É isso.

Ele geme. —Oh, isso vai estar em discussão. Mas você quer saber o que não está em discussão? Que você está indo ao médico.

Olho feio para ele, que merda é essa? Vai estar em discussão? Jesus, onde está o irritado, idiota, controlador de quem engravidei, desapareceu? Juro por Deus, se ele já está na ponta dos pés em torno de mim... —É desnecessário.

Reforço. —É desnecessário.

—Por favor.— Ele roça um beijo em meus lábios. —Apenas deixe-me cuidar de você e desse bebê, porra.

Não há nenhum ponto em discutir com ele. Vou deixá-lo fazer a sua coisa macho alfa se o faz sentir-se melhor. —Tudo bem, mas eu não vou a cada mês.

—Tão teimosa— ele resmunga e vira a cabeça para me beijar de novo. Seus lábios são suaves, mas exigentes, a mão envolve a parte de trás do meu pescoço, me segurando lá. Eu gemo quando sua língua passa ao longo do meu lábio inferior.

Eu quero ele. Sempre o quero, mas agora, me sinto conectada com ele em um nível totalmente novo. É como se eu precisasse fisicamente do seu toque. Meus dedos passam através da pele suave de seu peito, enquanto me arrasto pela cama, tentando chegar mais perto. Movo-me até que estou montando seu corpo, suas mãos segurando meus quadris para me firmar. Sua pele quente pressionada contra minhas coxas nuas me faz tremer. Suas mãos derivam ao longo da minha cintura enquanto sua língua escova a minha, seus dedos percorrendo a pele exposta nas minhas costas. Minha respiração vem em rajadas irregulares, minha pele é tomada por arrepios sob seu toque suave.

Mordisco seu lábio e sinto o seu pau endurecer, pressionando contra mim.

Ele faz um som de dor na parte traseira de sua garganta e gentilmente me empurra, segurando-me pelos ombros. —Tor— sua voz é rouca, impregnada de sexo. Mordo meu lábio enquanto meus olhos se trancam com os dele. Posso ver o desejo estampado em seu rosto. — Porra, eu... — seus olhos se dirigem para o meu estômago.

Olho feio para ele. — Eu juro por Deus, Jude...

Ele balança a cabeça. —Você está grávida...

Ele esta falando sério? —Sim, eu me lembro — rosno.

Agarro seu queixo, forçando meus lábios nos dele. Ele me beija de volta, mas é hesitante, cuidadoso. Afasto meus lábios longe dos seus e me perco. Antes que eu possa sequer me parar, o esbofeteio. Forte. Sua cabeça vai para o lado, o ruído reverberando ao redor do quarto. Culpa dos hormônios e frustração sexual.

Seus olhos se arregalaram, e noto sua mandíbula apertar. Ele leva várias respirações profundas, seus dedos cavando em meus quadris. —Cuidado — ele rosna.

—Ou o que? — Sussurro, estreitando meus olhos. Desafiando-o.

—Não me faça perder a cabeça, porra. Você conhece meus limites, não me faça ultrapassá-los.

Isso é exatamente o que estou tentando fazer. Meu sangue martela nas minhas veias e tudo que posso ouvir é o meu próprio pulso em meus ouvidos. Medo. Adrenalina. Luxúria. É uma mistura inebriante.

—Foda-me e eu não vou ter que empurrar seus limites. — Ergo uma sobancelha para ele. Pego a barra da minha camiseta e lentamente levanto do meu corpo, expondo-me a ele centímetro por centímetro. Um gemido torturado deixa seus lábios e eu sorrio. Ele pode estar com raiva, mas seu pênis está como ferro pressionado contra minha buceta. Ele está excitado, mesmo que não vá admitir isso, e isso me deixa brava, bruta.

Jogando minha camiseta no chão, me inclino para frente e o beijo novamente traçando minha língua em seu lábio inferior, antes de mordê-lo suavemente. Minhas mãos rastejam até seu peito e se envolvem em torno de sua garganta. Ele rosna contra os meus lábios e os meus dedos apertam. Ele me puxa pelos cabelos, me jogando na cama de costas e me prende debaixo de sua estrutura maciça. Minhas

mãos caem na cama e ele prende ambos os pulsos com uma mão puxando-os para cima da minha cabeça.

Ele ergue uma sobrancelha para mim e abaixa seu rosto, seus lábios mal roçando os meus. — Mulher, vou dizer isto só uma vez, essa foi a única vez que você colocou as mãos em volta da minha garganta. — sua voz é gutural e tensa enquanto se estabelece em cima de mim.

Ele agarra minha calcinha e a rasga fora de mim, me fazendo ofegar. Arrasta um dedo sobre minha buceta, empurrando o dentro de mim. — Você quer que eu te foda? — Ele empurra a cueca para baixo e mantém seu pênis contra mim. — O que você tem que fazer se quer que eu te foda, hein?

Eu mordo meu lábio e tremores violentos passam pelo meu corpo. Inclino meus quadris para cima, buscando desesperadamente mais pressão, mais atrito, apenas mais.

Ele ri. — Vamos, Tor. Seja uma boa menina e me implore.

— Eu odeio você — digo, mas deixo escapar um gemido ofegante quando ele esfrega seu polegar contra o meu clitóris. Me sinto como se estivesse em chamás.

— Sêrio? — Ele empurra dois dedos dentro de mim e meu corpo inteiro se debate contra ele. — Parece que você realmente me odeia. — Ele puxa os dedos para fora e desliza um por um em sua boca, chupando. Oh meu Deus. Acho que meu ovário apenas implodiu. Um sorriso lento surge em seu rosto. Bastardo, ele sabe exatamente o que está fazendo.

Ele abaixa o rosto até que seus lábios estão no meu ouvido. — Me implore. — seus dentes apertam minha orelha. Maldito seja ele e sua voz sexy pra caralho e rosto e corpo também.

— Foda-me! — Eu praticamente grito com ele.

—Humm, não está implorando — sussurra em meu ouvido, suas mãos tateando em meus seios fartos, esfregando seu pau contra minha buceta.

—Por favor — eu imploro. Não sei por que sempre luto com ele, ou resisto. Sempre lhe suplico no final, e ele está bem ciente disso. Idiota.

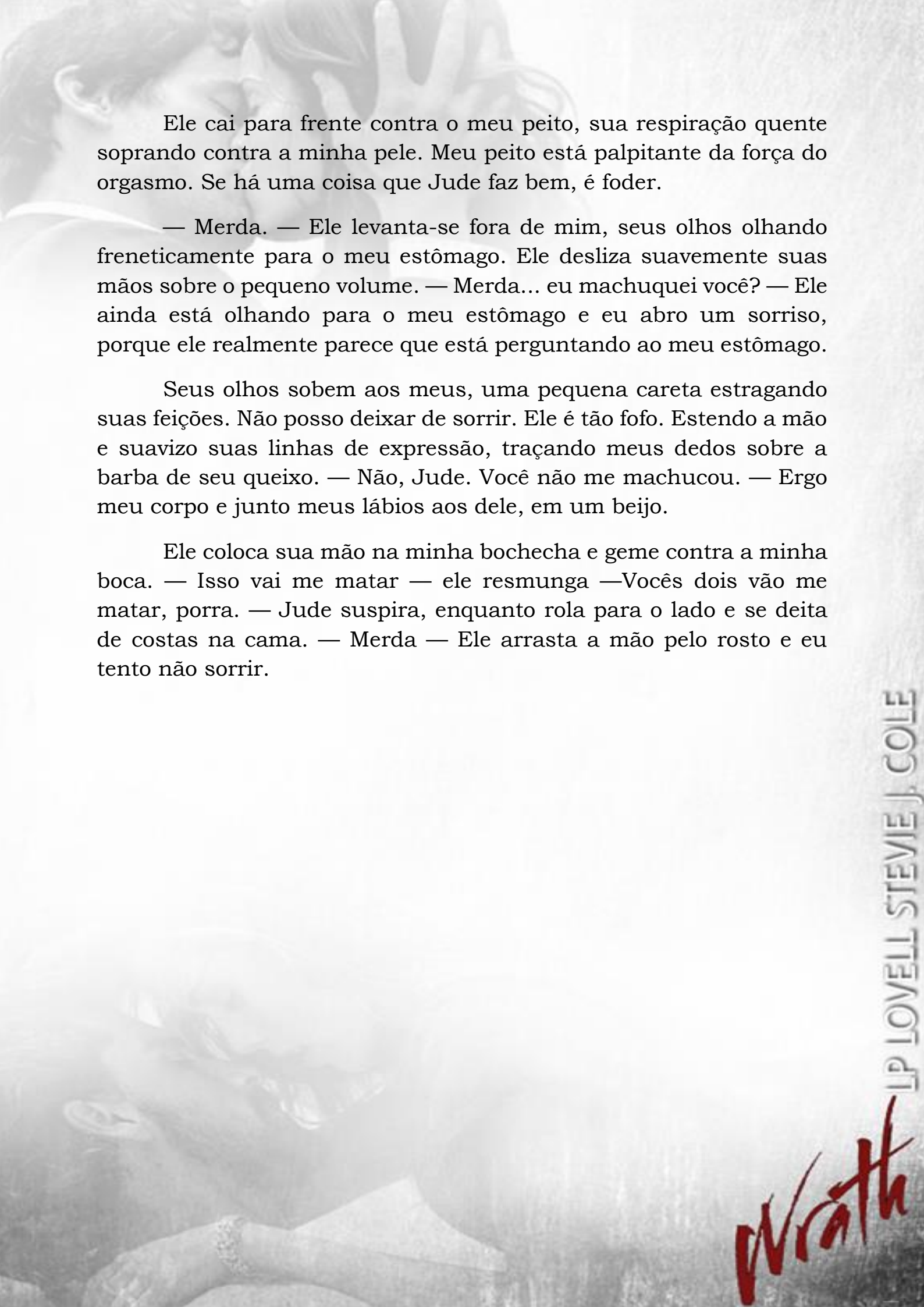
— Você me bate, porra, e então você me sufoca. E foda-me se o meu pau não está como uma rocha — ele rosna — Essa é a única razão do caralho que vou foder você agora, Tor.

Abro a boca para responder, mas ele desliza dentro de mim e gemo alto, sem vergonha. Ele deixa seus braços em cada lado da minha cabeça enquanto desce seu peso acima de mim. Sua mandíbula e os músculos do pescoço tensos. O esforço de cada músculo é visível e quase demais. Arrasto minhas unhas sobre seu peito, sentindo cada ondulação e reentrância, observando-os apertar e soltar enquanto ele puxa para fora e empurra de volta em mim.

Suas mãos deslizam sobre a minha pele, traçando minhas curvas. Seus lábios caem para meu peito e seus dentes roçam meu mamilo. —Por causa dessa porra! Quão apertada está a sua maldita buceta? — ele geme e mete mais duro em mim. É tão bom, tão certo. Jogo minha cabeça contra o travesseiro empurrando meu peito em seu rosto.

Jude agarra minha perna, levantando-a e colocando-a em seu ombro. Ele desliza mais profundo dentro de mim, jogando a cabeça para trás com um rosnado. Seus dedos escavam em meus quadris e seus olhos travam com os meus novamente, ele pressiona seus lábios no meu tornozelo e arrasta os dentes ao longo da minha panturrilha.

Estou tremendo, meu corpo à beira de explodir. Sua mão se move entre as minhas pernas e ele aperta meu clitóris enquanto se empurra dentro de mim. Tudo aperta, meu corpo parece que vai detonar. Ele me fode até que eu comece a me afastar dele, minha buceta muito sensível incapaz de tomar qualquer impulso a mais e então ele solta um rugido primitivo e endurece acima de mim. Vejo cada um de seus músculos contraírem, seu rosto torcendo em tensão antes de relaxar. Ele é lindo. Eu amo observá-lo desmoronar e perder o controle. Amo que eu consiga fazer isso com ele, porque ele é Jude Pearson, e ele é a personificação do poder de controle.



Ele cai para frente contra o meu peito, sua respiração quente soprando contra a minha pele. Meu peito está palpitante da força do orgasmo. Se há uma coisa que Jude faz bem, é foder.

— Merda. — Ele levanta-se fora de mim, seus olhos olhando freneticamente para o meu estômago. Ele desliza suavemente suas mãos sobre o pequeno volume. — Merda... eu machuquei você? — Ele ainda está olhando para o meu estômago e eu abro um sorriso, porque ele realmente parece que está perguntando ao meu estômago.

Seus olhos sobem aos meus, uma pequena careta estragando suas feições. Não posso deixar de sorrir. Ele é tão fofo. Estendo a mão e suavizo suas linhas de expressão, traçando meus dedos sobre a barba de seu queixo. — Não, Jude. Você não me machucou. — Ergo meu corpo e junto meus lábios aos dele, em um beijo.

Ele coloca sua mão na minha bochecha e geme contra a minha boca. — Isso vai me matar — ele resmunga — Vocês dois vão me matar, porra. — Jude suspira, enquanto rola para o lado e se deita de costas na cama. — Merda — Ele arrasta a mão pelo rosto e eu tento não sorrir.

Capítulo 22

Jude

Estou deitado na cama olhando para o teto com Tor dormindo no meu peito. Eu a levei ao médico ontem e descobrimos que ela está com dezenove semanas de gravidez. Gentilmente passo a minha mão sobre seu estômago, maravilhado que este bebê sobreviveu a toda a merda que ela passou. Nossa menina já é uma sobrevivente. Ver a imagem granulada do minúsculo ser humano me bateu em um lugar que eu não sabia que podia ser tocado. Tenho esse sentimento de orgulho e o impulso inato de protegê-la. Toda a minha porra de visão sobre a vida mudou ontem. Poucos dias atrás, eu não queria ser um pai, e agora, estou pronto para mudar toda a porra da minha vida para ser um. Vou fazer o que for preciso para garantir que a minha menina nunca saiba quão fodidas nossas vidas tem sido.

Suspiro e pressiono um beijo suave na testa de Tor. Uma leve brisa assopra, farfalhando as folhas fora da janela aberta. Isto é o que eu quero. Paz, justamente assim. Não a merda que tenho vivido. Eu só quero isso. Assim que eu matar Joe... isso vai ser tudo o que vamos ter. Só eu e Tor... e, daqui pouco, uma menina.

—Jude? — Marney grita da cozinha. —Parece que você tem um pequeno problema aqui...

Bem, merda, lá se foi a paz para o caralho. Eu dou uma respirada e cuidadosamente deslizo de debaixo de Tor, colocando gentilmente seu braço sobre o travesseiro.

—Você esta acordado, garoto?

Fecho a porta atrás de mim. —Sim. Sim. Estou indo.

Assim que viro no corredor encontro Marney sentado à mesa com um café e um cigarro ardente. Ele está olhando para um jornal. Seus olhos lentamente levantam para os meus e ele balança a cabeça. — Seu nome está no jornal. Primeira página. Notícia nacional.

Lanço minha cabeça para trás e esfrego as mãos pelo meu rosto. —Porra! — grito.

—Bem, eles dizem aqui que você está morto. Feito em pedaços em sua casa, mas mostram uma série de assassinatos que estão tentando ligar a um homem morto. — ele abaixa o jornal e bate o dedo sobre a notícia.

Arrasto a cadeira e me sento.

Jude Pearson, um pós-graduado com honra da Universidade de Alabama virou apostador ilegal e criminoso de carreira e está conectado com mais de trinta e cinco assassinatos. Uma série de assassinatos em todo o Vale do Tennessee que ocorreram há vários meses têm evidências ligadas ao finado Pearson em, pelo menos, três deles. As investigações estão em andamento. E ali, ao lado do artigo, está a minha imagem de graduação na faculdade.

Marney desliza um copo de café em minha direção. — Minha preocupação é sobre o que está exatamente sendo investigado. — Eu vejo como ele torce a tampa de uma garrafa de uísque e derrama uma quantidade generosa em minha xícara. — Você falou com David ultimamente? — ele arqueia a sobrancelha.

Posso sentir meu pulso na parte de trás da garganta. Eu pego o telefone da mesa e disco o número de David. Ouço ligar, mas ele não toca. O número que você está ligando está fora de serviço ou desligado temporariamente.



Meus dedos apertam em torno do telefone. — Filho da puta — rosno.

Marney se inclina na cadeira e olha silenciosamente para mim, seus lábios em linha reta. — O tempo de espera já se esgotou. Você demora muito mais tempo e nunca vai chegar a essa casa na praia. Você precisa pensar no que é melhor para ela... para a sua família agora. A vingança não é tudo. Seu pai te disse isso.

Parte de mim sabe que ele está certo. Sei que devo dar o fora daqui e nunca mais voltar, porra. Mas então, há Tor. Ela ainda está tão irritada, tão louca por derramamento de sangue; se eu disser a ela que estamos saindo, ela vai ficar aqui e tentar lidar com Joe por si mesma. Além disso, tenho que matar Joe porque se eu não fizer, nunca vou realmente me sentir seguro. Eu não tenho só Tor para proteger agora; Tenho uma criança. Sinto-me doente. O que diabos vou fazer?

—Eu não tenho um bom pressentimento sobre isso, Jude.— Marney balança a cabeça. — Não é uma boa sensação.

Capítulo 23

Victoria

Estou inquieta e incapaz de dormir. O som das respirações firmes de Jude atrás de mim, seu peito subindo e descendo nas minhas costas e um braço forte envolto em torno de mim, prendendo-me ao seu corpo grande. Distraidamente passo o dedo pela tatuagem que serpenteia seus músculos e paro em seu pulso. Sinto-o se mexer, seus lábios pressionando contra a parte de trás da minha cabeça enquanto puxa-me ainda mais apertado contra ele.

Em um segundo estou nos braços de Jude, no próximo, um enorme estrondo sacode a casa inteira. Um breve flash laranja ilumina o quarto antes de ser bloqueado pelo corpo de Jude cobrindo o meu. Ele coloca a mão em cima da minha cabeça, me pressionando contra o colchão, suas respirações pesadas abafadas por uma segunda explosão.

Gritos de Marney vem da parte inferior das escadas. Jude se senta, com o peito nu arfando enquanto pega uma arma e coloca na minha mão. Ele pega meu rosto, me forçando a olhar para ele.

— Você fica aqui. Alguém entra por aquela porta, você atira primeiro e pergunta depois, porra.

Eu aceno e ele beija minha testa rapidamente antes de sair do quarto como se estivesse prestes a fazer seu próprio apocalipse.

Deslizo para fora do colchão e pressiono as costas contra a parede, colocando a cama entre mim e a porta para me abrigar contra qualquer um que possa entrar. É Joe, eu sei que é. Ele nos encontrou, e se ele nos encontrou então não há qualquer possibilidade de que ele não veio atrás de mim. Minhas mãos tremem e miro minha arma na porta. Escuto atentamente por passos. Meu coração está batendo tão forte; meu corpo inteiro vibra com cada baque pesado.

Depois do que parece uma eternidade ouço passos no corredor e meu dedo se contorce no gatilho. Há uma batida suave na porta.

— Tor, sou eu.

Eu libero o fôlego que estou segurando e abaixo a arma, enquanto a porta abre e Jude entra. Ele percebe a minha posição no chão e ergue uma sobrancelha para mim, um pequeno sorriso no rosto.

—Carro-bomba — diz. Externamente ele parece calmo, mas há um furacão categoria máxima passando através de sua íris.

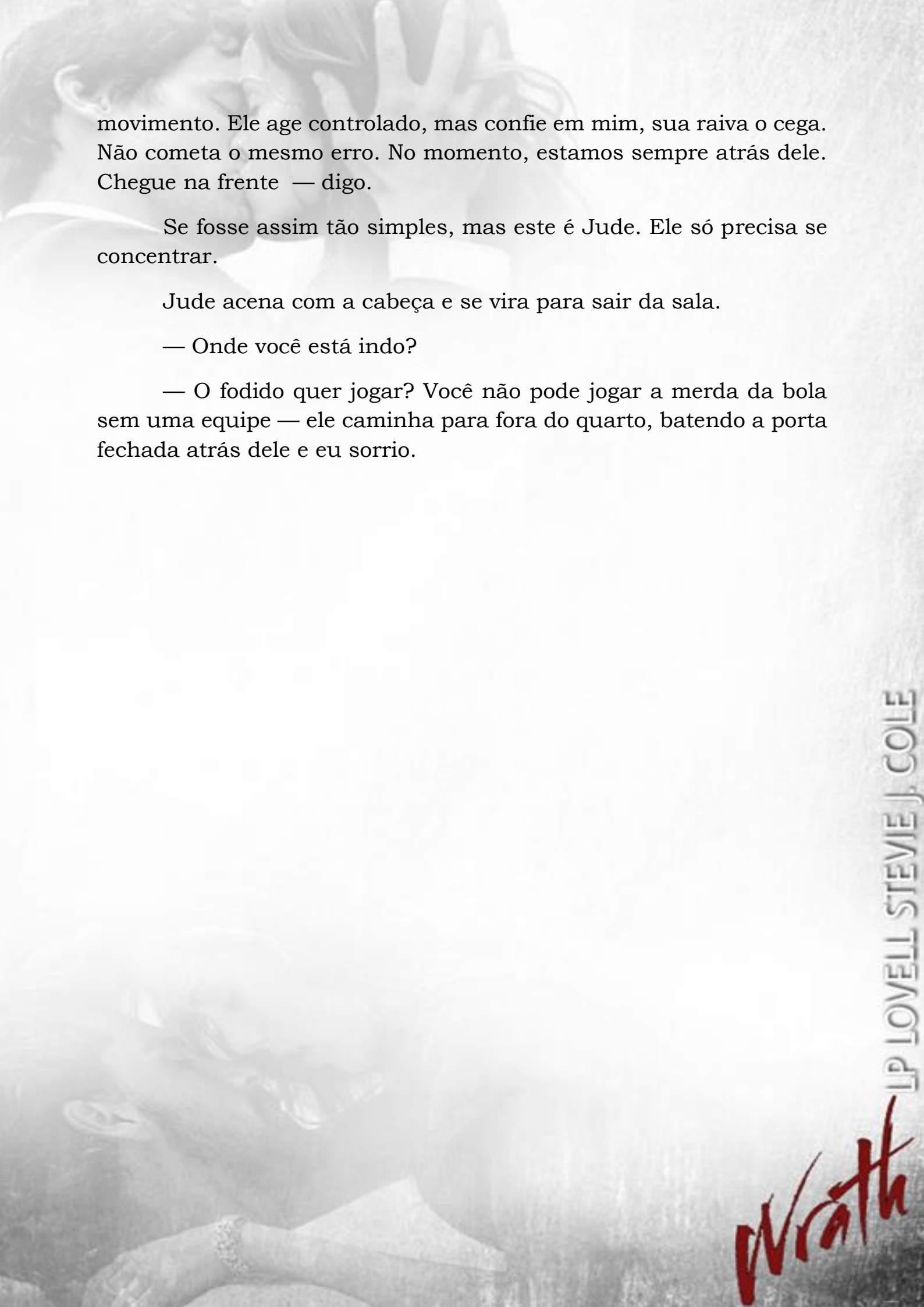
Levanto-me, travando a arma e colocando na mesa de cabeceira. — Ele sabe onde estamos — sussurro.

As narinas de Jude abrem e ele concorda. — Estávamos só nós aqui. Ele poderia ter nos matado, mas novamente, não fez. —posso ver a confusão e frustração no seu rosto.

—Ele quer sacanear você— digo — É tudo parte de seus jogos. Somos todos peças de xadrez apenas esperando por ele decidir como nos eliminar e ele quer que você saiba disso. Ele quer que você acredite que ele tem o controle completo — suspiro — e, aparentemente, ele quer ser teatral sobre isso.

—Eu tenho quinze diferentes pessoas procurando por ele. Por que diabos não consigo encontrá-lo? — há vulnerabilidade em seu tom. Ele bate com o punho na parede e rosna.

Posiciono-me atrás dele, passando os braços ao redor da sua cintura e pressionando o meu rosto em suas costas. — Você apenas tem que esperar, pensar, ser inteligente. Antecipe seu próximo



movimento. Ele age controlado, mas confie em mim, sua raiva o cega. Não cometa o mesmo erro. No momento, estamos sempre atrás dele. Chegue na frente — digo.

Se fosse assim tão simples, mas este é Jude. Ele só precisa se concentrar.

Jude acena com a cabeça e se vira para sair da sala.

— Onde você está indo?

— O fodido quer jogar? Você não pode jogar a merda da bola sem uma equipe — ele caminha para fora do quarto, batendo a porta fechada atrás dele e eu sorrio.

Capítulo 24

Jude

Estou no meio da sala de estar. A porra da janela quebrada. Vidro para todo lado, madeira estilhaçada do outro lado da sala. O cheiro de gasolina satura o ar e uma espessa nuvem de fumaça entra em redemoinhos através do buraco. Marney está lá fora com um extintor de incêndio sobre o carro. Esse carro estava estacionado a apenas alguns metros da frente da casa. Um enorme círculo escuro rodeia o veículo em chamas, os galhos de árvores acima do carro estão pretos, algumas folhas ainda estão queimando.

Coloco meu braço no batente da porta e descanso minha cabeça contra ela. Isso é uma merda. Não foi um acidente. Foi Joe. Ele sabe onde estamos. O telefone vibra no meu bolso de trás e atendo a chamada.

— Olá?

— Você gostou do meu presente JP? Tenho que admitir que fiquei impressionado com o seu. Uma cabeça do caralho? — ele ri. — Gostei disso. Eu tenho uma queda para o dramático.

Descanso a mão contra o balcão e tomo respirações profundas. Este filho da puta sempre parece estar em vantagem.

— Sinto que a vitória está próxima — diz ele — A pergunta é: para quem? Você ou eu?

Meu rosto aquece e meu queixo aperta. — Quando eu te encontrar...

— Não há nenhuma chance de me encontrar, JP. Mas, como você está bem ciente, eu já sei onde você está. Só espero que seja um garoto, porque eu sempre quis ter um filho... Ele poderá substituir o que você tirou de mim. — do que diabos ele está falando?

— Você...

Marney arranca o telefone da minha mão e atira-o contra a parede. — Ameaçá-lo não vai trazer nenhuma vantagem. — seu rosto está vermelho como o inferno. Ele bate as palmas das mãos sobre a mesa, inclinando-se para recuperar o fôlego — Você quer matar o filho da puta? Ótimo. Mas eu vou levá-la para longe, para aquela casa. Não há nenhuma razão que ela deveria ficar aqui até você matá-lo.

Eu engulo em seco e aceno. — Tudo bem. Isso é ótimo.

Ela está grávida, não importa o quanto ela ache que precisa disso, eu não posso colocá-la, ou ao bebê, nesse tipo de perigo. Joe não está brincando comigo; ele está ameaçando a minha família.

Capítulo 25

Victoria

Estou sentada na cama quando Jude volta para o quarto e imediatamente começa a esvaziar o conteúdo das gavetas em uma mochila. Seus ombros estão tensos, um ar de agressividade em seu rosto.

—O que você está fazendo?— pergunto com minha voz rouca.

Ele para e se vira para mim. Sorri, mas não alcança seus olhos. Fecha o espaço entre nós e se inclina sobre mim, pegando a parte de trás do meu pescoço. Ele pressiona suavemente um beijo na minha testa, os dedos apertando possessivamente contra a minha pele. — Estamos indo embora — ele murmura.

Franzo a testa. —Isto é o que ele quer, Jude. Está agindo de acordo com suas regras.

— Eu não dou à mínima se é isso que ele quer! Isso é estúpido, Tor. Você está grávida. Vou pegar Joe, juro por Deus, mas você está indo para um lugar que sei que vai estar segura. Marney está indo com você e eu irei te encontrar assim que Joe estiver morto.

Estou balançando minha cabeça antes mesmo dele terminar de falar. — Não, eu não vou. — Meus dedos envolvem em torno de seus

pulsos, segurando-o para mim. Eu não quero deixá-lo. Não vou deixá-lo.

Um rosnado baixo sai de sua garganta. — Eu não estava perguntando se você queria. Deixei você fazer isso comigo antes, permitindo que você me deixasse, e olha como a merda acabou! — suas palavras me fazem recuar um pouco. Afasto-me dele olhando em suas íris verdes. — Isso não é justo — sussurro — Aquilo foi diferente.

Ele dá um passo para trás para a cômoda e joga mais roupas dentro da mochila. — Não, não foi.

Eu bato no edredom. Talvez ele simplesmente não me queira aqui.

— Ele sabe que você está grávida, Tor! — A respiração em meus pulmões se interrompe e um medo intenso me invade. Meu estômago aperta violentamente e pressiono minha mão sobre ele. Jude respira dor. — Como diabos ele sabe que você está grávida?

Balanço minha cabeça. — Não por mim... porra! Devem ter sido os médicos. Eu sabia que era uma má ideia do caralho. O que ele disse? — sussurro. Não tenho certeza se quero saber, mas eu preciso. Preciso saber por que Jude está tão assustado.

Ele caminha passando os dedos pelos cabelos grossos. — Estamos indo embora. É o meu trabalho protegê-la. — seus olhos caem para o meu estômago, deslizando sobre o pequeno volume. — Vocês duas. Não posso deixar você fazer algo que poderia acabar te machucando, Tor. Eu simplesmente não posso.

— O que ele disse? — repito com a voz suave.

Ele hesita, então cede. — Tenho medo que ele vá tentar pegar o bebê. — ele recomeça a andar — ele disse que ia levar o bebê para substituir o que eu tomei dele e nem sei do que diabos ele está falando...

Oh, merda — Sua esposa — murmuro — ela estava grávida.

Ele para abruptamente, seu rosto fica pálido. — O quê?

—Ele disse... — olho para as minhas mãos — ele disse que ela estava grávida quando você a matou.

—Eu não queria matá-la — ele sussurra enquanto se senta na borda da cama passando as mãos pelo rosto — Foda-se. — apoiando os braços sobre os joelhos ele segura os lados de sua cabeça e cai o queixo em seu peito — Porra, ela nem sequer deveria estar lá. — sua mandíbula apertada. — Era suposto ser Joe — ele grita. — Então, nada disso teria mesmo acontecido, merda, porra!

—Eu não me importo com o que você fez. — estreito meus olhos para ele — Não se atreva a sentir um pinga de culpa, porra, Jude. Esse homem merece ter tudo o que ele adora tirado dele. Ele certamente não merece a sua culpa ou pena. Ele é o monstro que outros monstros fogem. Nunca se esqueça disso.

Seu olhar encontra o meu e há um momento de silêncio. — Nós estamos saindo — ele diz com firmeza. Levanta e continua empurrando itens dentro da mochila.

— Ele está blefando, tentando tirá-lo. — no meu tempo com Joe aprendi uma coisa ou duas sobre ele.

— Eu conheço Joe. Sei como ele pensa. O que faz dele um inseto...

—Não, Tor. Eu estou cheio de jogar com ele.

Ele fecha a mochila e joga no chão. Apelar para sua racionalidade não está dando certo, então apelo para o coração.

Mordo meu lábio e me forço a lhe dizer como me sinto. —Por favor, Jude. Não quero me separar de você. Eu não... — suspiro — não me sinto segura sem você. — Jude pode ser arrogante, mandão e francamente, irritante, mas ele também me faz sentir inteira. Me protege, mas não pode me proteger se eu não estiver com ele.

Ele se vira para mim, agarrando os lados de sua cabeça, enquanto ele mergulha o queixo ao peito. Esta é a sua fraqueza. Sei

disso e sou uma pessoa horrível por explorá-la, mas não vou ser despachada para uma ilha enquanto ele vai ficar aqui nessa guerra com Joe.

—Tor...

Levanto meus joelhos até meu peito e ponho meus braços em volta deles. — Por favor— sussurro.

Ele olha para mim e eu posso ver seus ombros subir e descer a cada respiração difícil. — Eu perdi tudo. Você é tudo que tenho. Por favor, pelo amor de Deus, Tor, apenas deixe-me manter vocês.

Ele não está me ouvindo então tento outro ângulo, a verdadeira razão que ainda não quero sair, porque não importa o quanto ache que estou bem, eu não estou. Nunca vou ficar bem até que eu assista esse homem morrer. Este bebê é um futuro para nós, mas o que eu posso possivelmente oferecer a ele? Sou metade de uma pessoa, ainda atormentada e danificada de muitas maneiras e nunca serei uma mãe para ninguém. Matar Joe, eu preciso disso para que possa seguir em frente e tenha uma vida com Jude.

—Jude, você me disse que a única maneira de me curar era me vingar. Não tente tirar isso de mim. Não tente me mandar embora. Eu nunca vou te perdoar por isso.

Ele gira ao redor, seu rosto irritado, vermelho. —Sério? Você não vai me perdoar? — ele anda na minha direção. — Isso é o caralho de bom. Prefiro que você fique chateada comigo e eu implore seu perdão do que você acabar morta.

Passo meus dedos no meu cabelo e descanso a testa nos joelhos. — Jude, eu fiquei muito perto da morte uma vez, porra. Eu ainda assim não estou morta. Por que eu estou correndo agora?

— Porque eu estou pedindo para você.

Minha paciência se esgota. — Bem, foda-se, Jude! Eu não quero, porra. Estou farta com esta merda, basta ir encontrar Joe já e acabar logo com isso! — Meu pulso bate contra meus tímpanos, enquanto meus dedos apertam meus próprios braços.

Olhando para mim, ele pega a mochila e joga sobre o ombro largo. — Vamos. — ele está indo em direção à porta. Ele está em sua zona alpha e não está nem fodendo sobre me ouvir. Eu preciso disso. Idiota da porra.

Fico em pé, de frente para ele, mantendo a cama entre nós. — A única coisa que tem me mantido até aqui é o pensamento de matar aquele bastardo. Só de saber que ele está vivo me faz sentir como se não pudesse respirar. Eu preciso vê-lo morrer. Por favor, não tire isso de mim.

Seus olhos fixos nos meus, quase implorando. — Há mais para se viver do que a vingança, boneca. Confie em mim sobre isso.

Foda-se isso. Frustração e raiva passam através de mim e uma raiva diferente de tudo que já experimentei toma conta do meu corpo. — Não! Não há nada maior do que vingança! Você não tem a mínima ideia do que eu preciso. Você não foi pressionado e estuprado todo o tempo. Você não viu seu melhor amigo morrer. Você não teve que ficar trancado em um quarto com o seu corpo. Você não pode imaginar o quanto preciso matar esse homem. Você quer saber por que eu não lhe disse sobre o bebê, Jude? Não podia ver o presente sem matar Joe. Estava preparada para morrer para matá-lo se eu tivesse que fazer. Isso é o quanto isso significa. — pronto, falei tudo, lágrimas picam meus olhos e estou com tanta raiva delas. Ele pode pensar que sou egoísta, mas não me importo.

Ele fica em silêncio olhando para mim, choque e mágoa estampada em seu rosto. Ele deixa cair a mochila no chão, e avança para mim, me puxando com força contra seu corpo duro.

— Até que ele esteja morto, não importa onde eu esteja — digo — Se ele me quer, vai me encontrar. Estou mais segura com você do que em qualquer outro lugar.

— Droga, Tor. Eu só não quero que nada aconteça com você. — sua mão esfrega minhas costas, pressionando os lábios em meu cabelo — Assim que ele estiver morto, estamos deixando tudo isso. Você entendeu?

Inalo seu cheiro e aceno a cabeça contra seu peito firme. — OK. —

—Joe vai ter que se esforçar tanto para conseguir chegar a qualquer lugar perto de você que tudo o que terei que fazer é respirar sobre ele para matá-lo. — ele se afasta para me olhar, seus dedos enxugando minhas lágrimas. Seus olhos fixos no meu estômago. Ele suspira — Se eu deixar você fazer isso... porra, Tor, você vai ter que ser forte. Não é mais só você.

Me afasto dele mordendo meu lábio inferior nervosamente. — Eu sei.

Honestamente, as primeiras semanas foram difíceis. Nunca me senti tão irritada e totalmente destruída, ao mesmo tempo. Jurei matar Joe e parecia ser a única coisa que importava, possivelmente ainda mais do que a minha própria vida, mas às vezes olho para Jude, de pé protetoramente na minha frente... e, bem, as coisas mudam. Soa tão clichê, mas acho que às vezes você precisa ser lembrado do que ainda pode perder, das pessoas que você deixaria para trás. Jude e eu só temos um ao outro. Eu ainda quero Joe morto, isso não mudou, mas sei que Jude vai me ajudar e me proteger. Jude nunca iria deixar que nada aconteça comigo.

Ele segura meu rosto, seus polegares acariciando meu queixo. Meus olhos travam com os seus. — Você vai me matar, mulher. — ele se inclina para baixo e aperta seus lábios nos meus suavemente. — Você não obedece a porra nenhuma.

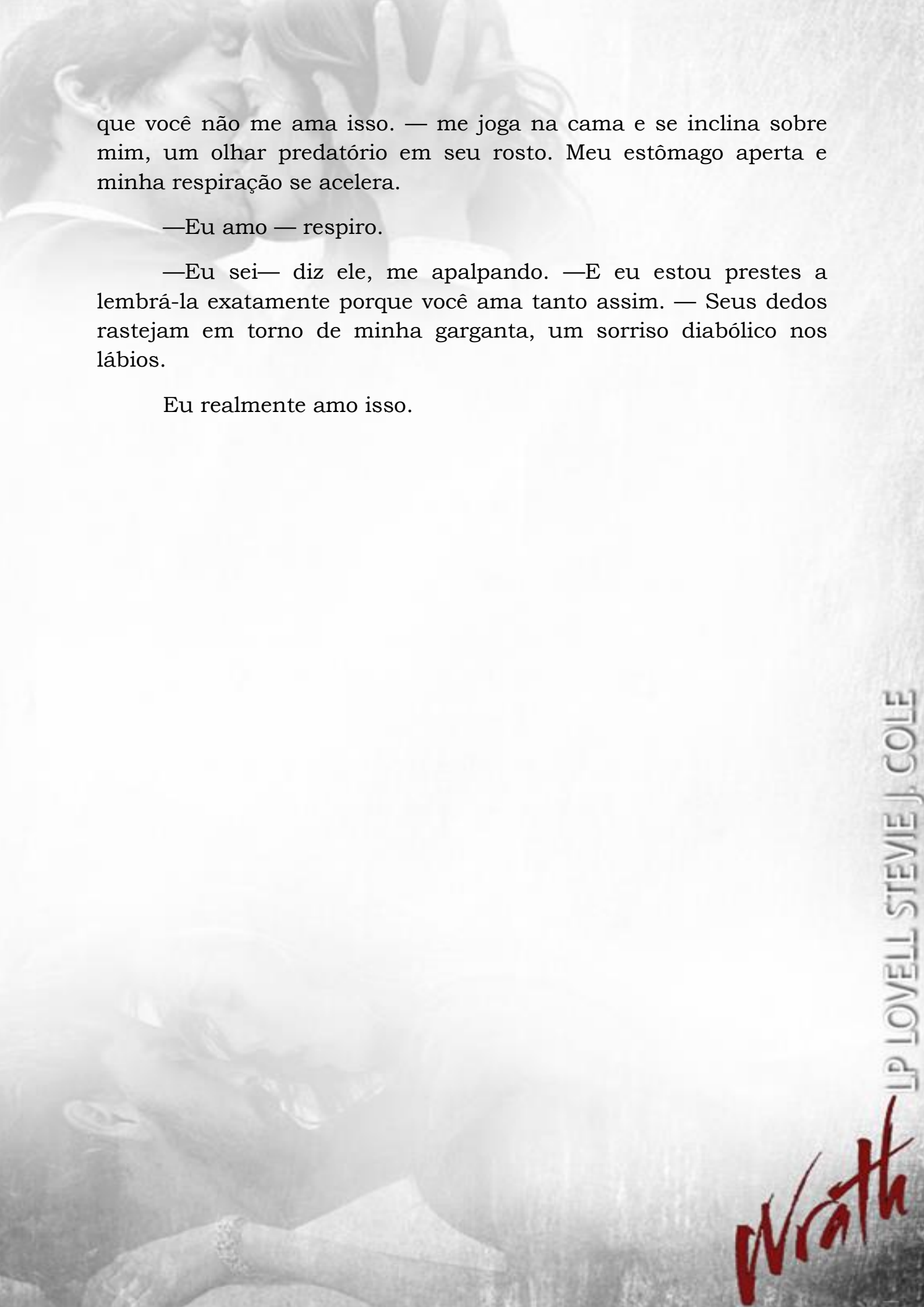
Sorrio para seu sotaque sulista. — Claro que não. — sussurro.

— Você foi feita para mim, hein?

— Quem mais poderia aguentar você?

Jude sorri agarrando meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. —Eu não quero mais ninguém.

Seus lábios batem sobre os meus, suas mãos correm pelas minhas costas e agarram minha bunda. Ele levanta-me facilmente e minhas pernas se envolvem em torno de seus quadris. — Não finja



que você não me ama isso. — me joga na cama e se inclina sobre mim, um olhar predatório em seu rosto. Meu estômago aperta e minha respiração se acelera.

—Eu amo — respiro.

—Eu sei— diz ele, me apalpando. —E eu estou prestes a lembrá-la exatamente porque você ama tanto assim. — Seus dedos rastejam em torno de minha garganta, um sorriso diabólico nos lábios.

Eu realmente amo isso.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 26

Jude

Estaciono o carro em frente à livraria e viro o espelho para mim, passando rapidamente os dedos pelo cabelo para dar-lhe um olhar selvagem. Não disse a Tor o que estou fazendo. É fodidamente errado.

Marney e Rich, ambos, têm monitorado as ligações de Stan. Esta manhã descobri que Joe volta amanhã, desembarca em Nashville, e que Stan está programado para buscá-lo. Preciso que Stan esteja tão desesperado que vá fazer exatamente o que eu disser a ele. Você pode ameaçar a vida de alguém durante todo o dia, mas não tem o mesmo efeito que quando você ameaça a vida de alguém que ama.

Espero que vá funcionar atrair esta menina porque não quero ter que raptá-la pela força, mas farei se for preciso. Abro a porta do carro e saio para a calçada, suavizando as rugas em minha calça. O sino bate quando eu entro na loja e, assim que olho, por sorte, Sofia Solomon está reorganizando livros na parede da extrema direita. Seu cabelo preto está amarrado em um coque, suas maçãs do rosto rosadas com maquiagem. Passo por ela, fingindo estar dando uma olhada geral, mas mantenho meus olhos nela. Finalmente, ela olha para cima, sorrindo quando nossos olhos se encontram. Sorrio e descaradamente arrasto meus olhos sobre seu corpo, aprofundando meu sorriso enquanto faço isso. Suas bochechas coram e ela

rapidamente se vira para cuidar dos livros na prateleira. Recordo-me das coisas listadas como seus interesses, em que escola ela está matriculada, o que é importante para ela. A mídia social torna muito fácil para filhos da puta, como eu, que querem fazer coisas que não deveriam.

Espero alguns minutos antes de lentamente caminhar atrás dela e tocar minha mão em seu ombro. Ela salta com o toque inesperado. —Eu sinto muito. Não quis assustá-la, mas estou procurando os Apócrifos³. Será que esta loja tem?— *Por Deus, pareço um fodido intelectual.*

—Sim, nós temos. — Um olhar confuso aparece em seu rosto. —Eu vou te mostrar. — sigo-a pelo corredor e deixo as mentiras começarem — Obrigado — digo — Estou estudando para minha dissertação. Estou fazendo doutorado em religiões históricas. —

Ela olha por cima do ombro, sorrindo. — Eu também. —

Uma hora mais tarde nós estamos discutindo diferentes teorias religiosas e rindo. Fecho o livro e olho para o meu relógio. —Tenho que ir. — Faço uma pausa e estreito meus olhos nos dela. — Você quer tomar uma bebida ou algo assim? —

Ela morde o lábio e sorri. — Sim, claro. —

— Me encontra no The Blue Monkey às oito? —

Ela balança a cabeça e eu pago o livro e saio.

— Como você pode não gostar de Taylor Swift? — ela fala tomando seu quarto Martini. Foda-me, ela é irritante.

³ Antigos documentos judaicos escritos no período entre o último livro das escrituras judaicas, Malaquias e a vinda de Jesus Cristo.

Olho ao redor do bar pouco iluminado, forço um sorriso, e encolho os ombros. — Só não gosto. Quer outro? — pergunto, apontando para o copo vazio que ela deixou em cima da mesa.

— Eu provavelmente não deveria. Fico muito excitada quando bebo — ela ri — e você está parecendo superquente. Eu faria coisas sujas com você, homem. —

— Humm, sério? —

— Com certeza — diz ela, inclinando-se para me beijar. Seguro seu queixo para detê-la e seus olhos se arregalam.

Olho nos olhos dela, acariciando seu queixo gentilmente com meu polegar. — Oh, confie em mim. Você não quer fazer isso aqui. Não sou muito bom em controlar-me. — deixo cair a minha mão e ela oscila — Eu não jogo como os outros caras fazem. — sorrio e posso praticamente ver seu pensamento. Puxo uma nota de cem dólares da minha carteira, ponho o dinheiro debaixo do copo e pego a mão dela, tirando-a da banqueta. — Quer que eu te mostre o que quero dizer? — rosno.

Ela ri e me segue até as escadas e para fora do bar. Meu coração acelera o ritmo. Estou sequestrando uma menina de vinte e um anos de idade. Elas não são nada parecidas, mas tudo o que posso ver quando olho para ela é Tor. Ela é inocente, e uma parte em mim se sente culpada. Desejaria que isso não tivesse que acontecer. Engulo em seco e abro a porta do lado do passageiro e vejo-a entrar, respirando profundamente ando para o lado do motorista.

Ligo o motor e olho para ela. Ela olha para mim, um sorriso nervoso aparecendo em seus lábios.

— Eu nunca fiz isso antes — diz timidamente enquanto saio do estacionamento.

— Nem eu — *Eu nunca, fodidamente, sequestrei ninguém antes. Merda...*

— De alguma forma eu não acredito nisso. —

Ligo o rádio aumentando a velocidade pela estrada e viro para a interestadual. Noto ela ansiosamente brincando com uma mecha de seu cabelo. — Então onde você mora? — ela pergunta.

— Não muito longe daqui. —

Fecho a porta, trancando-a atrás de mim e atiro as chaves sobre a mesa. Estou nervoso. Meus olhos bloqueiam na parte de trás de sua cabeça e tento acalmar a minha pulsação acelerada.

—Este é um lugar legal— ela diz enquanto entra na sala de estar. Rich surge do corredor e ela pula.

—Bem, olá—, diz ele com os olhos sobre ela. Sofia gira ao redor para me encarar; seu rosto drenado de toda cor.

Minhas sobrancelhas se elevam e franzo a testa. — Sinto muito — digo andando em direção a ela. Ela grita e sai correndo para a porta, mas agarro seus ombros e segurando-a no lugar. Ela se debate gritando.

— Prenda as mãos dela, Rich. —

Sinto seus dentes no meu antebraço e cerro os meus. Ela, de alguma maneira, soltou seu braço e me dá um soco na boca. Meu lábio corta e sangue quente escorre por cima do meu queixo. Pego seus braços, empurro-a contra a parede e a giro em torno dela. Uso o peso do meu corpo para segurá-la no lugar, enquanto Rich prende seus pulsos juntos.

Usando a palma da minha mão, limpo o sangue do meu lábio cortado e olho para ela. Ela está amarrada e amordaçada, mas ainda se contorcendo, tentando sair das restrições.

Rich me olha. — Quanto tempo tenho que mantê-la? —

— Até amanhã. Eu espero. — agacho na sua frente e ela fecha os olhos. — Sofia, eu sinto muito, mas preciso de seu pai para me fazer um favor e esta é a única maneira que sei que ele vai fazer. — pego o meu telefone — Tudo o que você tem que fazer é gritar, está bem? — levanto e caminho alguns passos para longe dela e digito o número de Stan. Eu coloco a chamada na viva-voz.

— Olá?—

— Stan, eu vou precisar de um favor seu, parceiro. —

— Quem é? —

— Oh, agora, não se preocupe com quem eu sou. O que você precisa se preocupar é quem eu tenho. — me inclino para perto da garota, seus olhos cheios de lágrimas — Sofia, não quer dizer olá ao seu pai? — ela tenta gritar contra a mordaça. Coloco um dedo por baixo do pano e deixo-a livre. Ela grita.

— Papai, papai! Por favor, me ajude. Por favor... — ela soluça. Meu peito aperta. Isso aqui é fodido.

Sua respiração é audível sobre a linha. — Se você machucá-la em qualquer nível. —

— Isso é com você. Tudo que eu quero é Joe Campbell. Você faz o que eu digo e ela vai ficar bem. Você não... — engulo em seco porque realmente não pensei sobre o que eu vou fazer se ele não colaborar. Não quero pensar sobre essa merda.

— Eu não sou um homem com quem você quer foder. Só vou dizer isso. —

— Por favor, não a machuque. — há uma borda de desespero em sua voz e sei exatamente como ele se sente, o que torna isso mais difícil de prosseguir.

— Você não vai chamar a polícia, os federais; você não vai dizer absolutamente nada a ninguém sobre isso. Você faz, ela morre. — os soluços de Sôfia ficam mais altos e eu tento bloqueá-los. — Vou ligar para você amanhã e você vai se encontrar comigo. Vou com você pegar

aquele bastardo. Se você avisá-lo, um dos meus caras vai matá-la. Não vou entregar Sofia de volta para você a menos que eu receba Joe. Você entende isso? —

— Papai... por favor. Por favor, faça-o. Eu não quero morrer! —

— Você não vai, baby. Papai não vai deixar esses bastardos te machucarem. — ele faz uma pausa por um momento. — Se você não me devolvê-la, vou encontrá-lo. —

—Você faz o que eu pedi e não terá esse trabalho. —

Desligo o telefone e olho para Rich. — Alimente-a. Seja gentil com ela. Não a toque! — olho para Sofia. — Vou perguntar-lhe se ele te machucou e você vai me dizer a verdade. — volto para Rich — Você não a machuque e eu vou lhe dar duzentos e cinquenta mil. Você toca num fio de cabelo na porra do seu corpo e eu vou te matar. —

Ele esfrega a mão na parte de trás do seu pescoço grosso. — Sim. Entendi. —

— Seu pai apenas trabalha para o homem errado, querida — digo e viro em direção a porta para sair.

Capítulo 27

Victoria

Estou sentada no balcão de café da manhã com uma xícara de café na minha frente. Minha arma está desmontada sobre o balcão e estou limpando o cano.

A porta de tela se abre e Jude entra na cozinha. Ele parece exausto e está vestindo... — Isso são aquelas calças de algodão? —

Ele olha para baixo. — Sim. Nem pergunte— resmunga.

Seus olhos vão sobre a arma desmontada e ele ergue uma sobrancelha para mim. Dou de ombros. — Você sabe que está encrencada, certo? — ele diz.

—Humm, você já se olhou no espelho? Você... — aceno meu dedo para ele — é que está encrencado. Você tem... gel no cabelo? — ele dá uma passada de mão pelo cabelo. — Não lhe disse para não perguntar? — ele parece agitado sobre algo. — Idiota — murmuro, virando minha atenção de volta para a arma.

Ele anda atrás de mim e pega um copo de água. Suspiro e levanto-me, movendo-me em direção a ele. Ele olha fixamente para o copo na mão e não olha para cima até que estou bem na frente dele. Meus olhos vão para uma pequena marca ensanguentada em seu lábio inferior.

Pego seu queixo, virando seu rosto para o lado para que eu possa inspecioná-lo. — O que aconteceu? —

— Mais uma vez — ele rosna e arrebatava o rosto do meu alcance. — Não me pergunte, porra, nenhuma pergunta. — ele joga o copo na pia e desabotoa a camisa fazendo seu caminho para fora da cozinha.

— Jude! — grito, correndo atrás dele. — Não se afaste de mim, porra. O que aconteceu com seu lábio? —

Ele continua andando, jogando a camisa no chão antes de entrar no closet. Eu sigo-o, recusando-me a deixá-lo fazer isso. Algo está muito errado e quero saber o que é. Quando me aproximo ele se inclina sobre a cômoda, olhando para seu reflexo.

— Me deixe em paz, Tor. Não vou responder a sua maldita inquisição espanhola. —

— O que diabos está errado com você? Você chega aparentemente com um grande pau enfiado no rabo, e eu que tenho que lidar com sua merda? — esbravejo.

Ele se vira, o corpo tenso, suas tatuagens estalando contra a sua pele. Olhando-me ele tenta passar por mim, mas agarro seu braço rígido com meus dedos. Ele poderia facilmente se soltar do meu aperto, mas não faz. Seus músculos flexionam como uma cobra, e neste estado de espírito, é exatamente o que ele parece.

— Você quer saber o que há de errado comigo? — Suas narinas se alargam. — Para chegar até Joe, você quer saber o que eu tive que fazer, hein Tor? Você realmente quer saber, porra? — O Jude que agora estou falando é um homem com pouca moral e sem limites. Se ele está chateado sobre algo, então não tenho certeza se quero saber. Mas posso ver que o está incomodando, então insisto.

— Diga-me — eu sussurro.

Nossos olhos se encontram, um olhar frio transformando suas feições em alguém que eu mal reconheço, um estranho que conheci, que parece ter sido uma vida atrás. Ele solta um suspiro. — Eu só sequestrei a porra de uma menina, porra. —

Há um momento de silêncio enquanto absorvo o que ele disse. Ele sequestrou uma menina, uma menina como eu. — Por quê? — Pergunto. Ele deve ter uma razão. Ele não iria apenas levar alguém sem uma boa razão. Eu o conheço.

Ele se solta de mim. — Ela é a filha de Stan. Esta é a única maneira que sei que posso confiar nele. A única maneira que posso ter certeza que ele vá contra tudo o que foi ensinado e traia qualquer um, é se eu tomar a única coisa que importa mais do que sua própria vida. —

Concordo com a cabeça lentamente. — Ela está machucada? — Minha voz engasga.

—Não.—

— Você vai machucá-la? — Tudo o que posso ver é uma jovem deitada nua sobre um piso de concreto com um longo corte no centro de seu corpo. Uma menina inocente assim como eu era uma vez, uma vítima inocente.

Ele não olha para mim. — Não posso fazer isso com você. Vou fazer o que for preciso para mantê-la segura. — Ele caminha para fora do quarto.

Sigo-o novamente, desta vez mais determinada, mas com medo pela menina que agora sei que está entre Jude e Joe.

—Jude! —chamo por trás dele, minha voz tremendo. Ele para e olha por cima do ombro para mim. Me aproximo e envolvo meus braços em torno de sua cintura, pressionando minha testa entre as omoplatas. Minhas mãos deitam espalmadas em seu estômago definido. Eu só preciso tocá-lo. Preciso que ele se lembre de que eu não sou o inimigo aqui. Seu corpo está tenso, sua respiração ofegante.

— Eu entendo por que... — começo — somente, por favor, não a machuque — imploro, minha voz quase inaudível sobre o som da minha própria respiração pesada.

— Eu não quero... — ele respira.

— Por favor — sussurro tão baixinho, é mais uma oração do que um pedido para Jude.

— É por isso que eu não disse nada para você sobre isso. É muito perto do que você viveu. — ele suspira e se vira para mim, a mão correndo ao longo de minhas costas — Foi tão difícil de fazer Tor, mas não tive outra escolha. — seus olhos estão cheios de turbulência e posso ver a dor que isso causou nele — Não há uma linha que eu não vá cruzar para protegê-la. —

Respiro fundo e seguro sua bochecha, esfregando o polegar sobre sua barba. — Eu sei, e eu te amo por isso, mas preciso... preciso que você me prometa que não vai machucá-la, Jude. Não podemos viver nossas vidas em detrimento da dela. Sei que você precisa dela, mas apenas, não a machuque. — meu estômago se agita desconfortavelmente só com essa possibilidade. Ela é uma pessoa, não uma moeda de troca.

— Não vou deixar nada acontecer com ela. Não sei o que diabos eu vou fazer se Stan não me trouxer Joe. Isso vai ser mais do que uma merda fodida. —

— Ok. Bem, então vamos tentar outra coisa, mas aconteça o que acontecer, você deixa-a ir, ilesa. Onde ela está? —

Ele fecha os olhos. — Com Rich... —

Dou um passo para trás longe dele. — Rich? Você a deixou com Rich? — há uma beira de histeria no meu tom. Por que diabos ele a deixou com Rich? Eu inclino meu antebraço contra a parede mais próxima e me debruço sobre ele, segurando meu estômago quando uma onda de náuseas me bate.

— Merda — ele murmura, esfregando a mão nas minhas laterais. — Eu disse a ele que se não tocar nela eu vou lhe pagar duzentos e cinco mil. Esse bastardo iria deixar o seu próprio pau apodrecer pela merda desse dinheiro. Ele não vai fazer nada com ela.

Balanço minha cabeça. — Marney. Você precisa deixá-la com Marney — digo a ele.

— Eu preciso de Marney comigo, Tor. Sei que você odeia Rich, mas ele não vai tocá-la. Você tem que confiar em mim. —

Eu me viro, pressionando minhas costas na parede. — Não é em você que eu não confio. — porra, eu odeio a ideia disso, mas que escolha temos? Esta é uma guerra que estamos lutando contra Joe.

— É apenas por esta noite. Joe chega amanhã. Doze horas a partir de agora ela vai ficar livre e vamos embora. Joe vai estar morto. —

—Ok, mas você vai chamar esse merda covarde e vai me deixar falar com ele. Vou cortar seu maldito pau fora e alimentá-lo com ele se a tocar. Isso não é apenas uma ameaça dramática. Quero dizer isso. —rosno.

Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Realmente? —

— Pergunte a Mussa. — Seus lábios formam um sorriso com o comentário. — Droga. — ele coloca uma mão na parede e se inclina para mim. — Você é quente quando fica violenta. — seus lábios roçam minha garganta parando logo abaixo da minha orelha. Meu pulso bate descontroladamente, mas estico a mão contra seu peito empurrando-o de volta.

— Ligue para ele. Agora. —

Ele sorri. — Como quiser. —

Capítulo 28

Jude

A velha caminhonete chacoalha ao longo da interestadual, as luzes da rua lançando um brilho intermitente em toda a cabine. Tor se agita nervosamente ao meu lado. Sua mão está na minha, a perna saltando ansiosamente.

— Tor — digo e ela olha para mim. Ela está mordendo o lábio; preocupação gravada em seu rosto. — Quando Marney e eu sairmos, a menina vai ficar no carro com você. Não a desamarre, porra. —

Ela fecha os olhos. Sei que vai ser difícil para ela lidar com isso, mas não há maneira de contornar. — Somente nem sequer olhe para ela, ok? Finja que ela não está ali. —

Ela balança a cabeça. — OK. — seus olhos fixos nos meus — Por favor, seja cuidadoso. — ela fecha os olhos novamente e respira fundo.

— Quando eu não sou cuidadoso? — sorrio passando a ponta do dedo em sua bochecha.

Seus olhos se abrem, o azul aço de suas íris queimando através de mim. — Qualquer coisa que acontecer, você saia. — seus dedos traçam sobre minha mandíbula — Eu não vou perder você para ele também — ela sussurra.

— Nada vai acontecer comigo. — respiro rápido e olho para fora da janela.

Já estamos na interestadual. Preciso rapidamente ter certeza que ela entendeu tudo, antes de eu sair. — Você não saia do carro. Se Marney disser-lhe para ir embora, você vai. Não discuta. —

A caminhonete faz uma parada. Ela parece totalmente aterrorizada e agarra meu braço.

— Tor, vou voltar. —

Ela me libera e eu saio da caminhonete. Ouço a tosse de Rich e vejo as luzes interiores de seu carro acenderem quando ele abre a porta. Ele se move ao redor. Venho por trás dele e meu estômago dá um nó. Sofia está jogada no banco, braços e pernas amarrados, boca amordaçada. Tudo o que posso pensar é que esta foi a forma como Tor foi trazida para mim. Afasto o pensamento.

Os olhos de Sofia estão arregalados com o rosto encharcado de lágrimas. Rich se abaixa e pega as cordas, puxando-a para cima e eu empurro-o para fora do caminho. — Não a machuque, porra — grito, e Rich se afasta.

Eu gentilmente puxo-a para fora do carro e carrego-a para a caminhonete de Marney. Ela está tremendo em meus braços e choramingando. Meu peito aperta. Faço um esforço consciente para não olhá-la enquanto eu me aproximo do carro. Rich anda à minha frente e abre a cabine traseira da caminhonete.

— Isso vai acabar em breve — digo, enquanto a coloco no banco de trás.

Marney olha de volta para mim. — Nós estaremos esperando por você — diz.

Ando até o lado do passageiro. O olhar de Tor está fixo para frente. Sei que ela não quer olhar para trás. Sei que a menina está no carro com ela, provavelmente está matando-a. Abro a porta e me inclino. Tor vira o rosto para mim, seus dedos roçam meu queixo. Suas sobrancelhas se franzem e tremem.

— Não se preocupe comigo, boneca — eu digo, tomando seu rosto com as duas mãos e pressionando meus lábios nos dela.

Seus dedos envolvem em torno de meus pulsos e me mantêm no lugar. Ela me beija de volta com mais força, desesperada para me manter lá, mas eu me afasto. E, caramba, é tão difícil. Forço um sorriso no meu rosto.

— Você tem que me deixar ir. — ando para trás, meus olhos fixos nos dela — Eu te amo — digo antes de fechar a porta. Vejo as luzes traseiras desaparecerem quando Marney acelera e inalo profundamente.

— O que fazemos agora? — Rich pergunta acendendo um cigarro.

— Esperamos que a porra desse cara esteja sozinho quando aparecer. —

Nós estamos no lado da estrada, armas na mão, esperando a limusine. Passei quinze anos imaginando o que diabos eu faria quando finalmente pusesse minhas mãos em Joe Campbell, e agora que estou tão perto é uma estranha mistura de excitação e medo. Faróis aparecem na distância e meu coração bate em minha garganta.

— Tudo bem, você verifique a parte de trás quando ele parar, ok? —

— Ok —, diz Rich. Ouço ele destravando a arma.

O carro fica mais lento e vem em nossa direção, a poeira voa acima das luzes traseiras vermelhas. Mantenho meu dedo no gatilho, virado para a grama alta quando o carro preto dá uma parada. Aponto a arma para a janela, seguro a maçaneta da porta do passageiro e abro. — É melhor estar sozinho — digo, olhando para Stan.

Ele me olha, o ódio estampado em seu rosto. — Onde está minha filha? —

Rich se movimenta para a parte de trás e abre a porta. O vejo entrar no carro com o canto do meu olho. — Está vazio — ele diz.

— Andando — ordeno a Stan antes de fechar a porta da frente e entrar no banco de trás com Rich.

— Onde está minha filha? — Stan pergunta novamente.

Ignorando sua pergunta, pressiono o cano da arma no seu assento e encaro-o através do vidro aberto. — Tenho essa 45 Magnum enterrada no banco, atrás de você. Você me irrita, eu puxo o gatilho e a bala vai rasgar seus intestinos. Você faz exatamente o que eu digo ou vou te matar, e depois a sua filha não vai ter chance. Entendeu? — exalo.

Ele não diz nada. — Você entendeu? — grito.

— Sim — ele rosna.

— Bom, agora dirija. Não pare até chegar ao aeroporto. Não atenda ao telefone se ele tocar. —

Sua mandíbula apertada e ele coloca o carro em movimento. É silencioso, apenas o zumbido dos pneus rolando sobre o asfalto. Tudo o que posso pensar é que não pode ser tão fácil. Se esse cara disse a Joe, o avisou, isso não sairá como o previsto, e realmente, eu não espero que saia. Nada nunca sai como planejado na vida. Nada. Penso em vários cenários do que pode acontecer. Pensando que talvez nós estejamos sendo arrastados para alguma casa abandonada onde cinquenta dos homens de Joe estão nos esperando. A incerteza faz com que o meu pulso acelere. Não é que esteja com medo de morrer porque eu não estou. Tenho medo de deixá-la. Não quero deixá-la. Não posso deixá-la... eu prometi.

Chegamos a um dos portões do aeroporto e Rich empurra a arma na cintura de suas calças de brim, colocando sua camisa por cima dela.

Eu empurro a porta aberta e ele sai. — Leve sua bunda até o seu portão de desembarque agora, porra — digo antes de bater a porta fechada.

A limusine trafega pelo aeroporto. Eu olho pela divisória para Stan. — Não faça nada estúpido. — escondo-me no canto da limusine

para que Joe não possa me ver até que ele esteja dentro. O carro para completamente e meu coração explode imediatamente em uma corrida. Enquanto esperamos, assisto o enxame de pessoas que se derrama através das portas do aeroporto, o meu olhar freneticamente à procura de Rich. Localizo-o em pé ao lado da calçada, ambas as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

O tempo parece arrastar-se; meu corpo está cheio de adrenalina. Faz apenas uma meia hora, mas parece a porra de uma eternidade, e em seguida, vejo Joe sair pelas portas. Ele está vestido com um terno preto e gravata vermelha, pasta na mão. Meu corpo se aquece no segundo que coloco os olhos sobre ele. Cada passo que ele dá em direção ao carro parece ser em câmera lenta. Meu coração bate violentamente contra o meu peito, o som de cada batida é quase ensurdecedor. Engulo em seco quando Joe segura a maçaneta. Alguém vem atrás dele, acenando com alguma coisa no ar que deve ter caído. Rich faz o seu caminho em direção ao carro, de pé diretamente atrás de Joe.

CLIQUE. A porta se abre, e Joe entra no carro. Rich entra atrás agarrando-o e atirando seu corpo para trás. Joe tenta pegar sua arma, mas eu aponto para sua cabeça com um clique retumbante.

—Você me subestimou, filho da puta — digo.

Joe olha para cima, e um sorriso surge em seus lábios. —Será que eu fiz? —

Eu uso minha mão livre e bato no vidro. — Dirija — digo a Stan.

A limusine se afasta do meio-fio, sacolejando ao longo dos redutores de velocidade. Rich agarra os ombros de Joe e obriga-o a se virar. Rich prende suas mãos atrás das costas, amarrando-as com uma corda. Assim que ele termina, Joe ri e senta de volta no banco.

Nós dirigimos por quilômetros; Joe e eu sentados olhando um para o outro friamente. Ele levanta uma sobrancelha, um sorriso escuro espalhando sobre sua boca. — Então, é assim que tudo se acaba? Como é que você vai me matar, Jude? —

Engulo em seco e olho para ele. Mesmo que esteja a minha mercê neste momento, ele está completamente calmo, recolhido, não afetado por nada disso, o que me preocupa. — Lentamente, — é a minha única resposta.

Ele ri. — Sempre dramático, com o seu pai era o mesmo. Mas eu gosto de matar emocionalmente antes e depois fisicamente, é mais difícil, mais angustiante. Você vê, eu não matei o seu pai fisicamente, mas ele já estava morto anos antes de seu coração parar, não foi? — ele ri novamente — Ele me caçou até o dia que morreu, tentando acertar algo que não poderia ser corrigido e agora você está fazendo o mesmo. Eu acho que deveria estar lisonjeado realmente. —

Cerro os dentes. A quantidade de suor na palma da minha mão está fazendo o cabo da arma escorregadia. Não vou tomar conhecimento desse pedaço de merda. Quero colocar uma bala em sua cabeça agora; meu dedo contrai sobre o gatilho. Eu poderia fazê-lo. Deveria fazê-lo. Mas ele merece sofrer, porra.

— É claro, eu sabia que seu pai viria para mim depois que lhe enviei o vídeo. — ele sorri — Fiz-lhe ver sua filha virginal ser fodida de novo, e de novo. — a tensão aumenta no meu peito, meu pulso batendo tão forte que posso sentir até no final dos meus dedos.

— Você está tendo uma filha, né, Jude. — seu sorriso se aprofunda. — Já comi sua mãe, então, se você pensar sobre isso, eu já a peguei, enquanto ela era apenas um pensamento no ventre de sua mãe. — raiva quente ferve sob minha pele. Ele se inclina ligeiramente para frente. — Fodi cada mulher que você já se importou — ele se vangloria.

Calor inunda cada centímetro da porra da minha pele. Meu coração está martelando contra minhas costelas como um animal selvagem determinado a escapar, forçando o sangue em minhas veias e manchas pretas prejudicam a minha visão. Aperto meus olhos fechados tentando desesperadamente lutar contra cada porra de desejo em meu corpo. Eu tenho que fazer isso da maneira certa para que possamos sair desta merda.

— Ela é uma boa mulher, sua buceta é ainda mais apertada do que a da sua irmã e como o meu foi o primeiro pau nela, isso quer dizer alguma coisa. —

Puxo o gatilho. Joe grunhe quando a bala rasga através de seu ombro. — Cale a boca! — assobio.

Ele ri loucamente e então tudo acontece de uma só vez.

— Largue, — Rich grita em pânico. — Largue! —

Viro-me e Stan tem uma pistola apontada para o meu rosto. BAM. Respingos de sangue voam no para-brisa e Stan despenca para frente contra o volante. O carro vira violentamente para fora da estrada. Pneus cantando e nós batemos de um lado para outro. Tento me segurar, mas o solavanco me joga contra a lateral do carro, minha arma voa de meu alcance. Há um estrondo e um momento de leveza, e, em seguida, tudo que posso ouvir é metal se contorcendo e vidro quebrando. Há um barulho alto quando o carro capota e sou lançado ao redor como uma boneca de pano dentro da cabine enquanto o carro rola várias vezes.

De repente, tudo para. Minha cabeça gira e tento encontrar meu rumo, tento me recuperar da tontura. Meus ouvidos estão doendo pra caralho.

O carro está de cabeça para baixo, as janelas quebraram, as portas amassaram. A luz interior lança brilho suficiente para que eu possa ver Rich esparramado na minha frente, o pescoço torcido num ângulo horrível, quebrado. Porra. Tento sentar-me, mas pontadas de dor passam através da minha perna. Olho para baixo. Minha coxa está empalada por um pedaço irregular de vidro, sangue escorrendo ao redor de suas bordas. Seguro o vidro liso com minhas mãos tremendo e o arranco. Uma onda nauseante de dor passa através de mim e sangue jorra da ferida. Arranco o meu cinto e passo em volta da minha coxa, apertando-a com força acima do corte. Freneticamente tateio em torno de mim procurando minha arma. Um movimento chama a minha atenção. Joe está tentando sair pela porta amassada. Ele se inclina por trás da moldura da janela, as dobradiças

rangem e momentos depois ouço seus passos enquanto corre para longe do carro.

Aquele filho da puta não vai fugir. Estou muito perto.

Acho a arma na outra extremidade da limusine e rastejo até lá, enfio na parte de trás da minha calça jeans enquanto me arrasto pela porta esmagada. Minha perna dói como uma cadela. Me empurro a partir dos destroços, tropeçando. Caio no chão, e minhas mãos batem contra um pedaço de corda ao lado da porta. Merda! Joe cortou a corda com o vidro quebrado.

Está escuro pra caralho aqui fora. Posso ouvir o zumbido do tráfego na estrada acima de nós e olho em volta, tentando ver se consigo achar Joe. Ando às cegas atrás dele, os galhinhos de pinheiro triturando sob minhas botas enquanto manco na escuridão. A cada passo lento, dor irradia para baixo na minha perna e sangue quente escorre por minha coxa. Tenho que parar e inclinar-me contra uma árvore. Aperto minha coxa em uma tentativa de aliviar um pouco a dor. Depois de alguns segundos respiro profundamente e continuo pela floresta até que chego a uma pequena clareira. Há uma falha nas árvores permitindo um fio de luar passar. Há luz suficiente para poder ver as silhuetas. Paro para tentar ouvir até mesmo o som mais fraco, mas tudo que ouço é o meu pulso acelerado e a respiração pesada.

Entro em pânico. Não posso seguir com minha vida se ele não estiver morto.

As nuvens cobrem a lua, completa escuridão engolindo tudo em volta de mim. Minha cabeça está martelando. O zumbido nos meus ouvidos é tão alto que eu mal consigo distinguir o som de passos atrás de mim. Um braço grosso envolve em torno de minha garganta, me puxando para trás e esmagamento minha traqueia.

—Eu não subestimo nada, JP — ele rosna no meu ouvido, apertando seu aperto em torno de minha garganta.

Engasgo por ar, agarrando suas mãos para tirá-lo de cima de mim. Enfio meu queixo e uso toda minha força para jogar meu

cotovelo em seu estômago. Seu aperto afrouxa e sou capaz de me soltar. Empurro meu punho em sua direção atingindo-o no lado da face. Ele tropeça e pego minha arma, mas antes que eu possa apontar, Joe chuta minha mão. Há um baque suave quando ela pousa no mato atrás de mim.

—Não, JP — Joe fala —Você vai lutar como um homem. Quero matá-lo com minhas próprias mãos. —

Luto com ele, disparando soco após soco. Meu rosto está latejando, e minha boca está cheia de sangue. Nunca lutei com um homem tão forte quanto ele. Joe me dá um soco forte no rosto, me derrubando no chão. Enquanto estou caído ele me agarra novamente pelo pescoço novamente, mas desta vez eu seguro o seu. Nós estamos cara a cara, os nossos olhos fixos, sufocando um ao outro. Seus olhos se estreitam e suas narinas alargam, enquanto eu aperto mais. Seus dedos cravados em meu pescoço, seus polegares pressionados debaixo do meu queixo. Posso sentir tudo drenando do meu corpo e meu poder sobre ele enfraquece. Penso em Tor e meu controle sobre ele aumenta. Seus olhos embaralham e em seguida suas mãos soltam meu pescoço e ele cai no chão. Curvo-me de joelhos, ofegando por ar.

Fico olhando para seu corpo mole esparramado no chão. — Foda-se. — respiro e caminho na direção de onde caiu minha arma.

As nuvens lentamente se deslocam e a luz da lua ilumina apenas o suficiente para eu pegar um brilho da arma. Me abaixo, alívio me invade e a minha mão envolve em torno da alça da arma. Meu coração bate implacavelmente e me volto para meter uma bala na cabeça do desgraçado inútil, mas algo colide com a minha cabeça. A pancada me derruba, e eu perco o domínio da arma quando pouso em meus joelhos. Minha cabeça lateja enquanto minha visão perde o foco. Uma grande sombra cai no chão ao meu lado e sinto frio de um cano de arma na parte de trás da minha cabeça.

— Eu esperei por essa merda por muito tempo, e devo dizer, valeu a pena esperar. —

Capítulo 29

Victoria

Bato meus dedos nervosamente no meu joelho. O edifício em frente a nós está envolto em escuridão, as sombras que escondem a caminhonete de Marney na estrada.

A janela do motorista está meio aberta e Marney sopra uma corrente de fumaça através do pequeno espaço. Sua arma repousa sobre a coxa, a mão livre casualmente descansando no volante. Desejaria que eu pudesse estar tão calma quanto ele. Marney tem feito isso há tanto tempo; nada o afeta.

Sophia está no banco de trás, com as mãos amarradas. Rich tinha grudado fita adesiva sobre sua boca, mas eu a retirei. Não que isso pareça fazer qualquer diferença. Ela não fala de qualquer maneira. Normalmente, isso me incomodaria e eu estaria tentando consolá-la sobre sua situação atual, mas não consigo. A única coisa que posso pensar é Jude.

— Ele já deveria estar aqui agora — murmuro.

Marney se vira para olhar para mim. — Você apenas acalme-se, querida, Jude vai chegar aqui quando ele chegar. —

Solto um suspiro exasperado. E se ele não chegar? E se alguma coisa deu errado? E se Joe o matou? Oh, Deus, me sinto doente. E se a minha busca por vingança tiver matado Jude.

Minutos vão passando e ainda nada. — Eles já deveriam estar aqui — repito, mais para mim do que qualquer um.

Marney balança a cabeça, soprar uma baforada de fumaça. — Sim. — por que ele não está em pânico? Ele pega seu iPhone e olha a tela, estreitando os olhos para ela. A luz de fundo brilhante ilumina sua fisionomia abatida —Humm— ele suspira.

— O quê? — indago. Estou tão nervosa que sinto como se pudesse explodir.

Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Eles pararam. —

Ele gira o telefone em minha direção, me mostrando um mapa, e no meio está um ponto piscando verde, apenas parado ali, imóvel.

— O que é isso? —

— O celular de Jude. Ele deveria estar naquele carro e ele deveria estar se movendo. — a sensação de medo rasteja através de mim. Algo está errado. Eu sei que está. Quando Joe Campbell está envolvido, é extremamente provável.

— Precisamos ir, Marney. —

Ele olha para mim.

— Agora! —

Ele suspira. — Jude não vai gostar. —

—Jude já pode estar morto!— Minha voz falha enquanto digo essas palavras. Por favor, não o deixe morrer.

Ele balança a cabeça e vira a ignição. Meu coração dispara e nós dirigimos ao longo da interestadual, de volta na direção do aeroporto. Marney olha para baixo para o pequeno ponto verde piscando em seu telefone. Eu mantenho meus olhos no lado oposto

da estrada, à procura de uma limusine preta, no caso de eles nos passarem. Eu não vejo nenhuma.

Nos desviamos da Interestadual e acabamos nas estradas secundárias. Não há iluminação pública aqui e os carros são muito menos frequentes. À medida que nos aproximamos do ponto na tela, os meus olhos procuram freneticamente à frente de nós. Marney fica mais lento e é então que vejo as grossas marcas de pneus pretos saindo do outro lado da estrada.

Marney se aproxima mais e eu abro a porta. Posso imediatamente sentir o cheiro de borracha misturado com a gasolina em chamas. As marcas de pneus levam para fora da estrada e rasgam as folhas do mato deixando terra recém-exposta na minha frente. Corro direto para o aterro. Meus olhos se acostumam com a escuridão, e ali, na linha das árvores está a limusine.

— Jude! — Eu grito, mas Marney está atrás de mim, cobrindo minha boca com a mão.

— Joe pode estar lá — ele sussurra —Fique aqui e mantenha um olho sobre a menina— diz ele, mas eu o ignoro e o empurro para longe puxando a arma da cintura do meu jeans.

Vou em direção ao carro. As janelas estão todas quebradas e o único som é o do motor esfriando. Se Jude estivesse vivo haveria algum barulho, certo? Merda. Agacho e puxo o meu telefone, ligando a lanterna. Com as mãos trêmulas a viro para o interior escuro da limusine, minha outra mão firmemente em volta da minha arma, meu dedo indicador pressionado contra o gatilho. Estou com medo de olhar, com medo de que possa encontrar os olhos sem vida de Jude olhando para mim.

Há um corpo deitado no teto do carro; os membros esparramados. O cabelo castanho arenoso me diz que é Rich e na posição que está a cabeça, o pescoço está quebrado. Não vejo mais ninguém. Sigo em frente e olho para a porta do lado do motorista aberta. Um homem está pendurado no cinto de segurança. Vou para checar seu pulso, mas conforme me inclino para frente vejo a grande

ferida de bala que atravessou sua garganta. O sangue escorre pelo rosto, pingando no teto invertido.

Jude está longe de ser visto, e Joe também.

Levanto-me e olho para trás, para Marney, que está em pé no topo do aterro, provavelmente para que possa manter um olho em Sofia. Eu olho para trás, para o corpo no assento do motorista, seu pai. Sua vida será para sempre marcada por causa do que fizemos com ela e eu odeio isso.

Marney abre a boca para dizer alguma coisa, mas então ouço alguma coisa na floresta e ele fecha a boca, ouvindo atentamente comigo.

Antes que ele possa me parar saio correndo na direção do som, é Jude, eu sei que é. Quanto mais corro, mais distinto o ruído se torna, gritos e o som de punhos batendo em carne. Entro pelo mato espesso e tropeço na borda de uma pequena clareira. Me abaixo, escondendo-me nas sombras escuras criadas pelo luar. As duas figuras estão uma sobre a outra. Não posso dizer quem é quem na luz fraca, não posso ver quem está em vantagem. Levanto a minha arma, pronta para atirar, mas não consigo. Não posso arriscar atirar em Jude.

Inclino-me para trás contra a árvore mais próxima, me escondendo da vista. Minha respiração é irregular, meu pulso martelando em meus ouvidos como um trem de carga. Minhas mãos tremem e suor inunda as palmas das minhas mãos. O som de socos parou e eu olho ao redor da árvore. Alguém está de joelhos com uma arma apontada para sua cabeça.

Merda! Preciso que um deles diga alguma coisa, porque se Jude está no chão, esta é a minha oportunidade de matar Joe.

— Eu esperei por essa merda por muito tempo, e devo dizer, valeu a pena esperar — Joe rosna. É então que percebo que é Jude de joelhos e me sinto doente. — Você é tão fraco. Seu pai ficaria enojado. —



Eu aponto a arma, minhas mãos tremendo violentamente, mas não posso conseguir um bom tiro porque ele está circulando Jude como um leão.

— Vou matar você, então vou encontrar aquela prostituta e cortar a porra do seu bebê fora de seu estômago. —

É isso. Fecho meus olhos por um segundo, bloqueio tudo e tento diminuir meu ritmo cardíaco. Ouço a voz de Jude na minha cabeça. Joe está há cinquenta metros de distância de mim, que é o dobro da distância de qualquer tiro que já dei em casa, mas não posso errar. Eu não posso. Foco, inspirar e expirar. Mirando, aponto para a figura sombria apontando uma arma para o homem que amo, o homem que está pronto para matar o meu tudo. Inspiro, pauso, e aperto o gatilho. A arma explode em minhas mãos e mal posso me fazer olhar para cima. Se eu falhei, nós dois estamos mortos.

Capítulo 30

Jude

Há um grande estrondo e eu espero a dor, mas nada. E, em seguida, Joe cai para frente, seu corpo pesado esmagando-me no chão. Sangue quente derrama sobre o meu peito. Ouço passos correndo pela floresta, então ouço Tor gritando. — Jude! —

Tiro o corpo de Joe de cima de mim. Tentando clarear meu estado confuso.

Tor corre para mim, caindo de joelhos quando ela me alcança. Ela está chorando e tremendo com uma arma em sua mão. Sento-me, agarrando-a e puxando-a para mim. — Shh. Estou bem, boneca. — Esfrego minha mão ao longo de suas costas enquanto olho por cima do ombro para o corpo sem vida de Joe.

— Você atirou nele? — pergunto incrédulo. Eu nem a tinha visto. Ele está morto. Joe Campbell está finalmente morto, depois de todos esses anos de perseguir o que parecia ser um fantasma, ele se foi.

— Ele ia matá-lo. — ela diz com a voz trêmula. Tiro a arma da mão dela e coloco no chão ao meu lado.

— Shh, Tor. Acalme-se. — acaricio seu rosto, limpando as lágrimas com meus polegares — Está tudo bem. Está tudo bem. —

ela não para de tremer e tenho pavor que isso possa finalmente levá-la a ter um colapso mental.

Ela balança a cabeça, os dedos agarrados à minha camisa. Beijo sua testa e lentamente me levanto. Tudo gira em torno de mim, mas caminho até o corpo de Joe, arrebatando a arma de sua mão. Encaro-o, ódio e raiva tomando meu corpo. Aponto para o seu rosto e puxo o gatilho. Espero um pouco e atiro várias vezes, até que minha arma está descarregada e seu rosto irreconhecível.

Foi por este momento que vivi os últimos quinze anos da minha vida, e está feito, mas nada mudou. Sempre pensei que neste momento sentiria a sensação de justiça, de dever cumprido, mas não sinto nada. Fico olhando para ele. Eu o odeio, tudo o que ele fez à minha família, à minha Tor. A vingança é uma dívida que nem mesmo a morte pode pagar. Passei minha vida inteira em busca de vingança porque pensei que isso me faria inteiro, mas tudo o que fez foi me custar tudo, menos ela.

Volto-me para Tor. Ela está congelada no lugar, olhando para Joe. A expressão em seu rosto me faz pensar que ela percebeu que sua morte não vai atenuar a dor.

— Vamos —, eu sussurro agarrando-lhe a mão e levando-a de volta através das árvores.

Já está amanhecendo quando subimos o barranco. Assim que chego ao topo, meu coração para. — Porra — murmuro sob a minha respiração e largo a mão de Tor.

Olho através das ervas daninhas altas para uma estrada repleta de homens vestidos com uniformes pretos e coletes à prova de balas com armas apontadas para nós.

— Largue todas as suas armas e se deite no chão. —

— Sinto muito — sussurro para Tor puxando minha arma e atirando na estrada — Você vai dizer que não tem nada a ver com isso. Nada. Você cuida do nosso bebê, Tor. Me entendeu? — dou uma olhada de soslaio para ela que balança a cabeça lentamente.

Eu cuidadosamente me deito no chão. Homens correm em nossa direção, gritando — Deite no chão! —

— Estou na porra do chão! — grito.

— Deite no chão. No chão! —

Não é para mim que estão gritando, é para Tor. Estico o pescoço para olhar para ela. Ela está de joelhos, seu rosto branco, lágrimas escorrendo pelo seu rosto e é então que noto sua roupa e mãos manchadas de sangue. Sangue de Joe que estava em cima de mim e agora está também sobre ela. Merda!

— Não se mexa! — um dos homens grita comigo.

— Ela está grávida, caralho! — levanto minha cabeça para discutir e encontro o cano de um fuzil apontado para minha cara.

Um homem caminha até Tor e joga-a no chão, puxando seus braços atrás das costas. Sua bochecha pressionada contra o asfalto da estrada. Seus olhos cheios de lágrimas se concentram em mim. — Jude! — ela chora. E eu não posso fazer porra nenhuma!

— Deixe-a ir, porra! — a defendo — Ela é inocente. Eu a trouxe. Ela é a porra de minha refém. Ela não tem nada a ver com nada disso. Apenas deixe-a ir. —

— Jude! —

Os últimos sete meses passam pela minha mente. Como diabos eu posso protegê-la dessa merda? Ela matou pessoas. Ela está apaixonada por mim. Ela está grávida da minha filha. — Síndrome de Estocolmo! — grito em desespero — Ela tem Síndrome de Estocolmo. Basta deixá-la ir! —

Um oficial agarra meus braços atrás das costas e as algemas de metal frio encaixam em torno de meus pulsos. Pânico sobe no meu peito. Este é o risco que vem com meu estilo de vida, o medo que sempre se escondia no fundo da minha mente, que um dia eu seria pego. Sempre soube que se fosse pego, eu estaria morto, porque a

minha lista de crimes é um poço sem fundo de merda, mas Tor... esse era um risco que ela nunca esperava.

— Victoria Pears é o nome dela... — fico de pé. — Não, o nome dela é Victoria Devaux. Ela foi sequestrada. Ela é inocente! — grito.

Dois caras colocam Tor de pé e a puxam em direção a um SUV preto. Tudo o que posso pensar é que se a machucarem vou encontrar uma maneira de matar eles. Estão me levando para um carro sem identificação. Um indivíduo de terno está encostado, olhando de cara feia para mim. Ele afasta o paletó expondo seu distintivo e arma olhando fixamente para mim.

—Jude Pearson — ele diz meu nome com uma ponta de admiração e respeito, como se ele estivesse apenas tropeçando no próprio Santo Graal. O canto dos lábios sobem e ele dá uma risada — Pensei que você estivesse morto. Humm. Venho pegar Joe Campbell e o encontro. Surpresa, surpresa. — ele me empurra para frente e eu tropeço. —Cara, serei promovido por isso. —e me dá outro empurrão em direção ao carro — Entre no carro. — me inclino para baixo e ele me empurra para o pequeno banco de trás, fazendo minha cabeça bater contra a moldura da porta. Filho da puta, porra!

Descanso minha cabeça contra a parte traseira do assento. Espio através das grades, separando os assentos dianteiros e traseiros, e vejo Tor sendo levada para outro carro. Vou fazer toda fodida coisa para tirá-la disso. Minha menina não vai para a prisão e minha filha não vai ser criada por estranhos. Vejo o homem colocar delicadamente a mão no topo de sua cabeça enquanto a põe no carro. Ela está na parte de trás do carro por minha causa. Ela está com a cabeça fodida minha culpa. Ela está grávida e apaixonada por mim porque todo o resto foi tirado dela. Se tivesse me encontrado no meio da rua, ela não teria me dado uma segunda olhada, porra. Isso pode ser amor para mim, mas para ela, é tudo menos isso. Foi por sobrevivência. Lá no fundo, acredito que, enquanto ela ficar livre, este será o melhor caminho. Ela pode ter sua vida de volta. Ela pode ter as coisas que merece.

Joe tem o que pediu, e acho que o mesmo aconteceu comigo. No final, isso é como a vida deve ser, todos recebendo o que merecem.

Eu não disse uma maldita palavra para eles. Escolhi o meu direito de permanecer em silêncio.

O carro para numa cerca com arame farpado. Um alarme soa e os portões se abrem nos permitindo dirigir pelos terrenos da prisão. Meu estômago afunda quando ouço a porta de metal fechando atrás de nós. É isso. Sinto-me impotente e não gosto desse sentimento, porra.

—Bem vindo, Sr. Pearson. Esse é o lugar que um homem do seu calibre pertence — o agente ao meu lado sorri.

Quero dizer-lhe para se foder, mas não há nenhuma vantagem nisso. As algemas malditas estão cortando minha circulação então me concentro na desconfortável sensação de formigamento em vez dele. Eu expiro e bato minha cabeça contra o assento.

— Você vai passar muito tempo aqui — ele zomba.

Eu posso sentir minha pressão arterial subir e simplesmente não consigo me controlar. — Você não deveria estar tão seguro de si— digo olhando para o teto do carro. — Eu ainda não fui julgado. —

Ele ri. —Ok. Eu nunca ouvi falar de um homem como você sair livre por aí. —

— Tenho certeza que você nunca conheceu um homem como eu. Tenho estado no lugar errado e na hora errada em muita coisa. —

— Você é um apostador profissional, um assassino, um criminoso. Você vai morrer em uma cela de prisão, porra. —

— Vamos ver o que o meu advogado diz sobre isso. —

O carro para e o agente abre a porta, agarra meu cotovelo e me puxa para fora do carro. — Saia — ele balança a cabeça enquanto me empurra em direção à porta aberta no lado do edifício de concreto e me empurra através dela.

Sou levado a um escritório onde eles tiram minhas impressões digitais, me fazem me despir e dão uma busca completa em todas as cavidades antes de me entregar um macacão laranja brilhante. Disseram que sou procurado por cinco acusações de assassinato em primeiro grau, sequestro, execução de jogo ilegal, lavagem de dinheiro e evasão fiscal antes de me jogarem contra uma parede, entregam uma placa com o meu número de prisão e me dizem para olhar para frente. Sorrio quando a luz pisca.

Dois guardas prisionais são trazidos para o cômodo. Um de cada lado de mim, agarram meus braços enquanto me encaminham pelo corredor.

— Dois? Pensei que eu era especial? — gemo.

Um dos homens olha para mim. — Não, simplesmente insano — ele diz e nós viramos em um canto.

Andamos através de vários corredores longos e para baixo em um conjunto de escadas. Eles estão me levando para a solitária? Foda-se. Todo o corredor cheira a água sanitária. Os presos batem nas portas e gritam enquanto nós passamos.

— Hey, porco, porco... — um canta atrás de sua porta.

O oficial bate o punho em uma porta. — Marshall, cale a boca!

—

Nós paramos em frente a uma porta de metal que tem uma pequena janela no topo. O guarda abre a porta e as dobradiças rangem. O quarto é pequeno, com um vaso sanitário de aço inoxidável e uma pia no canto, uma pequena cama contra a parede.

— Não cubra a janela. Isso irá te render uma semana extra de confinamento quando for condenado. Não cague no chão também. —

Eles me empurram e deixam a cela. A porta se fecha com um som pesado. Fico olhando para as barras grossas, em negação completa que isso tenha acontecido. Cinco acusações de assassinato em primeiro grau. Eu nunca vou sair dessa merda de lugar. Caminho com as mãos cruzadas atrás da minha cabeça. Isto não é como minha vida deveria ser. Deveria estar com Tor, longe de toda essa merda. Eu prometi a ela que nunca iria deixá-la... e ao bebê. Passo minha mão pelo meu rosto e olho para a parede de concreto. Quanto mais penso sobre a vida que eu estava tão malditamente perto, mais furioso me torno. Dou um soco na parede. Dor irradia pelo meu braço. Bato meu punho no concreto de novo, e de novo, e de novo. Continuo batendo na parede até que meu braço está fraco, meus dedos sangrando; até que a dor fica entorpecida. Respirando com dificuldade olho para a mancha de sangue nos tijolos brancos. Fora tudo o que aconteceu na minha vida, fora toda a merda sem piedade que fiz, a que fiz para ela é a pior. Saber que ela vai ter nosso bebê sozinha, que não poderei cuidar deles da maneira que deveria; não há maneira de explicar como isso parece quebrar a porra do meu coração. Eu estava indo para ter uma vida. Estava.

— Porra! — grito, minha voz ecoa ao redor da pequena cela. — Porra! —

Ouçõ alguns detentos rirem e caio sobre a cama, as molas desgastadas gemendo sob o meu peso. Preso para o resto da minha maldita vida. Isto é pior do que a morte. É pior do que o inferno. Esta é a forma mais cruel de tortura que poderia ser condenado. Saber que eu tinha uma chance na vida, uma família, coisas que sei que nunca mereci, mas, ao invés disso, estou preso nesta porra de lugar. O resto da minha vida patética para apodrecer aqui e pensar sobre o quanto estou fodido.

Capítulo 31

Victoria

Sou levada para uma sala com paredes brancas, um espelho de um lado e uma mesa com quatro cadeiras no meio.

Uma mulher caminha na sala vestindo o que parece ser um terno muito caro. — Remova as algemas. — ela acena para o oficial que me trouxe.

Ele libera as algemas dos meus pulsos e o sangue corre de volta em minhas mãos. Estremeço, enquanto mexo com meus dedos para obter a sensação de volta. O oficial sai da sala e a mulher me dá um sorriso.

— Sou a detetive Lawson — ela se apresenta. Eu não respondo. — Por favor, sente-se. — Ela aponta para a cadeira na minha frente e eu tomo o assento — Existe algo que eu possa fazer por você? Qualquer coisa para comer ou beber? — ela mantém sua voz suave, como se ela pudesse me assustar.

Eu olho para ela. — Não, obrigada. —

Ela balança a cabeça e puxa a cadeira à minha frente. Há um longo momento de silêncio enquanto ela me olha.

— Você pode me dizer o seu nome? — ela pergunta.

Eu instantaneamente fico tensa. Qualquer coisa que eu diga pode complicar Jude, então não digo nada, mantendo meus olhos fixos na mesa. Salto quando sinto o toque de sua mão. — Ele não pode te machucar mais, Victoria. —

Estreito meus olhos para ela, puxando minhas mãos para debaixo da mesa. — Então, você já sabe o meu nome. —

Ela franze os lábios. — Seu perfil facial e impressões digitais correspondem a uma senhorita Victoria Devaux. O problema é que a senhorita Devaux está presumidamente falecida. —

— Bem, eu não estou — sussurro.

— Eu posso ver isso. — seu olhar se desvia para o meu estômago. — Eu posso ver isso. — ela repete, e depois hesita — Victoria, eu só quero lhe fazer algumas perguntas. Quero ajudá-la, mas preciso saber o seu envolvimento no assassinato de Joe Campbell e sua conexão com Jude Pearson. —

Eu não quero sua ajuda, só quero Jude. Meu estômago revira violentamente quando penso sobre o que aconteceu com ele. Nós matamos Joe. Nós estamos indo para a prisão. Lágrimas picam meus olhos e penso em passar minha vida atrás das grades. Pressiono minha mão na minha barriga, aparecendo sob a minha camiseta. Será que o meu bebê será criado por estranhos? Será que ela saberá quem eu sou? Pior ainda, ela vai pensar que eu sou uma criminosa?

Ela balança a cabeça enquanto exala. — Victoria, você desapareceu há sete meses... —

Cerro os dentes. — Eu sei. —

— Como é que uma residente da Universidade de Vanderbilt acaba com um agenciador notório de Alabama? Ajude-me a entender por que você estava com ele quando foi presa. — começo a me sentir pressionada a dizer alguma coisa, qualquer coisa. Eu não poderia mesmo bolar uma mentira elaborada o suficiente para cobrir isso então lhe digo a verdade. Rich me levou.

— Eu... meu ex-namorado tinha uma dívida. Um de seus executores levou-me em vez disso. Foi um erro. —

Ela balança a cabeça e algo em sua expressão muda. Ela está curiosa, ansiosa para saber a minha história. — Seu ex-namorado era Euan Wright. — eu concordo — Você está ciente de que o Sr. Wright foi morto pouco depois de seu desaparecimento? —

Mais uma vez não respondo.

— Não posso te ajudar se você não disser nada. —

— Não tenho nada a dizer. —

— Você tinha sangue de Joe Campbell em cima de você Victoria. Você é suspeita de um caso de assassinato. —

Dou-lhe um olhar frio e duro e permaneço em silêncio.

— Jude Pearson sequestrou você, te manteve refém. — seus olhos fitam o meu estômago novamente — Você foi abusada — sua voz é quase um sussurro.

Olho para ela, a raiva subindo para a superfície. —Ele não me abusou — retruco.

Ela faz uma pausa, estreitando os olhos para mim. — Você sabe quem é o pai de seu bebê, Victoria? —

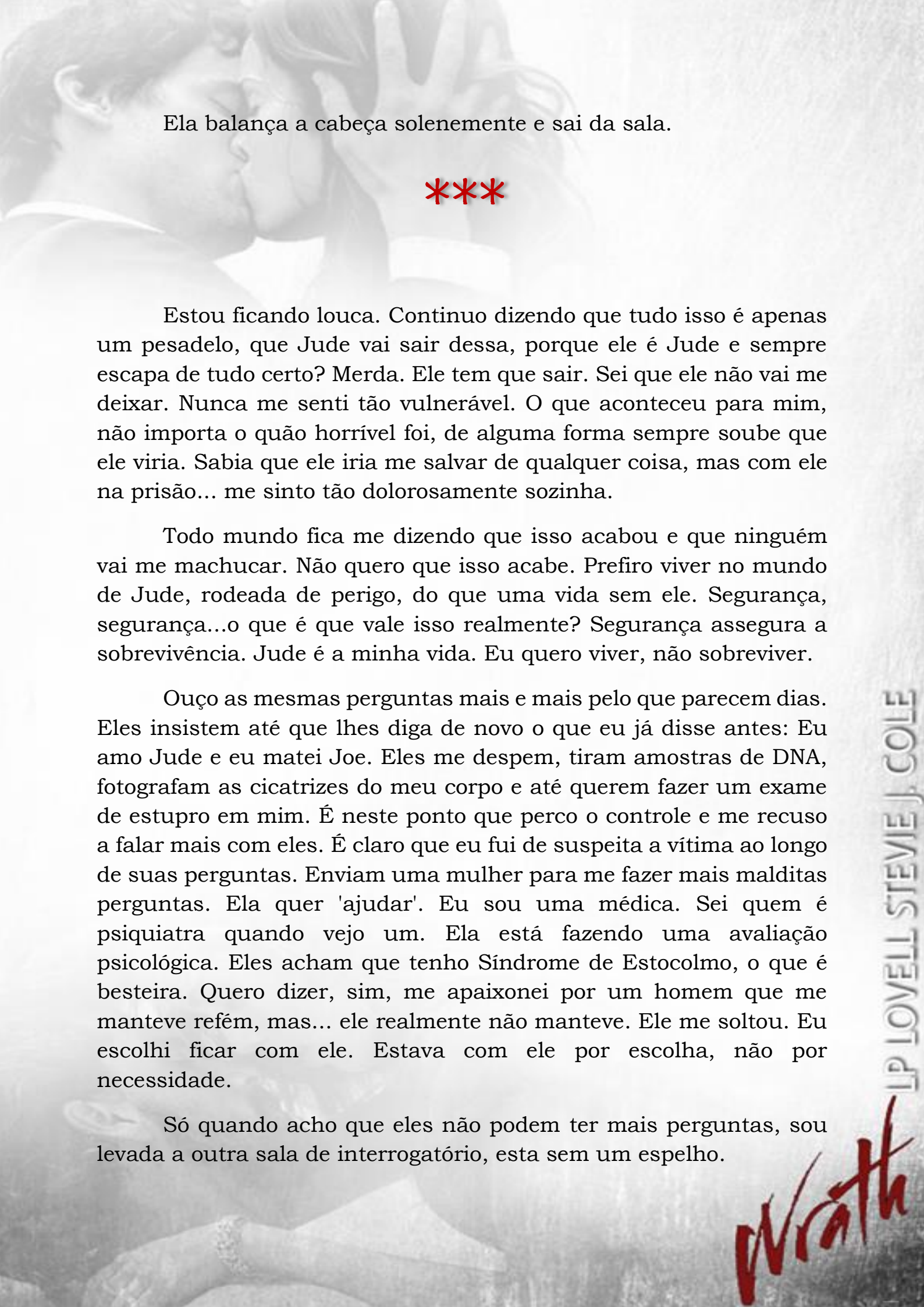
—Sim — respondo.

—Quem é o pai? — ela questiona, recusando-se a aceitar as minhas respostas de uma só palavra. Não digo nada.

— Podemos tomar amostras de DNA e descobrir de qualquer maneira — ela ameaça.

Não os quero mexendo com o meu bebê. — Jude é o pai dela.
—

Vejo o julgamento em seus olhos, a pena da pobre garota que foi sequestrada e estuprada. — Não tenho que explicar nada para você. Prenda-me ou me liberte.—



Ela balança a cabeça solenemente e sai da sala.

Estou ficando louca. Continuo dizendo que tudo isso é apenas um pesadelo, que Jude vai sair dessa, porque ele é Jude e sempre escapa de tudo certo? Merda. Ele tem que sair. Sei que ele não vai me deixar. Nunca me senti tão vulnerável. O que aconteceu para mim, não importa o quão horrível foi, de alguma forma sempre soube que ele viria. Sabia que ele iria me salvar de qualquer coisa, mas com ele na prisão... me sinto tão dolorosamente sozinha.

Todo mundo fica me dizendo que isso acabou e que ninguém vai me machucar. Não quero que isso acabe. Prefiro viver no mundo de Jude, rodeada de perigo, do que uma vida sem ele. Segurança, segurança...o que é que vale isso realmente? Segurança assegura a sobrevivência. Jude é a minha vida. Eu quero viver, não sobreviver.

Ouçó as mesmas perguntas mais e mais pelo que parecem dias. Eles insistem até que lhes diga de novo o que eu já disse antes: Eu amo Jude e eu matei Joe. Eles me despem, tiram amostras de DNA, fotografam as cicatrizes do meu corpo e até querem fazer um exame de estupro em mim. É neste ponto que perco o controle e me recuso a falar mais com eles. É claro que eu fui de suspeita a vítima ao longo de suas perguntas. Envia uma mulher para me fazer mais malditas perguntas. Ela quer 'ajudar'. Eu sou uma médica. Sei quem é psiquiatra quando vejo um. Ela está fazendo uma avaliação psicológica. Eles acham que tenho Síndrome de Estocolmo, o que é besteira. Quero dizer, sim, me apaixonei por um homem que me manteve refém, mas... ele realmente não manteve. Ele me soltou. Eu escolhi ficar com ele. Estava com ele por escolha, não por necessidade.

Só quando acho que eles não podem ter mais perguntas, sou levada a outra sala de interrogatório, esta sem um espelho.

Quando a detetive entra, posso dizer que ela não é como os outros. Ela não parece aceitar qualquer merda. Está usando um terninho ajustado e saltos altos. Seu cabelo vermelho está puxado em um rabo de cavalo apertado, mostrando as maçãs do rosto esculpidas. Ela é bonita, com exceção de seus olhos que me lembram de uma cobra em uma caçada.

— Senhorita Devaux, sou a detetive Lowe. — ela joga seu distintivo em cima da mesa e se senta à minha frente. Olho para ele. FBI.

— Eu já disse a eles... —

— Vou direto ao ponto. Eu não estou atrás de você, Senhorita Devaux. Meu trabalho é ir pescar algo muito maior do que você. Eu quero Jude Pearson. —

Estreito meus olhos para ela. — Eu não sei de nada. —

Ela sorri. — Tenho um rastro de corpos todos apontando para Pearson, mas não tenho provas suficientes para pregá-lo na parede e realmente quero isso, Senhorita Devaux. Preciso de um depoimento dizendo que ele matou Joe Campbell e você o viu fazendo isso. —

— Eu matei Joe Campbell — digo friamente.

— Oh, eu sei. — ela pega um arquivo e despeja fotos — Esta é a arma usada para matar Campbell. Ela tem suas impressões sobre ela e havia resíduo de pólvora em suas mãos, o que significa que a disparou. Por último, a trajetória da bala, quando atingiu o corpo de Joe Campbell foi o ângulo errado para alguém da estatura de Pearson, mas o ângulo perfeito para alguém da sua altura.

— Por que você está me dizendo isso? Já disse que eu o matei.

Seus lábios se torcem em um sorriso. — Porque eu não me importo se você o matou. Você irá testemunhar que Jude puxou o gatilho. —

— O quê? — minha cabeça está girando — Por quê? —

Seus olhos travam com os meus. — Porque se você não fizer isso vou apresentar esta prova e você será presa pelo assassinato de Joe Campbell. Você vai viver sua vida na prisão, e o bebê — ela aponta para o meu estômago — será criado em um orfanato. — Engulo em seco.

— Não vou deixar Jude levar a culpa por algo que eu fiz — engasgo, tentando esconder minha fraqueza.

— Oh querida. — ela dá uma pequena risada. — Ele está indo para baixo de qualquer maneira. Tenho-o em lavagem de dinheiro, jogo ilegal, extorsão, perverter o curso da justiça. Já tenho o suficiente para uns quinze anos, mas como eu disse... — ela se inclina para frente em seu assento — quero pregá-lo na parede. Eu preciso de algo sólido. — ela se senta novamente e abre a frente de sua jaqueta. — Sua escolha. Você pode tanto ir para a prisão ou pode salvar a si mesma e criar seu filho com amor — ela ergue uma sobrancelha.

— Eu já disse aos outros oficiais que matei Joe. —

Ela encolhe os ombros. — As divagações de uma menina abusada sofrendo de Síndrome de Estocolmo. —

Meu coração está vibrando e minha respiração ofegante. Vou para a cadeia por matar Joe. Parece tão injusto, sofrer o que sofri nas mãos daquele homem e depois ir para a prisão para o resto da minha vida por matá-lo.

Balanço minha cabeça. — Se eles acham que tenho Síndrome de Estocolmo então posso alegar insanidade — sussurro.

— Sim, você pode, e eles vão te prender você e levar o seu bebê logo que ele nasça. — ela inclina a cabeça para o lado — Estou te dando opções aqui senhorita Devaux. Como eu disse, me importo muito pouco sobre você, é ele que eu quero. Preciso de um depoimento de uma menina que ele sequestrou. Preciso do júri vendo o homem que Jude Pearson é. —

— Ele não é uma pessoa má... — digo.

Suspirando, ela revira os olhos. — Sim, sim, eu sei. Você o ama. Eu acho que você realmente tem Estocolmo. — ela encontra os meus olhos — Em poucos meses, quando você estiver apodrecendo em uma cela de prisão e já tiver superado essa pequena coisa que você tem pelo seu captor, você vai se arrepender de não aceitar essa oportunidade. —

Balanço minha cabeça, cortando-a. — Não, eu não vou fazer isso. —

Seus lábios enrugam e ela faz uma pausa por um momento, tamborilando os dedos sobre a mesa. — Digamos que eu vou dar-lhe uma semana. Vá para casa, esteja com sua família e pense sobre o fato de que Jude Pearson é um criminoso que sequestrou você. Sua lealdade a ele é equivocada. Pense muito sobre se você está disposta a gastar a sua vida atrás das grades por um homem que matou pessoas o suficiente para ganhar dez sentenças de prisão perpétua. —

Eu não posso dizer nada. Ela me tem sobre uma encruzilhada e sabe disso.

Ela se levanta e se move para a porta, segurando-a aberta para mim. Passo por ela.

—Uma semana — ela repete. Vou embora sem olhar para trás.

—Manterei contato — ela diz atrás de mim. Eu continuo andando.

Finalmente eles entram em contato com a minha irmã e dizem que estou viva.

Sento-me na pequena sala destinada a encontros familiares olhando fixamente para a TV na parede. Eu costumava querer nada

mais do que voltar para minha antiga vida, ver minha irmã, voltar ao meu trabalho. Agora, porém, eu não consigo pensar, não consigo sentir. Minha irmã parece ser uma memória distante de outra pessoa, alguém que não viu e experimentou tudo o que fiz, alguém não contaminado pela escuridão que agora se agarra às bordas do meu mundo. Não sou a mesma pessoa que eu era todos esses meses atrás.

Poucos minutos depois a porta se abre. Ela entra na sala com um sorriso arrogante no rosto. —Victoria, sua irmã está aqui. Você gostaria que eu a trouxesse?

Odeio isso, todos cheios de dedos como se eu fosse uma frágil vítima de abuso. Concordo com a cabeça em silêncio. Tenho que enfrentar isso em algum momento. A mulher desaparece e, em seguida minha irmã entra na sala.

—Oh, Ria!— Apenas o som desse nome em seus lábios me faz estremecer. Eu associo a Caleb, porque nos últimos meses ele foi o único a me chamar assim.

Enquanto assisto a sua abordagem não consigo evitar, mas sinto como se Caleb fosse mais meu irmão do que a mulher andando em minha direção. Talvez a minha mente esteja desajustada. Deveria estar emocionada ao vê-la, feliz por estar de volta com a única família que me resta. Quando foi que as pessoas que me levaram para longe dela se tornaram a minha família?

Lizzy joga seus braços em volta do meu pescoço, os soluços sacudindo seu corpo. Eu sinto... não sei... algumas memórias antigas surgindo da minha mente. Envolver meus braços em torno dela.

— Eu não posso acreditar nisso — ela chora — Pensei que você estivesse morta. — ela se afasta um pouco, seus olhos alagados.

Seus olhos são do mesmo tom de azul aço dos meus; seu cabelo loiro pálido em um coque arrumado. Lizzy sempre foi tão perfeita. Ela sempre soube o que queria, tinha tudo planejado, e eu também, até Jude.

— Estou tão feliz de tê-la aqui, em meus braços. — ela funga. Eu não digo nada. Não tenho certeza do que há a dizer. Seus olhos estudam meu rosto, procurando por traços de emoção — Você... você está bem? —

Eu olho para longe dela, concentrando-me em um ponto por cima do seu ombro. — Sim, estou bem. — Tão bem quanto poderia estar agora. Não sei o quanto eles disseram a ela.

— O que aconteceu com você? — ela sussurra. Eu encontro seus olhos novamente e olho para ela por um longo tempo. Ela não vai entender nada disso.

— Nada. —

Seus olhos se abaixam e se fixam na minha garganta, sobre a cicatriz feia que corre em toda ela. Ela engole em seco, as sobrancelhas se franzem. — Ria... —

— Por favor, me chame de Victoria. — eu corto. Ela parece magoada e por um segundo me sinto péssima. Ela sempre me chamou Ria, mas é só que... eu não consigo.

Ela balança a cabeça e olha para longe, a tensão espessa entre nós. — Bem, acho que eu devo levá-la para casa. —

Casa. A palavra faz revirar meu estômago. É como se no segundo que eu voltar para minha vida antiga, a minha vida com Jude vai desaparecer como se ela nunca tivesse existido. As duas não podem existir lado a lado.

Ela pega a minha mão, ligando seus dedos aos meus. Sinto-me dormiente, desconectada, como se tivesse vendo alguém realizar os movimentos, mas não realmente eu. Que escolha tenho a não ser ir com ela? Jude está preso. Lizzy é tudo o que tenho.

Enfio a mão livre no bolso da frente do casaco com capuz que um dos policiais me deu para vestir, após eles levaram minhas roupas. Odeio que tem cheiro de outro homem.



Posso sentir os olhos de Lizzy em mim todo o caminho de volta para sua casa. Seu marido John dirige, cantarolando baixinho junto com o rádio.

Minhas pálpebras começam a ficar pesadas. Estou emocionalmente arrasada e fisicamente drenada. Estou cansada de lutar a cada passo do caminho e apenas quando as coisas parecem que vão melhorar, elas batem nas minhas costas novamente. Puxo meus joelhos até meu peito e me enrolo contra a porta do carro. Assim que fecho meus olhos, tudo o que posso ver é sangue e o corpo sem vida de Joe. Caio no sono com um sorriso nos lábios.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 32

Jude

A porta se abre. — Coloque seus pulsos juntos — diz o guarda. Faço o que ele diz e as algemas fecham sobre meus pulsos. Ele agacha e põe também as tornozeleiras.

— Isso é realmente necessário? —

— Sim. —

Suspiro e sigo-o para fora da cela. Sou levado a uma sala e me encosto em uma mesa. Segundos depois ouço os rangidos da porta abrindo e uma mulher em um vestido e um blazer entra. Ela me olha, não tentando esconder sua repugnância por mim. Ela parece uma puta do inferno, excessivamente confiante com algo a provar, porra.

— Mr. Pearson. Sou a detetive Lowe. FBI — diz ela enquanto joga seu distintivo na mesa.

Sento numa cadeira e olho para ela. — Você está desperdiçando seu tempo vindo aqui. Eu sei dos meus malditos direitos. —

— Eu não estou aqui para fazer-lhe perguntas. — ela sorri e fica encostada na borda da mesa na minha frente. — Só estou aqui para que você saiba exatamente o quanto está fodido. —

Não deixo nenhuma emoção transparecer no meu rosto e olho friamente para ela.

— Devo admitir, estou impressionada. — ela coloca as mãos sobre a mesa, inclinando-se em minha direção.

— Como um homem como você conseguiu fazer uma mulher como ela se apaixonar por você... — suspiro, e ela ri — ou talvez, apenas talvez eu devesse dizer que estou impressionada que um homem como você se apaixonou por ela? — ela se afasta da mesa e caminha na minha frente.

— Você arruinou sua vida, triste é que você ainda não acabou.

Cerro os dentes e olho para o chão. Eu não vou falar com essa puta manipuladora.

— Mr. Pearson, — ela murmura — Victoria confessou o assassinato de Joe Campbell. Tenho provas suficientes para colocá-la atrás das grades para o resto de sua vida. Com certeza eles podem questionar sua sanidade, mas é claro que ela vai ser considerada demasiadamente instável para manter essa criança com ela. — Ela estreita os olhos para mim, um pequeno sorriso em seus lábios.

Meu coração bate violentamente contra minhas costelas. — Ela não fez nada. — digo entre os dentes. Eu quero arrancar a cabeça dessa cadela de seus malditos ombros.

— Infelizmente, as evidências sugerem o contrário. Ela está disposta a ir para a prisão para salvá-lo, mas você e eu sabemos que você está além da salvação. — ela se vira e caminha em direção à porta, parando quando a atinge — Você diz que a ama? —

Eu não respondo.

— Você ainda pode salvar ela e seu filho Mr. Pearson. — ela abre a porta e deixa a sala.

Cadela fodida! Eu não sou um idiota. Sei o que ela está fazendo, mas não me importo mesmo. Ela quer assegurar que eu vá para a cadeia por um longo tempo, porra. Ela quer ser a pessoa que

derrubou Jude Pearson. Por mim, tudo bem. Não me importo com o que diabos vai acontecer comigo; minha única preocupação é Tor e o bebê.

Quanto mais tempo me sento aqui, mais rápido meu coração dispara. Não posso deixá-la ir para a cadeia. Não posso deixá-la perder o bebê. — Porra! — grito, minha voz ecoando nas paredes.

O meu advogado entra vários minutos depois que a cadela saiu. Sempre esperei que nunca tivesse que usar esse filho da puta. Ele tira o paletó e põe sobre a cadeira, olha para mim e balança a cabeça. Ele deixa cair uma pasta sobre a mesa, e eu olho para o guarda na porta.

— Ele só vai ficar lá? —

Robert olha por cima do ombro e o guarda se vira, fechando a porta atrás de si.

Ele fica na extremidade da mesa, tamborilando os dedos sobre a borda. — Bem — ele inala — este é um grande monte de merda em que você caiu, JP. —

— Sim, eu sei. — murmuro — Olha, realmente não dou à mínima se você vai me tirar daqui, apenas se certifique de que ela saia. Ela não é a errada aqui. Absolutamente. —

— Ela não é minha cliente... —

Tento ficar em pé, mas estou acorrentado à maldita cadeira. — Porra! — eu grito e minha pressão arterial sobe rapidamente — Se certifique de que ela tenha um advogado muito bom. Ela não está gastando sua vida na prisão. Ela não vai ter meu bebê na cadeia! — minha voz ressoando alta nas paredes. Meu pulso tamborilando na minha garganta. — Você fodidamente me ouviu, Rob? Tire-a daqui. —

Ele me olha por um segundo. Seus lábios em uma linha dura, seu peito se expandindo quando respira — Você sabe que ela tinha sangue em suas mãos, JP, literalmente? Eles podem tentar pintá-la como cúmplice. Ela não vai ser condenada a muito tempo de prisão,

mas eles podem prendê-la. Qualquer um em sã consciência vai colocar sua saúde mental em causa. Eu não posso prometer. —

—Não. — balanço minha cabeça — Você não pode deixá-los questionar sua sanidade, porra! Eles vão tirar o bebê dela.— Posso sentir o pânico rastejando ao redor da minha garganta novamente. —Você a tira daqui. —

Ele respira pesadamente e arrasta a mão pelo rosto. —Isto está uma confusão. Você percebe isso? —

Queimo o meu cérebro tentando pensar em alguma maneira de fazê-lo entender que ela tem que fazer-me parecer um maldito monstro sem coração. — Pode lhe entregar uma carta minha? — pergunto.

Ele bate com os dedos na mesa. Está hesitante.

— Rob, basta dar-lhe uma maldita carta, ok?—

—Sim, tudo bem. Eu vou entregar a carta. — ele se ajeita na cadeira, cruzando as mãos sobre a mesa na frente dele — Agora, o que diabos vamos fazer sobre você e este rastro de sangue que deixou em metade do sudeste? —

Capítulo 33

Victoria

Eu acordei da mesma forma como costumo fazer, gritando e suando, com o nome de Caleb em meus lábios. Não há braços fortes para me confortar, nenhuma voz áspera murmurando palavras tranquilizadoras no meu ouvido. Sou só eu em um quarto estranho. Luz suave da manhã entra através da janela. Olho em volta e tento acalmar a minha respiração. Estou no quarto de hóspedes de Lizzy.

Estou aqui há dois dias, mas ele ainda parece completamente estranho para mim. Lizzy e eu realmente não temos falado. Não deixo este quarto, não saio da cama. Ela me traz comida, que eu como apesar da minha náusea constante sempre que vejo comida. Como porque Jude me pediu para cuidar do bebê, e eu vou.

Lizzy tenta conversar comigo quando entra, mas não consigo. Sei que ela não fez nada de errado. Sou eu. Não estou no momento certo para ela me fazer perguntas. Não tenho ideia do que dizer a ela. Não há uma faceta da verdade que ela vai ser capaz de lidar porque no segundo que ouvir, ela vai pensar o mesmo que aqueles policiais e a psiquiatra. Vai pensar que eu estou delirante, abusada... Cada vez que penso em Jude, tudo que consigo lembrar é ele gritando com a polícia enquanto eles me arrastavam para longe. Ela tem Síndrome de Estocolmo. Ele estava apenas dizendo ou realmente acha isso? Será que ele verdadeiramente acha que tenho um problema mental e,

se for assim, será que ele realmente me ama ou estava agindo por culpa, por tudo o que aconteceu para mim enquanto estava com ele?

Meu coração me diz que Jude não é assim. Eu o conheço. Ele não é um homem condescendente com qualquer garota. Mas minha mente está se agarrando às sementes da dúvida. Como pode não se agarrar?

Afasto o edredom de cima de mim e vou para o banheiro tomar um banho. Tiro minha camiseta e calcinha e olho para o meu reflexo no espelho. Meu corpo está marcado por cicatrizes, todos os ferimentos infligidos durante o meu tempo com Jude. Houve um tempo em que eu as odiava, que não podia vê-las sem o culpar por tudo o que elas representavam, mas agora, cada uma me lembra de um momento em que ele iria beijá-las ou olhar para elas e dizer-me que eu era bonita independentemente delas.

Meus olhos vão para a longa cicatriz correndo entre os meus seios e sobre o meu estômago, se alargando conforme a pele estica um pouco mais sobre a barriga. Meu corpo está mais fino. Os últimos meses e minha experiência com Joe deixaram consequências, com exceção de minha barriga arredondada que parece estar ficando maior a cada dia. Quero chafurdar neste poço do desespero, mas quanto mais penso sobre o bebê dentro de mim, mais sinto essa vontade indescritível de lutar. Jude pode estar preso, mas eu ainda estou aqui, e sou tudo o que ela vai ter.

Entro no chuveiro, lavando a depressão dos últimos dias.

Me visto e vou para a cozinha me sentando num banco da bancada, assisto a minha irmã se agitar em torno dos armários, dançando ao som do rádio. Sorrio porque ela parece tão feliz. Ela gira e me vê. Os olhos de Lizzy se arregalam e ela rapidamente desliga a música.

— Oh, meu Deus. Você está bem? — Seu sotaque é mais suave do que o meu, com apenas um toque britânico.

Eu concordo. — Sim, eu estou bem. —

— Humm... posso... posso pegar alguma coisa para você? — Lizzy sempre foi exagerada. Ela é a mais velha, como uma mãe se você me entende.

— Um café seria ótimo — ela se move através da cozinha, mas eu dou a volta na bancada, parando-a.

— Eu posso fazer isso — digo a ela. Me tratar como uma inválida não está ajudando.

Lizzy não diz nada. Olho para ela que fica ali de pé, boca aberta com os olhos fixos no meu corpo.

Sigo o seu olhar para o meu abdômen. — Eles não te disseram?

Desde que cheguei aqui, ainda não tinha levantado da cama na frente da minha irmã e na delegacia estava vestindo um casaco com capuz que era cinco tamanhos maior que eu. Agora, porém, estou vestindo uma regata que ela me deu e está mostrando a barriga muito grande.

Ela balança a cabeça. — Não — engasga com um sussurro.

Ficamos em silêncio enquanto me sirvo de café. — É uma menina — digo calmamente. Acho que ainda não tive a chance de falar sobre ela, considerá-la uma pessoa. Sempre estive correndo, incapaz de pensar muito à frente.

— E... você sabe quem é o pai? — ela pergunta com cuidado, como se pudesse me perturbar.

— Sim — ela olha para mim, esperando — Jude. —

— Oh, Deus. — ela leva a mão aos lábios, um soluço escapando.

— Vou dizer o que disse a eles — argumento — Eu o amo. Ele não me estuprou ou me manipulou — não sei como explicar isso a ela — Nós éramos duas pessoas jogadas em uma situação contra a nossa vontade, e... nada foi planejado — é verdade. Nunca em um milhão de anos pensei que amaria Jude, mas às vezes a vida joga o inesperado em você.

Lizzy olha para seu relógio, algo que ela faz quando está nervosa. — Ria... —

— Já disse, não me chame assim — falo instantaneamente. Merda. Passo a mão pelo meu cabelo.

— Victoria— ela hesita —sei que você diz que foram atirados nessa situação, mas ele a manteve refém. Ele nunca deveria ter feito isso — ela diz como se eu não pudesse ver isso. Eu posso.

— Você não entende. —

Seus olhos fitam minha garganta novamente, a cicatriz mais visível, mas certamente não é a pior, porque fiz isso por mim mesma.

— Eu acho que — ela respira fundo — acho que talvez você devesse falar com alguém — e me lança um pequeno sorriso.

Levanto e afasto-me dela saindo da sala — Não sou louca e não vou falar com ninguém — grito.

Ela nunca vai entender.

Estou sentada no banco confortável embaixo da janela de Lizzy com um livro no colo, embora não consiga registrar o que está escrito nas páginas. Já passou um mês. Um longo mês sem Jude, ou Marney, ou qualquer um. Eu não ouvi nada.

Tentei ligar para a prisão onde ele está, mas não me permitem falar com ele ou vê-lo, dada a situação. Lizzy tentou fazer-me falar com vários psiquiatras e eu lhes disse a mesma coisa, não sou louca, e não tenho Síndrome de Estocolmo, mas conforme o tempo passa, estou começando a questionar a mim mesma.

Quero dizer, se alguém tem Síndrome de Estocolmo certamente não tem consciência disso, certo? Talvez eu só não queira pensar em

mim como uma dessas pessoas, porque sempre achei isso besteira, fabricada por mulheres fracas que caem aos pés de homens abusivos. Não foi isso exatamente o que eu fiz? O problema é: não consigo parar de amar Jude. É como se eu precisasse dele, como se o meu corpo e alma estivessem sofrendo fisicamente com sua ausência.

A campainha soa, reverberando através da casa. FRANZO a testa e coloco o livro na mesa lateral.

Vou até a porta da frente e abro-a para um homem muito bem vestido. Seu terno parece caro e tem um Mercedes parado que confirma isso.

— Senhorita Devaux? — Ele tem um jeito profissional, mas um pouco rude.

— Sim. —

— Eu sou Robert McKinley, o advogado de Jude Pearson. —

Eu engulo em seco. É isso.

Ele enfia a mão no bolso do terno e me entrega um envelope. — Jude pediu para que eu lhe desse isso e que você faça exatamente o que ele diz. — ele respira fundo e franze a testa — Não há nada que você possa fazer para salvá-lo. Precisa se concentrar em salvar a si mesma.— Ele se vira e caminha de volta para o carro, deixando-me de pé na entrada com o envelope na mão.

Meus dedos tremem enquanto olho para o envelope branco discreto, meu nome rabiscado na frente. Fecho meus olhos e respiro profundamente antes rasgar o envelope e ler as palavras que me arrasam.

Tor,

Eu te amo. Saiba disso acima de tudo. Você me deu algo que eu nunca soube que queria ou precisava, até que você foi jogada no meu escritório, com medo, mas lutando em cada respiração. Tive semanas para sentar aqui e não fazer nada além de pensar. Tudo o que penso

é em você. Sinto sua falta. Porra, eu sinto sua falta. Prometi que iria protegê-la e sempre irei, não importa onde eu esteja. Agora, porém, você tem que proteger a nossa filha, porque eu não posso. Isso significa deixar-me ir.

Vou para a cadeia e nada que você diga ou faça vai me ajudar. Eles vão chamá-la como testemunha e você precisa testemunhar contra mim. Diga-lhes a verdade. Não minta por mim.

Você foi sequestrada.

Mantive-a refém.

Tudo o que você disse, fez ou testemunhou foi contra a sua vontade.

Eu matei Joe e você vai testemunhar isso.

Mais importante, você não me ama. Eu estuproi você, é por isso que está grávida.

Tudo o que você fez foi para sobreviver. Tor, faça isso. Esta é a única coisa que peço a você. Preciso que você esteja lá para nossa filha, porque eu não posso e ela vai precisar de sua mãe. Queria dar a ambas todo o fodido mundo e eu falhei com você... sinto muito. Você é meu tudo.

Eu te amo,

Jude

Caio de joelhos no assoalho de mármore da minha irmã, minha alma está sangrando. Meu peito sacode com soluços frenéticos, enquanto as lágrimas derramam pelo meu rosto, manchando o papel na minha mão. Como ele pode pedir isso para mim? Ele quer que eu o pinte como um monstro.

Parece que estou cortando meu próprio coração e não tenho nenhuma ideia de como vou encontrar forças para viver sem ele, muito menos ser a causa dele ser tirado de mim.

Capítulo 34

Jude

Já perdi a conta de quanto tempo eu estive nesta porra de cela. Sozinho. Nada a fazer, só olhar para as malditas paredes, fazer flexões e pensar sobre quão fodido tudo isso é. Eles não vão mesmo dar-me uma navalha maldita para raspar o meu rosto. Essa merda é suficiente para deixar alguém louco. Por que diabos eles colocam as pessoas que já não estão bem da cabeça na solitária? Apenas para levá-los à psicose total? Pelo amor de Deus. Comecei a falar sozinho. Caralho.

Robert disse que entregou a minha carta para Tor. Perguntei como ela estava e ele não respondeu, o que me preocupa. Certamente há um limite que uma pessoa pode aguentar antes de quebrar. Ela precisa de mim e não há merda nenhuma que eu possa fazer sobre isso.

Ouçó Marshall batendo na sua porta e uivando. Ele faz isso todas as manhãs. Toda merda de manhã. Levanto da cama para mijar. Abro a água e lavo meu rosto e depois sento na beirada da cama e espero. Hoje é a minha audiência. Não sei como vou lidar ao vê-la. Estou preocupado que vá dizer algo que eu disse para ela não fazer.

Eventualmente ouço passos ecoando pelo corredor e levanto, esperando na frente da porta. O rosto do guarda aparece na janela. —Pearson, coloque os pulsos juntos. —

Cruzo meus braços, enquanto ele abre a porta, me algemando como de costume antes de me levar pelos corredores e para fora. O sol está a pino e aquece minha pele. Há algum tempo gostava dessa sensação, mas não agora. Eu não desfruto de mais nada agora.

Um oficial me empurra na parte traseira de um carro de polícia e nós saímos do presídio. Assistio a paisagem de terras agrícolas se transformar em uma cidade pequena e estacionamos atrás do tribunal. Há filas de pessoas na sua frente, juntamente com várias vans de mídia. O oficial me tira do banco de trás, caminhando em direção à entrada.

Meu batimento cardíaco aumenta quando me aproximo do edifício. Isto vai ser uma tortura fodida, sentar naquela sala, cara a cara com Tor enquanto ela fala a um tribunal cheio de pessoas o que aconteceu. Engulo em seco e respiro fundo.

— É melhor sorrir. São seus dez minutos de fama, Pearson.— O oficial ri enquanto nós viramos na esquina.

Uma multidão vira e olha para mim. Flashes de câmeras me cegam, perguntas gritadas para mim enquanto sou levado. Eu não olho para cima. Mantenho meus olhos no chão, assistindo meus pés acorrentados moverem-se embaixo de mim.

As portas duplas de madeira para a sala do tribunal são abertas. Já está cheio e eu não estava esperando isso. Sou enviado para frente e sento em uma mesa ao lado de Robert. Ele olha para mim, um sorriso nervoso se contorcendo em seus lábios. — Apenas tente se controlar, ok? —

Eu concordo. — Onde ela está? —

— Atrás de nós. —

Meu rosto fica quente, meu estômago revira. Não posso virar e olhar para ela. Eu simplesmente não consigo fazê-lo. Mantenho meus



olhos fixos na mesa, lembrando-me que o que ela disser... fui eu que disse a ela para dizer.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 35

Victoria

— A promotoria chama Victoria Devaux para depor — diz uma voz fria.

Eu não consigo respirar. Não posso fazer isso. Minha irmã aperta a minha mão me tranquilizando que o monstro que me raptou não pode me tocar novamente. Ela não sabe de nada. Sinto falta dele. Minha alma dói por ele. Isto é semelhante a ver alguém morrendo, apenas para descobrir que de repente está vivo, e agora você tem que colocar uma bala em sua cabeça. Não posso, mas eu devo.

Levanto-me, minhas pernas tremendo violentamente. Sinto o peso dos olhares do júri, enquanto faço o meu caminho para o banco das testemunhas. Sinto o choque mal disfarçado quando olham para uma mulher grávida, gravidez essa que só pode ter começado durante seu tempo em cativeiro, como refém. Sinto o seu horror e pena no silêncio tenso do tribunal.

Sento-me e pela primeira vez em semanas vejo o rosto de Jude. Eu mal o reconheço. Seu rosto está mais abatido, coberto por uma espessa barba. Minhas unhas cravam nas palmas das minhas mãos, enquanto minha mente corre através de todas as coisas horríveis que podem ter acontecido com ele naquele lugar. Sempre disse a mim

mesma que ninguém iria foder com Jude, mas em um lugar cheio de assassinos, será Jude o pior?

Ele parece diferente, mas seus olhos, seus olhos são os mesmos verde profundo que sempre fez meu coração disparar. Seus olhos transmitem tudo o que ele não pode dizer para mim. Eu te amo.

Um funcionário do tribunal se move para a posição segurando uma Bíblia na minha frente. Coloco minha mão direita sobre ela, meus olhos nunca deixando Jude. — Você jura por Deus dizer a verdade, somente a verdade e nada mais que a verdade? —

Não. — Sim — sussurro, minha voz falhando. Lágrimas surgindo em meus olhos, porque sinto que meu coração está sendo arrancado fora.

Minha atenção é desviada de Jude para a porta da sala do tribunal que se abre e duas figuras entram, tomando um lugar na parte de trás da sala. É a detetive Lowe e outro agente. Seus olhos fixam em mim, um pequeno sorriso em seus lábios. Nunca odiei ninguém tanto quanto odeio essa mulher. Estou apenas fazendo isso porque Jude me pediu, não por causa dela. Estou fazendo isso pelo meu bebê. Estou prestes a colocar uma distância tão grande entre mim e Jude que tenho certeza que ele nunca vai ser capaz de me perdoar. A advogada da promotoria se levanta e vem para ficar na minha frente. — Senhorita Devaux, você conhece este homem? — ela aponta para Jude e eu estreito meus olhos para ele.

— Sim — digo com os dentes cerrados.

— Você pode, por favor, dizer ao tribunal o seu relacionamento com este homem? — pergunta.

Respiro, apertando os olhos fechados. — Ele... ele é o homem que me manteve refém. — Minha voz é estrangulada, como se a própria negação do que ele é para mim seja impossível de verbalizar. Os olhos de Jude encontram os meus, um sorriso tranquilizador no rosto. Ele acena com a cabeça.

— E você pode dizer ao tribunal como você virou refém do Sr. Pearson? —

— Meu namorado tinha uma dívida com ele e quando não pode pagar, me ofereceu a um dos funcionários de Jude como garantia — digo sem qualquer emoção.

—Então você foi levada para sua casa, e então, o que aconteceu com você?— Ela me estuda atentamente. Eu olho para Jude e seus olhos estão fixos na mesa à sua frente.

— Eu... eu fui mantida ali por vários dias. Vivi com ele e seu irmão. Euan nunca pagou o que devia. —

Ela aperta os lábios. — Como você foi tratada, enquanto você era mantida em cativeiro? Será que o Sr. Pearson forneceu alimentos para você? Condições de vida razoáveis? —

— Muito bem. Eu era bem tratada — digo rapidamente. Posso sentir os olhos de Lowe abrindo um buraco em mim, mas não olho para ela.

— Quando o médico da penitenciária inspecionou você na sua prisão inicial, ele relatou várias lesões infligidas, durante o seu tempo como refém. — Ela aponta para a tela atrás de mim. Viro-me e vejo a fotografia do meu tronco coberto de cicatrizes. Eu rapidamente giro de volta para enfrentar o tribunal novamente.

— Não foi ele — digo, envergonhada com o fato de que todas as pessoas nesta sala viram as cicatrizes que nunca permiti a qualquer um ver, exceto Jude. Fico olhando diretamente para ele que segura meu olhar, um sorriso suave em seus lábios. — Não foi ele — Deus, isso é tão difícil.

— Mas isso aconteceu sob a sua supervisão, não foi? —

— Foi... — faço uma pausa.

Sei o que devo dizer, o que Jude quer que eu diga. — Sim, foi o que aconteceu enquanto ele me manteve refém — sussurro.

— Então, você concorda que não foi tratada 'bem' — acrescenta e sem perder uma batida continua na sua próxima pergunta. — Será que você testemunhou as negociações na casa do Sr. Pearson enquanto estava lá? —

— Não, eu nunca vi nada. — é realmente verdade. Jude nunca trouxe negócio para casa. Nunca soube desse lado de sua vida a não ser o que perguntei. Nunca vi nada até que eu não era mais uma refém.

Eu sei que vacilei quando ela sorri. — Não viu nada? Então você sabia o que ele fazia para viver? —

— Eu fui levada como refém por uma dívida de jogo — aponto.

— Você sabe quem é Joe Campbell, senhorita Devaux? — Meu estômago revira e bile sobe na minha garganta. Pensar nesse homem me deixa doente e pressiono minha mão no meu estômago.

Posso ouvir a respiração de Jude por toda a sala. Quando olho para ele, sua mandíbula está apertada, os músculos de seu pescoço tensos.

— Sei — sussurro.

— Como você o conheceu? —

Eu olho para ela. —Ele me sequestrou. — meu queixo aperta forte e meus dentes rangem.

Sua expressão permanece em branco. — Então, Joe Campbell sequestrou-a de seu sequestrador? —

Meus olhos bloqueiam com os de Jude. Sei que deveria apenas dizer que sim, mas a maneira como ela diz isso implica que Jude e Joe são iguais, como se o que Jude fazia era tão ruim quanto Joe. Eu não posso. Não consigo dizer essas palavras.

—Eu... — hesito e seu rosto fica branco por um momento. Há um zumbido das pessoas dentro da sala de audiências. — Eu escapei. Estava em um voo de volta para a Inglaterra quando Joe me encontrou e me levou. —

Ela ainda está lá de pé com os lábios entreabertos. Ela não me faz mais perguntas sobre a situação do sequestro. Em vez disso, fica pior.

— Você poderia nos falar dos acontecimentos na noite de 13 de abril de 2015? —

Mordo meu lábio inferior. Esta é a parte mais difícil, a parte onde eu devo jogar Jude sob o ônibus para me salvar e a nossa filha. Esta é a única coisa mais difícil que eu já fiz.

— Joe... Joe me machucou e matou Caleb — começo.

— Caleb Pearson? — ela pergunta.

Eu concordo. — Sim. — a dor em meu peito cresce, enquanto minha mente relembra Caleb caindo de joelhos, um buraco de bala entre os olhos. — Ele matou-o e então Jude... — foda-se, vou dizer isso? Encontro seus olhos novamente e ele balança a cabeça, pedindo-me para dizer. — Jude matou Joe. — Há um momento de silêncio em que juro que ouvi meu coração se romper como o estrondo de uma rachadura rasgando seu caminho através de um painel de vidro. A agitação impera na sala de audiências. Eu olho para Lowe e um sorriso presunçoso torce seus lábios.

— Você foi testemunha deste crime? — ela empurra.

— Sim. —

— Eu apresento ao júri evidências tomadas da cena do assassinato de Joe Campbell. — a tela na parte de trás da sala se ascende de novo e uma imagem do rosto mutilado de Joe aparece. Um dos jurados amaldiçoa. Posso ouvir o barulho do projetor girando, mostrando diferentes imagens, exibindo as provas.

— Jude Pearson, coberto do sangue do falecido, foi preso ao sair da cena do crime, a arma na mão. O corpo ainda estava quente. Peço aos membros do júri para ver a prova irrefutável da culpa de Jude Pearson. Isso foi excessivo. —

Esta mulher não tem ideia. Ela acha que está fazendo seu trabalho, prendendo um monstro, mas fui a única que puxou o gatilho e Joe era o monstro que precisava ser preso. — Ele... ele era um estuprador, um assassino! — grito para o júri. Lágrimas escorrem pelo meu rosto com a injustiça de tudo.

Jude limpa a garganta e sei que ele está tentando chamar minha atenção. Olho para ele que está implorando com os olhos para eu parar. Sei que não devia defendê-lo, mas eu não posso... eles precisam saber o porquê.

A advogada se aproxima de mim. — Srta. Devaux... —

— Já chega! — Jude grita — Porra, eu o matei e gostaria de fazê-lo novamente se pudesse. Por ela. Eu faria isso todos os fodidos dias para o resto da minha vida se isso fosse amenizar qualquer coisa que o bastardo fez com ela. Vocês podem me ouvir? Eu não vou me desculpar, porra! —

O juiz interrompe. — Sente-se Sr. Pearson, ou eu vou te prender em desacato ao tribunal! — proclama.

Há um momento de silêncio quando o tribunal se aquieta novamente. A advogada olha para o meu estômago. — Você pode me dizer quem é o pai do seu filho que vai nascer, Srta. Devaux? —

Olho para a barriga, a única coisa que me resta de Jude. —Isso não é relevante— digo em pânico.

O juiz suspira. — Srta. Devaux, por favor, responda a pergunta. — eles querem difamar seu caráter, fazê-lo ser o estuprador, o assassino, e eles querem que eu seja a única a influenciar o júri. Não posso mentir porque um simples teste de DNA provaria isso, e se eu disser que ele é o pai, vou ter que dizer... olho para Lowe que me dá um pequeno aceno com a cabeça e depois para Jude cujos olhos estão suaves.

— Jude — respiro e lágrimas deslizando pelo meu rosto.

— E como você ficou grávida, Srta. Devaux? —

— Eu... — meus pulmões param e minhas unhas arranham a pele de minhas mãos. Meu pulso bate em meus ouvidos, minha visão fica nublada. Concentro-me em Jude, o olhar em seus olhos que diz que me ama. Eu o amo, como ele pode esperar que eu diga isso?

— Vou reformular. O Sr. Pearson forçou-a, Srta. Devaux? —

Há um silêncio pesado na sala. Jude me lança um sorriso triste e me dá um pequeno aceno de cabeça. Fecho meus olhos e o bater do meu próprio pulso abafa todo o resto até que sinto como se estivesse debaixo de água.

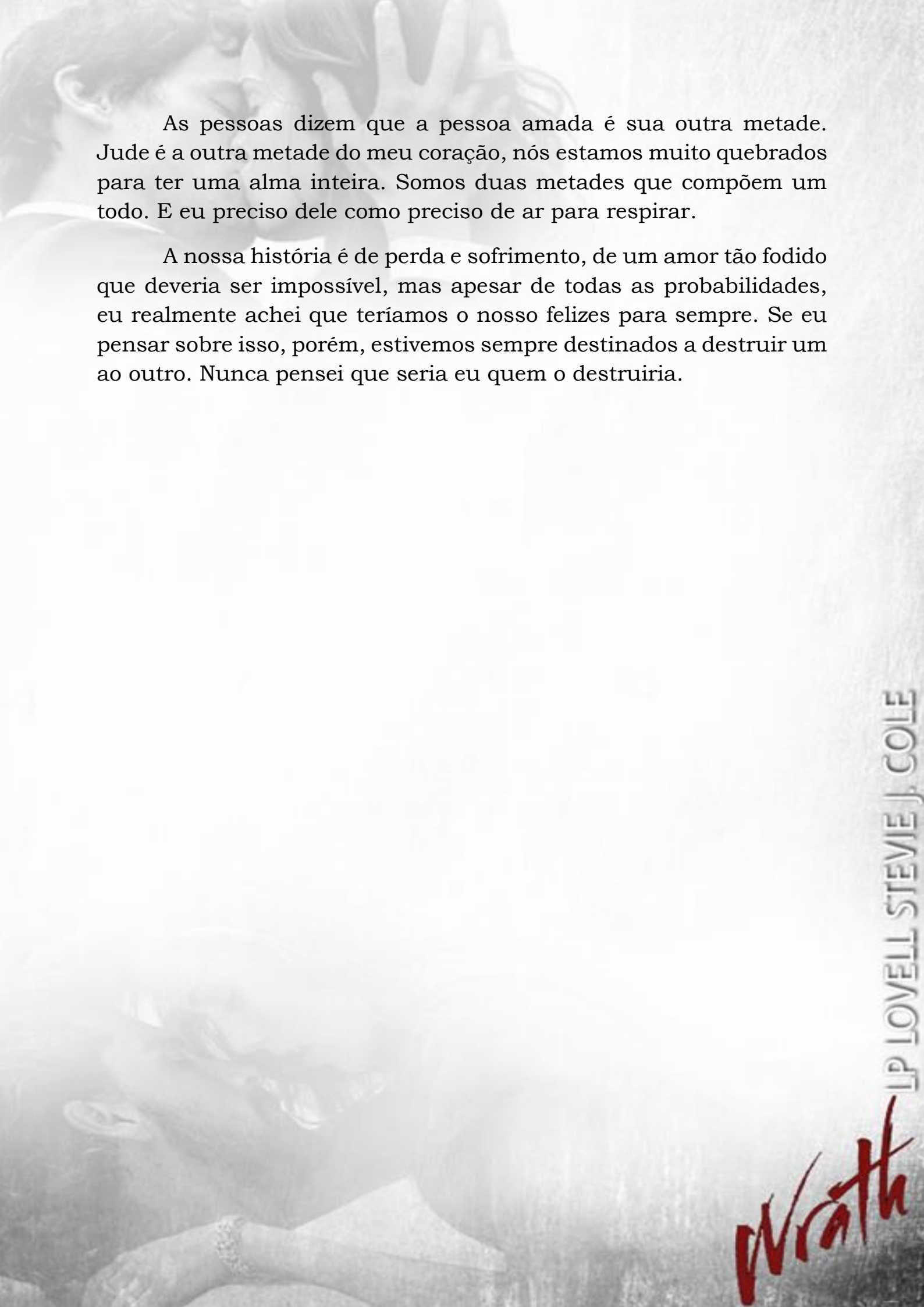
— Sim — sussurro através de minha garganta apertada e lágrimas descem livremente pelo meu rosto. Seja o que for que Jude e eu tínhamos, eu só acabei e queimei à cinzas com uma palavra.

Ninguém faz um som e eu posso praticamente sentir sua pena.

— Eu não tenho mais perguntas, Meritíssimo — diz ela, dando-me um último olhar simpático. Um oficial me guia do banco até de volta para o meu lugar ao lado de minha irmã. Posso sentir os olhos de Jude em mim, mas não posso olhar para ele. Apenas o trai e mesmo que ele tenha me pedido para fazer, não posso viver comigo mesma agora.

Minha irmã está chorando com o braço de John ao redor de seus ombros. Sento no meu lugar, meu corpo tenso. Lizzy chega para mim. — Oh, Deus, Victoria. — ela envolve seus braços em volta de mim, mas acho que é mais para seu benefício do que para o meu.

Ela está sacudindo a cabeça, inclinando-se sobre seu marido, arrasada, porque acha que sua irmã terá um bebê de um estupro e apaixonou-se por um assassino. Eu a amo, mas ela nunca vai entender isso. Ela não pode entender a profundidade do meu amor por Jude e eu nunca vou dizer a ela. Há algumas coisas que ligam duas pessoas de forma irrevogável. Jude e eu fomos ao inferno e voltamos. Sofremos perda e dor, o tipo de dor que destrói você até que tudo o que resta é um ao outro.



As pessoas dizem que a pessoa amada é sua outra metade. Jude é a outra metade do meu coração, nós estamos muito quebrados para ter uma alma inteira. Somos duas metades que compõem um todo. E eu preciso dele como preciso de ar para respirar.

A nossa história é de perda e sofrimento, de um amor tão fodido que deveria ser impossível, mas apesar de todas as probabilidades, eu realmente achei que teríamos o nosso felizes para sempre. Se eu pensar sobre isso, porém, estivemos sempre destinados a destruir um ao outro. Nunca pensei que seria eu quem o destruiria.

LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath

Capítulo 36

Jude

Já estou nesta pequena sala de espera por cerca de uma hora enquanto o júri delibera. Continuo lembrando a expressão em seu rosto quando ela disse que a estuprei. Uma palavra sentida como se uma maldita bomba de estilhaços tivesse rasgado através do meu peito. Mesmo que eu tenha dito a ela para dizer isso e esperava que ela o dissesse ainda dói, porra. Aparentemente, tudo o que ela disse parecia ser verdade. É mais fácil para as pessoas acreditarem que ela foi estuprada do que aceitar que ela se apaixonou por um cara como eu. O que mais me incomoda é que um dia a nossa filha vai questionar quem é seu pai, porra. Ela vai querer saber por que eu nunca estive lá e se ela não tem ninguém, e o que Tor vai lhe dizer? Ela vai acabar descobrindo quem eu sou e quando isso acontecer, ela vai me odiar, vai acreditar que ela é o resultado de alguma merda horrível. E ela não é.

A porta da sala se abre e o oficial entra para me pegar. — Vamos lá. Eles chegaram a um veredicto. —

Sou escoltado de volta à sala de audiências, todos os olhos em mim, me julgando enquanto me sento no banco de madeira. Sou imediatamente forçado a ficar em pé quando o juiz entra e toma seu lugar.

— Os jurados chegaram a uma decisão? — ele pergunta, olhando por cima dos óculos.

Um homem se aproxima com papéis na mão, e diz, — Nós chegamos. —

— Declare a decisão, por favor. —

Os olhos do homem nervosamente se fixam mim, em seguida, de volta para os papéis. — Homicídio em primeiro grau — sua voz treme e ele limpa a garganta. — Nós do júri decidimos que o réu culpado. — ouço-o recitar o veredicto e então ouço —... a morte por injeção letal.—

Meu coração tamborila na minha garganta. Saber que sua vida vai acabar é uma sensação inquietante, porra. Me viro para olhar para Tor e ela está olhando para mim, os olhos arregalados, o rosto branco. Ela agarra o assento na frente dela e tropeça antes de seu corpo ficar mole. Sua irmã a pega antes que ela bata no chão.

— Tor — grito, pulando e correndo em sua direção. Dou apenas alguns passos antes de ser derrubado no chão por vários oficiais. Eu luto para tirá-los de mim. — Saiam de cima de mim. —

Eu sou arrastado para meus pés.

Luto contra eles que me empurram para o lado da sala. — Alguém faça alguma coisa, porra. — me viro para enfrentar o oficial à minha esquerda e berro para ele — Faça alguma coisa! — rosno através dos meus dentes cerrados. — Porra, ajude-a! —

— Sr. Pearson! — o juiz grita — Sente-se em seu lugar! Conselheiro, obtenha assistência médica para a Srta. Devaux, por favor.—

Eles não estão se movendo rápido o suficiente e foda-se; acabei de ser condenado à morte, o que diabos isso importa?

—Obtenham ajuda nesse momento, porra!—

— Leve-o para fora daqui. Agora! — o juiz ordena.

Eu não vou deixar essa sala até que ela esteja bem. Deixe-os tentar me levar, porra! Estes homens são metade do meu tamanho. Consigo jogar o meu peso em torno o suficiente para que eu derrube um dos oficiais fora de seus pés. Puxo meus braços algemados para trás como se estivesse segurando um Louisville Slugger⁴ e bato meus punhos contra a têmpora do outro oficial. Ele cai no chão como uma maldita mosca e toda a sala irrompe em gritos de pânico.

Viro-me e vejo Tor grogue sentada com a mão na cabeça. Quatro outros oficiais estão correndo em minha direção; dois têm armas apontadas para mim. Percebo que nunca poderei vê-la novamente. Eu não tenho ideia do que está passando em sua cabeça, nenhuma ideia se um dia ela vai aceitar o quão louco isso tudo foi.

— Amo você, Tor. Tudo vai ficar bem, boneca, eu prometo — grito.

Os oficiais me alcançam e me derrubam no chão. Joelhos cravam em minhas costas enquanto empurram meu pescoço para baixo. —Não lute. Não lute!— eles gritam para mim e eu paro, deitado completamente imóvel no chão.

Sou puxado para os meus pés; empurrado e pressionado na direção da porta atrás juiz. Mantenho meus olhos em Tor. Ela ainda não está normal, mas pelo menos um pouco da cor voltou ao seu rosto. Ela olha para mim e puta que pariu, parece arrasada. Minha visão dela fica obstruída quando uma mulher, que suponho ser sua irmã, passa na frente de Tor, olhando para mim como se estivesse tentando protegê-la de mim. Aquela mulher, porra, me odeia, é evidente pela sua expressão.

Todos os olhos no tribunal estão em mim e eu sou escoltado para fora.

Tor acha que ela me matou por causa de sua declaração. O que ela não entende é que se não posso ter a minha liberdade, se não posso ficar com ela, eu estou morto de qualquer maneira, porra.

⁴ Marca de taco de baseball.

— Cinco minutos — diz o oficial de justiça se inclinando contra a parede. Minhas mãos estão algemadas, mas aprendi ao longo das últimas semanas como fazer a maioria das coisas com elas. Estou sentado em frente a uma janela de vidro blindado e do outro lado do vidro está Marney. Pego o receptor e o seguro com meu queixo.

—Bem, laranja não é realmente uma boa cor para você, garoto— sua voz rouca vem através da linha. Eu franzo a testa.

— Marney, se certifique de que ela está cuidada. Você sabe onde todo o... — me interrompo, rapidamente olhando ao redor da sala. O guarda esta a um metro de mim e estou bastante certo de que há vigilância aqui. Acho que preciso parar com essa merda ou eles estarão na bunda de Marney também. Limpo minha garganta e defino o meu olhar duro para ele. — Certifique-se de que ela tenha todos os recursos que precisa.— Minhas sobrancelhas franzem enquanto o olho, certificando-me de que ele sabe o que quero dizer. Tenho mais dinheiro do que a porra do Bill Gates escondido na minha casa e sob um pseudônimo em ações.

Ele balança a cabeça. — Ok, vou me certificar de encontrar uma maneira de ajudá-la. — Outro aceno sutil. Ele bate os dedos no balcão de aço inoxidável na frente dele. — O que é um choque para mim é ver você enredado nessa confusão.— Posso ver seus lábios lutando contra um sorriso, com a voz embargada sob uma risada. — Rapaz, você foi criado na igreja. Que inferno deu em você? O diabo? —

Reviro meus olhos. Foda-se, Marney. Não exagere com esta merda. — Sim, sim. Sou um idiota, eu sei. Desculpe decepcionar você— gemo — Já ouviu falar dela? —

— Não. E muito provavelmente não irei. — seu rosto enruga. Ele ficou muito afeiçoado a ela. Ele traça o dedo sobre o balcão. —Provavelmente não irei — repete.

Nós sentamos em silêncio por um momento. Não há muito mais a dizer neste momento. Nossas vidas estão completamente fodidas. —Bem, apenas se certifique de que tem tudo que precisa para ela e para o bebê, ok? —

— A criança. Claro. —

Coloco o telefone no receptor e Marney se empurra para longe da mesa, se vira, e sai. Levanto-me e o guarda automaticamente me escolta de volta à minha cela, mas em vez de ir para a esquerda no final do corredor, vamos para a direita.

— Sorte a sua, você tem visitantes hoje — diz ele enquanto abre a porta e me move em uma pequena sala.

Há uma mesa bamba com quatro cadeiras e sentados em duas delas estão os agentes do FBI. Uma garrafa de água é colocada na minha frente, e o guarda se vira para sair pela porta. — Estarei do lado de fora — diz ele, chegando até a porta. — Ele é astuto. Nervosinho também. —

Um dos agentes sorri para mim. — Acho que posso lidar com ele.—

As portas se fecham e os olhos dos dois homens se fixam em mim.

— Sr. Pearson, eu sou o Agente Tidewell, e esse —, ele aponta para o homem empoleirado ao lado dele — é o agente Wilson. —

Não digo nada. Só dirijo meu olhar entre os dois e concentro-me na parede de trás.

As pernas de metal da cadeira raspam contra o chão quando Tidewell se levanta da cadeira. Seus passos soam sobre o concreto enquanto ele se move ao redor da mesa até mim, ele vem em minha linha de visão e se inclina para baixo, colocando seu rosto

desconfortavelmente perto do meu. — Nós temos uma oferta para você, então sugiro que ouça.— Ele mastiga um chiclete antes de se erguer novamente — Você é um criminoso de carreira. Inferno, você era o inimigo número um de Joe Campbell... você matou Joe Campbell.— Seus olhos vagueiam sobre mim por um breve momento.

Inclinando-me para trás na cadeira digo. — Eu não vou colaborar com funcionários do governo. Você está perdendo a porra do seu tempo comigo. Já disse que não diria nada. —

— O FBI sabe que sua lista de contatos deve ser... — ele fica em silêncio, o que me leva a olhar em sua direção —... impressionante para dizer o mínimo. — seus olhos quase brilham com essa afirmação.

Permaneço em silêncio, meu olhos se fixam nele com um olhar frio.

Ele se debruça na mesa e cruza os braços enquanto inclina a cabeça para um lado. — Você sabe que foi condenado à morte e sabe que estão tentando apressar sua execução e fazer de você um espetáculo para todos os outros criminosos? Não vai conseguir resistir quinze anos para tentar um recurso. Eu aposto que vai estar na sala de execução no prazo de dois anos, Pearson. —

Mantenho o meu rosto inexpressivo. Não importa para mim se eu morrer hoje ou daqui a dez anos. Vou morrer. E é isso.

Ele olha para baixo para sua gravata preta e endireita-a. — Você sabe, nós poderíamos fazer um acordo aqui, Sr. Pearson. Um negócio muito generoso com os nomes das pessoas que trabalham com políticos, policiais... Nós sabemos que tem pessoas do governo trabalhando para você... —

— Muito esperto você é. Quanto tempo demorou em descobrir essa merda básica, porra? —

O Agente Wilson bate seu sapato no chão. — Aquela sua mulher, aquela que está grávida? Você não quer ver esse bebê? Você não quer que ele tenha um pai? —

Oh, pelo amor de Deus. Isso é sério? —Você está realmente tentando jogar com as emoções de um assassino condenado? Execução, nenhuma execução. Estarei atrás das grades para a vida toda. Que tipo de pai você acha que vou ser? Você pode simplesmente parar com essa merda agora mesmo. —

Ele franze a testa e cruza os braços. Por Deus, certamente ele sabia que essa merda não iria funcionar em mim, de todas as pessoas do caralho.

— Jude, posso conseguir que você comece uma vida na prisão, se cooperar com a gente. Quero dizer, vamos lá, quem realmente quer morrer? —

Quem quer morrer? Eu vi Tor naquele ponto em que a morte parecia uma bela fuga. Coloquei homens nesse mesmo estágio de desespero por causa dela. —Um monte de gente quer morrer. Às vezes, a morte parece ser uma opção muito mais agradável — digo.

Tidewell joga seus braços no ar antes de batê-los em cima da mesa. — Oh, me dê um tempo com essa besteira de merda! —

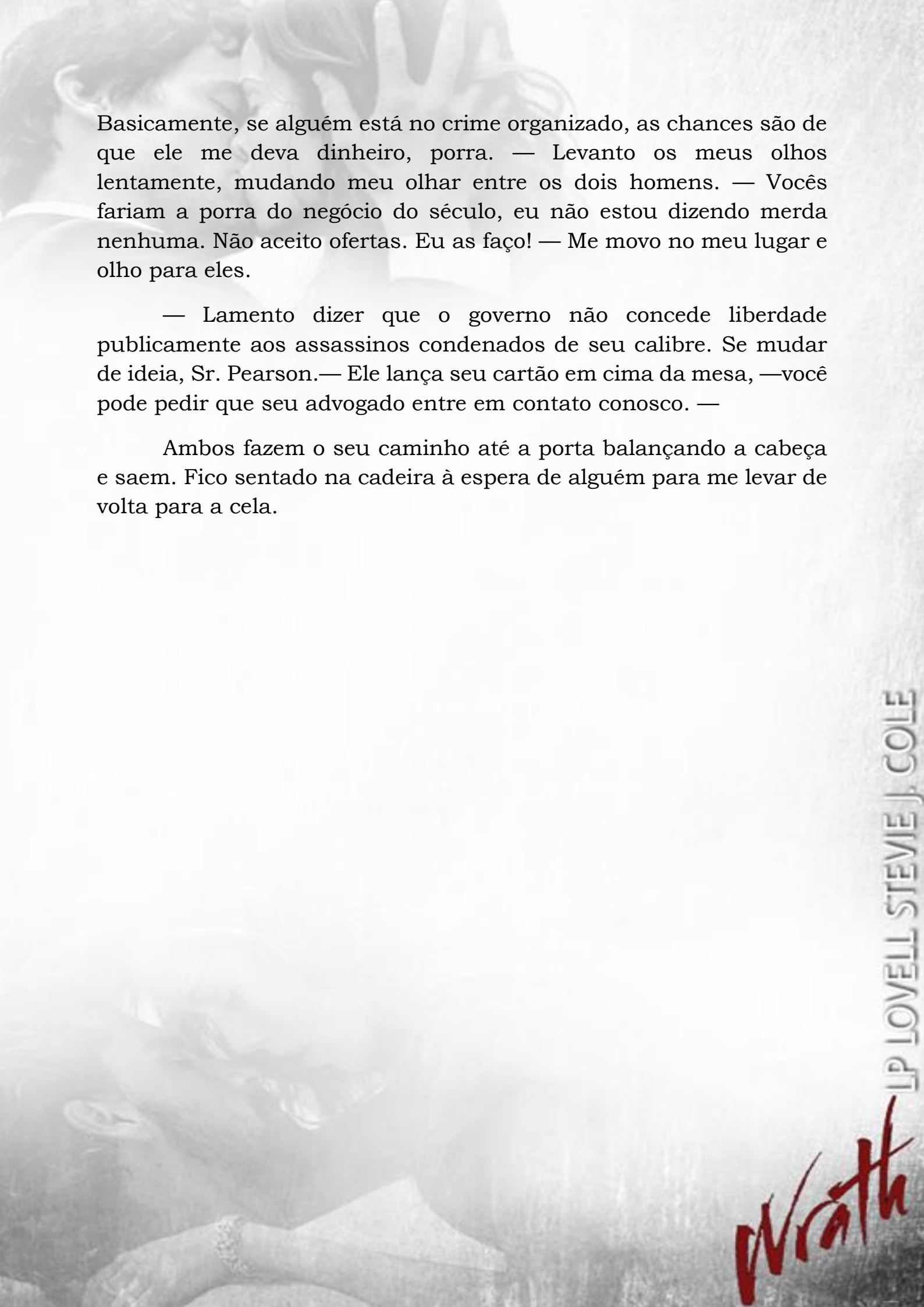
Eu rio porque ele realmente pensa que pode me seduzir para vender outras pessoas para ficar vivo na porra de uma prisão. Apodrecer em uma cela não é razão suficiente para mim. Dou-lhe um meio sorriso. — Tenho pessoas debaixo da porra do meu polegar que ultrapassariam de longe sua oferta para eu ficar calado. Por que diabos eu iria fazer um acordo com você? —

Ambos olham um para o outro.

— A única maneira que eu iria dizer-lhes qualquer coisa é se vocês pudessem me dar a merda da minha vida de volta.— Estreito meu olhar com o deles. — Vocês podem fazer isso, porra?—

— Sr. Pearson, — Tidewell olha pra mim — não vamos a extremos aqui... —

— Tenho políticos, policiais, pessoas por todo o caminho até a cadeia da porra de comando que têm ajudado a encobrir minha merda por anos. Sei de um número infinito de matadores de aluguel.



Basicamente, se alguém está no crime organizado, as chances são de que ele me deva dinheiro, porra. — Levanto os meus olhos lentamente, mudando meu olhar entre os dois homens. — Vocês fariam a porra do negócio do século, eu não estou dizendo merda nenhuma. Não aceito ofertas. Eu as faço! — Me movo no meu lugar e olho para eles.

— Lamento dizer que o governo não concede liberdade publicamente aos assassinos condenados de seu calibre. Se mudar de ideia, Sr. Pearson.— Ele lança seu cartão em cima da mesa, —você pode pedir que seu advogado entre em contato conosco. —

Ambos fazem o seu caminho até a porta balançando a cabeça e saem. Fico sentado na cadeira à espera de alguém para me levar de volta para a cela.

Capítulo 37

Victoria

Não ouvi nada sobre Jude desde que ele foi condenado. Meus telefonemas e cartas ficam sem resposta e nem sei se ele está recebendo-as. Pior, me preocupo que ele esteja recebendo-as, mas que me odeie. Eu fiz o que ele me pediu. É justificativa suficiente para o que eu fiz? Claro que não. Parte de mim morreu no segundo que menti para um tribunal de pessoas sobre o homem que eu amo. Mas não fiz isso por amor? Para a nossa filha? Eu não sei mais. Tudo que sei é que ele vai morrer por minha causa e não posso me perdoar por isso.

Eu não ouvi um pio dele até agora. Meus dedos deslizam sobre meu nome, rabiscado tão fortemente no envelope que chega a quase rasgá-lo.

Estive olhando para esta carta por horas, incapaz de abri-la, apavorada com o que ele vai dizer. Finalmente arranjo coragem e abro o envelope.

Tor,

Você precisa seguir em frente com sua vida. Você tem sua vida de volta. Tem a sua família. Está onde pertence.

Você estava destinada a ser uma médica, se casar, participar de um clube de campo de merda, não a se apaixonar por mim. Não sou, e nunca fui certo para você. Você não tinha outra escolha a não ser me amar porque é uma sobrevivente. Isso é o que você faz, se adapta para sobreviver. Você me amou para sobreviver. Eu sei que não consegue vê-lo agora, mas um dia você vai. Vou ter certeza que estará bem cuidada. O amor que eu tenho por você e pelo bebê é genuíno. Você é meu mundo e é por isso que esta é a última vez que vai ouvir sobre mim, porque eu te amo.

Às vezes, as linhas entre o certo e o errado tornam-se tão turvas que tudo parece certo. Você pode ser boa para mim, Tor, mas eu sou errado para você, porra.

Sempre vou te amar,

Jude

Lágrimas silenciosas caem pelo meu rosto. Ele está fazendo isso porque não consegue me perdoar? Será que realmente acredita que meu amor por ele surgiu pela necessidade? Será que realmente quer que eu siga em frente? Esquecê-lo? Sei que o que ele está dizendo faz sentido em uma maneira distorcida. Eu deveria seguir em frente. Jude vai estar na prisão até que morra, minha saudade só está causando minha miséria, mas, mesmo assim, fazer isso me dói pra caralho.

Ouçoo uma garganta clarear e olho para cima para encontrar Lizzy parada na porta com as mãos nos quadris. — Certo, chega disso. Já passaram semanas, Victoria. Não vou deixar você se afundar nisso por mais tempo. — Olho para a carranca fixa em seu rosto, mas não respondo. Ela suspira e se move até que está bem na minha frente. — Você está me assustando, Ri. — sussurra — Eu sei... não posso nem imaginar o que você passou, mas você tem que seguir em frente com sua vida. —

Ela está certa. Eu tenho, mesmo Jude está me dizendo isso, mas como? Se soubesse, então eu iria.

— Olha, eu falei com o hospital sobre você continuar a sua residência, depois de... — ela não vai dizer a palavra bebê. Ela evita o assunto completamente. Ninguém quer falar sobre a filha de um estuprador. — Eles concordaram em ter você de volta, dadas às circunstâncias. Não é fantástico? — Diz ela um pouco com entusiasmo demais.

— Sim, isso é ótimo. — Minha voz é plana, sem emoção. Não é isso que eu quero? Voltar para o trabalho que passei sete anos aprendendo a fazer? Salvar vidas? Não sei mais. Minhas opiniões mudaram. A vida já não tem o mesmo valor que costumava ter. Eu tornei-me insensível à morte e isso me faz passiva como uma médica.

— E... — ela se mexe inquieta e senta ao meu lado, colocando seu cabelo atrás da orelha enquanto seus olhos encontram os meus. Ela pega a minha mão entre as suas e engole pesadamente. — Eu realmente acho que seria o melhor se você colocasse...— Ela respira fundo — se você colocasse o bebê para adoção. — Eu deixo cair sua mão e salto para cima tão rápido que o quarto gira. — Eu só acho... não é saudável, Victoria. Esse bebê será um lembrete constante, arrastando-a de volta para o passado, para ele. Você poderia seguir em frente com sua vida, ser uma médica, se casar, ter outras crianças. —

Este bebê é tudo que me resta e ela quer afastá-lo, dar a filha de Jude, a criança que me fez testemunhar contra ele. — Nunca— sussurro, muito ferida para me expressar corretamente.

— Ria, por favor...— Saio da sala, interrompendo-a. Sinto-me doente. É isso, minha chamada família, minha única parente viva. Ela não me ama de verdade. Ela me ama enquanto eu seja sua irmã sã e bem sucedida, fazendo a coisa certa. Porém, esta versão com o lembrete de um criminoso condenado... ela não quer esta versão de sua irmã. Corro até as escadas e para o meu quarto.

Fecho a porta do quarto e deslizo para baixo por ela. Com as mãos trêmulas puxo o meu telefone do bolso e pego a carta de Jude, com o número de Marney na parte inferior. Digito sofregamente o

número do telefone e coloco o receptor ao meu ouvido. Ouço o toque e peço a Deus que ele atenda, porra.

— Olá? — sua voz rouca soa na linha.

— Marney — choramingo.

— Bem, olá querida — quase posso vê-lo sorrindo — Eu estava me perguntando quando você ia me chamar. O que tem te chateado?

—

Eu sorrio através das minhas lágrimas. Sinto falta dele. — Oi — suspiro — Eu preciso. Não posso... — mais lágrimas deslizam pelo meu rosto.

Ouço um clique de isqueiro no fundo. — Você quer que eu faça algo por você? —

— Por favor — respiro profundamente — não posso ficar aqui.

—

— Bem — ele inala, provavelmente tragando seu cigarro — vou buscá-la. Embale algumas roupas e deixe uma nota ou diga a alguém que você está saindo por sua própria vontade porque não vou também para a cadeia. Onde quer que eu pegue você?—

— Na casa da minha irmã — digo rapidamente o endereço.

— Dê-me quatro horas. E certifique-se de dizer a eles que você está saindo.—

— OK — desligo o telefone e respiro.

Marney não é Jude, mas de um jeito estranho sinto que há um pouco dele em Marney. Ele o viu crescer. Ele é praticamente como um pai para Jude. Se não posso estar com Jude então quero estar com Marney. Ele me faz sentir segura, quase tão segura quanto Jude. E, neste ponto, Marney é a única pessoa que sabe o quanto eu amo Jude. Ele sabe que o que temos é real e não apenas delírios de uma pobre garota estuprada e abusada que ficou louca.

Levanto-me e pego uma mochila de debaixo da cama. Eu não tenho muito, apenas o que Lizzy me comprou. Estive dependente dela e John pelas últimas semanas. Jude fez com que eu tivesse dinheiro, mas não podia exatamente gastá-lo sem levantar suspeitas. A última coisa que eu quero é que todos comecem a fazer perguntas.

Enfio meus poucos itens de vestuário e minha escova de dente dentro da mochila e a jogo sobre meu ombro. Lizzy está esperando embaixo das escadas.

— Onde você está indo? — sua voz em pânico.

— Estou indo embora — digo, sem olhar para ela.

Olho para fora da janela. Tudo o que posso ver é a água azul turquesa do Caribe. O carro dá uma guinada à esquerda entrando em um longo caminho de terra. Minutos mais tarde vira em direção a uma bela casa situada em uma enseada.

A casa é branca com janelas e telhado espanhol. Gramada até a linha das árvores e palmeiras perto da casa. O carro para e Marney desce, imediatamente acendendo um cigarro. O motorista vai para o porta-malas, pega a bagagem e a coloca no chão na frente dos meus pés. Esta é a minha nova casa. O oceano me separa da vida que uma vez tive com Jude. Estou à uma hora da civilização e estou bem com isso.

O cheiro do oceano se propaga na brisa morna, me fazendo sorrir. Eu amo o oceano. Imediatamente sinto-me calma neste lugar.

Marney paga ao motorista e agarra as alças da mochila. —Tudo bem. Vamos lá — diz, o cigarro pendendo de seus lábios.

Sigo-o até a base da escada de madeira, o vento balança meu cabelo. Ele puxa uma chave do bolso e abre a porta. Quando ele tira

a chave da fechadura, ela acaba caindo, o barulho de metal batendo no chão ecoa dos tetos altos.

— Droga, garoto— Marney murmura, olhando de volta para mim.

— Este lugar é lindo — digo olhando ao redor da porta de entrada da casa.

— Bem, ela é sua. Jude colocou no seu nome, bem, no seu nome fictício, antes de você o deixar.— Ele se agita, olhando para o chão. —Acho que ele já sabia desde então que queria deixar tudo para você, querida. —

—Eu... — engulo o nó na garganta. — Por que ele faria isso? — gaguejo.

Ele dá de ombros e diz simplesmente — Porque ele te ama. —

Mordo meu lábio e olho para longe dele. Não consigo ter essa conversa agora, porque é irrelevante.

A janela do chão ao teto inunda a entrada com luz. Uma escada em espiral na sua frente, sua silhueta contra o vidro. A vista é incrível com a areia branca e um oceano infinito. A casa está diretamente na praia. Entro ainda mais para dentro da casa. Passo através de uma porta em arco para uma sala de estar. Uma das paredes tem portas francesas, todas de frente para a água.

Os pisos de madeira rangem um pouco quando passo, explorando a casa. Marney calmamente me segue. Há uma cozinha novinha, uma piscina e um deck na parte de trás, e um ginásio no subsolo. Subo as escadas. Assim que abro uma porta quero chorar. Lá, no meio do quarto, está o mais belo berço. Um véu pende do teto cobrindo o ornamento de madeira. Corro os dedos sobre a borda da madeira. Tem de tudo aqui. As paredes são pintadas de um amarelo suave e todos os móveis são da mesma madeira que o berço. Eu não consigo acreditar que ele fez isso.

Marney pigarreia. — Ele queria fazer uma surpresa. Trabalhou sobre isso desde que você foi ao médico e viu a 'bolha'. — Ele olha para o chão, sem jeito.

Engulo em seco e aceno com a cabeça. Deus, eu gostaria que ele estivesse aqui, muito.

Deixo o berçário rapidamente, antes que minhas emoções obtenham o melhor de mim e sigo no corredor. Ele aponta para uma porta e deixa cair minhas malas na entrada. — Bem, aqui está o quarto principal. Vou fumar lá fora. —

Caminho através da porta. O quarto é enorme. A cama de dossel fica no meio, envolta em uma colcha branca. É simples, mas bonita. Deixo cair minha bolsa na cama e movo-me para as portas fechadas no lado mais distante do quarto. Quando as abro vejo uma varanda exterior com vista para a praia. Inclino-me no corrimão e levo um minuto para absorver tudo isso. O calor do sol toca o meu rosto, a leve brisa sopra meu cabelo. Adoro este lugar, mas estar aqui me lembra que era suposto ser o felizes para sempre meu e de Jude. Ele deveria estar aqui e não está, ele nunca estará.

Esse pensamento faz brotar lágrimas em meu coração. Aperto a grade bem forte, até que a madeira machuca minha mão.

Eu tenho que aceitar e seguir em frente, tanto para o meu bem quanto para a nossa filha. Tenho que aceitar, mas ainda assim acho que nunca poderei realmente. Parte de mim acha que seria mais fácil se ele estivesse morto. Saber que ele está lá, mas nunca ser capaz de tocá-lo novamente, é o pior tipo de tortura.

Dois meses depois...

Estou deitada na praia, lendo um livro quando ouço o ronco de um motor de carro se aproximar. Levanto-me e faço o meu caminho de volta para casa. A areia fina desliza entre os meus dedos enquanto ando.

— Marney! — grito quando entro na casa. Minha voz ecoa pelos tetos altos.

— Aqui! — resmunga. Parece que ele está lutando com alguma coisa.

Marney amaldiçoa em voz baixa. Ele olha para cima enquanto puxa uma grande caixa de um dos sacos de plástico e atira-o sobre o balcão — Fraldas. Eu podia muito bem comprar isso. — ele olha para mim e sorri. — Agora, feche os olhos um pouco querida. — Faço o que ele me diz e ouço os pacotes sendo abertos. — Vamos. Abra agora. — quando abro meus olhos, vejo Marney ali de pé segurando uma motocicleta. Uma motocicleta rosa. Pressiono meus lábios, tentando não rir. Onde diabos ele achou isso?

— É linda. Obrigada, Marney. — ele sorri largamente, os cantos dos olhos enrugando.

— Eu gostei. Inferno, não consegui encontrar uma com uma arma acoplada. Então pensei que isso era apenas tão bom quanto possível. — ele a joga em cima das fraldas — O que você quer jantar?
—

Isso se tornou a minha vida. Não posso reclamar. É lindo aqui e Marney é como um pai para mim de uma maneira meio torcida. Levando em conta o fato de que ele passou toda a sua vida matando pessoas, mas gosto de pensar que isso não o define como pessoa. Sob seu exterior áspero ele é todo suave. Ele cuida de mim e, de uma forma estranha, me faz sentir perto de Jude. Sei que Jude lhe mandou cuidar de mim.

Alguns momentos de silêncio constrangedor passam até que Marney pigarreia. — Você pensou em algum nome para ela? — Balanço minha cabeça. — umm. — ele despeja uma caixa de macarrão na panela. — Você vai ter de nomeá-la. E sobre Marlene? — ele ri para si mesmo.

Eu tusso, tentando cobrir a minha risada. — Humm, sim, talvez. Eu meio que acho que vou saber quando olhar para ela. — Sinceramente, todo o conceito ainda é uma luta para mim. No momento tenho essa coisa dentro de mim, essa barriga, mas vai ser uma pessoa. Minha mente não consegue compreender o fato disso, então até que essa pessoinha esteja de fato aqui e não seja mais um caroço, ela deve permanecer anônima.

O telefone toca. Marney dá a volta na bancada para responder. —Olá? — seus olhos fixos em mim e ele sorri — Bem, foi um longo maldito tempo, garoto. Como você está? — Ele fica apenas ouvindo por alguns minutos em seguida, limpa a garganta — Sim, sobre isso... espere apenas um segundo.— Ele puxa o telefone longe de sua orelha e entrega-o para mim — Atenda isso — ele diz.

Pressiono o telefone no meu ouvido. — Olá? — falo timidamente.

Silêncio. Apenas respirações. — Que merda... Tor? — sua voz é tão baixa, tão rouca.

—Jude!— Por um segundo fico sufocada, meu coração acelerado e então me lembro da sua carta e fico com raiva, realmente muito irritada. — Você é um idiota, porra! — Reclamo. — Esta é a última vez que você vai ouvir de mim. Sério? Bem, foda-se! —

Ele ri. — Tão, mal-humorada... —

Rosno no telefone para ele. — Juro por Deus, Jude, iria matá-lo eu mesma... — Respiro profundamente. — Você não pode fazer essa escolha por mim. Você nem sequer me perguntou. —

— Olha, Tor. — Seu tom é sério, dominante, típico de Jude. — Tive que fazê-lo, porra. Você precisa seguir em frente. —

Faço uma pausa absorvendo as palavras que eu sei que são corretas. — Eu não consigo. — Sussurro.

— Você não tem escolha a não ser essa, Tor. — Ele respira — Por que diabos você está com Marney de qualquer maneira? —

Inclino-me para frente, apoiando os cotovelos no balcão. — Minha irmã... tornou-se difícil. Ela pensa... ela acha que eu deveria colocar o bebê para adoção. —

Há um silêncio. Posso imaginar sua mandíbula travada neste momento. — Porra nenhuma! — Ele rosna.

— Isto é o que você não entende, Jude. Você me diz para seguir em frente, mas para quê? Então sua filha pode crescer em uma família que acha que seu pai é um estuprador e sua mãe uma louca? Eu não posso fazer isso. Marney... Marney é tudo que eu tenho. —

Eu ouço vozes abafadas no fundo. — Merda, eu tenho que ir. Você fez o que precisava fazer. Eu estou orgulhoso de você, boneca.

Aperto meus olhos fechados, tentando salvar sua voz na memória. — Eu te amo. — Sussurro através do meu aperto na garganta.

— Porra, Tor... — Ele se cala e meu coração cai para o meu estômago. — Você sabe que eu te amo, porra, nunca questione isso. — E a linha é cortada.

Aperto o telefone na minha mão. Ele está certo, eu deveria seguir em frente, deveria deixá-lo ir, porque isso aqui dói muito. A mão de Marney aperta meu ombro. — Vai ficar tudo bem, querida. — Marney tenta me assegurar e eu realmente quero acreditar nele.

Capítulo 38

Jude

Estou aqui há meses, tempo suficiente para ter um plano para dar o fora daqui. Posso sentir a tornozeleira me cortando a cada passo cuidadoso. Pego minha bandeja e deslizo sobre a extremidade do banco. Meu pulso está acelerado. Olho ao redor da sala e localizo os guardas. Eu estou no meio da sala; eles estão parados nas laterais. Preciso ter certeza de que há tempo suficiente para fazer algum estrago. Torço a tampa da minha garrafa de água e tomo a bebida. A água fria corre pela minha garganta.

Dante se senta à minha frente. Eu nunca tinha falado com ele, inferno, só estive fora do confinamento durante dois dias malditos. Tudo o que sei é que ele está aqui por estupro, e isso é suficiente para mim... para Tor. Como uma garfada do purê de batatas e olho para ele. Seu olhar desvia de seu prato e sua testa enrugada. Eu continuo olhando.

Ele limpa a comida da boca. —Algun problema do caralho?— Pergunta.

Eu rio e me inclino fingindo coçar meu tornozelo enquanto lentamente puxo o prego do meu sapato. Quando me endireito digo. — Oh, eu tenho todos os tipos de problemas. —

Sua cabeça se inclina para o lado. — Ser estúpido é um deles?

— Não. —

Posso sentir a tensão crescendo em torno de nós. Os outros presos estão observando atentamente, enquanto continuam colocando alimentos em suas bocas.

Eu lentamente me levanto. — O maior problema que tenho é com canalhas como você. São tão baixos que tem que estuprar uma mulher só para conseguir ejacular. Filho da puta idiota.

Dante salta de seu assento e se lança sobre mim. Eu agarro-o pelo ombro. Droga. Ele é grande. Empurro-o de volta antes de dar um soco forte debaixo de seu queixo. Sua cabeça vai para trás, então bato meu punho em sua têmpora. Ele tropeça para trás, atordoadado. Todo mundo que nos rodeia está gritando. Alguns presos saltam para cima da mesa e gritam com os guardas. Tenho no máximo quatro segundos.

Derrubo Dante para o chão e espeto o prego em seu pescoço. O sangue jorra do corte em sua jugular, espirrando em cima de mim no processo. Mãos agarram meu ombro, meus braços... e alguém me joga no chão. O alarme estridente da prisão soa nos alto-falantes. Olho para o enxame de pessoas que me cercam.

—Ah, merda!— Geme um policial — Chame os malditos médicos.

Sinto um pontapé nas costelas.

— Que porra é essa, Pearson? Dois dias fora do confinamento. Deus... —

Um sorriso escapa do canto dos meus lábios e eu calmamente digo. — Da próxima vez vai ser um dos guardas. —

— Então... — Sinto o oficial magro sobre mim, gritando. — Da próxima vez? Oh, não, seu pedaço de merda. Você não vai estar nesta prisão para uma próxima vez. —

Meu sorriso se aprofunda. Isso é exatamente o que eu queria.

De tarde já estou amontoado em um veículo de transporte, algemado. A porta da van se fecha e estou plenamente satisfeito comigo mesmo. São apenas dois outros detentos. Dois policiais. Eu inspiro e vejo quando nos aproximamos dos portões. Já se passaram cinco meses desde que estou trancado nessas portas malditas. Cinco malditos meses desde que estive livre, desde que tive Tor... Eu não posso imaginar como ela agora se parece, com uma enorme barriga.

— Por que você está sorrindo? — O prisioneiro sentado ao meu lado pergunta — Nós estamos indo para o inferno. Não a nada para sorrir.

Nem lhe respondo. Só olho pela janela. Eu estou indo embora. De alguma forma. Hoje.

Estamos dirigindo por quase uma hora. A rodovia de quatro pistas se fundiu em uma estrada de duas pistas, trinta minutos atrás. O único som é o do rádio na frente e do motorista cantarolando junto a ele. Estou começando a me perguntar se cometi a porra de um erro. Como vou sair dessa porra de carro vivo, sem ser morto a tiros?

Ouçoo um motor acelerando e olho para trás para ver um caminhão de dezoito rodas correndo na estrada, rapidamente se aproximando de nós. O motor fica mais alto, pneus cantando quando desvia para a pista lateral para nos passar. O caminhão volta para a pista cedo demais, e bate na frente da van. Preparo-me enquanto o veículo gira em toda a estrada.

— Merda! — O motorista grita.

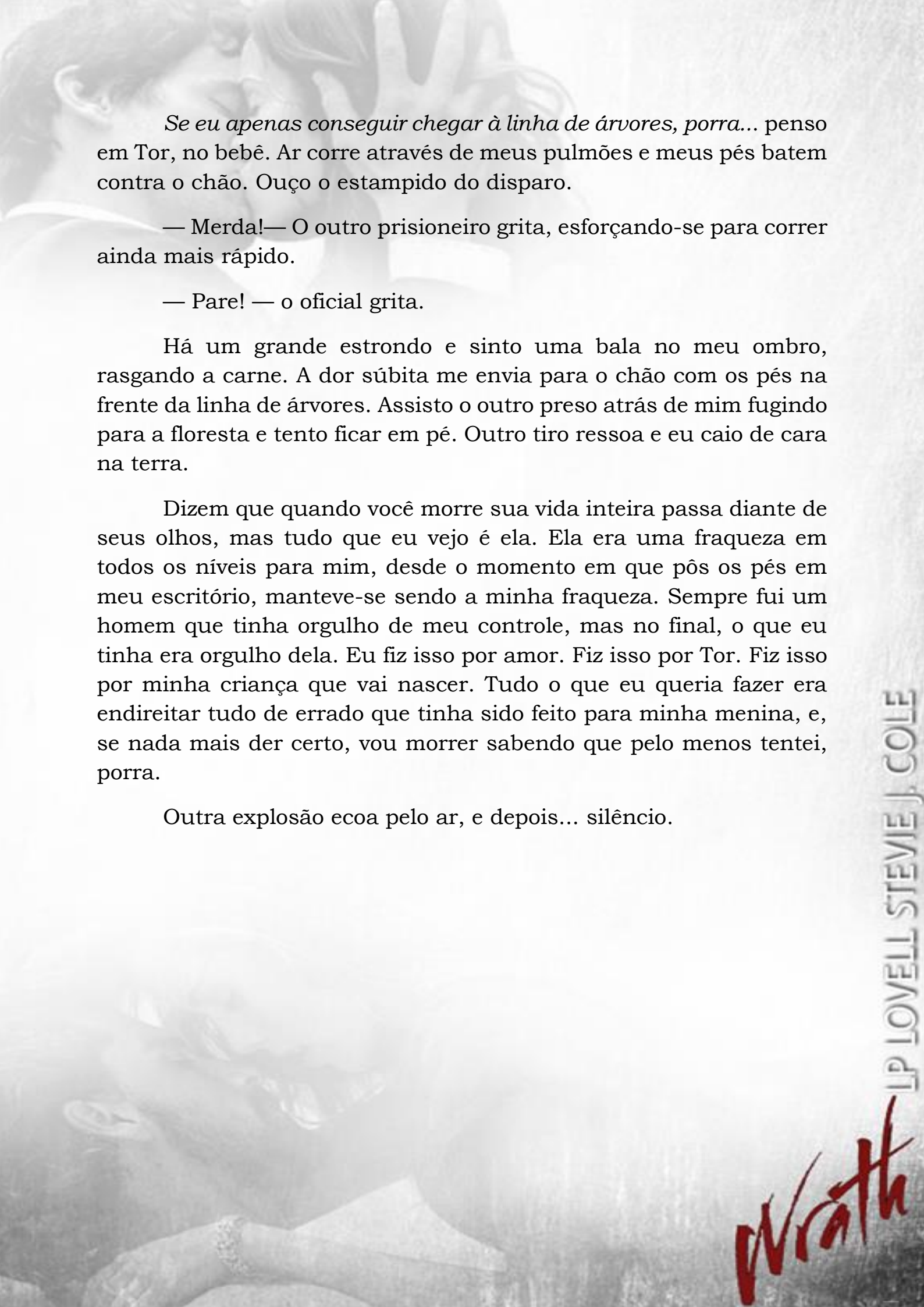
Ele tenta manter o controle, pisando no freio, mas é tarde demais. O cinto de segurança corta meu ombro quando sou jogado contra a lateral da van. A traseira gira violentamente, saindo para fora da estrada e tombando em duas rodas. A van cai na terra, o vidro

estilhaça em torno de mim. A lataria amassa. Grama e terra voam através das janelas quebradas enquanto desliza de lado para baixo do aterro. Meu pulso acelera e rios de adrenalina correm através de mim, olho pela janela acima de mim, vejo o céu azul e árvores. Há um grande estrondo. Metal range enquanto se amassa. O restante do vidro quebra. E a pressão aumenta em meus ouvidos. Estou um pouco atordoado com a força do impacto e sento-me tonto por um instante. Logo percebo que esta é a minha única chance de dar o fora daqui. Esforço-me para tentar me libertar do cinto de segurança, mas minhas mãos estão algemadas. Estico meus braços e os dedos para pressionar o botão. Quando consigo o meu ritmo cardíaco se acelera. Torço-me para me sentar.

O preso que estava ao meu lado ainda está amarrado, suspenso frouxamente pelo cinto de segurança e gemendo. Olho para o banco da frente e vejo o oficial grogue balançando a cabeça. Merda, tenho que me apressar. Viro-me para rastejar para fora da janela. Me levanto e olho em volta tentando determinar a melhor maneira de escapar. Por instinto começo a correr, mas as correntes em torno de meus tornozelos enroscam e cortam minha pele, me fazendo tropeçar. Mal posso mover minhas pernas. Meu coração está batendo no meu peito, minha adrenalina queimando nas minhas veias como a porra do diabo. Receio que o oficial venha em breve e então estarei fodido. Suor corre na minha testa enquanto dou passos curtos, rápidos em direção à linha de árvores, longe dos destroços.

De repente ouço gritos. Eu não paro. Apenas me mantenho em movimento. Quanto mais eu corro, mais acostumado fico e mais rápido sou capaz de ir.

— Espere! — Ouço um homem gritar e olho para trás para ver um dos detentos correndo atrás de mim. Há um grande estrondo e não consigo evitar de olhar para trás. Um incêndio envolve a van. Chamas vermelhas brilhantes alcançam os galhos das árvores, deixando as folhas em chamas. Quando olho para trás vejo o oficial tropeçando para longe do inferno, os braços levantados na frente dele, apontando uma arma em nossa direção.



Se eu apenas conseguir chegar à linha de árvores, porra... penso em Tor, no bebê. Ar corre através de meus pulmões e meus pés batem contra o chão. Ouço o estampido do disparo.

— Merda! — O outro prisioneiro grita, esforçando-se para correr ainda mais rápido.

— Pare! — o oficial grita.

Há um grande estrondo e sinto uma bala no meu ombro, rasgando a carne. A dor súbita me envia para o chão com os pés na frente da linha de árvores. Assisto o outro preso atrás de mim fugindo para a floresta e tento ficar em pé. Outro tiro ressoa e eu caio de cara na terra.

Dizem que quando você morre sua vida inteira passa diante de seus olhos, mas tudo que eu vejo é ela. Ela era uma fraqueza em todos os níveis para mim, desde o momento em que pôs os pés em meu escritório, manteve-se sendo a minha fraqueza. Sempre fui um homem que tinha orgulho de meu controle, mas no final, o que eu tinha era orgulho dela. Eu fiz isso por amor. Fiz isso por Tor. Fiz isso por minha criança que vai nascer. Tudo o que eu queria fazer era endireitar tudo de errado que tinha sido feito para minha menina, e, se nada mais der certo, vou morrer sabendo que pelo menos tentei, porra.

Outra explosão ecoa pelo ar, e depois... silêncio.

Capítulo 39

Victoria

A água quentinha suavemente bate contra os meus tornozelos enquanto caminho pela beira d'água. Tornei-me essa mulher grávida clássica com tornozelos e pés inchados. Ainda faltam três semanas, mas estou tão cansada de estar grávida. Estou emocional e fisicamente arrasada. Estou realmente tentando, mas estaria mentindo se dissesse que não é difícil sem Jude. Sinto como se ele fosse a outra metade de mim e a separação dele está me matando lentamente. Talvez ele estivesse certo? Talvez eu devesse deixá-lo ir, mas como posso quando tenho uma filha dele dentro de mim? É impossível.

Caminho de volta ao longo da praia. Marney e eu estabelecemos uma rotina. Nós almoçamos juntos no deck todos os dias. Desde que Jude me resgatou, Marney e eu ficamos próximos, mas estes últimos meses têm superado isso. Ele cuida de mim e embora não seja o seu forte, tenta me fazer sentir melhor sobre Jude não estar aqui. Eu aprecio seus esforços, mesmo que sejam infrutíferos. A principal coisa, porém é que sei que ele vai adorar a filha de Jude como uma neta, porque Jude é como um filho para ele. Acho que ele secretamente gosta de nosso estilo de vida pacata. Muito parecido com Jude, ele sempre viveu uma vida de crimes, olhando por cima do ombro a cada dois segundos. Ele não é mais jovem e estar aqui é não ter que se preocupar com as nossas costas.

Subo os degraus que levam ao deck traseiro e abro as portas francesas que levam até a cozinha. Marney não está aqui, o que é estranho. Ele está sempre na cozinha nessa hora. Vou em busca dele e avanço para a sala de estar. A TV está ligada. Assim que ouço a reportagem faço uma pausa na porta. Marney está sentado no sofá, inclinado para frente, ouvindo atentamente ao que está sendo dito.

Na tela está uma mulher em pé com um microfone na frente do que parece ser um veículo da prisão.

— Às três e meia da tarde este veículo do serviço prisional saiu da estrada e caiu na vala. Não está claro até este momento o que causou o acidente, embora outro veículo estivesse envolvido. O veículo estava transportando três criminosos de alta periculosidade, Marcus Banes, Romero Gonzales e Jude Pearson, que estavam sendo transferidos para uma prisão de segurança máxima. —

Meu coração dispara instantaneamente contra minhas costelas.

— Banes, Pearson e dois agentes penitenciários foram mortos, suas famílias foram informadas. Acredita-se que o terceiro prisioneiro, Gonzales, escapou. A busca da polícia está ocorrendo agora. Eu sou Jennifer...

Deslizo pelo batente da porta. Ele está morto. Parece que alguém segurou meu coração e está apertando. Ele está morto. Eu nunca vou vê-lo novamente, nunca ouvirei sua voz. Me desespero e começo a chorar. Eu não tinha muito dele, o telefonema ocasional, memórias distantes, mas aqueles momentos em que ele me dizia que me amava... mesmo que as palavras fossem ditas a milhões de quilômetros de distância, elas ainda me tocavam, ainda me davam uma razão para continuar, para ser forte.

Quando Caleb morreu, a dor era insuportável, mas eu conseguia bloqueá-la, me entorpecer. Mas isso... eu não consigo bloquear. Parece que alguém está enfiando uma faca no meu peito e torcendo.

Estou ciente de Marney ao meu lado, mas não posso responder as suas palavras.

— Você vai ficar bem, querida — ele diz. Há um número finito de vezes que uma pessoa pode continuar ficando bem.

Estou deitada na cama olhando para o ventilador de teto. Mãos estão pressionando contra a minha barriga, examinando-a. Cerro meus dentes quando outra onda de dor atinge meu corpo.

— Podem ser falsas contrações.— Diz uma mulher com um sotaque pesado da ilha.

— Bem, o que diabos isso significa? — Marney parece em pânico.

— Isso significa que ela pode estar em trabalho de parto ou pode ser um falso alarme. Sua bolsa ainda não se rompeu— Ela explica.

— O bebê está bem? Merda. Por que ela está tendo contrações? Ainda faltam algumas semanas. — Marney anda pelo quarto.

— Podem ser causadas por uma série de coisas, mas, neste caso, eu vou dizer que é stress.

Posso sentir seus olhos em mim. Ela veio na semana passada para ver como eu estava e Marney não lhe deu detalhes da situação.

— O bebê vai ficar bem de qualquer maneira.

Há um momento de silêncio e sei que eles estão ambos olhando para mim, mas o meu olhar permanece fixo sobre as lâminas do ventilador de teto. Sei que deveria estar preocupada ou algo assim, mas eu só... não consigo. Tudo o que posso pensar é nele e não consigo sair deste buraco negro em que estou, quanto mais eu tento,

mais tudo parece sem sentido. Outra contração vem e me curvo ligeiramente para frente, rangendo os dentes com a dor. Deus, não estou pronta para isso. Eu não posso fazer isso. Eu preciso... preciso de Jude. E a cada vez que tenho um pensamento como esse, me lembro que ele se foi e meu peito parece que está sendo rasgado novamente. Então, não, eu não estou pronta. Minha filha merece mais do que o que eu posso dar a ela agora, mas parece que não tenho escolha.

Há uma breve pausa na dor e a tensão em meus músculos relaxa, permitindo-me respirar. Estou prestes a dizer a parteira para sair quando minha barriga endurece, expulsando o ar para fora de mim. Eu mal posso me mover, tudo o que posso fazer é concentrar-me no teto e tentar respirar através da dor.

A parteira me olha. — Outra contração? — Ela pergunta e olha para o relógio — Deixe-me verificar a dilatação.

Ela ergue o cobertor das minhas pernas e Marney vai em direção à porta. — Só vou ficar aqui fora um pouco. — Ele quer me ajudar, mas, realmente, não há nada que possa fazer e ele sabe disso.

Fecho meus olhos. E tudo que sinto é a pressão enquanto ela me examina.

— Quatro centímetros. Seu colo do útero está para baixo. Você está noventa por cento pronta. — Ela tira as cobertas de cima de mim e dá um tapinha nas minhas pernas. — Não acho que o bebê quer esperar mais. —

Tão logo ela disse isso, outra contração rasga meu corpo. E tudo o que posso fazer é respirar. Meu corpo inteiro é banhado por um suor frio e uma onda de náusea toma conta de mim. Meus dedos cravam em minhas mãos e eu meço meu queixo.

A parteira trata de ficar ao meu lado molhando minha testa com um pano umedecido em água fria. — Tente não ficar tensa, só vai fazer o trabalho de parto durar mais tempo. —

As horas passam e a cada minuto que passa a dor fica mais insuportável. Parece que este bebê vai me matar antes que ela saia. O sol se põe e a dor continua pela noite adentro. Quando isso vai acabar?

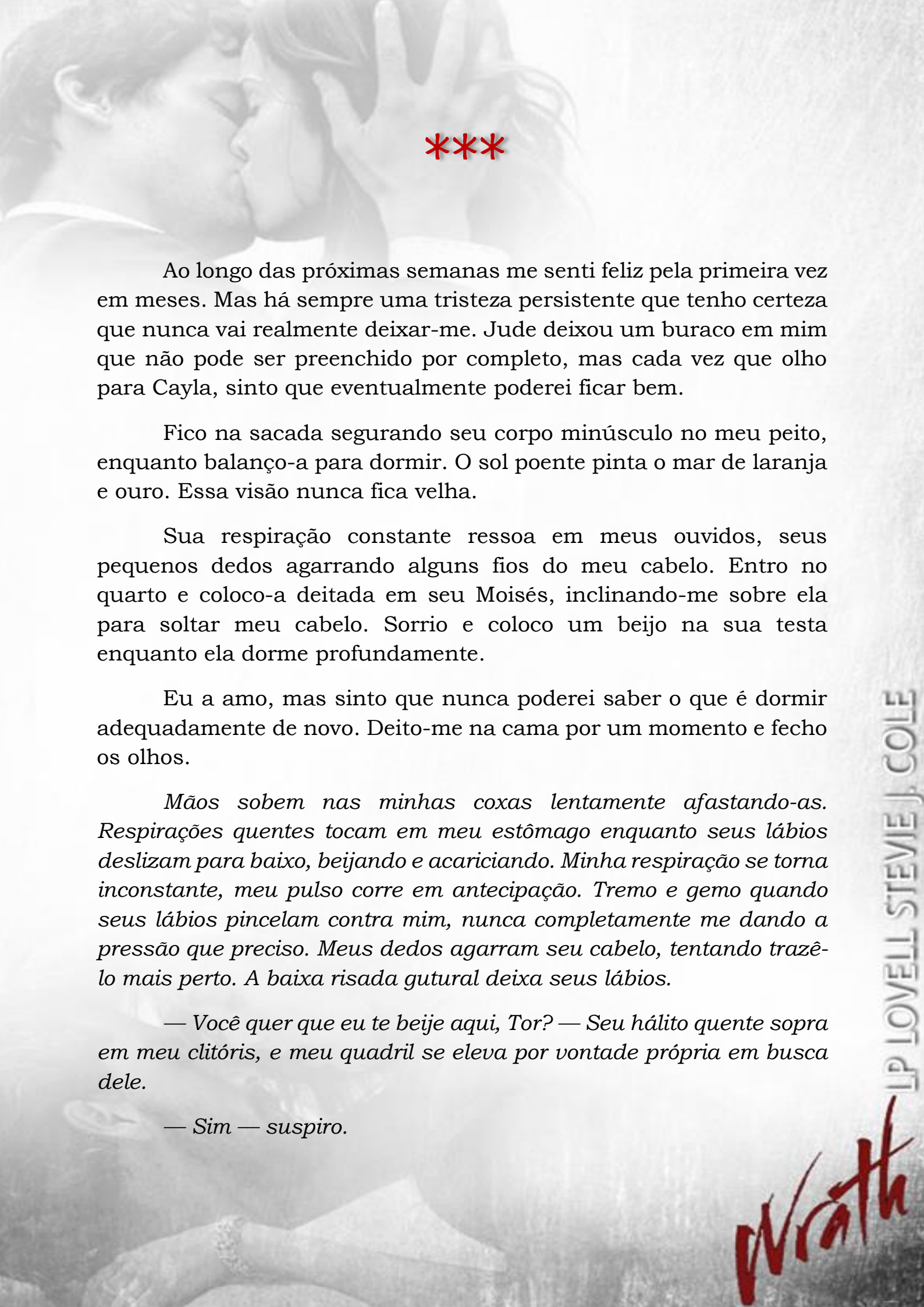
Tudo o que posso sentir é a pressão entre meus quadris quando toda minha barriga aperta. Não consigo pensar em nada, a não ser tirar o bebê para fora de mim. A minha pele queima, a pressão é quase insuportável. Grito quando a minha pélvis parece que está sendo arrancada, e depois... nada. Jogo a cabeça para trás contra o travesseiro e tento recuperar o fôlego. Fecho meus olhos, mas os abro quando ouço um pequeno grito esganiçado. Eu olho para baixo e a parteira tem o bebê em seus braços, sua boca fazendo movimentos de sucção. Ela esfrega a toalha sobre o bebê, limpando o sangue, enquanto a coloca no meu peito.

Fico olhando para seu rosto cor de rosa enquanto ela chora, seus dedinhos minúsculos fechados em punhos, e eu choro. Choro porque meu coração parece que está pronto para explodir e choro porque desejo mais do que qualquer coisa que seu pai estivesse aqui para conhecê-la. Gentilmente passo meu dedo em seu rosto suave e sorrio através das minhas lágrimas. Eu nunca quis ser mãe e o caminho que me trouxe aqui foi como o próprio inferno, mas tendo conhecido esta pequena pessoa por dois minutos e o amor que tenho por ela é tudo que me consome. Eu faria qualquer coisa por ela, morreria por ela. Ela se tornou meu tudo.

Eu amei Jude com todo o meu coração, mas agora tenho que focar em nossa filha. Eu preciso deixá-lo ir por causa do pequeno pedaço que ele deixou para trás, sua filha.

— Qual é o nome dela? — A parteira pergunta.

Eu olho para baixo em seus olhos arregalados, não são do verde de Jude ou meu azul aço, mas o tom exato de marrom de Caleb.
— Cayla — eu sussurro.

A faint, grayscale background image of a couple in a romantic embrace, with the man kissing the woman on the cheek. The woman's hand is visible near her face.

Ao longo das próximas semanas me senti feliz pela primeira vez em meses. Mas há sempre uma tristeza persistente que tenho certeza que nunca vai realmente deixar-me. Jude deixou um buraco em mim que não pode ser preenchido por completo, mas cada vez que olho para Cayla, sinto que eventualmente poderei ficar bem.

Fico na sacada segurando seu corpo minúsculo no meu peito, enquanto balanço-a para dormir. O sol poente pinta o mar de laranja e ouro. Essa visão nunca fica velha.

Sua respiração constante ressoa em meus ouvidos, seus pequenos dedos agarrando alguns fios do meu cabelo. Entro no quarto e coloco-a deitada em seu Moisés, inclinando-me sobre ela para soltar meu cabelo. Sorrio e coloco um beijo na sua testa enquanto ela dorme profundamente.

Eu a amo, mas sinto que nunca poderei saber o que é dormir adequadamente de novo. Deito-me na cama por um momento e fecho os olhos.

Mãos sobem nas minhas coxas lentamente afastando-as. Respirações quentes tocam em meu estômago enquanto seus lábios deslizam para baixo, beijando e acariciando. Minha respiração se torna inconstante, meu pulso corre em antecipação. Tremo e gemo quando seus lábios pincelam contra mim, nunca completamente me dando a pressão que preciso. Meus dedos agarram seu cabelo, tentando trazê-lo mais perto. A baixa risada gutural deixa seus lábios.

— Você quer que eu te beije aqui, Tor? — Seu hálito quente sopra em meu clitóris, e meu quadril se eleva por vontade própria em busca dele.

— Sim — suspiro.

Seus dentes mordem o interior da minha coxa. — Você sabe o que precisa fazer, boneca. — posso ouvir o sorriso em sua voz e quero dar um tapa nele, mas não tanto quanto quero sua boca em mim.

— Por favor, Jude. — e, em seguida, sua língua está me acariciando, suas mãos fortes me fixam na cama e ele me tortura de uma maneira que só ele pode.

Puxo seu cabelo até que ele assobia e empurra seus dentes em meu clitóris, fazendo-me gemer. Ele brinca com a minha entrada com um dedo, antes de empurrá-lo dentro de mim.

Jogo a cabeça para trás contra o travesseiro e o meu corpo aperta. Fogo explode, inflamando todo o meu ser. Grito e minha cabeça gira.

Eu gozo com tanta força, e acordo.

Fico ali, ofegante e tremendo, e, em seguida, como sempre vem as lágrimas. É uma bênção e uma maldição, ao vê-lo, senti-lo, mas acordar e perceber que isso não é real, que ele se foi.

Olho para a minha esquerda, para onde Cayla devia estar. Ela se foi. Sento-me ereta, pânico cego me consume.

— Espero que esse sonho tenha sido sobre mim. —

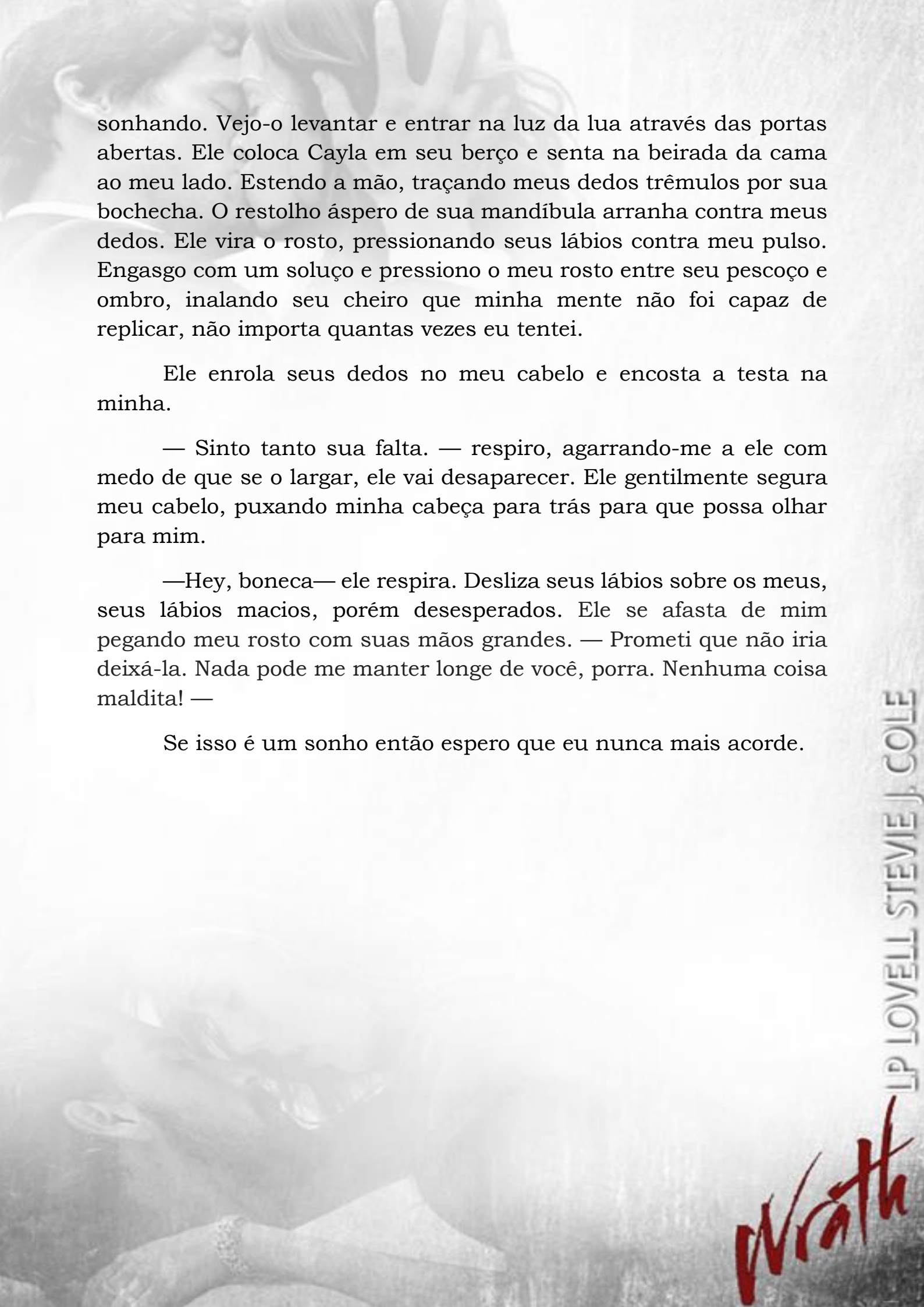
Franzo a testa e empurro minha mão debaixo do travesseiro e tiro a nove milímetros, apontando para a figura sombria no canto. Minha mente faz o reconhecimento, mas estou tão cega pelo medo por Cayla que não consigo admitir.

— Onde está meu bebê? — Digo, meu coração está encharcado de adrenalina. Este é o pior sentimento do mundo, temer por seu filho.

— Nosso bebê está bem aqui, Tor. Ela é tão perfeita, porra. —

Vacilo, minha mente entrando em foco.

— Jude?— Sussurro, meu coração batendo contra minhas costelas. Isso não pode ser real. Ele está morto. Ainda estou



sonhando. Vejo-o levantar e entrar na luz da lua através das portas abertas. Ele coloca Cayla em seu berço e senta na beirada da cama ao meu lado. Estendo a mão, traçando meus dedos trêmulos por sua bochecha. O restolho áspero de sua mandíbula arranha contra meus dedos. Ele vira o rosto, pressionando seus lábios contra meu pulso. Engasgo com um soluço e pressiono o meu rosto entre seu pescoço e ombro, inalando seu cheiro que minha mente não foi capaz de replicar, não importa quantas vezes eu tentei.

Ele enrola seus dedos no meu cabelo e encosta a testa na minha.

— Sinto tanto sua falta. — respiro, agarrando-me a ele com medo de que se o largar, ele vai desaparecer. Ele gentilmente segura meu cabelo, puxando minha cabeça para trás para que possa olhar para mim.

—Hey, boneca— ele respira. Desliza seus lábios sobre os meus, seus lábios macios, porém desesperados. Ele se afasta de mim pegando meu rosto com suas mãos grandes. — Prometi que não iria deixá-la. Nada pode me manter longe de você, porra. Nenhuma coisa maldita! —

Se isso é um sonho então espero que eu nunca mais acorde.

Epílogo

Jude

Olho para Tor que está lendo um livro, seus pés apoiados no parapeito da plataforma. O sol brilha no seu cabelo loiro, destacando sua pele bronzeada. Cayla se mexe contra o meu peito nu e eu delicadamente a acaricio, ajeitando-me na espreguiçadeira. Ela resmunga jogando a cabeça no meu ombro. —Está tudo bem menininha. Papai está aqui.

As ondas batem contra a costa. A brisa fresca sopra sobre a varanda balançando os sinos de vento em seu rastro, criando uma música calmante. Tor fecha o livro e põe em cima da mesa, enquanto levanta. — Vou fazer o jantar.

Sorrio e pego seu pulso, puxando-a em meu colo. Ela se inclina para frente e gentilmente acaricia a parte de trás da cabeça loira de Cayla, seus olhos amolecendo. Sempre achei que ela era bonita, mas a maneira como ela age com Cayla faz meu pau fodidamente duro. Eu envolvo minha mão livre em torno de seu pescoço e puxo-a para frente, colocando um beijo em seus lábios.

— Você é linda. — Rosno. —E eu te amo, porra.

Ela sorri acariciando os dedos sobre meu queixo. — Eu te amo. — Ela aperta seus lábios nos meus mais uma vez e se levanta, fazendo o seu caminho para dentro da casa.

Resolvo deitar na espreguiçadeira e olho para as águas azul turquesa, circulando suavemente meu dedo sobre as costas de Cayla enquanto ela dorme.

O destino tem um jeito engraçado e próprio de trabalhar, porra. Pensei que tinha perdido tudo, mas alguém me jogou uma tábua de salvação. Acontece que eu era tão bom no que fazia que o FBI estava disposto a um acordo, mesmo sendo um assassino condenado. Mantive meus pés no chão, recusando-me a ceder para eles até que me concedessem a liberdade. Parece que deixar um criminoso livre em troca de dezenas é um bom negócio mesmo. Aquele acidente não foi um acaso. Foi planejado, mas as únicas pessoas que sabem sou eu e dois funcionários do governo. Levei um tiro por essa merda apenas para torná-lo mais convincente, e agora, para o mundo lá fora, Jude Pearson está morto.

Tor volta, empoleira-se na ponta da minha espreguiçadeira. Eu coloco minha mão na sua coxa, suspendendo ligeiramente seu vestido. Ela ergue uma sobrancelha e empurra minha mão com um sorriso. Estou determinado a engravidá-la novamente e ela não está concordando com nada disso.

Eu olho para cima quando Marney limpa a garganta e dou uma risada. Tor se esforça para manter uma cara séria. Ele está vestindo um colete e seus braços tatuados estão cobertos de adesivos de nicotina. Ele está há uma semana sem fumar. Tor tentou explicar-lhe que é necessário apenas um, mas merda, ele deve estar usando pelo menos dez dessas coisas do caralho. Ele dá um tapa em meu braço.

— Você precisa parar também. — Ele resmunga. — Não é bom para a pequena. —

Tor esconde o rosto no meu peito mas seus ombros tremem enquanto ela ri. Eu concordo. — Claro que sim, meu velho.

— Dê-me aqui o bebê — diz ele, tirando Cayla do meu peito. — É a minha vez. — Ele bufa e volta para dentro da casa balançando Cayla em seus braços.

Tor ri histericamente. — Oh merda, ele está tão mal-humorado! — ela uiva.

— Ele tem um ponto embora. Eu deveria parar essa merda.

— Não! — ela fecha a cara para mim.

— Não? Foda-se, é melhor você estar brincando, você não é uma porra de uma médica? Com essa atitude de merda estaríamos abarrotados com processos malditos.

Ela me dá um sorriso de lado. — Mas eu gosto de você com o cheiro de cigarros— diz, um leve rubor rastejando sobre suas bochechas. — Realmente... — Ela se move para mim, inclinado para frente e brinca com os lábios sobre o meu pescoço. — Realmente, isso faz algo para mim.

— Oh, boneca, — rosno em seu ouvido, mordiscando-o. — Eu sei o que essa porra faz por você. — Empurro-a para cima trazendo meu rosto a centímetros do dela e ato meus dedos ao redor de seu pescoço. — Você gosta quando eu a trato como uma putinha suja... — Mordo seu lábio inferior e ela geme contra a minha boca. Minhas mãos descem até suas coxas, roçando entre elas e meu pau endurece. Eu deslizo o dedo na borda de sua calcinha e então...

— Hey! Hey! — Marney grita da porta da sala e ouço Cayla se agitar. — Ela está chorando e tentou chupar meu pescoço. Acho que ela quer um pouco de comida.

Eu gemo descansando minha cabeça no peito de Tor. — Você, vá alimentar nossa pequena. — estapeio sua bunda e ela me olha.

— Idiota!— Ela murmura levantando-se e pegando Cayla em seu colo. — Vou estar lá em cima se você precisar de mim.

Sento-me olhando para a água, refletindo sobre o ano passado, quando meu telefone toca. Eu o pego da mesa e puxo para o meu ouvido. — Vá em frente, sócio...

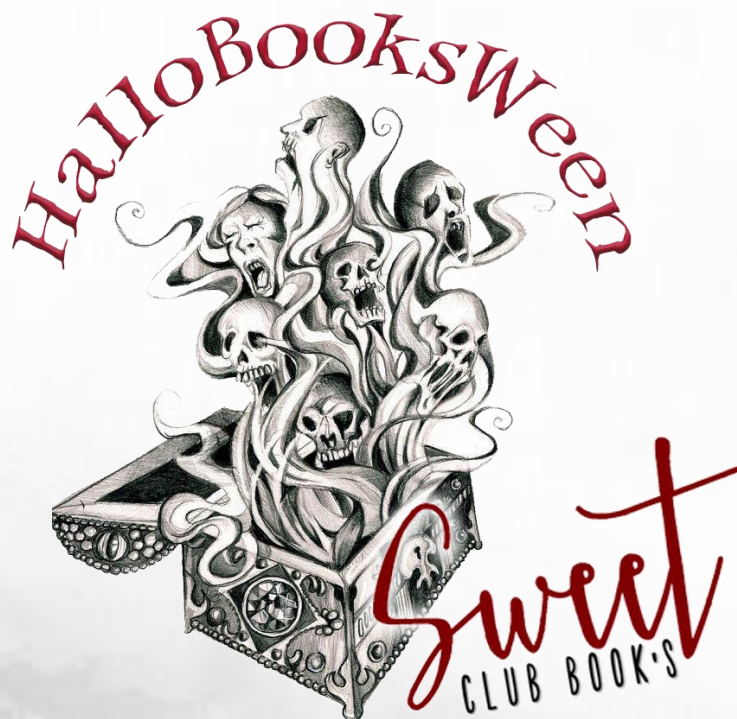
— Aqui é Redcoat, trinta e três. Eu quero apostar em St. Louis. Nas últimas cinco posições, cinco mil.

— Tudo bem — eu digo — St. Louis. Últimos cinco lugares. Cinco mil.

Eu não queria mais ser Jude Pearson, mas às vezes, não importa o quanto queira colocar o passado para trás, você não pode escapar de quem você é.

Afinal eu fiz essa porra de acordo, e foi por mais que alguns nomes...

Fim.



LP LOVELL STEVIE J. COLE

Wrath